

RACHEL CAMILLA RODRIGUES DE CASTRO GONÇALVES

**UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO *LOGOS* E DO *PATHOS* NO
DISCURSO RELIGIOSO: A MISSA CATÓLICA E O CULTO
ASSEMBLEIANO**

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de Viçosa,
como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em
Letras, para obtenção do título de
Magister Scientiae.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2011

RACHEL CAMILLA RODRIGUES DE CASTRO GONÇALVES

**UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO LOGOS E DO PATHOS NO DISCURSO
RELIGIOSO: A MISSA CATÓLICA E O CULTO ASSEMBLEIANO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 01 de março de 2011.

Prof^a. Dylia Lisardo-Dias

Prof^a. Cristiane Cataldi dos Santos Paes
(Co-orientadora)

Prof^a. Mônica Santos de Souza Melo
(Orientadora)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pela vitória alcançada. Agradeço também ao meu marido, Anderson, e a meus pais, Mauro e Sueli, os quais muito me apoiaram no desenvolvimento deste trabalho. E ainda à professora doutora Mônica Santos de Souza Melo, que muito me ensinou e colaborou na concretização desta dissertação.

SUMÁRIO

	RESUMO	vi
	ABSTRACT	vii
1.	INTRODUÇÃO -----	1
2.	Quadro Teórico Metodológico -----	7
3.	Referencial teórico -----	9
3.1.	Teorias da argumentação -----	9
3.2.	Argumentação pela razão: definição e categorias -----	16
3.2.1.	A argumentação na perspectiva Semiolinguística -----	16
3.2.2.	O Modo de Organização Enunciativo -----	19
3.2.2.1.	Modalização -----	21
3.2.3.	O Modo de Organização Argumentativo -----	22
3.2.3.1.	Organização da lógica argumentativa -----	22
3.2.3.1.1.	Componentes da lógica argumentativa -----	22
3.2.3.1.1.1.	Elementos de base da relação argumentativa -----	22
3.2.3.1.1.2.	Modos de encadeamento-----	23
3.2.3.1.2.	Procedimentos da lógica argumentativa: modos de raciocínio --	24
3.2.3.2.	A encenação argumentativa -----	24
3.2.3.2.1.	Componentes da encenação argumentativa -----	24
3.2.3.2.1.1.	O dispositivo argumentativo -----	25
3.2.3.2.2.	Procedimentos da encenação argumentativa -----	25
3.2.3.2.2.1.	Procedimentos discursivos -----	25
3.2.4.	O Modo de Organização Descritivo -----	26
3.2.4.1.	Nomear -----	27
3.2.4.2.	Localizar-situar -----	27
3.2.4.3.	Qualificar -----	27
3.2.4.4.	Procedimentos discursivos -----	27
3.2.4.4.1.	A identificação -----	28
3.2.4.4.2.	A construção objetiva do mundo -----	28
3.2.4.4.3.	A construção subjetiva do mundo -----	28
3.2.4.4.5.	Alguns efeitos da descrição -----	29
3.2.5.	O Modo de Organização Narrativo -----	29
3.2.5.1.	Encenação narrativa -----	29
3.2.5.1.1.	Componentes da encenação narrativa -----	29
3.2.5.1.1.1.	Dispositivo narrativo -----	29
3.2.5.1.1.2.	Parceiros e protagonistas da encenação narrativa -----	30
3.2.5.1.2.	Procedimentos de configuração da encenação narrativa -----	30
3.2.5.1.2.1.	Intervenções e identidades do narrador -----	31
3.2.5.1.2.1.1.	Presença e intervenção do autor-indivíduo -----	31
3.2.5.1.2.1.2.	Presença e intervenção do narrador-historiador -----	31
3.2.5.1.2.1.3.	Presença e intervenção do narrador-contador -----	31
3.2.5.1.2.2.	O estatuto do narrador -----	32
3.2.5.1.2.2.1.	O narrador conta a história de um outro -----	32
3.2.5.1.2.2.2.	O narrador conta a sua própria história -----	32
3.2.5.1.2.2.3.	Existem muitos narradores -----	33
3.2.5.1.2.3.	Os pontos de vista do narrador -----	33
3.3.	<i>Pathos</i> : Argumentação pela emoção -----	33
3.3.1.	O efeito patêmico e suas estratégias -----	35
3.3.2.	As várias emoções -----	37

3.3.2.1.	Medo -----	37
3.3.2.2.	Confiança -----	38
3.3.2.3.	Amizade -----	38
4.	Apresentação do material de análise -----	40
4.1.	Católicos e assembleianos: características gerais -----	40
4.1.1.	A Igreja Católica -----	40
4.1.2.	A Igreja Assembleia de Deus -----	41
4.2.	As cerimônias católica e assembleiana -----	43
4.2.1.	A Missa -----	43
4.2.1.1.	Ritos Iniciais -----	43
4.2.1.2.	Liturgia da Palavra -----	45
4.2.1.3.	Liturgia Eucarística -----	46
4.2.1.4.	Ritos Finais -----	48
4.2.2.	Culto -----	49
4.2.2.1.	Louvor -----	49
4.2.2.2.	Testemunhos -----	50
4.2.2.3.	Pregação da Palavra -----	51
4.3.	A estrutura da missa e do culto: comparação -----	52
5.	Análise da Homilia e da Pregação da Palavra -----	57
5.1.	A Argumentação pela razão -----	57
5.1.1.	Análise da Homilia -----	57
5.1.1.1.	A Organização Enunciativa -----	57
5.1.1.1.1.	Os sujeitos – parceiros e protagonistas -----	57
5.1.1.1.2.	Modalização – modalidade delocutiva, alocutiva e elocutiva ----	60
5.1.1.2.	A Organização Argumentativa -----	63
5.1.1.2.1.	A organização argumentativa: os modos de raciocínio -----	63
5.1.1.2.2.	A organização argumentativa: os procedimentos discursivos ----	68
5.1.1.3.	A Organização Descritiva -----	72
5.1.1.4.	A Organização Narrativa -----	79
5.1.2.	Análise da Pregação da Palavra -----	81
5.1.2.1.	A Organização Enunciativa -----	81
5.1.2.1.1.	Os sujeitos – parceiros e protagonistas -----	81
5.1.2.1.2.	Modalização – modalidade delocutiva, alocutiva e elocutiva ----	83
5.1.2.2.	A Organização Argumentativa -----	86
5.1.2.2.1.	A organização argumentativa: os modos de raciocínio -----	86
5.1.2.2.2.	A organização argumentativa: os procedimentos discursivos ----	91
5.1.2.3.	A organização descritiva -----	96
5.1.2.4.	A organização narrativa -----	107
5.2.	A argumentação pela emoção -----	110
5.2.1.	A Homilia -----	110
5.2.1.1.	O dispositivo comunicativo e o campo temático na Homilia-----	111
5.2.1.2.	Estratégias -----	111
5.2.2.	A Pregação da Palavra -----	115
5.2.2.1.	O dispositivo comunicativo e o campo temático na Pregação ---	115
5.2.2.2.	Estratégias -----	116
5.3.	Análise comparativa -----	123

CONCLUSÕES GERAIS -----	137
BIBLIOGRAFIA -----	139
ANEXOS -----	143
ANEXO 1 -----	144
ANEXO 2 -----	156

RESUMO

GONÇALVES, Rachel Camilla Rodrigues de Castro, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2011. **Uma análise comparativa do *logos* e do *pathos* no discurso religioso: a missa católica e o culto assembleiano.** Orientadora: Mônica Santos de Souza Melo. Co-Orientadoras: Cristiane Cataldi dos Santos Paes e Maria Carmen Aires Gomes.

Acreditamos que o sujeito argumentante pode se valer da razão e da emoção para persuadir o outro. Assim, neste trabalho, pretendemos identificar, analisar e comparar as estratégias discursivas em duas celebrações religiosas, uma missa (Homilia) e um culto da Assembleia de Deus (Pregação da Palavra), tendo como foco a argumentação pela razão (*logos*) e a argumentação pela emoção (*pathos*). No âmbito da razão, investigaremos as modalidades delocutiva, alocutiva e elocutiva; os modos de raciocínio; os procedimentos discursivos; a nomeação; a qualificação; as identidades; os estatutos e os pontos de vista do narrador; já no âmbito da emoção, o tom de voz, a seleção lexical; as inversões; as exclamações; as interjeições; as expressões metafóricas e também as três modalidades referidas acima. Ao final do trabalho, percebemos que poucas são as diferenças entre a Homilia e a Pregação no que tangem à razão. No entanto, o pregador faz um apelo maior à emoção. Então, o pregador, além de se valer da razão, recorre à emoção de um modo mais intenso do que o padre, parecendo deixar o fiel mais predisposto a aceitar as teses, promovendo, conseqüentemente, uma maior captação de fieis.

ABSTRACT

GONÇALVES, Rachel Camilla Rodrigues de Castro, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, March, 2011. **A comparative analysis of the *logos* and of the *pathos* in the religious discourse: a Catholic Mass and a worship of the Church Assembly of God.** Advisor: Mônica Santos de Souza Melo. Co-Advisors: Cristiane Cataldi dos Santos Paes and Maria Carmen Aires Gomes.

We believe that the claimant may make use of reason and emotion in order to persuade the interlocutor. Therefore, in this work we intend to identify, analyze and compare the discourse strategies within two religious celebrations, a Mass (Homily) and a worship of the Church Assembly of God (Evangelization), aiming at the argumentation through reason (*logos*) and the argumentation through emotion (*pathos*). In the field of reason, we will investigate the delocutive, allocutionary and illocutionary modalities; the reasoning modes; the discourse proceedings; the nomination; the qualification; the identities; the narrator's statutes and point of views. In the area of emotion, we will investigate the tone of voice, the lexical selection; the inversions; the exclamations; the interjections; the metaphorical expressions as well as the three modalities afore mentioned. At the end of the work, we noticed that few are the differences between the Homily and the Evangelization concerning reason. However, the preacher appeals greatly to emotion. Thus, the preacher, besides using reason, also uses emotion more intensively than the Father, which seems to make the believer more willing to accept his thesis, generating a higher capture of new believers.

1. INTRODUÇÃO

O Brasil, ainda hoje, é o país com maior número de católicos do mundo. Por vários séculos, a religião oficial do Brasil foi o catolicismo. Quando aqui no Brasil substituiu-se a monarquia pelo regime republicano, ocorreu a separação jurídica entre a igreja Católica e o Estado Nacional. Então, tornou-se constitucional a chamada “liberdade de culto” – quaisquer religiões poderiam, a partir daquele momento, expressar-se.

O Protestantismo se aportou no Brasil a partir de 1824 com a vinda de um número expressivo de imigrantes principalmente alemães que se dirigiram para o sul do Brasil – especificamente para os estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Nesta época, chegava ao Brasil o luteranismo – ramo original da Reforma Protestante. Os outros ramos do protestantismo histórico presentes no Brasil hoje, como: presbiterianos, metodistas, batistas e episcopais, vieram com as missões. Os pregadores enviados só tinham um objetivo: converter os brasileiros. Em missão evangelizadora, os metodistas norte-americanos foram praticamente os primeiros que vieram. No final do século XIX, todas as denominações clássicas do Protestantismo estavam implantadas no Brasil: luteranos, anglicanos ou episcopais, metodistas, presbiterianos, congregacionais e batistas.

Nas primeiras décadas do século XX, chegaram as igrejas pentecostais, as quais têm sua origem no grande avivamento caracterizado principalmente pelo “batismo com o Espírito Santo” nos EUA. Em 1910, fundou-se a primeira igreja pentecostal – Congregação Cristã do Brasil – na cidade de São Paulo e no estado do Paraná. Em 1911, dois suecos – Daniel Berg e Gunnar Vingren – fundaram a Assembleia de Deus – principal expoente do pentecostalismo no Brasil.

A expansão do movimento pentecostal desde sua chegada aqui no Brasil (1910) tem sido significativa num país de maioria católica (CAMPOS JR., 2009, p.14). O movimento pentecostal no Brasil se diferenciou recentemente em dois tipos: os pentecostais “clássicos” (inaugurado em 1910) e os neopentecostais (surgimento na metade dos anos 70). Os primeiros preservam o estilo de culto “fortemente” emocional, voltado para o êxtase, com papel de destaque para a glossolalia (“falar em outras línguas”), o exorcismo e o milagre, visados sempre como resultados palpáveis a ser experimentados de imediato; fazem parte desta divisão as seguintes igrejas: Congregação Cristã do Brasil, Assembleia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular,

Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção. Os segundos (os “neopentecostais”), conhecidos nos EUA por “carismáticos”, como os pentecostais, recorrem às emoções, porém são mais flexíveis teologicamente, não permanecendo estáticos na doutrina como aqueles; incluem-se nesta segunda divisão as igrejas: Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja de Nova Vida, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, Igreja Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo.

Verifica-se, em relação ao cenário nacional, um número expressivo de igrejas, especialmente de linha pentecostal, que congregam grande número de brasileiros, muitos deles oriundos da igreja católica, a qual, segundo Censo 2000, teve seu número de fieis decrescido para 73,8%, ao passo que a porcentagem de pentecostais subiu para 10,6%. Tal fenômeno tem sido pouco estudado, especialmente, nos estudos da linguagem.

Alguns atribuem o declínio na proporção de católicos no Brasil, como Bruno Garcez (2003)¹, jornalista da BBC, ao processo de romanização, que inclui certas medidas pouco populares, durante o pontificado de João Paulo II, tais como: o controle da atividade e do currículo de seminários; a repressão às facções de esquerda, além da diminuição do poder de algumas dioceses (a de São Paulo, por exemplo). Além disso, vale ressaltar, tão noticiada na imprensa, a sucessão de escândalos² envolvendo membros (sobretudo, padres) da igreja, os quais são acusados de abuso sexual de crianças, perdendo, assim, a igreja a sua “credibilidade moral”, nos termos do porta-voz do Vaticano, Federico Lombardi, o que afastaria o fiel católico de sua igreja ou ainda poderia ocasionar uma descrença do fiel na igreja Católica.

O aumento do número de Protestantes no Brasil pode estar relacionado à utilização da mídia pelas igrejas evangélicas. Elas se valem de técnicas arrojadas de comunicação e de captação de fieis.

Apesar da dificuldade que encontrou durante sua implantação aqui, o Protestantismo está se difundindo cada vez mais no Brasil. Hoje, o Brasil é o segundo país do mundo com o maior número de Protestantes. Ele fica atrás somente dos Estados Unidos.

Verifica-se, então, uma ampliação das igrejas Protestantes com o decorrer dos anos no Brasil. Essa ampliação, conforme dados do IBGE, provém principalmente das

¹ GARCEZ, Bruno. Catolicismo retraiu no Brasil durante o papado de João Paulo II. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u25104.shtml> . Acesso em: 26 abr. 2010.

² Disponível em: <http://www.noticias.br.msn.com/artigo.aspx?cp-documentid=23747979> . Acesso em: 28 mar. 2010.

igrejas pentecostais que cresceram de 9,5% em 1930 para 66% do total de evangélicos em 1980, sendo liderada pela Igreja Evangélica Assembleia de Deus, a qual comporta o maior número de fieis do país, totalizando, segundo Ferreira (2006), 8.418.154 fieis (Censo 2000). De acordo com estatísticas, o crescimento é tal que se continuar no mesmo ritmo, no ano de 2045, a igreja evangélica no Brasil alcançará 50% da população. Esse quadro favorece a passagem de um fiel por várias possibilidades de adesão religiosa.

Reconhecendo a existência de outros fatores que podem ter influenciado no aumento do número de protestantes e no decréscimo do número de católicos, interessamos investigar um aspecto que pode ser considerado como um fator determinante para a captação de fieis: o culto, mais especificamente, o apelo à razão e o apelo à emoção como estratégias discursivas. Acreditamos que o discurso religioso pode muitas vezes levar o ouvinte a compartilhar posições e a adotar comportamentos.

Devemos salientar que, apesar de sua importância, há ainda poucos estudos, em Análise do Discurso, voltados para o discurso religioso, carecendo, assim, de estudos mais sistemáticos e aprofundados. Podemos elencar algumas abordagens acerca desse discurso.

Segundo Orlandi (1996, p.243), o discurso religioso, particularmente o católico, é visto “como aquele em que fala a voz de Deus”. Para a autora, o discurso religioso tende à monossemita, sendo, portanto, um discurso autoritário, no qual “há um desnivelamento fundamental na relação entre locutor e ouvinte: o locutor é do plano espiritual (o Sujeito, Deus) e o ouvinte é do plano temporal (os sujeitos, os homens)” (*ibid.*). Este desnivelamento ou assimetria “caracteriza a tendência para a não-reversibilidade: os homens não podem ocupar o lugar do Locutor porque este é o lugar de Deus” (*ibid.*). Ela cita ainda outros traços do discurso religioso, como: o uso do imperativo, do vocativo e de metáforas.

Também para Wilson (2003), a qual estuda as relações entre locutor/interlocutor estabelecidas em livros produzidos por membros (um padre e um frei) da igreja Católica, o discurso religioso se vale de recursos linguísticos, como verbos no imperativo modalizados de diversas maneiras “para manter o locutor em contínua e permanente adesão”. Ou seja, a postura autoritária vem revestida de diversas maneiras para que o interlocutor possa aderir, voluntariamente, às teses propostas.

Podemos ainda citar, como contribuição às investigações nessa área, a pesquisa “Estratégias discursivas nos cultos católico e metodista: uma análise comparativa”,

desenvolvida por Castro & Melo (2007)³, a respeito das estratégias discursivas adotadas nos cultos católico e evangélico (um representante do protestantismo histórico). Essa pesquisa permitiu apontar alguns fatores responsáveis pelo crescente número de adesões às igrejas protestantes, tais como: estruturas (na Missa, as orações são preestabelecidas, o tempo destinado a cada uma das partes é bem delimitado; enquanto a estrutura da metodista é mais livre, sendo as improvisações mais recorrentes), ritualizações e estratégias discursivas presentes nos seus cultos. Em sua monografia, Castro (2007)⁴ analisa como a palavra pode funcionar como mecanismo de sedução e captação de adeptos, avaliando a questão do apelo à emoção, o chamado “efeito patêmico”, num culto da congregação “Assembleia de Deus” e verifica alguns recursos de efeito patêmico.

Maingueneau (2008) afirma que o discurso religioso, embora seja um tipo de material de análise de prestígio, vem sendo pouco estudado pelos analistas do discurso. Isso se deve à necessidade, para se compreender o referido discurso, do analista de interagir com outros textos. Deste modo, esse discurso é um dos “discursos constituintes”, servindo de “fiador” para outros. Os discursos constituintes se caracterizam principalmente por apresentar “uma assimetria fundamental entre textos ‘primeiros’ e textos ‘segundos’”; estes comentam ou resumem aqueles. (MAINGUENEAU, 2008, p.201-02) Ao estudar o gênero *sermão* da igreja Católica, o autor explica que o pregador se apoia em um fragmento da Escritura lido antes do início do sermão e, através de sua atividade de fala, pretende ensinar a doutrina e converter as almas. Ao mesmo tempo, implicitamente, ele ativa a rotina constitutiva do sermão e mostra que domina as regras, sendo, logo, considerado um representante “confiável” da instituição em nome da qual fala.

Ainda abordando o tema, podemos mencionar a dissertação de mestrado de Pinto (2008), a qual, pretendendo abordar a religião como produtora de discurso, que se constitui na e pela linguagem, analisa os mecanismos interpretativos em dois discursos sobre o Batismo na denominação pentecostal “Deus é Amor” e na neopentecostal “Universal do Reino de Deus”. Ele investiga os mecanismos de persuasão – *ethos* e

³ Pesquisa realizada no período de agosto de 2005 a julho de 2007, no DLA (UFV), no Programa de Bolsas de Iniciação Científica, com apoio do CNPq.

⁴ A monografia intitulada “Uma análise discursiva do uso da emoção no culto da Assembleia de Deus” foi desenvolvida sob a orientação da professora doutora Mônica Santos de Souza Melo como trabalho final do curso de Letras.

pathos – que colaboram com o enunciador na construção da argumentação, contribuindo eficazmente no processo de construção e organização do discurso.

Cupertino (2008) também estuda o discurso religioso, mais especificamente, o discurso da igreja Católica comparado ao da igreja Presbiteriana. Ela constatou, a partir de entrevistas sobre dogmas e devoções católicas, com o objetivo de observar as estratégias argumentativas que poderiam captar fieis, que o padre e o pastor se valem do argumento de autoridade, da pressuposição e de modalizadores. Verificou que, ao contrário do padre, o pastor se valeu da escala argumentativa na defesa de sua tese; de silogismos; de perguntas retóricas e de apostos. O padre, por sua vez, utilizou, sobretudo, comparações, favorecendo a compreensão de certos termos; e definições, contribuindo para o “fazer saber”.

Considerando o grande crescimento de adesões entre as igrejas pentecostais, optamos por analisar um de seus segmentos mais representativos no Brasil, a Assembleia de Deus, comparando o funcionamento dos seus cultos aos da igreja católica. Em nosso estudo, o objetivo geral é analisar como a linguagem, no discurso religioso, pode funcionar como mecanismo de sedução e captação de adeptos, avaliando e comparando a utilização do apelo à razão (*logos*) e do apelo à emoção (*pathos*) em uma missa da igreja Católica e em um culto da igreja Assembleia de Deus. Nosso objetivo mais específico é identificar, analisar e comparar as estratégias discursivas em duas celebrações religiosas, uma missa e um culto, tendo como foco a argumentação pela razão (*logos*) e a argumentação pela emoção (*pathos*)⁵. No âmbito da razão, investigaremos as modalidades delocutiva, alocutiva e elocutiva; os modos de raciocínio; os procedimentos discursivos; a nomeação; a qualificação; as identidades; os estatutos e os pontos de vista do narrador; já no âmbito da emoção, o tom de voz, a seleção lexical; as inversões; as exclamações; as interjeições; as expressões metafóricas e também as três modalidades referidas acima.

Pretendemos realizar um trabalho comparativo entre um representante pentecostal e um católico, colocando em reflexão, concomitantemente, o *logos* e o *pathos*. Essa proposta se diferencia, por conseguinte, dos estudos de Orlandi (1996), Maingueneau (2008) e Wilson (2003), que privilegiam o discurso católico. Uma análise comparativa, conforme Orlandi (1996), favorece ao analista o encontro de

⁵ O *logos* e o *pathos* serão abordados detalhadamente no capítulo 2.

características particulares dos discursos religiosos em questão, no nosso caso, católico e assembleiano.

Pensamos ainda que o estudo proposto possa ser relevante no sentido de avaliar se o conservadorismo defendido pela Igreja, anteriormente na figura do Papa João Paulo II e, possivelmente, por seu sucessor, Bento XVI, reflete-se nos seus rituais, afetando o recrutamento de fieis, e se essa orientação tem favorecido ou dificultado a captação de fieis. Deste modo, um elemento chave para o nosso trabalho será a representação da palavra de Deus através dos celebrantes (padre e pastor) expressa no momento da homilia ou pregação. Sabemos que, como aponta Orlandi (1996), no discurso religioso, a voz de Deus se fala no celebrante. Para ela, tal discurso não apresenta total autonomia, já que a leitura proposta pelo representante da voz de Deus é fortemente regulada pela igreja.

2. QUADRO TEÓRICO METODOLÓGICO

A análise semiolinguística do discurso integra duas concepções de linguagem, a saber: (1) linguagem como “objeto-transparente”, procurando saber “do que” fala a linguagem; e (2) linguagem como “objeto não-transparente”, interessada por “como” fala a linguagem (CHARAUDEAU, 2008, p.20). Isso faz com que o método de análise seja duplo: “elucidante do ponto de vista do ‘como’ e abstratizante do ponto de vista do ‘do quê’”. Assim, pretendemos utilizar o método qualitativo, trabalhando com “dados que ocorrem naturalmente”, nos termos de Silverman (2009), buscando, nas descrições dos dados, o funcionamento dos cultos, mais especificamente, no que tange ao uso da razão e da emoção.

Conforme Charaudeau, o ato de linguagem é “um conjunto de atos significadores que falam o mundo através das condições e da própria instância de sua transmissão” (CHARAUDEAU, 2008, p.20). A significação, para o autor, depende dos sujeitos da linguagem e da situação comunicativa, uma situação concreta com sujeito individual e sujeito coletivo.

Deste modo, a partir de uma situação concreta, obtivemos o material de análise através de gravações, autorizadas mediante um termo de consentimento, de uma missa, durante o período identificado, conforme Cechinato (2004), como “Ciclo da Páscoa”, no qual se celebra “Cristo ressuscitado” e de um culto da Assembleia de Deus, mais precisamente no mês de maio de 2009, na cidade de Viçosa-MG. Trabalhamos com uma missa e um culto, uma vez que são rituais e possuem, portanto, um desenvolvimento frequente e uma representatividade, logo são objetos de estudo legítimos para uma análise discursiva. Realizadas as gravações e as respectivas transcrições⁶, identificamos aquilo que denominamos “ritualizações”, isto é, uma organização linear e padronizada de componentes que constituem uma espécie de “sintaxe” desses rituais. Foram objetos de nossa análise a Homilia e a Pregação da Palavra, visto que nesses momentos as leituras feitas durante as celebrações são retomadas; as teses são defendidas e os posicionamentos são “impostos” e ainda a Homilia e a Pregação ocorrem em qualquer dia de celebração. Daí poderíamos inferir que os recursos, como, as modalidades delocutiva, alocutiva e elocutiva; os procedimentos discursivos; as inversões, as exclamações; o tom de voz, utilizados para alcançar a adesão se manifestariam nesse material de análise.

⁶ Em anexo.

Também realizamos conversas informais com o pastor a fim de saber mais a respeito do culto da Assembleia de Deus, seu desenvolvimento e seus componentes.

Nossa pesquisa é de natureza qualitativa porque, através do contato direto com a “situação objeto de estudo” (no caso, a missa e o culto), como aponta Neves (1996), obtivemos os dados descritivos; procuramos entender o funcionamento da missa e do culto, conforme a perspectiva dos participantes da situação estudada, e interpretamos o fenômeno da argumentação pela razão e da argumentação pela emoção. Recorremos também a um levantamento quantitativo ao longo da análise. Tal levantamento contribui para a nossa interpretação no sentido de indicar a predominância da utilização de certas categorias. É uma pesquisa também comparativa através da qual as particularidades de cada discurso são evidenciadas.

No âmbito da razão, descrevemos a organização discursiva Enunciativa (modalidades delocutiva, alocutiva e elocutiva), a Argumentativa (modos de raciocínio e procedimentos discursivos), a Descritiva (nomeação e qualificação) e a Narrativa (identidades, estatutos e pontos de vista do narrador), sob a orientação de Charaudeau (1992, 2008). No âmbito da emoção, investigamos a finalidade, o lugar, o campo temático e as estratégias (tom de voz, seleção lexical, modalidades – alocutiva e elocutiva, inversões, exclamações, interjeições e expressões metafóricas). Cada um desses aspectos se compõe de várias categorias, as quais descreveremos, sucintamente, a partir do próximo capítulo.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. Teorias da argumentação

Ao estudar a argumentação, faz-se necessário retomar alguns conceitos daquele que foi, possivelmente, o primeiro a escrever sobre a “faculdade de demonstrar argumentos”: Aristóteles (ARISTÓTELES, 2007, p.24).

Com o foco na arte retórica, o autor define essa arte como “a faculdade de observar os meios de persuasão disponíveis em qualquer caso dado”. (*ibid.*, p.23) Assim, o estudo da retórica compreende os meios de persuasão.

A arte de persuadir é considerada como sinônimo de argumentação. A persuasão, para o filósofo grego, é um tipo de demonstração, através da qual somos mais persuadidos.

Aristóteles elenca três meios de persuasão, que podem estar presentes não só no discurso oral (foco dos trabalhos do autor), mas também no discurso escrito, a saber, (1) caráter pessoal do orador (*ethos*) – a benevolência pessoal contribui para seu poder de persuasão –; (2) imersão dos ouvintes em determinado estado psicológico (*pathos*) – “quando estamos satisfeitos e amigáveis, nossos juízos são diferentes do que quando estamos aflitos e hostis” (*ibid.*, p.24) –; (3) surge da prova ou da prova aparente evocada pelos termos do próprio discurso (*logos*) – o orador deve raciocinar logicamente.

Séculos mais tarde, Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p.5) se voltam para os autores gregos e latinos, pesquisando “a arte de persuadir e de convencer, a técnica da deliberação e da discussão” e propondo, por conseguinte, uma “nova retórica”. A análise dos autores se aproxima da retórica de Aristóteles, procurando enfatizar que qualquer argumentação se desenvolve em função de um auditório.

Perelman & Olbrechts-Tyteca (*op. cit.*) postulam que argumentar é dar argumentos, razões a favor ou contra uma tese. Os autores da obra *Tratado da argumentação* estudam a estrutura da argumentação, sobretudo de textos impressos, não se limitando a dizer como a comunicação ocorre. Os teóricos não se restringem à apresentação de uma argumentação oral, que foi o foco dos trabalhos de Aristóteles, haja vista que a preocupação deles era como a de um lógico, desejoso para conhecer os mecanismos do pensamento e não de formar praticantes da arte de falar em público de modo persuasivo (objeto da retórica antiga).

Partindo da retórica tradicional, os estudiosos preservaram a ideia de “auditório” que surge sempre quando se pensa em discurso, seja ele oral ou escrito. Definem o

auditório “como o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.22). O auditório é uma construção do orador. Pode acontecer de esse auditório ser heterogêneo, o que vai exigir mais do orador, tendo este que se valer de vários argumentos. O auditório pode ser classificado em grupos sociais – políticos, religiosos, etc – ou conforme valores assumidos por certos ouvintes.

Os autores do *Tratado da argumentação* ressaltam que, quando mencionam os termos “discurso”, “orador” e “auditório”, estão se referindo à argumentação, sendo esta apresentada pelo segundo e dirigida ao terceiro.

Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) enfatizam que o orador, para atingir o *outro*, precisa adequar o seu discurso conforme o auditório. Assim, mudando este, a argumentação também muda. E para julgar o valor da argumentação precisa-se conhecer a qualidade dos espíritos que são alcançados.

Os autores contrapõem a argumentação à concepção clássica da demonstração. Para demonstrar uma proposição, só é necessário sinalizar através de quais procedimentos ela é obtida “como última expressão de uma sequência dedutiva”, sendo a partir do sistema axiomático demonstrada a proposição. O lógico formalista não se preocupa com a origem dos primeiros elementos da sequência dedutiva, se são verdades impessoais, pensamentos divinos, dentre outros. No entanto, ao se argumentar, influenciar, por meio do discurso, esses elementos são considerados importantes. Também se consideram as condições psíquicas e sociais, caso contrário a argumentação poderia ficar sem objeto ou sem efeito, haja vista que a argumentação visa à adesão dos espíritos, pressupondo a existência de um contato intelectual (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.16).

Para que haja argumentação, algumas condições são necessárias, tais como: a existência de uma comunidade efetiva dos espíritos; a concordância na criação da comunidade intelectual e a discussão de uma questão determinada. Isso, conforme os autores, não é evidente. No entanto, Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p.17) ressaltam que o mínimo indispensável para que ocorra a argumentação “parece ser a existência de uma linguagem em comum, de uma técnica que possibilite a comunicação”. Além disso, é necessário ter uma estima pela adesão do interlocutor, pelo seu consentimento e pela sua participação mental.

Para o desenvolvimento da argumentação, é indispensável tentar prender a atenção de um público muitas vezes apático. O contato entre orador e auditório é uma

das condições prévias para a argumentação e também é essencial para que ela se desenvolva. Outra condição é o conhecimento do público, de quem se pretende conquistar. O auditório presumido deve ser o mais próximo da realidade para evitar transtornos na argumentação. A eficácia da argumentação depende da distância entre a imagem do auditório construída pelo orador e o público real. O parecer do auditório, saber o que ele pensa a respeito de algo, também é importante para a argumentação.

Alguns fatores promovem o contato dos espíritos, como: fazer parte do mesmo meio que o seu auditório, conviver, interagir socialmente. As discussões consideradas muitas vezes irrelevantes podem contribuir “para o bom funcionamento de um mecanismo social indispensável” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.19).

A influência recíproca entre orador e auditório com visada persuasiva é um dos pontos importantes da nova retórica. Os autores ressaltam que o auditório participa da troca verbal ainda que ele não tenha a fala.

Conforme os autores, para influenciar mais o auditório, o orador pode condicionar o público através de meios diversos, como: música, paisagem, direção teatral, iluminação. Esses meios foram utilizados por gregos, romanos e pelos homens da Idade Média.

A partir do debate universal entre filósofos, questionadores de absoluto e retores, e entre partidários da verdade e da opinião, envolvidos na ação, começou a surgir uma distinção entre “persuadir” e “convencer”. Assim, em função de uma teoria da argumentação, Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p.30) retomam algumas distinções que surgiram. Retomando Whately, *Elements of Rhetoric, parte II: Of Persuasion*, os autores comentam que convencer seria a primeira fase que conduz à ação e, assim, o persuadir estaria à frente para quem tem como foco o resultado. Já para quem busca o caráter racional da adesão, o convencer é mais importante do que o persuadir. Tal caráter depende dos meios utilizados e das faculdades às quais o orador se dirige. Pascal, citado pelos autores do *Tratado*, defende que a persuasão ocorre através de tudo quanto não seja razão (corpo, imaginação, sentimento). Diferentemente de Pascal, que separa emoção da razão, Dumas (*apud* PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.30) postula que “na persuasão, o indivíduo ‘se contenta com razões afetivas e pessoais’”. Ele não diferencia, tecnicamente, prova afetiva de prova objetiva.

Segundo Plantin (2005), apoiando-se em Pascal (1914), para se obter a persuasão completa, o discurso deve *ensinar, agradar e tocar*⁷. Para o autor, o caminho intelectual (a razão) não é suficiente para desencadear a ação. A partir daí surge a dupla atividade *convencer-persuadir*, sendo que a primeira atividade está ligada às faculdades intelectuais e a segunda, ao coração. Deste modo, para o teórico, o *pathos* é indissociável do *logos* no discurso.

Em direção ao que Plantin postula, Abreu (*apud* DITTRICH, 2008, p.24) afirma que “a arte de argumentar pressupõe convencer pela razão e persuadir pela emoção”. No entanto, Dittrich reforça que o convencer e o persuadir estão presentes simultaneamente na dinâmica argumentativa.

Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005) se recusam a adotar distinções entre “convencer” e “persuadir”. No entanto, eles reconhecem que nossa linguagem apresenta um matiz entre as noções. O matiz entre as noções é impreciso tanto no conceito quanto na prática. Isso se deve à distinção entre os vários auditórios que é muito incerta, tendo em vista que a imagem do auditório construída pelo orador pode ser modificada. Denominam argumentação persuasiva aquela direcionada para um auditório particular e de argumentação convincente, a que obteria a adesão de todo ser racional.

Eles ressaltam que essa diferença depende muito da ideia que o orador possui da materialização da razão. Por exemplo, o homem acredita em certos fatos, verdades que o outro deve aceitar porque são válidos para todo ser racional. Mas essa validade absoluta para um auditório qualquer pode ser questionada.

A argumentação que visa a um auditório particular possui um inconveniente: ao adaptar-se ao modo de ver de seus ouvintes, o orador pode apoiar-se em teses estranhas ou opostas ao que admitem outros ouvintes.

Ao encontro de Perelman, Charaudeau (1993) postula que a argumentação é intersubjetiva: há um sujeito que desenvolve a asserção e um outro que é o alvo da argumentação, o qual será levado a partilhar da mesma “veracidade” do sujeito argumentador. Para isso, este lança mão de um processo lógico e de outros meios, como, a emoção.

Compartilhando da ideia de o locutor agir sobre o outro (interlocutor), Melo (2003, p.98) destaca que, ao argumentar, o sujeito argumentador tenta levar um ouvinte

⁷ Tradução nossa. Em francês: *Nous apprend que la persuasion complète est obtenue par la conjoction de trois “opérations discursives”: le discours doit enseigner, plaire, toucher (docere, delectare, movere): car la voie intellectuelle nE suffit pas à déclencher l’action.*

ou um leitor a uma certa ação, sendo, portanto, a argumentação sempre construída para um destinatário X.

Amossy (2008) amplia a noção de argumentação construída por Perelman & Olbrechts-Tyteca, defendendo que na argumentação busca-se não somente a adesão a uma tese, mas também modos de pensar, de ver e de sentir por parte do alocutário. Ao dizer “modos de pensar e de sentir”⁸, podemos inferir que a autora estaria fazendo menção à argumentação pela razão e à argumentação pela emoção, respectivamente, dando indícios ao uso da razão, como já dizia Perelman sobre a necessidade da participação mental do auditório na argumentação, e ao uso da emoção. A expansão do conceito possibilita que a argumentação, enquanto arte de persuadir, se volte para o vasto campo do discurso público e privado, que ocorrem no espaço contemporâneo e, ainda, busque o seu lugar nas ciências da linguagem, sem recorrer à psicologia ou à psicologia social.

O fundamento da argumentação, segundo Amossy (2008, s/p), é a divergência de pontos de vista. Esse princípio da argumentação precisa ser esclarecido. Para a autora, a argumentação “apenas surge, efetivamente, quando se pode ter uma discórdia ou, ao menos, um modo alternativo de considerar as coisas”⁹. No entanto, os pontos de vista ou as ideias em confronto não precisam ser explicitados para que se manifeste a argumentação. A fala em si já é uma resposta à palavra do outro; uma reação, podendo confirmar, modificar ou refutar o que foi dito. O discurso, para Amossy (2008, s/p), “comporta em si uma tentativa de fazer ver as coisas de um certo modo e de agir sobre o outro”¹⁰. Diferentemente, Plantin (2005) postula que, numa argumentação, ocorre o confronto de pontos de vista distintos, explicitamente, sem o qual a argumentação poderia se dissolver.

Segundo Amossy (2000, p.25), nem todos os discursos apresentam um caráter persuasivo, mas aqueles que possuem tal característica foram os reconhecidos pela retórica clássica. O discurso pode apresentar uma dimensão argumentativa ou uma visada argumentativa. A dimensão argumentativa é inerente a vários discursos, como, por exemplo, ao artigo científico, à conversa cotidiana. Nestes discursos, pretende-se transmitir um ponto de vista sobre as coisas, não intentando explicitamente modificar a

⁸ Em francês, *façons de penser e de sentir*.

⁹ Tradução nossa. Em francês: *Celle-ci ne surgit en effet que quand il peut y avoir une dissension, ou tout au moins une façon alternative d'envisager les choses.*

¹⁰ Tradução nossa. Em francês: *(...) le discours en situation comporte en soi une tentative de faire voir les choses d'une certaine façon et d'agir sur l'autre.*

posição do alocutário. Já a visada argumentativa caracteriza alguns discursos, como: a pregação da igreja, o discurso eleitoral, dentre outros. Nestes já ocorre uma intenção consciente de persuadir o *outro* a partir de estratégias linguístico-discursivas.

Conforme Amossy (2008), as teorias argumentativas estão deixando de lado o *pathos* (“construção discursiva da emoção que o locutor pretende provocar em seu auditório”)¹¹ e o *ethos* (“construção de uma imagem de si no discurso”)¹². No entanto, a autora ressalta que as três provas retóricas são necessárias para a persuasão. O modo pelo qual elas se unem numa situação concreta confere à fala sua força de persuasão.

Amossy (2008) distingue dois campos de pesquisa que abarcam a argumentação: a “argumentação da língua” ou “argumentação linguística”, cujo estudo foi iniciado por Anscombe e Ducrot, dando a Pragmática-Semântica a continuidade dos trabalhos dos autores que colaboraram para que a argumentação fosse incorporada às ciências da linguagem; a e “argumentação discursiva” ou “retórica”, de interesse da Análise do Discurso.

No primeiro campo, a argumentação é considerada como feito da língua; nega-se a existência de uma argumentação racional no discurso, que poderia provar, justificar algo. Ducrot e Anscombe observam a argumentação de modo mais delimitado, como um encadeamento de enunciados que levam a uma conclusão. Eles estudam os *topoi*, os conectores, que permitem o encadeamento de enunciados.

No segundo campo, a argumentação constitui um feito do discurso; sobressai o *logos*. O interesse desse campo, da Análise do Discurso, por exemplo, é analisar as estratégias persuasivas, dentre outros objetivos. De encontro a Anscombe e Ducrot, Charaudeau (2008, p.202) afirma que “a argumentação não está no âmbito das categorias da língua (as conjunções de subordinação), mas sim da organização do discurso”.

Apesar da noção restrita de argumentação da Pragmática, esta colaborou com a análise argumentativa: permitiu estudar a orientação argumentativa dos enunciados, os *topoi*¹³ que garantem implicitamente o encadeamento, e os conectores que promovem o encadeamento dos enunciados.

Pautando-se em Aristóteles e em Perelman, a análise da argumentação no discurso (ou somente ‘análise argumentativa’) tem como objetivo descrever e explicar

¹¹ Tradução nossa. Em francês: *construction discursive de l'émotion que le locuteur entend provoquer dans son auditoire.*

¹² Tradução nossa. Em francês: *construction d'une image de soi dans le discours.*

¹³ Lugar comum. (ARISTÓTELES, 2007)

as modalidades utilizadas pelo orador para agir sobre o auditório. Ela estuda como locutor e alocutário interagem, através de recursos verbais, exercendo uma influência mútua. A análise argumentativa se distingue da tradição retórica por não propor uma lista exaustiva com procedimentos retóricos. Ela se preocupa com a natureza dos recursos utilizados na troca verbal na tentativa de persuasão. Além disso, ela não se limita ao desdobramento de um raciocínio (AMOSSY, 2000, Prólogo).

Conforme Amossy (2000, 2008), a análise da argumentação no discurso considera o quadro de um dispositivo de enunciação, no qual, como já diziam Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005), há um orador que, para atingir o auditório, adéqua a sua argumentação a este último. Quando o orador constrói uma imagem de seu público, ele consegue se aproximar da visão (modo de ver o mundo) deste. A partir de uma situação concreta de enunciação, consideram-se os participantes (quem são) e seus estatutos; as circunstâncias de troca; o momento e o lugar de onde falam. Além do dispositivo de enunciação, a análise argumentativa leva em conta também a “dinâmica interacional”¹⁴, observando a lógica da enunciação e quais estratégias foram utilizadas na troca entre os parceiros. Para a autora, a análise da argumentação no discurso pretende estudar o poder da fala em suas dimensões institucionais, sociais e culturais.

A análise argumentativa, segundo Amossy (2008), em síntese, possui os seguintes objetivos: (1) estudar a argumentação como elemento pertencente a um funcionamento discursivo global na língua natural, na materialidade do discurso; (2) descrever a argumentação numa situação concreta, buscando conhecer todos os elementos (participantes, lugar, momento, circunstâncias, etc.); (3) estudar como a argumentação se inscreve no interdiscurso, observando em relação ao que se diz antes e o modo de retomada, da modificação, da refutação; (4) verificar como o *logos* se alia ao *ethos* e ao *pathos*. Neste trabalho, observaremos os dois primeiros objetivos e parte do último, verificando o *logos* e *pathos*.

Ao encontro de Amossy, Menezes (2007) acredita que as provas retóricas (*logos*, *ethos* e *pathos*) são solidárias numa encenação discursiva, “mesmo porque as emoções que sentimos relacionam-se a objetos, momentos, tempos, estados de espírito, idades e atitudes diante do outro que são próprias de uma situação.” (MENEZES, 2007, p.319). O orador, quando argumenta, apresenta uma imagem de si e, ao mesmo tempo, percebe as disposições do auditório. Acreditamos, como os autores citados, na articulação dos

¹⁴ Tradução nossa. Em francês, *dynamique interactionnelle*.

três componentes clássicos para se obter a persuasão. No entanto, neste trabalho, privilegiaremos o *logos* e o *pathos*.

Para fins de análise, distinguiremos as categorias pertencentes à argumentação pela razão e à argumentação pela emoção, separadamente. Porém, as provas retóricas não devem ser observadas de modo “estanques e exclusivistas entre si” (GALINARI, 2007, p.237-8). Isso nos leva a investigar o *logos* e o *pathos*, co-participantes da finalidade persuasiva, e, ao mesmo tempo, a ressaltar que o *logos* pode suscitar, por exemplo, numa determinada situação comunicativa, certas emoções no auditório. Uma prova pode estar presente na outra.

3.2. Argumentação pela razão: definição e categorias

Para Aristóteles (*op.cit.*), o *logos* é o uso da razão pelo orador para se alcançar a persuasão do auditório, construindo um discurso mais racional.

Pautando-se em Aristóteles, Amossy (2000, p.4) define o *logos* como “discurso e razão”.

Menezes (*op.cit.*), também se apoiando em Aristóteles, afirma que o *logos* está associado ao discurso e à racionalidade.

Na mesma direção, Galinari (2007, p.234) define *logos* como a “faculdade intelectual de elaborar raciocínios”.

Dadas as definições afins de *logos*, consideraremos essa prova retórica como a argumentação pela razão.

3.2.1. A argumentação na perspectiva Semiolinguística

A Semiolinguística considera o ato de linguagem como produto de um contexto, no qual se encontram um emissor e um receptor. Estes, sendo pessoas diferentes, podem conceder a uma expressão linguística interpretações distintas.

Para Charaudeau (1983), o signo só tem sentido no discurso. A situação comunicativa adiciona ao signo informações fazendo com que ele “funcione”.

O ato de linguagem, enquanto atividade de produção e interpretação, depende dos saberes entre os protagonistas. Saberes estes que englobam o conhecimento explícito (informações expostas) e o conhecimento implícito (o sentido depende da situação comunicativa). É a partir do jogo entre o implícito e o explícito que surge o ato de fala.

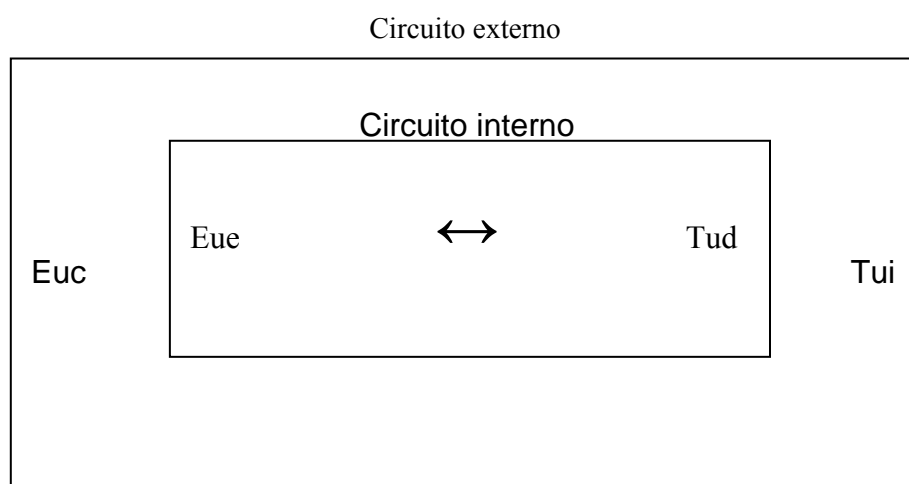
Segundo Melo (2003), a produção e a interpretação são realizadas por dois protagonistas: Eu e Tu, os quais se subdividem num sujeito da fala e num sujeito ator/agente. Tais protagonistas se subordinam, durante as práticas de linguagem, a contratos e a convenções “que consistem em práticas psicossociais compartilhadas por membros de uma comunidade” (p.35).

A autora comenta que “a Semiolinguística parte do pressuposto de que a significação discursiva é uma resultante dos componentes linguístico e situacional, ou seja, da interação entre o material verbal e o material psicossocial” (MELO, 2003, p. 35).

A significação discursiva também provém da interação entre a produção e a interpretação; é construída assim a partir de duas interrelações:

- 1) a interrelação entre os espaços de produção de sentido: o *circuito interno* (linguístico) e o *circuito externo* (situacional); e
- 2) a interrelação entre os espaços de produção (Eu) e interpretação (Tu), os quais se subdividem em: *parceiros* ou seres psicossociais (*sujeito comunicante* e *sujeito interpretante*) e *protagonistas* ou seres de fala (*sujeito enunciador* e *sujeito destinatário*).

Estas duas interrelações se articulam. Elas podem ser resumidas por meio do quadro a seguir:



QUADRO 1

onde: **Euc** significa sujeito comunicante; **Tui**, sujeito interpretante; **Eue**, sujeito enunciador e **Tud**, sujeito destinatário

Charaudeau (1992), para estudar a “encenação”¹⁵ discursiva, propôs quatro modos de organização do discurso: o Enunciativo, o Descritivo, o Narrativo e o Argumentativo. Para Charaudeau, esses modos são procedimentos em que categorias da língua se organizam em função das finalidades discursivas do ato de comunicação. Cada um dos modos possui uma função na qual se fundamenta, e também um princípio de organização. A função está relacionada à finalidade discursiva do projeto de fala do locutor. Ela se refere à própria questão do que seja: enunciar, descrever, narrar e argumentar.

Adotando esses pressupostos, Charaudeau (2008, p.203) entende que “a argumentação não se limita a uma sequência de frases ou de proposições ligadas por conectores lógicos”. Isso porque, muitas vezes, o aspecto argumentativo de um discurso se encontra no que está implícito.

Para que ocorra a argumentação, segundo o teórico, fazem-se necessárias as seguintes condições: (1) uma proposta sobre o mundo que desencadeie em alguém um questionamento quanto à legitimidade da mesma; (2) um sujeito que busque desenvolver um raciocínio para estabelecer uma “verdade” quanto à proposta; e (3) um outro sujeito, o “alvo” da argumentação, que é levado a compartilhar da mesma verdade, mas que pode aceitar ou refutar a argumentação.

Assim, a argumentação pode ser definida numa relação triangular: sujeito argumentante, uma proposta sobre o mundo e um sujeito-alvo.

O argumentar, enquanto atividade discursiva, participa de uma dupla busca: (1) uma busca de racionalidade, visando um ideal de verdade na explicação dos fenômenos do mundo; e (2) uma busca de influência em direção a um ideal de persuasão, pretendendo-se compartilhar com o outro (interlocutor) as propostas.

O sujeito argumentante pode levar o sujeito-alvo a compartilhar da sua posição através de outros meios, como, por exemplo, por meio da sedução. Por isso, Charaudeau (2008) enfatiza que o estudo da argumentação não pode se restringir à lógica de raciocínio.

Sendo assim, a argumentação não se restringe ao chamado “Modo de Organização Argumentativo”, mas se constrói também nos planos enunciativo, descritivo e narrativo. Deste modo, nossa análise irá contemplar, além do

¹⁵ Tradução para *mise en scène*.

argumentativo, esses outros modos, cabendo a nós sintetizar esses modos, apresentando as categorias que serão adotadas em nossa análise.

3.2.2. O Modo de Organização Enunciativo

Para Charaudeau (1992), este modo “comanda” o funcionamento dos demais modos, pois a relação do locutor com seu interlocutor, com o mundo e com o que diz, determina a escolha das estratégias que serão empregadas nos níveis narrativo, descritivo e argumentativo.

Como o termo já nos indica, o modo enunciativo está relacionado com o processo de enunciação. Na Teoria Semiolinguística, a enunciação é considerada como um fenômeno complexo em que o sujeito falante se apropria da língua a fim de organizá-la em discurso. Ao se apropriar da língua, o falante se situa em relação a seu interlocutor, em relação ao mundo que o cerca e em relação àquilo que diz.

O nível enunciativo, segundo Charaudeau (1983), é o espaço onde são organizados os lugares dos protagonistas (seres de fala). Além disso, ali são definidos os regulamentos dos seres de fala; são construídas as imagens de fala deles e especificadas as relações que os aproximam.

O modo enunciativo dá conta da posição do locutor em relação a si mesmo, ao interlocutor e a terceiros, construindo, assim, um aparelho enunciativo. Isso permite que o referido modo interfira na *mise en scène* de cada um dos outros três modos.

Em correspondência às três possibilidades de posicionamento do locutor apontadas no parágrafo anterior, temos três funções que perpassam o modo enunciativo: estabelecer uma relação de influência entre locutor e interlocutor; revelar o ponto de vista do locutor e testemunhar a fala do outro e/ou de terceiros. O quadro abaixo, proposto por Melo (2003), sintetiza as três posições do sujeito falante e as respectivas funções:

Posição do falante com relação	Funções
ao interlocutor	Estabelecer uma relação de influência entre locutor e interlocutor
ao “dito”	Revelar o ponto de vista do locutor
à afirmação do outro/de terceiros	Testemunhar a fala do outro e/ou de terceiros

QUADRO 2

Na primeira relação, o sujeito falante enuncia sua posição em relação ao interlocutor e leva este a ter um determinado comportamento. Para Charaudeau (1983), o interlocutor é convocado, pelo ato de linguagem do locutor, independente da sua

identidade psicossocial e do seu comportamento efetivo, a ter uma reação determinada: responder e/ou reagir.

O sujeito falante, na sua enunciação, atribui a si e ao interlocutor papéis linguageiros. Estes são de duas ordens:

a) O locutor se enuncia em posição de superioridade em relação ao interlocutor e concede papéis a si que impõem ao interlocutor a fazer. É estabelecida uma relação de força. Isso ocorre, por exemplo, nas modalidades de ordem e de interpelação;

b) O sujeito falante se enuncia em posição de inferioridade em relação ao interlocutor e atribui papéis a si, os quais apontam que ele (locutor) necessita do saber e do *pouvoir faire* (em português, poder fazer) do interlocutor. Ocorre uma solicitação do locutor ao interlocutor, estabelecendo, deste modo, uma relação de súplica. Charaudeau (1983) cita, como exemplos dessa segunda ordem, a interrogação e o pedido.

Na segunda relação, a do locutor com o dito, o sujeito falante enuncia sua posição em relação ao que ele diz sobre o mundo, não implicando o interlocutor por esta tomada de posição. A enunciação, aqui, tem por efeito modalizar subjetivamente a verdade do propósito enunciado, revelando o ponto de vista interno do locutor.

Segundo Charaudeau (1983), o propósito referencial se situa no universo do discurso do sujeito falante (ponto de vista situacional). Aquele autor aponta cinco pontos de vista que podem especificar o ponto de vista situacional:

a) ponto de vista do modo de saber – explicita como o sujeito falante dispõe de conhecimento de um propósito;

b) ponto de vista da avaliação – estabelece como o sujeito julga a proposta enunciada;

c) ponto de vista de motivação – expõe a razão pela qual o locutor é levado a realizar o conteúdo do propósito referencial;

d) ponto de vista de empenho – explicita seu grau de adesão ao propósito;

e) ponto de vista de decisão – mostra, concomitantemente, o estatuto do locutor e o tipo de decisão que realiza o ato de enunciação.

Na terceira relação, a do locutor com terceiros, o sujeito falante se distancia de seu ato de enunciação, sem comprometer o interlocutor. O locutor testemunha a maneira cujos discursos do mundo se impõem a ele. Durante a enunciação do locutor surgem propósitos e textos que não pertencem a ele. Manifesta-se, então, um ponto de vista externo. É uma enunciação aparentemente objetiva. Diante disso, dois casos podem ocorrer:

a) o propósito se impõe a ele mesmo – ocorre, por exemplo, nas modalidades de evidência e de probabilidade; e

b) o propósito é um texto produzido por um outro locutor – isso ocorre no discurso reportado.

As três formas de posicionamento do locutor referidas acima são expressas no discurso a partir de escolhas de natureza discursiva e linguística, as quais são denominadas de “procedimentos de organização da lógica enunciativa”. Os procedimentos discursivos contribuem para colocar em cena os outros modos de organização. Tais procedimentos se encontram nos diferentes modos. No Modo Descritivo, podemos encontrá-los nos “efeitos de saber”, de “realidade/ficção”, de “confidência” e de “gênero”. No Modo Narrativo, percebemos os procedimentos discursivos nas formas de implicar o destinatário-leitor, nos modos de intervenção do narrador, no estatuto e nos pontos de vista adotados. E, no Modo Argumentativo, notamos aqueles procedimentos nos posicionamentos assumidos pelo sujeito que argumenta, como também nos valores dos argumentos expostos. Os procedimentos de natureza linguística, por meio dos processos de modalização do enunciado, expressam diferentes tipos de relação do ato enunciativo. Deste modo, abordaremos rapidamente, a seguir, o processo de modalização, o qual é importante no fenômeno da enunciação.

3.2.2.1. Modalização

Melo (2003), retomando Charaudeau (1983), afirma que a modalização resulta da organização do conjunto do enunciado com outros índices verbais ou paraverbais (entonação, gestos, olhares, pontuação) conforme as particularidades da situação comunicativa. A modalização é composta por atos enunciativos, os quais representam uma posição, um comportamento particular do locutor. Daí advém a denominação “atos locutivos”. Os atos locutivos se dividem em três: alocutivos, elocutivos e delocutivos. Nos atos alocutivos, percebemos a presença explícita do interlocutor no ato de enunciação, através de pronomes pessoais, de nomes próprios, ou de nomes comuns. São exemplos desses atos as modalidades como: a interrogação, a interpelação e o aviso. Já nos atos elocutivos, observamos a presença explícita do locutor, revelando sua posição no seu enunciado. Dentre as modalidades elocutivas, estão a promessa, a declaração e a opinião. Os atos delocutivos apresentam os enunciados na forma impessoal. Nestes atos, o locutor e o interlocutor não são identificados explicitamente.

As modalidades descritas acima “podem ser empregadas com a finalidade de se estabelecerem diferentes posicionamentos do locutor com relação ao dito e ao interlocutor, como também para exprimir diferentes atitudes por parte do ouvinte/leitor”. (MELO, 2003, p.62)

3.2.3. O Modo de Organização Argumentativo

O Modo Argumentativo permite a construção de explicações sobre asserções a respeito do mundo a partir de uma razão demonstrativa e de uma razão persuasiva.

A razão demonstrativa busca estabelecer relações de causalidade diversas entre as asserções através de procedimentos que compreendem a “organização da lógica argumentativa” (CHARAUDEAU, 2008, p.207).

A razão persuasiva “se baseia num mecanismo que busca estabelecer a *prova* com a ajuda de *argumentos* que justifiquem as propostas a respeito do mundo, e as relações de causalidade que unem as asserções umas às outras” (*ibid.*, p.207). Esse mecanismo ocorre através de “procedimentos de encenação discursiva”.

3.2.3.1. Organização da lógica argumentativa

3.2.3.1.1. Componentes da lógica argumentativa

A lógica argumentativa é composta por elementos de base, por modos de encadeamento, por modalidades e pelo escopo do valor de verdade. Vejamos alguns componentes separadamente.

3.2.3.1.1.1. Elementos de base da relação argumentativa

A relação argumentativa é composta de ao menos três elementos, a saber: uma asserção de partida (dado, premissa), uma (ou várias) asserção de passagem que permite passar de uma (A1) a outra (A2) e uma asserção de chegada (conclusão, resultado).

a) A asserção de partida (A1) – constitui um enunciado sobre o mundo que faz admitir uma outra asserção.

b) A asserção de chegada (A2) – “representa o que deve ser aceito em decorrência da asserção de partida (A1) e em decorrência da relação que une uma à outra” (CHARAUDEAU, 2008, p.209). O teórico afirma que sempre há uma “relação de causalidade” porque A2 pode representar a causa ou consequência de A1.

c) A asserção de passagem – a passagem de A1 a A2 se dá através de uma asserção que justifica a relação de causalidade que une a asserção de partida e a asserção de chegada.

Essa asserção (também denominada prova, inferência ou argumento) representa um “universo de crença”, que deve ser compartilhado pelos interlocutores envolvidos na argumentação, de modo a estabelecer a “prova” da validade da relação que une A1 e A2.

3.2.3.1.1.2. Modos de encadeamento

Pode ocorrer de alguns tipos de relações lógicas se inscreverem diretamente numa relação argumentativa, tomando um valor de causalidade.

Veamos então as articulações lógicas que podem se inscrever num modo de encadeamento geral de causalidade (CHARAUDEAU, 2008, p.211).

a) A conjunção – em “Parte de manhã bem cedo e não encontrarás engarrafamento na estrada”, a conjunção “e” expressa uma relação argumentativa, o que não ocorre na frase “João e Maria partiram de trem”, na qual o “e” tem um valor de adição.

b) A disjunção – acompanhada de uma negação expressa uma relação de causalidade: “Se você não terminar o dever, **então** não irá ao cinema esta noite”.

c) A restrição – esta operação expressa uma relação de causa e consequência, na qual a conclusão aguardada é substituída por uma asserção contrária: “Ele é inteligente [portanto poder-se-ia esperar que compreendesse], entretanto não compreende essas coisas”.

d) A oposição – opõe duas asserções: “**Enquanto alguns pensam** que somente a educação da população pode trazer uma resposta a este flagelo, **outros proclamam** que é necessário enfrentar a realidade”.

e) A causa – “essa operação se inscreve, evidentemente, numa relação de ‘causalidade explicativa’”.

f) A consequência – inscreve-se numa relação de “causalidade explicativa ou implicativa”. Pode ser representada por A1 **portanto (logo)** A2 ou **Se** A1, então A2.

g) A finalidade – “essa operação se inscreve numa relação de ‘causalidade explicativa’”. Essa operação pode ser expressa por A1 **para** A2.

Vale ressaltar que a relação argumentativa de causalidade depende do conteúdo semântico das asserções, das relações de sentido estabelecidas entre elas e do tipo de vínculo que há entre A1 e A2.

3.2.3.1.2. Procedimentos da lógica argumentativa: modos de raciocínio

A partir da combinação entre os componentes da lógica argumentativa, os modos de raciocínio organizam a lógica argumentativa em relação ao que chamamos de razão demonstrativa. Eles se inscrevem numa determinada encenação argumentativa e se combinam com os componentes dela.

Charaudeau (2008, p.214) elenca os seguintes modos de raciocínio:

- a) A dedução – “A1 e A2 estão numa relação de causalidade orientada da causa para a consequência”.
- b) A explicação – A2 representa aqui a origem, o motivo, a razão. A relação de causalidade é orientada da consequência para a causa.
- c) A associação – a relação de A1 e A2 é de contrário ou de identidade, podendo ser utilizado a Conjunção, a Causa ou a Consequência como modos de encadeamento.
- d) A escolha alternativa – “esse modo de raciocínio se inscreve num raciocínio dedutivo e explicativo”. Duas relações argumentativas são colocadas em oposição, dando a possibilidade de escolha ou evidenciando a incompatibilidade da união de ambas.
- e) A concessão restritiva – esse modo também se inscreve num raciocínio dedutivo. Aceita-se A1 mas, ao mesmo tempo, retifica a relação argumentativa. Ele é observado em situações de troca polêmica.

3.2.3.2. A encenação argumentativa

3.2.3.2.1. Componentes da encenação argumentativa

A argumentação é construída a partir de uma razão demonstrativa (lógica argumentativa), apresentada acima, e de uma razão persuasiva (encenação argumentativa).

A razão persuasiva depende do sujeito que argumenta e também da situação na qual se encontra diante do destinatário, a quem está ligado por um contrato de comunicação.

Para uma asserção ser argumentativa, é necessário que ela se inscreva num dispositivo argumentativo, ou seja, num quadro de questionamento que possa gerar um ato de persuasão.

3.2.3.2.1.1. O dispositivo argumentativo

É composto por três quadros: proposta, proposição e persuasão, que podem se superpor na configuração discursiva de uma argumentação. Caracterizemos cada um deles.

- a) Proposta – “uma ou mais asserções que dizem alguma coisa sobre os fenômenos do mundo (o que advém e o que é), através de uma relação argumentativa” (CHARAUDEAU, 2008, p.222). Também denominada Tese, “conclusão”, nos termos de Galinari (2007, p.223). Será essa denominação que utilizaremos em nossa análise.
- b) Proposição – surge de um quadro de questionamento que se baseia na possibilidade de pôr em causa a Proposta. Se o sujeito está em desacordo com a Proposta, então ele a põe em causa. Mas se ele não é nem a favor nem contra a Proposta, coloca-a em questão, não podendo engajar-se quanto à sua veracidade.
- c) Persuasão – evidencia um quadro de raciocínio persuasivo, o qual desenvolve uma das opções do quadro de questionamento: refutação, justificativa, ponderação.

3.2.3.2.2. Procedimentos da encenação argumentativa

O sujeito argumentante se vale de procedimentos, os quais servem a seu propósito de comunicação em função da situação e da sua percepção em relação a seu interlocutor. Tem-se então a encenação argumentativa.

Para atingir seu objetivo de persuasão, o sujeito argumentador se vale de procedimentos semânticos e discursivos, os quais, principalmente, têm o papel de validar uma argumentação.

3.2.3.2.2.1. Procedimentos discursivos

Os procedimentos discursivos consistem no uso de certas categorias da língua ou de outros procedimentos dos demais modos de organização para produzir efeitos de persuasão. Dentre estes procedimentos discursivos, Charaudeau (2008) cita a “definição”, a “comparação”, a “descrição narrativa”, a “citação”, a “acumulação” e o “questionamento”.

- a) Definição – segundo Charaudeau, a definição pertence à categoria de Qualificação e ao Modo Descritivo. Ela descreve os traços semânticos que caracterizam uma palavra em um certo contexto.

Na argumentação, a definição é utilizada com fins estratégicos. Ela produz um “efeito de evidência” e de “saber” do sujeito argumentador, mesmo quando não é uma

definição verdadeira, quando apenas aparenta. Aquele autor cita dois tipos de definição, são eles: “definição de um ser” e “definição de um comportamento”.

b) Comparação – na argumentação, a comparação é utilizada para reforçar a prova de uma conclusão ou de um julgamento, produzindo um “efeito pedagógico” (a comparação ajuda na compreensão) quando ela é objetiva ou um “efeito de ilusão” (desvia a atenção do interlocutor através de uma analogia que encobre a semelhança impedindo-o de verificar a validade da prova) quando a comparação é subjetiva.

c) Descrição narrativa – a descrição narrativa descreve um feito ou conta uma história para reforçar uma prova. Segundo Charaudeau, este procedimento pode desenvolver um raciocínio por analogia produzindo um “efeito de exemplificação”.

d) Citação – a citação se inclui no discurso reportado. Ela consiste em relatar, fielmente, proposições de um outro locutor, o que produz – na argumentação – um “efeito de autenticidade”. A citação testemunha um dizer, uma experiência, um saber.

e) Acumulação – neste procedimento, surgem vários argumentos para uma mesma prova.

f) Questionamento – este procedimento consiste em colocar em questão uma proposição, cuja realização depende da resposta (real ou suposta) do interlocutor. Ele tem um valor argumentativo de validação hipotética.

3.2.4. O Modo de Organização Descritivo

Segundo Charaudeau (2008), descrever corresponde a uma atividade linguageira, a qual se combina com duas outras: contar e argumentar. Em uma narração, as ações ganham sentido com as identidades e qualificações de seus personagens, ou seja, o descritivo concede sentido ao narrativo. As atividades “descrever” e “argumentar” se relacionam na medida em que a primeira atribui à segunda um determinado número de operações lógicas para classificar os seres e, a segunda só ocorre a propósito de seres que possuem uma certa identidade e qualificação. Conforme o teórico, o ato de descrever “consiste em ver o mundo com um ‘olhar parado’ que faz existir os seres ao nomeá-los, localizá-los e atribuir-lhes qualidades que os singularizam” (CHARAUDEAU, 2008, p.111).

O modo descritivo é um modo de organização do discurso composto por três tipos de componentes, os quais são concomitantemente autônomos e indissociáveis, são eles: “nomear”, “localizar-situar” e “qualificar”. Vejamos então cada um destes separadamente.

3.2.4.1. Nomear

Segundo Charaudeau (2008, p.112), “nomear é dar existência a um ser”, no termo de uma dupla operação: perceber uma diferença no contínuo do universo e simultaneamente relacionar esta diferença a uma semelhança, isso que constitui o princípio de classificação. O sujeito constrói e estrutura a visão do mundo.

Assim, nomear é uma operação que consiste em “fazer nascer” seres significantes classificando-os.

3.2.4.2. Localizar-situar

Consiste em determinar o lugar que um ser ocupa no espaço e no tempo. Este ser depende para a sua existência de sua posição espaço-temporal.

3.2.4.3. Qualificar

Conforme Charaudeau (2008, p.115), qualificar consiste em atribuir a um ser, explicitamente, uma qualidade que o caracteriza e o especifica, classificando-o dentro de uma subclasse.

A qualificação dá um sentido particular aos seres. Concomitantemente, ela testemunha o olhar que o sujeito falante tem sobre os seres e sobre o mundo, revelando, portanto, sua subjetividade. Porém, a visão do sujeito enunciador sobre o mundo depende não só de seus sentidos e sentimentos, como também da sua racionalidade. Deste modo, a qualificação pode ser objetiva ou subjetiva.

Charaudeau (2008, p.116) ressalta que o modo descritivo serve, principalmente, “para construir uma imagem atemporal do mundo”. Quando os seres são nomeados, localizados e qualificados, eles são, como poderíamos dizer, fixados sobre uma película para sempre.

3.2.4.4. Procedimentos discursivos

Os diversos componentes (ou atividades) do princípio de organização são empregados por um certo número de procedimentos discursivos:

- a) o componente *nomear* – faz com que um “ser seja”; suscita procedimentos de identificação;
- b) o componente *localizar* – faz com que um “ser seja lá” – alguma parte em um momento dado; suscita procedimentos de construção objetiva do mundo;

c) o componente *qualificar* – faz com que um “ser seja alguma coisa”, podendo ser realizada através de qualidades e comportamentos deste. Esta atividade ora suscita construção objetiva ora construção subjetiva do mundo.

3.2.4.4.1. A identificação

Este procedimento discursivo consiste em “fazer existir” os seres (podem representar referente material ou imaterial) do mundo nomeando-os com nomes comuns, que os individualizam e os incluem, ao mesmo tempo, numa classe pertencente – “identificação genérica”. Mas também, os seres podem ser nomeados a partir de suas peculiaridades, pela utilização de nomes próprios – “identificação específica”.

3.2.4.4.2. A construção objetiva do mundo

A construção objetiva busca construir uma “visão de verdade” sobre o mundo, qualificando os seres a partir de características que possam ser observadas por outro sujeito além do falante.

Na construção objetiva, os seres descritos existem independente da visão subjetiva do “descriptor” (em francês, *descripteur*). A “objetividade” depende de:

- a) uma “organização sistematizada” do mundo, a qual resulta de um ponto de vista científico sobre este;
- b) uma visão do mundo que possa ser dividida entre os membros de uma comunidade social.

3.2.4.4.3. A construção subjetiva do mundo

Na construção subjetiva, o sujeito falante, a partir de sua própria visão, descreve os seres e os comportamentos destes, os quais não são necessariamente verificáveis. O universo construído é orientado pelo imaginário pessoal do sujeito falante. O imaginário pode ser construído de dois modos:

- a) como resultado de uma “intervenção” pontual do “descriptor” a propósito da descrição do mundo. Esta intervenção deixa transparecer os sentimentos, os afetos e as opiniões do sujeito descriptor, o que, certas vezes, faz confundir o mundo descrito com os estados d’alma do descrevente. Denominamos isso de “descrição subjetiva”.
- b) como construção de um mundo “mitificado” pelo descriptor, mundo que aparece unificado no imaginário simbólico. Este pode estar “ancorado” numa certa realidade. Charaudeau (2008) denomina isso de “descrição ficcional”.

3.2.4.4.5. Alguns efeitos da descrição

Ao descrever um ser, o sujeito falante pode gerar alguns efeitos, dentre eles estão:

- a) *efeito de saber*: pode ser produzido quando o sujeito falante enumera identificações e qualificações que o sujeito leitor desconhece. Cria-se uma imagem de quem descreve como sábio, o qual conhece o mundo em seus pormenores através de observação sistemática ou estudo científico. A apresentação dos detalhes é utilizada para gerar a “prova da veracidade” do relato ou da argumentação;
- b) *efeito de realidade e ficção*: esses efeitos constroem uma dupla imagem de quem descreve, que estará no exterior ou no interior do mundo descrito;
- c) *efeito de confiança*: ocorre a partir de uma intervenção explícita ou implícita do sujeito que descreve, que é levado a exprimir sua apreciação pessoal. Deste modo, o dispositivo enunciativo da descrição é alterado com a colaboração de parênteses, reflexões pessoais ou de caráter geral (provérbios, máximas), comparações etc.

3.2.5. O Modo de Organização Narrativo

Para Charaudeau (2008, p.153), a narrativa se desenvolve a partir de um “contador”, também denominado narrador, escritor, testemunha, o qual possui uma intenção de querer transmitir alguma coisa a alguém (leitor, espectador, ouvinte).

O Modo de Organização Narrativo se caracteriza por uma dupla articulação:

- a) a construção de uma sucessão de ações segundo uma lógica acional, constituindo a trama de uma história. Tem-se, deste modo, a organização da lógica narrativa;
- b) a realização de uma representação narrativa, transformando a história e sua organização acional num universo narrado. Essa articulação é denominada organização da encenação narrativa.

Atentaremos aqui para a segunda articulação, a encenação narrativa.

3.2.5.1. Encenação narrativa

3.2.5.1.1. Componentes da encenação narrativa

A encenação narrativa é composta de um dispositivo narrativo e de “parceiros” e “protagonistas” da encenação narrativa. Vejamos cada um desses componentes.

3.2.5.1.1.1. Dispositivo narrativo

O dispositivo narrativo compreende um espaço externo e um espaço interno.

a) espaço externo ao texto – neste espaço, há dois parceiros da troca linguageira: autor e leitor “reais”, seres de identidade social, sujeito falante e sujeito receptor-interpretante, respectivamente.

b) espaço interno ao texto – neste espaço, encontram-se dois sujeitos da narrativa: o narrador e o leitor-destinatário, seres de identidade discursiva, enunciador e destinatário, respectivamente.

3.2.5.1.1.2. Parceiros e protagonistas da encenação narrativa

a) Autor/Leitor real

O autor pode apresentar duas identidades: (1) ser um indivíduo comum, ter uma biografia pessoal, não necessariamente pública ou (2) possuir uma identidade que desempenha um papel social particular, o de escritor. Na primeira identidade, tem-se um autor-indivíduo. Ele pode ser personagem da narrativa ou testemunha de uma história vivida. O autor-indivíduo convoca o leitor real a receber e, algumas vezes, conforme a sua própria experiência, a verificar a veracidade dos fatos.

Na segunda identidade, o autor-escritor possui uma biografia pública de autor por ter escrito livros. O projeto de escritura depende de suas experiências individuais e coletivas obtidas no “mundo das práticas da escritura”. O escritor é testemunha de seu próprio ato de escritura.

b) Narrador/Leitor-destinatário

O narrador, ser de papel ou de fala, possui somente a identidade anônima que lhe confere o papel de “sujeito que conta”. Este papel pode ser desempenhado de dois modos:

1) um historiador que organiza a história contada de maneira mais objetiva, mais próxima dos fatos da realidade, a partir de arquivos, documentos e testemunhos. Tem-se um narrador-historiador.

2) um contador que organiza a história contada a partir de um mundo inventado, criado por seu organizador. Ele é denominado narrador-contador.

3.2.5.1.2. Procedimentos de configuração da encenação narrativa

Esses procedimentos, através dos quais os componentes da encenação narrativa se manifestam, dizem respeito à identidade, ao estatuto e aos pontos de vista do narrador textual.

3.2.5.1.2.1. Intervenções e identidades do narrador

A partir do estudo do dispositivo da encenação narrativa, podemos visualizar os vários sujeitos, cada um possuindo uma identidade e desempenhando um papel.

Veremos a seguir os procedimentos de surgimento e identificação dos diferentes tipos de sujeitos.

3.2.5.1.2.1.1. Presença e intervenção do autor-indivíduo

A narrativa pode apresentar marcas discursivas remetendo ao contexto sócio-histórico contemporâneo do autor ou ao pensamento deste.

Esse procedimento de presença (intervenção) do narrador-autor-indivíduo pode, conforme Charaudeau (2008, p.189), suscitar um “efeito de verismo” e/ou apelo ao leitor a compartilhar de um pensamento ou de uma experiência vivida.

O autor-indivíduo pode se dirigir ao leitor explicitamente, apresentando-se de diversas maneiras:

- a) como um cronista, observador e testemunha de sua época – através de indicadores espaciais, indicadores temporais e datas;
- b) como um contador-testemunha de sua própria vida, ou dos momentos de sua vida ; e
- c) ou o caso de outras narrativas em primeira pessoa que não são autobiográficas.

3.2.5.1.2.1.2. Presença e intervenção do narrador-historiador

A narrativa contém marcas que fazem o narrador se assemelhar a um historiador. A partir de documentos e testemunhos, ele fica protegido de todo subjetivismo. Assim, esse procedimento, nos termos de Charaudeau, “dá cobertura” ao narrador, fazendo crer que ele se apaga por detrás dos fatos.

3.2.5.1.2.1.3. Presença e intervenção do narrador-contador

O narrador que conta a história de outrem fica “apagado”, o que não quer dizer ausente (a organização da narrativa indica a sua presença), porém ele pode revelar-se no desenvolvimento da narrativa, guiando o leitor. Essa manifestação do narrador pode ocorrer das seguintes formas:

- a) explicitamente através de pronomes pessoais (nós, eu) ou através de termos como “narrador” e “romancista”, recapitulando momentos; conduzindo o leitor aos próximos momentos;
- b) implicar diretamente o leitor através da palavra “leitor” ou através de pronomes pessoais referindo a ele;

c) chamar discretamente o leitor-destinatário a compartilhar, através de enunciados que possuem um valor de reflexão geral, de seus pensamentos, de seus julgamentos e de suas opiniões.

d) evidenciar através de algumas palavras ou enunciados que ele (narrador) se distancia das personagens e dos acontecimentos da narrativa. Essa distância (irônica às vezes) pode ser solicitada ao leitor também.

3.2.5.1.2.2. O estatuto do narrador

A determinação do estatuto do narrador procura responder à questão “quem conta a história de quem?” O narrador é observado como a “instância que conta”.

Assim, surgem três categorias ligadas a três fatos, a saber: o narrador conta a história de um outro; ele conta a história da qual é personagem central; e há muitos narradores.

3.2.5.1.2.2.1. O narrador conta a história de um outro

O narrador e o personagem principal são seres diferentes. Assim, o primeiro conta a história em terceira pessoa.

O narrador pode produzir efeitos de realidade ou de ficção; contar a história no presente ou no passado, suscitando um efeito de atualização ou um efeito de distanciamento, respectivamente.

Nesta categoria, o narrador pode ter dois estatutos:

- a) o narrador é totalmente exterior – como personagem, é totalmente ausente; e
- b) o narrador se apresenta como testemunha dos acontecimentos contados – ele se expressa em primeira pessoa (eu ou nós) como testemunha ou participante “involuntário” da história, mantendo o “princípio de delocutividade” (uso da terceira pessoa). O “eu” é um narrador interno à narrativa.

3.2.5.1.2.2.2. O narrador conta a sua própria história

O narrador, o personagem principal, o herói é o mesmo ser. A história é contada em primeira pessoa.

Três casos podem ser expostos:

- a) O narrador é o porta-voz do autor-indivíduo-escritor – narrador e indivíduo-escritor são seres distintos, no entanto, são confundidos;
- b) O narrador não é o porta-voz do autor-indivíduo-escritor; e

c) O narrador-personagem, herói da história, é ao mesmo tempo o autor-indivíduo e um indivíduo fictício – alguns índices levam o leitor a supor que o herói da história, em parte, coincide com o autor-indivíduo e que procede, em parte, da imaginação do autor-escritor. A ambiguidade produz uma certa fascinação.

3.2.5.1.2.2.3. Existem muitos narradores

A narrativa é uma integração de histórias. Há um narrador primário, o autor-escritor, o qual domina o conjunto do texto; e um (ou mais) narrador secundário cuja história se integra a do narrador primário.

Nesta categoria, dois casos podem ser destacados:

- a) o narrador primário relata a narrativa de um outro narrador que foi a testemunha de uma história – o narrador primário pouco intervém na narrativa primária; e
- b) o narrador primário relata a(s) narrativa(s) de um outro narrador – o narrador secundário é o personagem principal (herói da história) da história que conta e o narrador primário intervém explicitamente na realização do dispositivo da narração.

3.2.5.1.2.3. Os pontos de vista do narrador

Charaudeau (2008, p.199) distingue dois pontos de vista, a saber:

- a) ponto de vista externo, objetivo: refere-se ao ponto de vista do narrador em relação à exterioridade do personagem, suas características físicas, as quais podem ser verificadas (por isso o termo objetivo) por um outro sujeito diferente do narrador; e
- b) ponto de vista interno, subjetivo: trata-se do ponto de vista do narrador sobre o interior do personagem – sentimentos, pensamentos, impulsos interiores –, os quais podem ser percebidos de modo diferente conforme o sujeito que avalia (por isso o termo subjetivo).

3.3. *Pathos*: Argumentação pela emoção

O estudo do *pathos* foi negligenciado, por certo tempo, durante o desenvolvimento das ciências da linguagem, sendo considerado por algumas abordagens como um “desvio” da argumentação.

Hoje, conforme Kerbrat-Orecchioni (2000), as emoções estão, incontestavelmente, “na moda”: elas invadem a mídia, são reconhecidas como um elemento fundamental da racionalidade e da adaptação no mundo. Elas também estão no “coração” de várias reuniões científicas, organizadas por especialistas de diferentes áreas, inclusive por especialistas das ciências da linguagem.

Galinari (2007, p.227) vai ao encontro de Kerbrat-Orecchioni ao afirmar que “as emoções têm voltado mais e mais ao centro das inquietações teóricas”, procurando entender, principalmente, a gestão dos afetos nas relações sociais.

Retomaremos o *pathos* aqui não como um “vício” ou “desvio”, mas “como uma dimensão integrante das provas persuasivas ou como efeitos discursivos pretendidos, a partir de determinados usos da linguagem ou componentes das estratégias discursivas” (MENEZES, 2007, p.317).

Partiremos da definição de Aristóteles, com o qual compartilhamos o conceito apresentado. Conforme Aristóteles (2007), o *pathos* é uma prova retórica pela qual o orador suscita emoções no auditório para alcançar a persuasão.

Na direção do filósofo grego, Amossy (2000, p.170) define o *pathos* como “o sentimento suscitado no alocutário”.

Compartilhando com a noção de *pathos* dos autores acima, Plantin (2000) conceitua essa prova retórica como uma construção discursiva da emoção que o locutor pretende provocar no interlocutor, tocando o coração, o que poderá levá-lo a adesão de uma tese ou a adotar algum comportamento.

Menezes (2007, p.319) compreende o *pathos* como paixões, sentimentos, emoções e afetos. Também não faremos distinções entre estes termos em nosso trabalho. Para o autor, eles devem ser vistos como “estratégias persuasivas na busca de efeitos possíveis em determinada relação comunicativa”. Consideraremos aqui o *pathos* como a argumentação pela emoção.

Galinari (2007) também percebe o *pathos* como um meio estratégico de suscitar emoção no interlocutor com fins persuasivos. Para o autor, essa prova retórica é “uma tentativa, uma expectativa ou uma possibilidade contida nos discursos sociais, no sentido de despertar algum sentimento no alocutário.” (*ibid.*, p.229)

Charaudeau (2010, p.35), ao tratar a emoção sob o ponto de vista discursivo, utiliza o termo “patemização”, diferenciando esse objeto do de outras disciplinas, como a psicologia e a sociologia.

Nessa perspectiva, as representações patêmicas são socio-discursivas. Uma representação pode ser considerada patêmica quando ela descreve uma situação a propósito da qual um julgamento de valor coletivamente partilhado e instituído em norma social envolve um actante que é um ser beneficiário ou vítima e ao qual o sujeito da representação se encontra ligado.

Acreditamos, como Charaudeau (*op.cit.*), ser possível estudar a emoção sob a perspectiva de um estudo linguageiro, considerando essa abordagem através de uma situação de comunicação particular, no nosso caso, o discurso religioso.

Passemos então a falar do efeito patêmico, conforme Charaudeau, em quem, sobretudo, nos pautaremos.

3.3.1. O efeito patêmico e suas estratégias

Charaudeau (2010, p.39) propõe que a patemização seja tratada discursivamente como uma categoria de efeito que se opõe a outros efeitos como o efeito cognitivo, pragmático, etc. Como toda categoria de efeito depende das circunstâncias em que aparece, ou seja, a organização do universo patêmico depende da situação social e cultural na qual se inscreve a troca comunicativa. Assim, um mesmo enunciado pode produzir diferentes efeitos patêmicos e esses vão variar conforme a cultura. Ele ressalta que a Análise do Discurso considera a emoção como efeito visado, sem jamais ter garantia do efeito produzido.

Para Charaudeau (2010), o efeito patêmico depende de três tipos de condição:

- 1) que o discurso produzido se inscreva num dispositivo comunicativo cujos componentes (sua finalidade e os lugares que são atribuídos antecipadamente aos parceiros da troca) predisponham ao surgimento de efeitos patêmicos;
- 2) que o campo temático sobre o qual se apóia o dispositivo comunicativo preveja a existência de um universo de patemização e proponha uma certa organização dos tópicos (imaginários sociodiscursivos) susceptíveis de produzir tal efeito;
- 3) que, no espaço de estratégias deixado disponível pelas restrições do dispositivo comunicativo, a instância de enunciação utilize uma encenação¹⁶ discursiva com finalidade patemizante.

O efeito patêmico pode ser obtido pelo emprego de certas palavras que podem remeter ao universo emocional, mas também por enunciados em que essas palavras não são utilizadas. Ou seja, o efeito patêmico pode ser obtido por um discurso explícito e direto (“cólera”, “angústia”), na medida em que as próprias palavras dão uma tonalidade patêmica, ou de forma implícita e indireta (“assassinato”, “vítimas”) (CHARAUDEAU, 2010; GALINARI, 2007).

¹⁶ Tradução para a expressão *mise en scène*.

Também para Amossy (2000, p.178), o *pathos* pode se manifestar através da menção verbal do sentimento, sendo algumas vezes direta (“cada um tem medo”), outras vezes, indireta (“eu emagreci a olhos vistos”). A emoção mencionada literalmente pode ser atribuída ao locutor ou de quem se fala. Assim, conforme a autora, o discurso contará com um “efeito de contágio” (em francês, *effet contagion*), porém um efeito não garantido. O auditório será levado a compartilhar o sentimento do orador ou então de quem está sendo descrito. A identificação pode ocorrer através da menção de sentimentos provados/experimentados (explícito) ou através da sugestão de sentimentos por meios verbais mais ou menos indireto (implícito).

Na mesma direção, Menezes (2007, p.319) afirma que os afetos podem se manifestar através de um “léxico das paixões” (palavras como medo, dor, dentre outras) e também por formas diversas utilizadas em situações nas quais se compartilham as emoções.

A construção discursiva do sentido como construção de efeitos intencionais visados depende das inferências que podem produzir os parceiros do ato de comunicação e essas inferências dependem do conhecimento que os parceiros possam ter da situação de comunicação.

Segundo Charaudeau (2010, p.35), há uma dupla enunciação de efeito patêmico:

- 1) uma enunciação da expressão patêmica, a qual pode ser ao mesmo tempo elocutiva e alocutiva que visa a produzir um efeito de patemização seja pela descrição ou manifestação do estado emocional no qual o locutor se encontra (“tenho medo”), seja pela descrição do estado emocional no qual o outro deveria se encontrar (“não tenha medo!”);
- 2) uma enunciação da descrição patêmica, enunciação que propõe ao destinatário a narrativa (ou um fragmento) de uma cena dramatizante susceptível de produzir um certo efeito. Nesse caso, o efeito patêmico é construído por uma *construção identitária* entre os interlocutores, ou seja, depende do elo que se supõe unir o destinatário à situação descrita e aos protagonistas (CHARAUDEAU, 2010; PLANTIN, 2010).

Na primeira enunciação, o efeito patêmico ocorre através de uma construção identitária. O efeito e a intensidade dependem da relação identitária e do jogo interlocutório entre os interlocutores. Na segunda, o efeito patêmico se estabelece por meio de uma identificação-projeção proposta ao destinatário, dependendo da suposta relação que une projetivamente o destinatário à situação descrita.

Os procedimentos sintáticos, como, por exemplo, a “ordem das palavras”, as “frases exclamativas”, as “interjeições” podem suscitar emoções no auditório. Retomando a retórica antiga, autores como Plantin e Amossy ressaltam que a exclamação ou a interjeição permitem com que o orador, ao se expressar, compartilhe a dor, por exemplo, com o seu auditório. Isso evidentemente depende da situação de discurso (AMOSSY, 2000; PLANTIN, 2010). Além desses procedimentos, Amossy cita as marcas estilísticas – “ritmo”, “ênfase”, “repetições” –, nas quais a emoção pode ser traduzida e também ser comunicada.

Galinari (2007, p.233) também ressalta que a afetividade no discurso pode ser suscitada através da “ordem ou combinação das palavras”, das “repetições”, do “ritmo”, da “entonação”. O ritmo, a entonação já eram considerados por Aristóteles fatores capazes de produzir diversas emoções. Posteriormente, foram retomados por Amossy, Charaudeau, Galinari como recursos de efeito patêmico.

Conforme Kerbrat-Orecchioni (2000, p.40), também a “metáfora” pode favorecer a promoção de um efeito patêmico no discurso. Vários autores, dentre eles, Amossy (2000), relacionam conotação e valor afetivo.

3.3.2. As várias emoções

Aristóteles (2007, p.82) define emoções como “todos aqueles sentimentos que tanto alteram os homens como afetam seus julgamentos, e que são acompanhadas também pelo prazer e pela dor”. Podem ser: raiva, compaixão, medo e seus opostos, respectivamente.

Charaudeau (2010, p.48), para tratar de tais emoções, utiliza o termo “grandes tópicos” (imaginários sociodiscursivos), também trabalhando os opostos: a tópica da angústia e seu oposto, a esperança, pertencendo ainda a esta tópica sentimentos derivados como: o “medo”, o “terror”; e ao seu oposto, a esperança, sentimentos derivados como, por exemplo, a confiança.

Definiremos algumas a seguir.

3.3.2.1. Medo

Conforme Aristóteles (2007, p. 93), o medo é “uma dor ou distúrbio de uma imagem mental de algum mal destrutivo ou doloroso que possa ocorrer no futuro”.

O medo é provocado por algo que tenha grande poder de destruição ou que tenha o poder de causar grande dor. Porém, se não acreditamos que uma situação terrível irá

suceder conosco não tememos a tal situação. As coisas terríveis, por sua característica em si, sugerem que elas estão próximas.

Para o filósofo grego, o orador deve, quando amedrontado, fazer o auditório se sentir em perigo iminente de algo, apontando que isso aconteceu com pessoas mais fortes ou iguais, em momento inesperado.

O oposto do medo é a confiança, sobre a qual falaremos agora.

Charaudeau (2010, p.50) não define o “medo”, sentimento pertencente à tópica da angústia, que, para o autor, trata-se de um “estado de espera desencadeada por um actante-objeto desconhecido”. Então, utilizaremos o conceito de Aristóteles.

3.3.2.2. Confiança

“É a expectativa associada à imagem mental do que está mais próximo daquilo que nos mantém a salvo, privados ou distantes daquilo que é terrível” (ARISTÓTELES, *op. cit.*, p.95).

Ela pode se manifestar pela presença próxima do que traz confiança ou da ausência do que provocaria o “alarme”. A confiança pode se manifestar também quando acreditamos que muitas vezes obtivemos o sucesso e nunca o fracasso; ou quando encontramos o perigo, mas escapamos com segurança. Ela se manifesta ainda quando nada aterroriza outras pessoas como nós, ou pessoas mais fracas do que nós, ou pessoas que consideramos mais fortes do que nós.

Charaudeau aponta a “confiança” como um sentimento derivado pertencente ao oposto da angústia, ou seja, “esperança”, que, para o autor, trata-se da “espera de um benefício” (CHARAUDEAU, 2010, p.50). Este autor não apresenta uma definição de “confiança”.

3.3.2.3. Amizade

O sentimento de amizade se revela quando alguém, pensando nas coisas boas para si, sendo do interesse do *outro*, está disposto a proporcionar a este tais coisas.

O amigo é aquele que compartilha nossos prazeres naquilo que é bom e a dor no que é desagradável. Assim, “somos amigos de quem nos trata bem, isto é, tanto a nós como àqueles de quem cuidamos, seja em aspecto amplo, ou prontamente, ou em alguma crise em particular, desde que seja para o nosso próprio interesse” (ARISTÓTELES, 2007, p.90).

O amigo não tem vergonha, numa situação convencionalmente errada, do outro. Assim, conforme Aristóteles, quem sente vergonha não ama e aquele que não sente vergonha se parece com o que ama. Também amamos os homens que não nos inspiram medo e/ou desconforto.

Enfim, a amizade apresenta diversas formas, tais como: companheirismo, intimidade, afinidade, etc.

Definidas as categorias de análise conforme os teóricos selecionados para a nossa pesquisa, então, podemos iniciar a nossa análise. Porém, antes, apontaremos algumas características da igreja Católica e da igreja Assembleia de Deus.

4. APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DE ANÁLISE

4.1. Católicos e assembleianos: características gerais

4.1.1. A Igreja Católica

O termo “católico” exprime universal, termo esse adotado pela igreja que possui aproximadamente 2000 anos. A escolha desse termo se deve ao objetivo de “levar a Boa Nova do Evangelho a todos os povos”¹⁷.

No Brasil, logo no descobrimento¹⁸, ela já se fez presente através de jesuítas, que procuravam catequizar os índios; criaram-se paróquias, dioceses; surgiram também os colégios. Assim, ela teve influência aqui desde o período colonial.

Até meados do século XVIII, o Estado controlou a atividade eclesiástica na colônia, sustentando a igreja Católica e impedindo a entrada de outras religiões. A tentativa de escravização dos índios provocou confronto entre colonos e religiosos, o que provocou a expulsão dos jesuítas do Brasil pelo marquês de Pombal.

Após a Proclamação da República, ocorreu a separação entre Estado e Igreja, obtendo assim o Brasil a liberdade religiosa.

Na década de 30, Getúlio Vargas incentivou a Igreja a valorizar a identidade cultural brasileira, o que favoreceu a expansão da base social da Igreja Católica para as classes médias e camadas populares. Por conseguinte, a Igreja apoiou a Ditadura do Estado Novo.

Em 1952, foi criada a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) por dom Hélder Câmara com objetivo de coordenar a ação da Igreja.

Na década de 60, sob a influência da Teologia da Libertação (movimento formado por religiosos e leigos que interpreta o Evangelho sob o prisma das questões sociais), a Igreja atuou em setores sociais através das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

Em 1964, instalada a ditadura, inúmeros católicos lutaram contra a repressão, gerando desentendimentos entre Estado e Igreja.

A partir dos anos 80, com o pontificado de João Paulo II, teve início o processo de romanização, o qual representou um controle da atividade e do currículo dos

¹⁷ Definição dada por um padre na entrevista realizada para o desenvolvimento da pesquisa de Castro & Melo (2007).

¹⁸ Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/catolicismo/catolicismo-1.php> Acesso em: 28 mar. 2010.

seminários pelo Vaticano. Pretendia-se impedir a expansão e a influência da Teologia da Libertação nos seminários.

Os números e os dados históricos nos levam a constatar que o catolicismo é o maior e o mais antigo ramo do cristianismo como igreja organizada.

A Igreja Católica considera santos os cristãos que foram mártires ou que realizaram algum milagre, sendo, portanto, canonizados, o que constitui a doutrina da Igreja. Tais santos passaram a ser venerados e considerados os intermediários entre os homens e Deus. Maria seria a maior intermediária, a qual é assumida pelos católicos como uma mulher que nasceu sem pecado e concebeu um filho sendo virgem. Ainda teria ascendido aos céus viva – um dos dogmas da Igreja Católica.

O principal ato litúrgico católico é a missa, que tem como parte principal a Eucaristia, momento em que o fiel ingere uma hóstia de trigo embebida ou não em vinho, que, conforme a liturgia, estão transubstanciados no próprio corpo e no sangue de Jesus Cristo.

Além da Eucaristia, há outros sacramentos, tais como: o batismo (ingresso na fé e na comunidade da Igreja com a unção do Espírito Santo, habitualmente no recém-nascido), crisma (confirmação do batismo e da fé), penitência ou confissão, casamento, ordenação e unção dos enfermos.¹⁹

4.1.2. A Igreja Assembleia de Deus

A Igreja Assembleia de Deus se integra ao grupo pentecostal clássico, grupo esse que chegara ao Brasil na primeira década do século XX (CAMPOS JR., 2009). Vale destacar primeiramente a origem e as características desse grupo.

Segundo Mariano (2010), o movimento pentecostal nasceu nos EUA, herdeiro do metodismo wesleyano e do movimento *holiness*, e se baseia na Bíblia, mais especificamente, em Atos 2, pregando a contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, dos quais emergem os dons de línguas (glossolalia), cura e discernimento de espíritos. Conforme Rolim (1987, p.7), “o centro do pentecostalismo é o batismo no Espírito Santo”, batismo considerado não como rito, mas como “uma presença toda especial do Espírito Santo”. Os pentecostais acreditam que Deus, através do Espírito Santo e em nome de Jesus, age hoje do mesmo modo que no cristianismo primitivo, ou seja, ainda cura enfermos, expulsa demônios, distribui bênçãos e dons espirituais, realiza milagres,

¹⁹ Ver nota 16.

dialoga com seus servos, evidenciando “Seu supremo poder e inigualável bondade” (MARIANO, 2010, p.10).

Daniel Berg e Gunnar Vingren, dois suecos que haviam emigrado da Suécia para os Estados Unidos, entraram em contato com essas ideias e logo foram batizados no Espírito Santo. Posteriormente um amigo narrou-lhes um sonho, do qual Gunnar e Berg eram personagens e aparecia o termo “Pará”. “Após uma semana de oração convenceram-se quanto ao destino a tomar”: Pará, no Brasil. Então, chegaram a Belém do Pará no dia 19 de novembro de 1910. Daniel e Gunnar foram recebidos pelo missionário Erick Nelson, pertencente à igreja Batista, que os ofereceu o porão da igreja e os convidou para cooperarem no trabalho (OLIVEIRA, 1998, p.34). Congregaram-se à igreja Batista, mas suas ideias pentecostais não foram aceitas. Afastaram-se e fundaram a igreja Assembleia de Deus, em junho de 1911. Segundo Oliveira (1998, p.39), “no sufocante porão da Igreja Batista da Rua João Balby, 406, nasceria a maior comunidade pentecostal da história”.

A Igreja Assembleia de Deus se caracteriza pelo anticatolicismo, pela ênfase na crença no Espírito Santo, por um sectarismo radical e por um ascetismo que rejeita os valores do mundo e defende a plenitude da vida moral.

Em um mundo em transformações que frequentemente modifica suas premissas e valores, os assembleianos acreditam que os princípios absolutos do Evangelho do Senhor Jesus Cristo permanecem inabaláveis, evidenciando o propósito divino para a humanidade. Têm a Bíblia como a revelação de Deus, dada a santos homens por inspiração do Espírito Santo e a reconhecem como autoridade única e infalível quanto a fé e conduta. Dessa divisa deriva a Declaração de Fé que consta 14 pontos doutriniais, publicados e praticados pelas Assembleias de Deus no Brasil. Dentre esses pontos²⁰, estão a crença:

- 1) Em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo (Dt 6, 4; Mt 28, 19; Mc 12, 29);
- 2) Na pecaminosidade do homem que o destitui da glória de Deus, e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo é que pode restaurá-lo a Deus (Rm 3, 23 e At 3, 19);
- 3) No juízo vindouro que recompensará os fieis e condenará os infieis;

²⁰ Disponível em: <http://www.assembleia.org.br/> Acesso em: 28 mar. 2010.

4) E na vida eterna de gozo e felicidade para os fieis e de tristeza e tormento para os infieis (Mt 25, 46).

4.2. As cerimônias católica e assembleiana

4.2.1. A Missa

A Missa ou Celebração da eucaristia é a principal celebração religiosa da igreja Católica (CECHINATO, 2004).

Os participantes da missa são: o padre (celebrante ou presidente da celebração ou presidente); dois comentaristas – pessoas que compõem a equipe de liturgia, grupo responsável pelas leituras da celebração –; a assembleia, termo utilizado por Cechinato (2004), para se referir ao público ou fieis presentes na missa; um coral; ministros da eucaristia, que ajudam na Preparação das Oferendas e na Distribuição da Comunhão; e alguns representantes da comunidade que participam da Procissão das Oferendas.

A Missa analisada foi gravada em dois de maio de 2009, sábado, às 18 horas. Teve uma duração de, aproximadamente, uma hora e treze minutos. Trata-se de uma celebração do quarto domingo da Páscoa. Ela apresenta a estrutura que caracteriza todas as Missas, ou seja, pode ser dividida em quatro (4) partes: Ritos Iniciais, Liturgia da Palavra, Liturgia Eucarística e Ritos Finais (CECHINATO, 2004, p.11).

Vejamos separadamente como se estrutura cada parte na missa gravada para o desenvolvimento da análise proposta.

4.2.1.1. Ritos Iniciais

Os Ritos Iniciais se subdividem em:

a) Monição Ambiental – na missa gravada, um comentarista pronuncia as intenções da celebração²¹. Também anuncia-se nesse momento o que se celebra – “O Cristo ressuscitado que vem ao nosso encontro, um bom pastor que doa a sua vida por amor” – e se convida o público (identificado como “assembleia”) a se encontrar com o “bom pastor” para renovar a fé, a esperança e a caridade através da Liturgia da Palavra e da Comunhão Eucarística. Ao final, o comentarista menciona que os católicos se unem, no dia, para rezar pelas vocações religiosas e sacerdotais.

b) Canto de entrada e sinal da cruz – durante este canto, o padre, acompanhado dos ministros, caminha em direção ao altar. Inclina-se diante do altar e beija-o. O beijo é

²¹ Essas intenções geralmente ocorrem no momento da Oração Coleta, mas podem também aparecer nos Ritos Iniciais.

para o Cristo. Em seguida, o padre invoca a Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo), fazendo com o público o sinal da cruz. Os fieis respondem amém.

c) Acolhida e Saudação – o padre deseja “que a graça do Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco!”. A assembleia responde à forma litúrgica: “Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo”.

d) Ato Penitencial – “convite para cada um olhar dentro de si mesmo diante do olhar de Deus. Reconhecer e confessar os ‘seus’ pecados, e não os pecados dos outros”. (CECHINATO, 2004, p.40). Antes de o padre convocar os fieis à confissão, ele explica o que é celebrado no dia. Em seguida, o padre convida a assembleia a pedir misericórdia a Deus. Então a assembleia pronuncia a seguinte fórmula litúrgica: “Confesso, ó Deus todo-poderoso, e a vós, irmãos e irmãs, que pequei muitas vezes por pensamentos e palavras, atos e omissões por minha culpa, minha tão grande culpa. Te peço, ó virgem Maria, aos anjos e santos e a vós, irmãos e irmãs, que rogueis por mim ao nosso Senhor”. O celebrante concede outra fórmula: “Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza a vida eterna”. Padre e assembleia fazem ainda uma prece (Senhor, tende piedade de nós!/Cristo, tende piedade de nós!) alternadamente.

e) Hino de Louvor – na missa gravada, foi recitado o “Glória” (hino oficial da Liturgia), o qual também pode ser cantado. Os fieis, já perdoados por Deus, louvam o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O hino expressa a alegria dos fieis de serem filhos de Deus.

f) Oração “Coleta” – reúne, numa só oração, todas as orações da assembleia (CECHINATO, 2004, p.46). Inicia com o “Oremos” seguido de pausa que, segundo Cechinato, “é o convite do Presidente da Celebração para que todos os presentes se coloquem em oração” durante o silêncio. Após o “Oremos”, costuma-se dizer as intenções da missa, as quais foram, no dia gravado, mencionadas no início da Celebração. Nesta oração, o padre ergue as mãos, invoca Deus, no nome de Jesus, e pede que Este conduza todos (assembleia e celebrante) à comunhão das alegrias celestes a fim de que o “rebanho” atinja a “fortaleza do pastor”. A assembleia diz “Amém!” quando ele termina. Ao responder “Amém!”, os fieis estão expressando que aquela oração também é sua. Durante toda a primeira parte da missa, todos permanecem em pé.

Passemos para a segunda parte da Celebração.

4.2.1.2. Liturgia da Palavra

Nesse momento, todos se assentam. Em seguida, ocorrem os seguintes “momentos”:

- a) Monição para a Primeira Leitura – um comentarista resume a leitura que será feita. Na missa gravada, não houve essa subparte.
- b) Proclamação da Primeira Leitura – um outro comentarista lê uma passagem da Bíblia. Leu-se no dia da gravação da missa o livro dos Atos dos Apóstolos, capítulo 4, versículo 8 a 12.
- c) Salmo Responsorial – é uma resposta à mensagem proclamada. O Salmo pode ser cantado ou recitado. Na missa gravada, o Salmo teve as estrofes recitadas e o refrão cantado.
- d) Monição para a Segunda Leitura – um comentarista resume a leitura. Assim como a Monição para a Primeira Leitura, a Monição para a Segunda Leitura não ocorreu.
- e) Proclamação da Segunda Leitura – o primeiro comentarista lê a Primeira carta de São João, capítulo 3, versículos 1 e 2.
- f) Monição para o Evangelho – faz-se um “comentário” sobre o Evangelho e um convite à assembleia a aclamar o Evangelho. Na Celebração gravada, esse momento não ocorreu.
- g) Canto de Aclamação ao Evangelho – representa aplausos para o Senhor que irá falar. Todos se erguem para cantar.
- h) Proclamação do Evangelho – o padre saúda a assembleia e ela responde. Ainda de pé, o público escuta a Palavra de Deus. O padre lê, no dia, João, capítulo 10, versículo 11 ao 18. Ao final, os fieis dizem “Amém”.
- i) Homilia ou Explicação – aqui, a assembleia se assenta e o padre faz sua pregação em pé. Ele comenta o que se está celebrando; faz uma reflexão sobre o Bom Pastor, sua missão e os deveres das “ovelhas”, procurando defender algumas teses, como, por exemplo, “Deus é o nosso pastor”.
- j) Profissão de Fé – o Presidente inicia a oração do “Credo”, logo todos (padre e fieis) rezam juntos em voz alta. No momento do “Credo”, toda a assembleia se levanta. Ao recitar o ‘Credo’, todos assumem que crêem na Palavra ouvida e estão prontos para colocá-La em prática.
- k) Oração dos Fieis – ainda de pé, o Presidente da Missa convida o público a elevar as preces comunitárias a Deus. A comentarista indica a resposta que a assembleia dará a

cada pedido. Após os pedidos, o padre “autoriza” os fieis a fazerem sua oração pessoal em silêncio. Faz-se um momento de silêncio e então o celebrante conclui a oração.

4.2.1.3. Liturgia Eucarística

A terceira parte é a **Liturgia Eucarística**. Cechinato (2004) define Liturgia como “vida” e Eucaristia, como “ação de graças”. Esta parte da Missa é composta por:

a) Preparação das Oferendas – a assembleia se assenta. O Presidente e os Ministros se dirigem à mesa e preparam-na para receber o pão e o vinho. Durante esta preparação, ocorre a “Procissão das Oferendas”, a qual é realizada por representantes da comunidade que levam o pão e o vinho até o altar. Também neste momento, as pessoas depositam suas doações nas caixas da Igreja – este gesto representa, para Cechinato (2004, p.79), “o fruto do trabalho e da generosidade dos fieis”. Enquanto isso, canta-se o Canto do Ofertório. Depois que o pão e o vinho chegam ao altar, o padre oferece, primeiro, o pão, em seguida, o vinho acrescido de algumas gotas de água à Deus. A mistura de água e vinho simboliza a junção da natureza humana com a natureza divina. Posteriormente, o Presidente da Missa inclina-se diante do altar e reza em voz baixa. Segue-se o momento no qual o Presidente lava suas mãos. Antigamente as ofertas eram alimentos, entre outros objetos, os quais poderiam sujar as mãos do sacerdote. Por isso o padre passou a lavar as mãos. Além de significar purificação das mãos, o ato de lavar as mãos significa a purificação espiritual do ministro de Deus. Ao lavar as mãos, ele reza em voz baixa o Salmo 50, versículo 4. Já purificado do pecado, o Presidente da Celebração incita a assembleia a orar. Quando o padre inicia a oração, todos se levantam. O Presidente da Celebração acrescentou a palavra “irmã”. Esta oração é apresentada no livro *A Missa parte por parte* da seguinte maneira: “Orai, irmãos, para que o nosso sacrificio seja aceito por Deus Pai todo-poderoso!”. A assembleia responde. A resposta, tanto a apresentada por Cechinato quanto à observada na missa gravada, não variou. A última subdivisão da “Preparação das Oferendas” é a “Oração Sobre as Oferendas” ou “Oração Sobre os Dons”, a qual antigamente era denominada de “Secreta” por ser rezada em voz baixa pelo Presidente da Missa. A finalidade dela é encaminhar os dons que as pessoas trouxeram para o santo Sacrificio até as mãos de Deus. O padre ergue as mãos sobre as ofertas e ora. Toda a assembleia responde “Amém!”.

b) Oração Eucarística ou Anáfora – segundo Cechinato (2004), este momento é o “coração” da Celebração, pois é aqui que ocorre a Consagração (pão e vinho se

transformam em Corpo e Sangue de Cristo). Mas, antes da Consagração do pão e do vinho, tem-se o “Diálogo”, o qual não varia durante o Ano Litúrgico. Após o “Diálogo”, sucede-se o “Prefácio”. Os fieis continuam em pé. O “Prefácio”, para Cechinato (2004, p.88), “é um hino de ‘abertura’ que nos introduz a Assembleia no Ministério Eucarístico”. Ao contrário do “Diálogo”, o “Prefácio” varia conforme o período do Ano Litúrgico. Ele faz referência à Celebração do dia. No trecho do “Prefácio”, a seguir, retirado da missa gravada, observa-se a referência a Cristo que venceu a morte (tema da celebração do dia): “(...) nesse tempo em que Cristo em nossa Páscoa foi imolado. Vencendo a corrupção do pecado (...); vencendo a morte garantiu-nos a vida em plenitude (...)”. O Presidente da Missa, ao iniciar o “Prefácio”, abre os braços. Terminado o “Prefácio”, inicia-se o “Santo”, o qual pode ser cantado ou recitado. Nas missas dominicais, ele é cantado e nas missas durante a semana, recitado. O “Santo” é retirado do Livro de Isaías 6, 3. Na Celebração gravada, todos cantaram o “Santo”. Neste momento da missa, a assembleia ainda está em pé. Depois, o Presidente estende as mãos sobre o pão e o vinho invocando o Espírito Santo e pedindo-Lhe que santifique-os. A assembleia concede uma resposta prevista. Posteriormente, ele relembra o que Jesus fez na Última Ceia e pronuncia as palavras da Consagração. Já tendo consagrado o pão, o padre eleva a hóstia para que toda a assembleia aviste-a. Ao mesmo tempo, ele faz uma genuflexão (uma forma de adoração). Dando prosseguimento à missa, o sacerdote relembra o que Jesus fez com o cálice e repete palavras de Jesus. O Presidente também eleva o vinho consagrado e repete a genuflexão. Durante a Consagração, a assembleia costuma ajoelhar-se. Na Celebração gravada todos se ajoelharam. Depois de consagrar pão e vinho, o padre diz solenemente: “Eis o mistério da Fé”. A assembleia se ergue e responde “Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!”. Esta resposta pode variar a cada período Litúrgico. Em sequência, o Presidente lembra a Morte e Ressurreição de Jesus Cristo. Depois seguem-se as “Orações Pela Igreja”. Primeiramente reza-se pelo Papa e pelo Bispo (os maiores responsáveis pela Igreja). Em seguida, a oração é pelos falecidos. Segundo Cechinato (2004), quando se ora pelos mortos, faz-se uma caridade. Por último, é realizada uma oração pelos pecadores. E terminando a “Oração Eucarística”, juntamente com a assembleia, o Presidente proclama o Ato de Louvor. O “Amém!” A assembleia canta. Este Ato de Louvor é aclamado em pé. O padre, ao iniciar a aclamação, ergue a Hóstia e o Cálice;

c) Rito da Comunhão – é iniciado com a oração do “Pai-Nosso”, a partir do qual se prepara para a Comunhão Eucarística. Todos oram com as mãos erguidas. Depois, o sacerdote ora a Deus para livrá-los do mal. A esta prece, a assembleia responde. Logo após, o Presidente da Celebração ora pela paz. A assembleia responde “Amém!”. Em seguida, o padre diz “A paz do Senhor esteja sempre convosco”. E todos respondem “O amor de Cristo nos uniu!”. Sucedendo tal resposta, o padre diz para cada um cumprimentar a pessoa que está próxima, em silêncio e sem sair do lugar. Dá-se a “Saudação da Paz”. Então ela é prosseguida com o “Cordeiro de Deus”, o qual pode ser cantado ou recitado. Na missa gravada ele foi cantado. Enquanto a assembleia canta, o Presidente parte a Hóstia grande e molha um pedaço Dela no Cálice orando em voz baixa. Ele ainda inclina diante do Santíssimo Sacramento e pede a Jesus que a hóstia consagrada embebida do vinho consagrado seja para a sua salvação. Ao terminar o “Cordeiro de Deus”, o padre ergue a hóstia consagrada e profere algumas palavras. A assembleia concede uma resposta prevista e então o celebrante comunga. Em seguida, todos se assentam. Forma-se uma fila para tomar a Comunhão. O padre e os ministros oferecem as hóstias consagradas. Enquanto isso, há um canto (na missa gravada, foram cantados dois). Depois que todos comungaram, faz-se um silêncio para o momento de Ação de Graças. Logo em seguida, o sacerdote faz uma prece alternadamente com a assembleia.

Nota-se que as falas são formas fixas, preestabelecidas. As improvisações ocorrem poucas vezes.

4.2.1.4. Ritos Finais

É a quarta e última parte da missa. Geralmente, a assembleia se assenta para ouvir comunicados e convites, mas na missa gravada esses não ocorreram. Na Missa gravada, houve a coroação da Santa Maria, uma vez que era mês de maio. Quando termina, o padre diz que vai dar a bênção final, então os fieis se levantam e o celebrante os saúda. Realizada a saudação, segue-se então a “Bênção Final”. Durante a bênção, o Presidente da Celebração traça uma cruz sobre a assembleia. Esta responde “Amém!”. Vale ressaltar que há vários tipos de bênçãos. Aquela foi retirada da missa gravada, que, segundo Cechinato (2004), é uma fórmula simples. Ainda ocorre a despedida. A assembleia responde “Graças a Deus!” A missa se finaliza com um canto.

O quadro abaixo sintetiza o que dissemos acima.

Ritos Iniciais	Liturgia da Palavra	Liturgia Eucarística	Ritos Finais
Monição ambiental e intenções da missa	Proclamação da 1ª leitura	Preparação das Oferendas	Coroação ²²
Canto de entrada e sinal da cruz	Salmo responsorial	Oração Eucarística	Saudação
Acolhida e saudação	Proclamação da 2ª leitura	Rito da comunhão	Bênção Final
Ato penitencial	Canto de aclamação	-----	Despedida
Hino de louvor	Proclamação do evangelho	-----	Canto final
Oração Coleta	Homilia	-----	-----
-----	Profissão de fé	-----	-----
-----	Oração dos fieis	-----	-----

QUADRO 3

4.2.2. O culto

Segundo o pastor, o culto é a reunião de adoração e louvor a Deus. O objetivo principal do culto é de adoração a Deus.

O culto da Assembleia de Deus foi gravado em três de maio de 2009, domingo, às 19 horas. É denominado “Culto da Mocidade”, o qual conta, principalmente, como o próprio nome indica, com a participação de jovens (fazem leituras e dão testemunhos). Mas ainda podemos destacar outros participantes como: um pastor (presidente/diretor da igreja), um presbítero (pastor local, ordenado pela igreja local), dois diáconos (auxiliares das celebrações), um coral de mulheres, um líder de louvor e a assembleia (público ou fieis). O Culto é transmitido por uma emissora de rádio local (Melodia FM).

Este Culto ocorre todo primeiro domingo de cada mês.

O Culto da Mocidade teve uma duração de duas horas e três minutos, aproximadamente. Ele foi transmitido, ao vivo, pela rádio Melodia FM 87,9.

Ele pode ser dividido em três partes, a saber: Louvor, Testemunhos e Pregação da Palavra de Deus²³.

4.2.2.1. Louvor

O Louvor “é uma parte do culto que nos eleva a Deus quando a congregação tem a oportunidade de adorar a Deus na beleza da Sua Santidade” (*apud* CASTRO, 2007, p.19).

Antes de iniciar o Louvor propriamente dito, ocorre uma **Saudação**, na qual um diácono cumprimenta a assembleia, que, por sua vez, responde “Amém!”, confirmando

²² Especificamente no mês de maio.

²³ Divisão apresentada pelo pastor num questionário utilizado para o desenvolvimento da monografia de Castro (2007).

o cumprimento; e, ainda, uma **Oração**, realizada pelo mesmo diácono, o qual pede a Deus (o “Senhor”) que haja um “envolvimento” de todos no culto; pede também para a glória de Deus fluir ali e pelo pregador da noite. Pede, ainda, para o “Senhor” receber os louvores e agradar de todos pelo desejo que estes têm de louvá-Lo.

Terminada a **Oração**, o diácono convida os fieis a se sentarem e, em seguida, anuncia que irão “louvar ao Senhor”. Então seguem-se dois cânticos (Hinos oficiais), acompanhados por uma orquestra-banda²⁴.

Posteriormente, o pastor cumprimenta a igreja e chama um diácono e um integrante do grupo da Mocidade para fazer a leitura da Bíblia. De modo alternado (a assembleia lê um versículo com o jovem e o diácono, o versículo seguinte), é feita a leitura do livro de Tiago, capítulo 4, do versículo 1 ao 10.

Após a leitura, o pastor faz uma **Oração**, pedindo a Deus para abençoar o culto, a mocidade, os adolescentes e as crianças.

Seguindo, o Líder de louvor assume esse momento do culto até o final desta parte, quando ocorrem mais três cânticos. Antes de iniciar os cantos, o líder explica o que será cantado, fala de Jesus, chama a assembleia para louvar o Senhor. Os fieis interagem respondendo “Amém!”, “Glória a Deus!”.

Terminado o Momento de Louvor, inicia-se o Momento de Testemunhos, o qual veremos a seguir.

4.2.2.2. Testemunhos

De acordo com o pastor da Assembleia de Deus, o Momento de Testemunhos “é uma oportunidade que os membros têm de dizer nas suas próprias palavras aquilo que Deus tem feito na sua vida através do Evangelho, independente de posição social” (CASTRO, 2007, p.19).

Antes de se iniciarem os testemunhos, o diácono, o qual iniciara o culto, volta a conduzir o mesmo, convocando os fieis a se cumprimentarem, desejando um ao outro a “Paz do Senhor!”.

Em seguida, ocorrem dois testemunhos, ou melhor, duas **Saudações** (quando o testemunho é menor, mais rápido, tem essa denominação). Os jovens falam o que o Senhor tem feito na vida deles, pautando-se em passagens bíblicas. Defendem teses/posições como, por exemplo, “É necessário confiar no Senhor”; “Manter-se firme e constante e sempre abundante na obra do Senhor”.

²⁴ Denominação dada pela própria igreja. Há instrumentos de uma orquestra e de uma banda.

Entre os testemunhos, ocorre a apresentação de um coral de mulheres (Irmãs Filadélfia), as quais cantam um **Hino de louvor**.

Após o hino, o pastor procura identificar os visitantes, pedindo que eles se levantem, e então os saúda com a assembleia.

Dá-se, a seguir, o **Momento das ofertas**, no qual os fieis podem ofertar, dizimar. Um louvor é cantado paralelamente.

Findado o cântico, o ministro chama um presbítero para fazer uma **Oração** por aqueles que ouvem o culto pela rádio.

Ainda nesta parte do culto surgem mais uma **Saudação**, na qual o jovem procura fazer com que o seu ouvinte tenha experiência com Deus; o momento de **confissão dos pecados e pedido de perdão** seguido de um **Louvor**; mais duas **Saudações** e dois cânticos através dos quais a Mocidade louva o nome do Senhor.

Durante as Saudações, a Oração e as falas do diácono, a assembleia exclama “Amém!”, “Aleluia!”, “Glória a Deus!”.

A próxima parte do culto é a Pregação da Palavra, que observaremos agora.

4.2.2.3. Pregação da Palavra

Conforme o pastor da Assembleia, a Pregação da Palavra “é o momento em que nós cremos que Deus fala com o povo através da Palavra lida e pregada, exortando, consolando e edificando. E Deus também fala com seu povo através dos dons, explícitos (Coríntios 12)” (*apud* CASTRO, 2007, p.20).

O pastor reassume o culto e motiva os fieis, perguntando quem está feliz na presença de Deus. A assembleia estende o braço e diz “Glória a Deus!”. Em seguida, o diácono faz alguns **convites** (para participarem do Ciclo de Oração, do ensaio da Mocidade) aos fieis e àqueles que acompanham o culto pela rádio. Então anuncia o momento de ouvir a Palavra do Senhor.

O pastor faz uma **Oração** pelo pregador (um jovem) e também por aqueles que seguem o culto pela Melodia FM. Ele procura verificar a adesão do fiel, perguntando “Amém?” e a assembleia responde “Amém!”, “Você crê nisso diga: Glória a Jesus!”, logo a assembleia diz “Glória a Jesus!”. Ocorre, posteriormente, a leitura do livro de Gênesis, capítulo 32, verso 24 ao 31.

Realizada a leitura, o pregador faz uma **Oração**, clamando a Deus por perdão e pedindo a Ele que toque nos corações dos ouvintes. Aqui, a assembleia exclama algumas vezes “Aleluia!”. Logo começa a Pregação. A assembleia se manifesta

novamente através da interjeição e da exclamação, respectivamente: “Aleluia!”, “Glória a Deus!”.

Após a Pregação, o pastor volta e inicia um cântico, que também é cantado pela assembleia. Em seguida, os fieis exclamam “Aleluia! Glória!”. Ele também faz um **Apelo**, verificando quem aceita Jesus. A seguir, o pastor ora pelas pessoas que corresponderam ao apelo. Durante a oração, a assembleia vai confirmando através do “Amém!”, também diz “Aleluia!”.

Ao final, ele faz alguns **Convites** e dá alguns **Avisos**. Há ainda uma **Oração de agradecimento** (assembleia ora junto) pelo culto seguida da **Bênção Apostólica**.

Podemos resumir as três partes do culto e os momentos que as compõem através do quadro a seguir.

Louvor	Testemunhos	Pregação da Palavra
Saudação	“Paz do Senhor!”	Convites
Oração	Testemunhos (2)	Oração pelo pregador
Cânticos (2)	Cântico (1)	Leitura da Bíblia
Leitura da Bíblia	Cumprimento aos visitantes	Oração
Oração de intercessão	Ofertas (com cântico)	Pregação
Cânticos (3)	Oração pelo ouvinte	Apelo
-----	Testemunho (1)	Oração por aqueles que aceitaram Jesus
-----	Confissão dos pecados	Convites e avisos
-----	Cântico (1)	Oração de agradecimento
-----	Testemunho (2)	Bênção apostólica
-----	Cântico (2)	-----

QUADRO 4

4.3. A estrutura da missa e do culto: comparação

Quanto à estrutura da Missa da igreja Católica e do Culto da Assembleia de Deus, observamos pontos comuns e pontos divergentes.

A Missa possui uma duração menor (aproximadamente, uma hora e treze minutos) em relação ao Culto (duas horas e três minutos, aproximadamente).

A Missa é iniciada com um comentarista (pessoa que pertence à equipe de liturgia, grupo responsável pelas leituras da celebração) dizendo as intenções da celebração e o que se celebra, já o Culto assembleiano é iniciado por um diácono que saúda os presentes.

Na Missa, há um “Canto de Entrada”, o qual ocorre durante a caminhada do padre e dos ministros ao altar. Isso não acontece no Culto da Assembleia de Deus. O diácono se posiciona no altar minutos antes do culto se iniciar. Ele introduz o culto

cumprimentando os fieis primeiramente, e logo em seguida faz uma oração pelo pregador da noite, pelos louvores. Já o padre, invoca a Santíssima Trindade fazendo, posteriormente, o cumprimento e a apresentação do tema da missa.

O Culto se segue com cânticos de louvor, leitura da Bíblia, oração de intercessão (na Missa ocorreu no início) e já sob o “comando” do líder de louvor, o qual chama os fieis para louvarem o nome de Jesus, mais três cantos. Tem-se aí o momento de Louvor.

A Missa segue-se com o “Ato Penitencial” – o padre chama a assembleia a confessar seus pecados a Deus. No Culto da Assembleia de Deus, há um momento equivalente a este – Confissão dos pecados – aqui o diácono também convida os fieis a confessarem seus pecados a Deus. Tanto na Missa quanto no Culto há louvor após a confissão dos pecados. Na Missa foi recitado, enquanto no Culto, foi cantado. O louvor do Culto é mais extenso que na missa. Enquanto, no Culto, ocorrem 5 cantos que louvam o nome de Jesus, no momento de Louvor; na Missa ocorre um louvor, o qual foi recitado.

Na igreja Assembleia de Deus há um líder de louvor que mantém uma interação com os fieis: convida-os para louvar e adorar Jesus; interroga-os; conversa sobre os cantos. A igreja Católica tem um coral que canta com o público o hino de louvor, mas aquele não convida esta para cantar; não a interroga, ou seja, o coral da igreja Católica não solicita a participação efetiva dos fieis.

Na Missa, o padre ou o comentarista não buscam tanto a participação/interação do fiel na Celebração. Já no Culto, o pastor ou outro participante (diáconos, presbíteros e jovens) que está conduzindo a Celebração busca mais a participação/interação do fiel: “Quantos mais querem, carecem das orações? Dêem um sinal com as vossas mãos.” (Momento de Louvor); “Cumprimento a igreja com a paz do Senhor. Amém?” (Momento dos Testemunhos).

Depois que termina o “Hino de Louvor”, tem-se na Missa a “Oração Coleta” – aqui são anunciadas as intenções (na Missa gravada foram ditas no início da Celebração) da Celebração e em seguida o padre ora por elas. No Culto, a oração de intercessão é realizada no momento de Louvor pelo pastor, após a Leitura da Bíblia. Os fieis da igreja da Assembleia de Deus participam mais da oração que os da igreja Católica. Estes somente respondem “Amém!” quando o padre finaliza a oração. Aqueles não só apresentam tal resposta como também dizem “Aleluia!”, “Glória a Deus!” durante a oração. As falas, na Missa, são marcadas; já no Culto, elas são, majoritariamente, espontâneas.

Na Missa, ao finalizar a “Oração Coleta”, proclama-se a “Primeira Leitura” que geralmente é retirada do Antigo Testamento, mas existem missas que colocam textos do Novo Testamento, como foi o caso da Missa gravada – a “Primeira Leitura” era do Livro dos Atos dos Apóstolos. No Culto, é feita a leitura da Bíblia (Tiago 4, 1-10) no primeiro momento (Louvor) por um diácono, que alterna os versículos com um integrante do grupo da Mocidade e a assembleia. Após a “Primeira Leitura”, dá-se o “Salmo Responsorial”, cujo refrão foi cantado. Sucedendo o “Salmo Responsorial”, ocorre uma “Segunda Leitura”. Em geral, ela é de um livro do Novo Testamento. Posteriormente, há a “Monição para o Evangelho” (na Missa gravada não ocorreu), o “Canto de Aclamação ao Evangelho” e a “Proclamação do Evangelho” – quando o padre faz uma leitura de uma parte do Novo Testamento. Dentre essas três partes, só há correspondente para a “Proclamação do Evangelho”, que, no Culto, antes do início da Pregação, o pregador lê uma passagem (do Antigo Testamento) da Bíblia e em seguida faz a Pregação, o que na Missa se denomina “Homilia”. A Homilia e a Pregação se assemelham. Tanto o padre quanto o pastor (no Culto gravado foi um jovem que pregou), de pé, comentam as leituras e defendem algumas teses/posições. Os fieis das duas igrejas permanecem sentados neste instante do Culto e da Missa.

Na Missa, leram-se três passagens de Livros distintos do Novo Testamento e se cantou uma do Antigo. Ao passo que no culto da Assembleia de Deus, leram-se uma passagem do Novo Testamento (mais precisamente Livro de Tiago) e cinco passagens de Livros diferentes do Antigo Testamento (Isaías, Gênesis, Salmos, Reis, Provérbios). Na Missa, as passagens escolhidas do Novo Testamento são lidas por duas comentaristas (na Liturgia da Palavra) e pelo padre (na Proclamação do Evangelho); o trecho do Antigo Testamento (Salmos) selecionado é, em parte, recitado por uma comentarista e, outra parte, cantado pelo coral. No Culto, a leitura do trecho escolhido do Novo Testamento é feita, alternadamente, por diácono e jovem e fieis (no Momento de Louvor) e as leituras selecionadas do Antigo Testamento são realizadas por jovens em seus testemunhos e também pelo pregador da noite.

Terminada a Homilia, o padre inicia o “Credo” e logo todos o proferem. No Culto da Assembleia tal oração não é rezada, assim como a “Oração dos Fieis” que sucede o “Credo”.

A “Oração dos Fieis” é a última subdivisão da Liturgia da Palavra (segunda parte da Missa). Então a Missa prossegue-se com a Liturgia Eucarística. Primeiramente, há a “Preparação das Oferendas” – momento em que o altar é preparado para receber o

pão e o vinho. No Culto, não há uma parte que corresponderia a esse momento. Excetuando o “Ofertório” (na missa e no culto ocorre com canto), os ritos que ocorrem durante a “Preparação das Oferendas” não se verificam no culto da Assembleia de Deus. A segunda parte da Liturgia Eucarística é a “Oração Eucarística” ou “Anáfora”, a qual é composta por *Diálogo; Prefácio; Santo; Invocação do Espírito Santo; Narrativa da Ceia; Consagração do pão e do vinho; Eis o Mistério da Fé!; Lembrança da Morte e Ressurreição de Jesus; e Ato de Louvor*. Esta parte e a seguinte (Rito da Comunhão), exceto o momento “Saudação da Paz” do Rito da Comunhão, também não têm correspondentes no Culto da Assembleia. No Rito da Comunhão, após a oração do Pai-Nosso, o padre ora pela paz – “Senhor Jesus Cristo, dissestes aos vossos apóstolos (...)” – oração preestabelecida seguida também de resposta já prevista – “Amém.”. No entanto, em seguida, espontaneamente diz “Então, como prova da nossa fraternidade, da nossa união, nós vamos, em silêncio, sem sair dos lugares, cumprimentar quem está perto de nós” para cada um cumprimentar o outro com a “Paz do Senhor!”. No Culto, o diácono também diz “Vira para o seu irmão do lado e dá a ele a paz do Senhor!”, para o fiel cumprimentar o “irmão do lado”. No Culto, além de dar a “Paz do Senhor!”, o diácono diz para cada um elogiar “Você está muito bonito hoje!” a pessoa que está ao lado. Notamos então que o padre se vale de uma oração preestabelecida, mas também produz fala espontânea. Já o pastor não utiliza oração preestabelecida, sendo, por conseguinte, mais espontâneo. Percebemos ainda que esse momento na Missa é contido, enquanto no Culto é mais livre.

Na última parte da Missa gravada, houve uma coroação (por ser mês de maio), seguida da saudação, bênção final, despedida e canto final. No final do Culto, verificamos somente a bênção como ponto comum.

Ainda podemos ressaltar alguns momentos do Culto da Assembleia de Deus que não notamos na missa: no momento dos Testemunhos, há os testemunhos (jovens falam o que Deus está fazendo em suas vidas); o cumprimento aos visitantes, oração pelo ouvinte que segue o culto pela rádio; no momento da Pregação da Palavra, ocorre a oração pelo pregador; o apelo; oração por aqueles que aceitaram Jesus e oração de agradecimento.

Vale ressaltar um aspecto sobre as orações, as quais estão muito presentes tanto no Missa quanto no Culto. Elas são mais espontâneas no Culto que na Missa, onde temos “formas litúrgicas”, orações preestabelecidas. O padre faz poucas alterações nessas formas.

O quadro abaixo reúne os momentos da Missa e do Culto que teriam objetivos semelhantes.

Missa	Culto	Objetivo
Acolhida e Saudação	Saudação	Acolher e saudar os presentes.
Ato Penitencial	Confissão dos pecados	Pedir perdão a Deus pelos pecados.
Hino de Louvor	Cântico após a confissão	Agradecimento a Deus pelo perdão recebido.
Oração Coleta	Oração de intercessão	Orar por aqueles que necessitam de algo.
Proclamação da 1ª Leitura	Leitura da Bíblia	Ler e refletir sobre a passagem bíblica.
Proclamação do Evangelho	Leitura da Bíblia (antecede a Pregação)	Ler e refletir sobre a passagem bíblica.
Homilia	Pregação da Palavra	Levar a “mensagem” de Deus aos fieis.
Ofertório	Momento das Ofertas	Ofertar ao Senhor.
Saudação da Paz	“Paz do Senhor!”	Cumprimentar um ao outro com a Paz do Senhor.
Bênção Final	Bênção Apostólica	Abençoar os fieis.

QUADRO 5

5. ANÁLISE DA HOMILIA E DA PREGAÇÃO DA PALAVRA

5.1. A Argumentação pela razão

5.1.1. Análise da Homilia

A Homilia é constituída a partir de uma passagem bíblica, sobre a qual o padre vai falar, procurando comunicar uma mensagem e tentando levar o seu destinatário a adotar novas condutas/comportamentos.

O tema abordado é o “Bom pastor, sua missão e os deveres das ovelhas”. O padre caracteriza o “bom pastor”; identifica os representantes do “bom pastor” na igreja; aponta a missão do “bom pastor” e ainda indica os deveres das “ovelhas” (povo de Deus).

5.1.1.1. A Organização Enunciativa

5.1.1.1.1. Os sujeitos – parceiros e protagonistas

Verificamos que o modo enunciativo se configura através de quatro sujeitos: um sujeito comunicante (padre, ser psicossocial), que se desdobra em um sujeito enunciador (padre, representante de Deus); um sujeito destinatário (fiel visado ou auditório, nos termos de Perelman, aquele que o enunciador quer influenciar) e um sujeito interpretante (a assembleia ou fieis presentes na Missa).

Percebemos que diversas vezes o sujeito enunciador se coloca ao lado do sujeito destinatário:

(1) Acabamos de ouvir uma das páginas mais consoladora do evangelho. Deus é o nosso pastor. Então, hoje, 4º domingo da Páscoa, nós celebramos essa grande notícia, essa grande graça de ter o próprio Deus como nosso pastor.

Esse trecho se localiza no início da Homilia (ver Anexo 1), no qual o padre tem Deus como pastor, por conseguinte, se considera uma “ovelha”. Também identifica o seu destinatário com a mesma característica ao utilizar a primeira pessoa do plural (nós). Com isto, o sujeito enunciador assume a mesma posição que o destinatário.

O locutor se assume explicitamente como “ovelha”, tomando a mesma posição que o interlocutor:

(2) O que significa ser bom pastor? Qual é a missão que o pastor tem? E qual o dever que nós, as ovelhas, temos para com nosso bom pastor, Jesus? São três questões que nos ajudam a refletir sobre as bênçãos tão belas do santo evangelho.

Através do pronome referente à primeira pessoa do plural – nós –, o padre se aproxima do fiel visado – ovelha (povo de Deus) –, ser submisso a Jesus, para quem tem dever a ser cumprido.

Percebemos também que algumas vezes o sujeito enunciador se posiciona somente como representante de Deus. Ele fala em nome de Deus:

(3) São Paulo já chamava atenção sobre isso, escrevendo a Timóteo: “Prega a Palavra de Deus a tempo ou fora de tempo, quer agrade, quer desagrede porque virá tempo em que as pessoas vão afastar os ouvidos da sã doutrina para abri-los às fábulas.”. Então, nós temos essa delicadeza de conhecer e seguir o bom pastor, e, ao mesmo tempo, a docilidade para ouvir e praticar os ensinamentos do bom pastor.

O padre se vale de sua autoridade enquanto representante de Deus, legitimado pela igreja para trazer a Palavra, dar voz a esta, o que produz uma credibilidade em seu discurso. Porém, em seguida, abre mão de sua posição de representante de Deus e se coloca ao lado do fiel visado. Esse deslocamento do sujeito enunciador é evidenciado pelo uso do verbo “ter” na primeira pessoa do plural. Ele é agora “aquele que segue o bom pastor e que ouve e pratica seus ensinamentos”, assumindo novamente o papel de ovelha, de subserviência (ouve e pratica seus ensinamentos).

Percebemos ainda que o orador (padre) tenta influenciar um auditório (fiel visado) composto e heterogêneo (PERELMAN, 2005; AMOSSY, 2000). Dentre os auditórios construídos pelo orador, podemos destacar três: “aquele que não tem grande solicitude para com a igreja, “aquele que não tem rezado” e “aquele que reza pouco”.

Num determinado momento da Homilia, o padre procura atingir “aquele que não tem grande solicitude para com a igreja”:

(4) E todos nós devemos ter uma grande solicitude por toda a igreja de Jesus Cristo.

O celebrante se inclui, através do uso do pronome “nós”, no grupo de fieis que não teria grande solicitude e tenta, através dessa identificação, fazer com que eles (fieis) adotem um outro comportamento (ter grande solicitude).

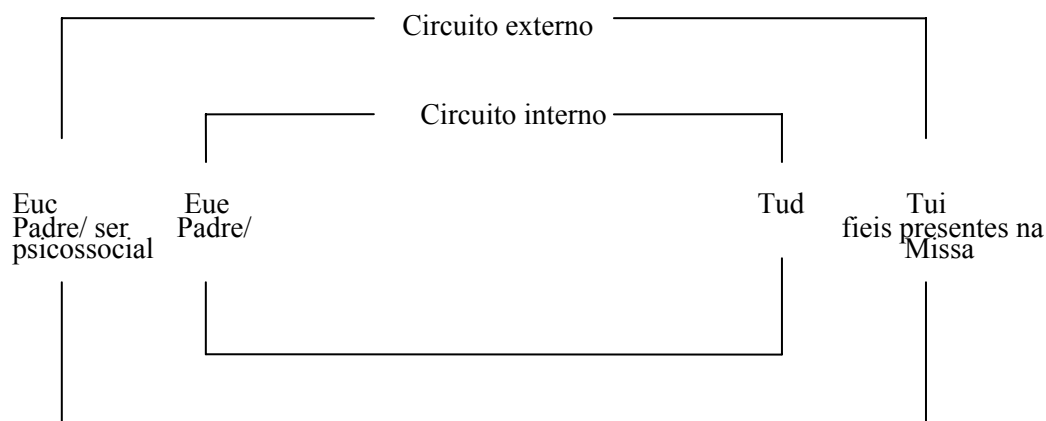
Em outros momentos, o padre visa àquele que não tem rezado pelas vocações:

(5) E como conclusão necessária deste dia, a igreja nos convida a rezar pelas vocações sacerdotais e religiosas porque é através dos chamados vocacionados que Deus escolhe os bons pastores para a sua igreja.

Novamente ele se aproxima do fiel e procura fazer com que este adote um comportamento. Posteriormente, procura atingir também aquele fiel que tem rezado pouco:

(6) E é por isso que nós fomos convidados, nesse 4º domingo, a intensificar a nossa prece nessas intenções.

Os esquemas abaixo apontam, respectivamente, as (3) “faces” dos auditórios comentadas anteriormente.



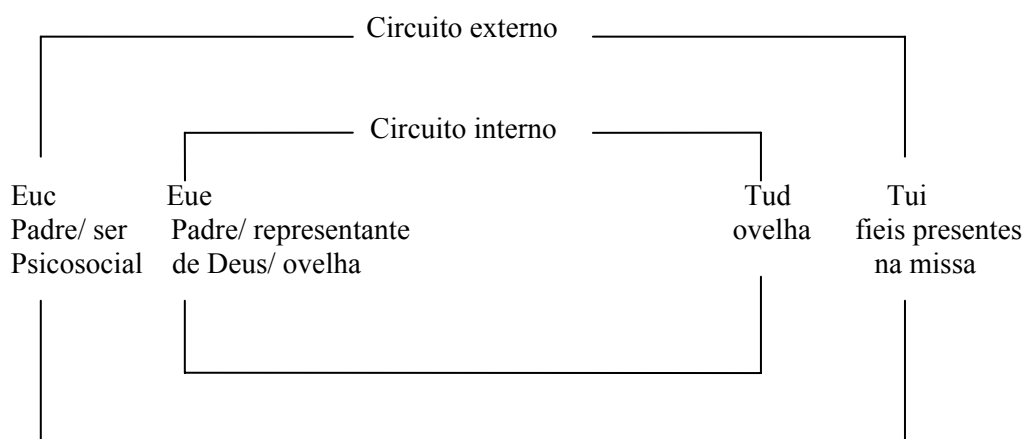
QUADRO 6

(I) onde: Eue – padre/aquele que não tem grande solicitude para com a igreja
 Tud – aquele que não tem grande solicitude para com a igreja

(II) onde: Eue – padre/aquele que não tem rezado
 Tud – aquele que não tem rezado

(III) onde: Eue – aquele que reza pouco
 Tud – aquele que reza pouco

Verificamos um deslocamento da figura do celebrante (padre), o qual cria uma ilusão de identificação com o fiel, colocando-se ao lado dele, seja através de verbo na primeira pessoa do plural seja por meio de pronomes referentes à primeira pessoa do plural. Isso é o que se denomina simetria, nos termos de Orlandi (1996), ocorre uma ilusão de aproximação entre sujeito enunciador (representante de Deus), pertencendo ao plano espiritual, e sujeito destinatário (ovelha, povo de Deus), ao plano material. Poucos foram os momentos em que se deu um desnivelamento/assimetria entre os sujeitos, momento esse em que o padre aparece somente como representante de Deus. Podemos representar esses posicionamentos através do esquema abaixo:



QUADRO 7

5.1.1.1.2. Modalização – modalidade delocutiva, alocutiva e elocutiva

As modalidades se integram na organização enunciativa. Através delas, o locutor pode se posicionar com relação ao dito (modalidade elocutiva), ao interlocutor (modalidade alocutiva) e a um terceiro (modalidade delocutiva).

Na Homilia, há um predomínio da modalidade delocutiva, seguida pela elocutiva e alocutiva. Trataremos de cada uma destas modalidades, verificando o comportamento do locutor em alguns trechos²⁵.

a) Modalidade delocutiva

Os atos delocutivos apresentam os enunciados na forma impessoal e o interlocutor não é implicado (CHARAUDEAU, 2008, p.83).

Podemos destacar alguns trechos nos quais essa modalidade sobressai.

(7) Todos sabem que pastor é aquele que cuida das ovelhas e essas ovelhas somos nós, todo povo de Deus. E o bom pastor é o próprio Deus.

O sujeito enunciator (padre) apresenta uma afirmação sobre “pastor” e uma sobre o “bom pastor”, criando uma “ilusão de evidência”, enfatizada pela expressão “Todos sabem”, como se o saber expresso no enunciado fosse absoluto ou consensual.

(8) Através do profeta Ezequiel, Deus disse assim: “Eu mesmo cuidarei de minhas ovelhas. Eu mesmo”.

No trecho anterior, o enunciator se vale, como em outros momentos da Homilia, de uma citação bíblica, de uma “autoridade impessoal”, nos termos de Perelman (2005,

²⁵ Nossa análise se valerá dos trechos mais relevantes.

p.350), que seria “inquestionável”. Ao retomar passagens da Bíblia, ele procura estabelecer uma relação de objetividade diante do que é relatado (FLORENCIO, 2010).

b) Modalidade elocutiva

Através da modalidade elocutiva, o locutor revela seu ponto de vista. Verificaremos tal modalidade nos trechos a seguir.

(9) Acabamos de ouvir uma das páginas mais consoladoras do evangelho. Deus é o nosso pastor. Então, hoje, 4º domingo da Páscoa, nós celebramos essa grande notícia, essa grande graça de ter o próprio Deus como nosso pastor.

O trecho acima destaca o início da Homilia, no qual o sujeito enunciativo faz uma avaliação positiva da passagem bíblica lida anteriormente, o que Charaudeau (1992) denomina “ponto de vista de avaliação”. Depois, expõe seu “olhar” sobre Deus e sobre o que se celebra. O sujeito falante inclui o sujeito destinatário, em sua avaliação, criando uma aproximação, evidenciada pelo uso da primeira pessoa do plural. Ao qualificar a passagem bíblica de “consoladora”, o padre deixa implícito seu estado emocional: a Palavra “consolaria” os que estão “tristes”, então a celebração com tal leitura modificaria o estado de ânimo. E logo o sujeito enunciativo se mostra alegre, feliz, através do verbo “celebramos”, da palavra “graça”, buscando uma identificação com o sujeito destinatário, identificação essa almejada por meio do pronome “nós”.

Ao expor sua opinião apreciativa, o padre possibilita que a assembleia participe da emoção manifestada (FLORENCIO, 2010).

(10) Por isso, o evangelho de hoje nos previne contra os mercenários, aqueles que não têm interesse pelas ovelhas, mas simplesmente pelo leite e pela lã, simplesmente pelo dinheiro. Então, nós temos que nos cautelar para não sermos subvertidos por essa onda de mal que vai crescendo, se avolumando por toda a parte.

No trecho acima, o padre está abordando sobre os “falsos pastores”, que se interessam somente pelo dinheiro. Uma “missão” do “bom pastor” seria afastar esses “falsos pastores” das “ovelhas” (povo).

O padre, enquanto representante de Deus e também como “aquele que está sujeito a ser subvertido pelos mercenários”, explica sobre o que diz o Evangelho. Ele, como autoridade, detém o conhecimento da Palavra, então declara que o Evangelho “previne contra os mercenários”, aqueles interessados no dinheiro. Em seguida, ele convoca o fiel visado (aquele que não tem cautela para não ser seduzido pelos falsos

pastores) a adotar, juntos, um comportamento – ter cautela, estar alerta para não ser subvertido.

c) Modalidade alocutiva

A modalidade alocutiva estabelece uma relação de influência entre locutor e interlocutor, sendo imposto a este um comportamento.

Na Homilia, sobressaem as categorias modais de interrogação e de injunção, apresentadas por Charaudeau (2008). Vejamos como elas se manifestam na Homilia analisada, partindo do fragmento abaixo:

(11) O que significa ser bom pastor? Qual é a missão que o pastor tem? E qual o dever que nós, as ovelhas, temos para com nosso bom pastor, Jesus?

Ao dispor uma questão seguida da outra, podemos inferir que o enunciador estaria direcionando/organizando o raciocínio do seu interlocutor. Conforme Perelman (2005, p.180), as perguntas são “uma forma hábil para encetar raciocínios”.

O padre busca a participação do fiel, fazendo, através da interrogação, com que este reaja e faça uma reflexão. É o que se observa no enunciado que se segue: “São três questões que nos ajudam a refletir sobre as bênçãos tão belas do santo evangelho”.

A interrogativa também, ainda conforme Perelman (2005), introduziria um apelo à comunhão com o auditório, comunhão essa sinalizada quando o enunciador se coloca na mesma posição que o fiel visado, tendo deveres iguais a este.

Em relação à terceira questão, podemos dizer, conforme Charaudeau (2008, p.87), que seria uma injunção, na qual o locutor “estabelece com seu enunciado uma ação a realizar”. Através da questão, ele tenta resgatar com o interlocutor os deveres que “têm” (celebrante e fiel) para com Jesus. Ao mesmo tempo, o enunciador diz, implicitamente, que há uma obrigação a ser cumprida, haja vista a escolha do verbo “ter”.

No fragmento abaixo, o padre utiliza mais uma vez a forma interrogativa, buscando uma comunhão de ponto de vista:

(12) Mas, meus irmãos, qual é a missão do bom pastor?

Observamos, nesse excerto, que o sujeito enunciador interpela o sujeito destinatário, identificado por “irmãos”, o que sugere um laço de proximidade, de intimidade, entre o padre e a assembleia. Ao mesmo tempo, o locutor implica o

interlocutor em uma ação, uma reflexão. O padre pretende fazer com que o fiel reflita, pense na questão para então compartilhar a resposta. Essa posição do locutor em relação ao interlocutor caracterizaria o comportamento alocutivo.

5.1.1.2. A Organização Argumentativa

5.1.1.2.1. A organização argumentativa: os modos de raciocínio

A organização argumentativa, como já dissemos, permite a construção de explicações sobre asserções a respeito do mundo a partir de uma razão demonstrativa e de uma razão persuasiva – elementos da argumentação.

A razão demonstrativa, baseada num mecanismo que visa estabelecer diversas relações de causalidade, será estudada aqui através dos procedimentos da lógica argumentativa, os modos de raciocínio (dedução, explicação, associação, escolha alternativa e concessão restritiva).

A razão persuasiva, apoiada num mecanismo que objetiva instituir a “prova” a partir de “argumentos” e as relações de causalidade, será abordada em nosso material de análise através dos procedimentos discursivos (definição, comparação, descrição narrativa, citação, acumulação e questionamento).

Iniciaremos nossa análise, sob a perspectiva argumentativa, a partir dos modos de raciocínio, primeiramente na Homilia e, posteriormente, na Pregação da Palavra.

Na Homilia, o padre aborda o seguinte tema: “Bom pastor, sua missão e os deveres das ovelhas”. O padre caracteriza o “bom pastor”; identifica os representantes do “bom pastor” na igreja; aponta a missão do “bom pastor” e ainda indica os deveres das “ovelhas” (povo de Deus). A partir desse tema, ele defende algumas teses, para as quais se vale dos modos de raciocínio, dentre eles, dedução, explicação, associação e concessão restritiva.

O quadro a seguir aponta as teses e os respectivos modos de raciocínio adotados para defendê-las.

Teses	Modos de raciocínio
“É Deus que cuida de nós”	Dedução
“A missão do bom pastor é preservar as ovelhas do mal”	
“Devemos ter uma grande solicitude por toda a igreja de Jesus Cristo”	Explicação
“É preciso acompanhar os pastores com a nossa oração”	
“Cristo é o bom pastor”	Associação
“Deus quis deixar um representante na terra”	Concessão restritiva
“A missão do bom pastor é indicar o caminho”	

QUADRO 8

a) Dedução

Observamos que na Homilia o modo de raciocínio Dedução foi o que mais ocorreu, sendo utilizado para defender as teses “É Deus que cuida de nós” e “A missão do bom pastor é preservar as ovelhas do mal”, o que podemos verificar nos fragmentos (13) e (14), respectivamente:

(13) Através do profeta Ezequiel, Deus disse assim: “Eu mesmo cuidarei de minhas ovelhas. Eu mesmo.” Então é Deus que cuida de nós.

No trecho acima, observamos uma asserção de partida (A1) – “Através do profeta Ezequiel, Deus disse assim: ‘Eu mesmo cuidarei de minhas ovelhas. Eu mesmo.’” –, um enunciado em que o sujeito argumentante traz uma fala de Deus, extraída da Bíblia. Desse enunciado decorre uma consequência ou, como Charaudeau (2008) denomina também a “asserção de chegada”, “conclusão” – “Então é Deus que cuida de nós” – asserção de chegada – asserção que deve ser aceita em decorrência de A1. A1 representa a origem, a causa de A2, o que caracteriza a “Dedução”, relação que se orienta da causa para a consequência.

Ao se valer da Bíblia, que é “autoridade impessoal”, conforme Perelman (2005, p.350), um livro que detém para os cristãos a “verdade”, o sujeito argumentante deixa entrever que “Se Deus disse que cuidaria, logo (portanto) ele cuidará”. Tem-se, assim, o modo de encadeamento “Consequência implicativa”, com asserções que se encontram numa relação de sentido de “Equivalência”, configurando uma “dedução por silogismo”, conforme Charaudeau (2008, p.214).

Vale ressaltar sobre o fragmento anterior que, ao argumentar, o padre utiliza o verbo “cuidar”, o qual evoca um sentimento de confiança em “Deus”, confiança essa que o celebrante busca compartilhar com os fieis.

(14) E é missão também do bom pastor preservar as ovelhas do mal, afastar as feras, os leões, os ursos, os lobos para que as ovelhas não sejam devoradas pelo mal.

Observamos uma articulação lógica expressa por A1 **para** A2 através do modo de encadeamento “Finalidade”, estabelecendo uma relação de “causalidade explicativa”.

A asserção de partida (A1) é “E é missão também do bom pastor preservar as ovelhas do mal, afastar as feras, os leões, os ursos, os lobos”, na qual o sujeito argumentante atribui uma “missão” ao “bom pastor”, representando a origem, a causa da asserção de chegada (A2) – “para que as ovelhas não sejam devoradas pelo mal” –, que seria uma consequência de A1. Trata-se, assim, do modo de raciocínio Dedução.

Através de A2, o sujeito argumentante aponta a finalidade/função do “bom pastor”, mostrando a “segurança” que este concede às “ovelhas”, possibilitando, assim, que o fiel aceite a tese “A missão do bom pastor é preservar as ovelhas do mal”.

Ao dizer a missão do bom pastor, o sujeito argumentante se vale de metáforas - “as feras, os leões, os ursos, os lobos” –, que poderiam despertar um sentimento de segurança, uma confiança do fiel no “bom pastor”, o qual o impede de ser “devorado pelo mal”.

b) Explicação

O padre se vale do modo de raciocínio Explicação para defender as teses “Devemos ter uma grande solicitude por toda a igreja de Jesus Cristo” e “É preciso acompanhar os pastores com a nossa oração”, teses essas que percorrem os trechos (15) e (16), respectivamente.

(15) E todos nós devemos ter uma grande solicitude por toda a igreja de Jesus Cristo. De modo que este título de pastor é designado, é reservado exclusivamente para os sacerdotes, aqueles que receberam o sacramento da Ordem para representar Jesus Cristo, o bom pastor do seu povo.

No trecho (15), temos A1 – “E todos nós devemos ter uma grande solicitude por toda a igreja de Jesus Cristo” –, que é a consequência de A2 – “De modo que este título de pastor é designado, é reservado exclusivamente para os sacerdotes, aqueles que receberam o sacramento da Ordem para representar Jesus Cristo, o bom pastor do seu povo.” A1 e A2 encontram-se numa relação de causalidade orientada da consequência para a causa, caracterizando o modo de raciocínio Explicação. Para defender a tese “Devemos ter uma grande solicitude por toda a igreja de Jesus Cristo”, o sujeito argumentante aponta o motivo, em A2, justificando a atitude a ser assumida pelo fiel.

Assim, “deve-se ter uma grande solicitude pela igreja porque os pastores, representantes de Jesus, dentre eles, os sacerdotes receberam o sacramento da Ordem.”

(16) É sobre isso que nós vamos rezar de modo todo especial nesse 4º domingo da Páscoa. É o domingo dedicado ao “bom pastor”.

O padre termina a Homilia com o trecho acima, reafirmando através do pronome “isso” que vai rezar no 4º domingo da Páscoa para que os pastores sejam “mais santos, mais dedicados e mais disponíveis”; “para que o reino de Deus continue crescendo no meio de nós” e que a igreja “se enriqueça com pastores santos e dedicados”.

A asserção de partida (A1) – “É sobre isso que nós vamos rezar de modo todo especial nesse 4º domingo da Páscoa.” – faz admitir uma outra asserção (A2) – “É o domingo dedicado ao ‘bom pastor’” – em relação à qual a primeira se justifica. Não há uma marcação formal por conjunção, como Charaudeau (2008, p.211) comenta que a relação de causalidade “nunca é puramente formal”, mas depende da relação de sentido estabelecido entre elas, que, em nosso caso, é de causa – A1 **porque** A2. A relação de causalidade é orientada da consequência (A1) para a causa (A2), indicando A2 que a Missa possui leituras pré-estabelecidas conforme o dia.

c) Associação

Para defender a tese “Cristo é o bom pastor”, o padre se vale da Associação, o que se verifica no trecho a seguir.

(17) E o bom pastor é o próprio Deus (...) Então esse bom pastor é o próprio Cristo porque Cristo é Deus, é o filho de Deus.

Antes do fragmento acima, o padre defende a ideia de que “O bom pastor é o próprio Deus”. Assim, seguindo seu raciocínio, “Se o bom pastor é Deus e Deus é Cristo, então o bom pastor é o próprio Cristo”. Há uma “associação do idêntico” – Cristo e Deus são considerados o mesmo ente e, conseqüentemente, o “bom pastor” – através do encadeamento Causa – A1 **porque** A2.

d) Concessão restritiva

A partir da Concessão Restritiva, o padre defende as teses “Deus quis deixar um representante na terra” e “A missão do bom pastor é indicar o caminho”, evidenciadas, respectivamente, nos trechos que se seguem.

(18) Então esse bom pastor é o próprio Cristo porque Cristo é Deus, é o filho de Deus. Mas Deus, na sua infinita misericórdia, Ele quis que alguém o representasse aqui na terra com essa missão de ser bom pastor.

Observamos que Cristo/Deus é apontado como “bom pastor” – asserção de partida (A1) – “Então esse bom pastor é o próprio Cristo porque Cristo é Deus, é o filho de Deus.”. Em seguida, ocorre uma retificação – “Mas Deus, na sua infinita misericórdia, Ele quis que alguém o representasse aqui na terra com essa missão de ser bom pastor.” – asserção de chegada (A2). O encadeamento se dá pela “Restrição” – A1 **mas** A2.

Ao argumentar, o padre qualifica o ente “Deus” como “misericordioso”, deixa entrever que essa entidade perdoa, tem tanta compaixão pelo seu povo que indica um representante seu na terra, o que pode despertar a confiança do fiel naquele ente e, por sua vez, em seu representante, uma vez que foi designado por Deus.

(19) Então a missão do bom pastor é esta: ir à frente, indicando o caminho. Não com o olhar orgulhoso de quem preside.

No trecho (19), inicialmente, o sujeito argumentante aponta a missão do bom pastor, tem-se assim uma asserção (A1) que deve ser aceita como verdade: “Então a missão do bom pastor é esta: ir à frente, indicando o caminho.”. Posteriormente, ele faz uma restrição quanto à atitude do “bom pastor”, construindo a asserção de chegada (A2): “Não com o olhar orgulhoso de quem preside.”. Fazendo isto, o enunciador procura dissociar uma qualidade negativa (o orgulho) que poderia ser associada à missão do pastor.

Observamos que a relação estabelecida entre A1 e A2 pode ser expressa por A1 **mas** A2, caracterizando o modo de encadeamento Restrição.

A partir desses modos de raciocínios, o sujeito argumentante buscou uma racionalidade através das articulações lógicas, facilitando a compreensão do fiel sobre o que estava sendo defendido e tentando provocar uma adesão. Porém, ao mesmo tempo em que procurou desenvolver um raciocínio, suscitou no destinatário, durante a argumentação, algumas emoções (alegria, confiança), como veremos mais tarde.

5.1.1.2.2. A organização argumentativa: os procedimentos discursivos

Os procedimentos discursivos se baseiam no uso de categorias de língua ou de procedimentos de outros Modos de organização do discurso para, na argumentação, produzir efeitos de persuasão.

O padre se vale de procedimentos discursivos, dentre eles, Definição (procedimento mais recorrente), Comparação, Citação, Acumulação e Questionamento para defender algumas teses, as quais apontaremos no quadro que se segue.

Teses	Procedimentos discursivos
“Deus é nosso pastor”	Definição
“Deus é o bom pastor”	Definição
“Devemos ter o cuidado para não sermos seduzidos pelos falsos pastores”	Comparação
“É Deus que cuida de nós”	Citação
“O único caminho ao céu é Jesus Cristo”	Citação
“É preciso intensificar a prece pelos pastores e pelas vocações”	Acumulação
“Precisamos refletir sobre as bênçãos tão belas do santo evangelho”	Questionamento

QUADRO 9

Analisaremos os procedimentos encontrados através de trechos selecionados.

a) Definição

Este procedimento foi o que mais recorreu na Homilia. O pregador o utiliza em defesa das teses “Deus é nosso pastor” e “Deus é o bom pastor”, que abrangem os excertos (20) e (21), respectivamente.

(20) Acabamos de ouvir uma das páginas mais consoladora do evangelho. Deus é o nosso pastor. Então, hoje, 4º domingo da Páscoa, nós celebramos essa grande notícia, essa grande graça de ter o próprio Deus como nosso pastor.

(21) Todos sabem que pastor é aquele que cuida das ovelhas e essas ovelhas somos nós, todo povo de Deus. E o bom pastor é o próprio Deus.

Os fragmentos acima marcam as teses ou conclusões, nos termos de Galinari (2007, p.223), “Deus é nosso pastor” e “Deus é o bom pastor”. Para isso, o sujeito argumentante se vale da definição expressa em (21) – “pastor é aquele que cuida das ovelhas” –, uma atividade de linguagem pertencente à categoria da Qualificação. Ocorre a definição do termo “pastor”, produzindo um “efeito de evidência e de saber”.

Em (21) o efeito de evidência é enfatizado pela expressão “Todos sabem”. Através dessa expressão, o padre assume o saber expresso no enunciado como “absoluto ou consensual”, nos termos de Menezes (2007).

Vale ressaltar no excerto (20) que o padre descreve seu estado emocional, mostrando-se alegre, feliz através do verbo “celebramos”, da palavra “graça”.

b) Comparação

Quanto a esse procedimento discursivo, destacamos o seguinte trecho da Homilia.

(22) E é missão também do bom pastor preservar as ovelhas do mal, afastar as feras, os leões, os ursos, os lobos para que as ovelhas não sejam devoradas pelo mal. Então afastar as ovelhas dos perigos, dos falsos profetas, dos falsos pregadores, daqueles que vêm até nós como lobo, como ovelha vestidos, ou melhor, como lobo vestido de ovelha. Nós temos que ter o cuidado para não sermos seduzidos pelos falsos pastores, por aqueles que agem em nome próprio e não em nome de Jesus.

O sujeito argumentante expõe acima a “missão” do “bom pastor” – “afastar os falsos pregadores das ovelhas” –, objetivando um “fazer saber” (cf. CHARAUDEAU, 1996, p.31) ao outro (interlocutor) em duas esferas: do bem e do mal.

Na primeira, estão as expressões “pastor” e “ovelhas”, referindo-se, respectivamente, a Cristo e aos fieis. Na segunda esfera, estão caracterizados os “falsos pregadores” (daqueles que vêm até nós como lobo), indicando a sua conduta, o comportamento, sugerindo que aquele teria um jeito falso de agir – “(vem até nós) (...) como lobo vestido de ovelha”. Assim, através de uma comparação subjetiva (como lobo vestido de ovelha), nos termos de Charaudeau (2008, p.238), o padre evidencia o falso pregador. Tal evidência pode levar o interlocutor a aceitar o que o sujeito argumentante defende ao final do excerto, conduzindo-o ao “fazer fazer” (*op. cit.*), a “tomar cuidado para não ser seduzido por falsos pastores”.

As metáforas – “leões”, “ursos”, “lobos” – e o adjetivo “mal” são utilizados para se referir aos “falsos pregadores”, os quais teriam o “poder de destruição”, poder esse suscitado na expressão “devoradas pelo mal”, podendo deste modo despertar um sentimento de medo no fiel e, por conseguinte, fazê-lo agir.

c) Citação

Podemos observar o procedimento discursivo Citação diversas vezes na Homilia, como argumento de autoridade. Para defender as teses “É Deus que cuida de

nós” e “O único caminho ao céu é Jesus Cristo”, o sujeito argumentante se pauta na Bíblia, o que observamos nos fragmentos (23) e (24), respectivamente.

(23) Através do profeta Ezequiel, Deus disse assim: “Eu mesmo cuidarei de minhas ovelhas. Eu mesmo.” Então é Deus que cuida de nós.

O fragmento acima se inicia com uma citação bíblica, uma fala de Deus. Em seguida, o conectivo “então” nos prenuncia uma tese que se apresenta em seguida: “É Deus que cuida de nós”. Para defender essa tese, o sujeito argumentante procura referir-se o mais fielmente possível ao texto da Bíblia, testemunhando um dizer bíblico e buscando provar o que defende e produzindo o “efeito de autenticidade”.

Evidencia-se assim o recurso à autoridade através do texto bíblico para fundamentar a tese. O mesmo ocorre em:

(24) Não há outro caminho para chegar ao céu! O único que existe é Jesus Cristo: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida.”.

Verificamos que o padre chega a uma conclusão: “O único caminho ao céu é Jesus Cristo”, tentando levar o outro a crer em Jesus como único caminho para o céu. Para tanto, ele utiliza um discurso de autoridade, a Bíblia, uma “autoridade impessoal”, nos termos de Perelman (2005, p.350).

Ao testemunhar um dizer, o sujeito argumentante produz um efeito de autenticidade em sua argumentação e concede uma maior credibilidade a sua tese.

d) Acumulação

Também identificamos o procedimento discursivo Acumulação, que se baseia no uso de vários argumentos para uma mesma prova. O padre se vale dele em favor da tese “É preciso intensificar a prece pelos pastores e pelas vocações”, que verificaremos através dos trechos a seguir.

(25) E é por isso que nós fomos convidados, nesse 4º domingo, a intensificar a nossa prece nessas intenções. Não só para que Deus continue aumentando as vocações, mas também por aqueles que são chamados à vida religiosa para se consagrar radicalmente ao reino de Deus através dos conselhos evangélicos da pobreza, da obediência e da castidade; para que eles possam despertar, neste mundo em que nós vivemos, aquela saudade de Deus, aquela necessidade das coisas espirituais em nossa vida cristã.

Observamos no trecho anterior que o sujeito argumentante se aproxima do destinatário através do uso do pronome “nós” e procura fazer com que o fiel intensifique

suas preces, apontando argumentos que justifiquem a ação. Assim, para defender a tese “É preciso intensificar a prece pelos pastores e pelas vocações”, ele explicita dois motivos: (1) Para Deus continuar aumentando as vocações; e (2) Para a consagração ao reino de Deus daqueles que são chamados à vida religiosa.

Notamos assim a Acumulação de argumentos para fazer com que o outro aja. Esse procedimento também é adotado em:

(26) Tudo isso, irmãos, é motivo de nossa reflexão nesse domingo do “bom pastor”. Não só entender a natureza do bom pastor, não só refletir sobre a missão que o bom pastor tem na igreja, mas também saber das nossas obrigações, nossos deveres cristãos, sobretudo, acompanhar nossos pastores com a nossa oração para que eles sejam mais santos, mais dedicados, mais disponíveis, para que o reino de Deus continue crescendo no meio de nós e toda a igreja possa se enriquecer com pastores santos e dedicados.

O sujeito argumentante conclui a Homilia, reafirmando que “é preciso refletir sobre a natureza do bom pastor e sua missão na igreja”, “é preciso saber os deveres dos cristãos” e “é preciso acompanhar os pastores com a oração”. No fragmento acima, o padre elenca argumentos, tais como: (1) “para que eles sejam mais santos, mais dedicados, mais disponíveis”; (2) “para que o reino de Deus continue crescendo no meio de nós”; e (3) “toda a igreja possa se enriquecer com pastores santos e dedicados”. Estes argumentos e, ao mesmo tempo, resultados da oração, poderiam despertar uma certa esperança no fiel, ou, como diria Charaudeau (2010, p.50), proporcionariam a “espera de um benefício, de um acontecimento feliz”. Na Homilia este benefício seria “o reino de Deus continuar crescendo no meio de nós” e o aumento do número de pastores santos e dedicados (esses livrariam a ovelha do mal).

e) Questionamento

O procedimento discursivo Questionamento também ocorreu diversas vezes na Homilia. Ao defender as teses “Precisamos refletir sobre as bênçãos tão belas do santo evangelho” e “O único caminho ao céu é Jesus Cristo”, o padre utiliza tal procedimento. Podemos observar isso através dos trechos a seguir.

(27) O que significa ser bom pastor? Qual é a missão que o pastor tem? E qual o dever que nós, as ovelhas, temos para com nosso bom pastor, Jesus? São três questões que nos ajudam a refletir sobre as bênçãos tão belas do santo evangelho.

Observamos no trecho (27) que o padre propõe três questionamentos numa ordem gradativa de raciocínio, buscando primeiramente o significado de “bom pastor”,

depois a missão deste e, em seguida, questionando sobre a obrigação das ovelhas para com o pastor. Através desses questionamentos, o sujeito argumentante incita o interlocutor a refletir sobre “as bênçãos tão belas do santo evangelho”, buscando a adesão do interlocutor para a tese “Precisamos refletir sobre as bênçãos tão belas do santo evangelho”.

(28) Mas, meus irmãos, qual é a missão do bom pastor? Em primeiro lugar, ele vai à frente para mostrar o caminho. E esse caminho é Jesus! Não há outro caminho para chegar ao céu!

No trecho acima, o sujeito argumentante se volta para os fieis e faz um questionamento, procurando verificar o saber (a missão do bom pastor). Logo em seguida, começa a enumerar a missão do bom pastor, mostrando um saber e evocando uma superioridade em relação ao outro. Concomitantemente, através do questionamento, o padre buscaria uma “comunhão do saber”, nos termos de Perelman (2005) com o fiel.

5.1.1.3. A Organização Descritiva

Na configuração do modo descritivo, atentaremos às nomeações e às qualificações.

Na Homilia, o padre se valeu dos dois componentes – o nomear e o qualificar –, sobressaindo este último. Veremos a seguir então a Nomeação e a Qualificação.

a) Nomeação

O sujeito enunciador (padre) nomeia “Cristo”, através de um nome próprio – uma identificação específica – “Deus” –, indicando ao sujeito destinatário serem Cristo e Deus o mesmo ente:

(29) Cristo é Deus, é o filho de Deus.

O fragmento acima aponta o “mistério” da Trindade – Pai (Deus), filho (Jesus Cristo) e Espírito Santo –, Deus subsiste nessas três pessoas, reconhecidas pela Igreja Católica. Além disso, por uma identificação genérica – “filho de Deus” –, Cristo é nomeado também através de um nome comum – “filho” –, incluindo-o e individualizando-o numa classe (CHARAUDEAU, 2008, p.118).

O padre também utiliza uma identificação genérica para nomear o pontífice da Igreja Católica – “Papa” – chefe religioso, nomeando-o em seguida através de um nome

próprio – Bento XVI (identificação específica), explicitando, assim, para o interlocutor, a identidade do atual pontífice, considerado pelo enunciador o primeiro representante de Jesus na terra:

(30) E quais são estas pessoas que representam Jesus Cristo nesta função de bom pastor? É claro que, em primeiro lugar, o santo padre, (...) o Papa, hoje, Bento XVI.

Também encontramos outras três identificações genéricas, tais como: sacerdotes, bispos, mercenários.

O locutor ainda nomeia o interlocutor através de uma identificação genérica – “irmãos” – através da qual se aproxima do *outro*, produzindo um laço de afetividade entre enunciador e destinatário:

(31) Mas, meus irmãos, qual é a missão do bom pastor?

Para se aproximar do fiel visado, o padre utiliza outra identificação genérica, o pronome “nós”:

(32) E qual o dever que nós, as ovelhas, temos para com nosso bom pastor, Jesus?

No fragmento acima, o enunciador se inclui através do pronome “nós” no grupo das “ovelhas”.

Passemos agora a verificar a qualificação na Homilia.

b) Qualificação

Além de identificar os seres, o enunciador (padre) qualifica-os. Ele qualifica “Deus” a partir do comportamento deste ser:

(33) “Deus é o nosso pastor”, pois “pastor é aquele que cuida das ovelhas”.

Primeiro, o celebrante descreve Deus como pastor e, posteriormente, expõe a atitude de um pastor, o que nos faz dizer que o ente “Deus” é descrito a partir de seu comportamento, sendo, deste modo, uma “qualificação” (CHARAUDEAU, 2008). Ainda poderíamos denominar essa descrição de “qualificação objetiva”, conforme Charaudeau (2008, p.120), uma vez que se pauta, em parte, na Bíblia (autoridade impessoal), e é tomado como “inquestionável” pela comunidade cristã. O enunciador procura compartilhar com o fiel visado (a princípio, todos os fieis presentes, que

ouviram a passagem bíblica) uma “visão de verdade”, verdade essa evidenciada na passagem bíblica lida. Na Bíblia (passagem lida), Jesus se considera o “bom pastor”, no entanto, o celebrante afirma que é Deus o (bom) pastor, sinalizando o “mistério” previsto pelo dogma da Santíssima Trindade, no qual as figuras de Jesus, Deus e Espírito Santo se fundem.

Após aquele trecho, o enunciador tem “Jesus” como o “bom pastor”, conforme a Bíblia:

(34) E qual o dever que nós, as ovelhas, temos para com nosso bom pastor, Jesus?

A vírgula antecedendo Jesus e precedida pela expressão “bom pastor” sugere que “Jesus é o bom pastor”. Porém, em seguida, o padre ratifica implicitamente o “mistério”:

(35) E o bom pastor é o próprio Deus.

O “amalgama” entre Jesus e Deus parece ser desfeito na qualificação:

(36) Então esse bom pastor é o próprio Cristo.

Mas, logo em seguida, o “mistério” volta a se manifestar através da identificação entre Cristo e Deus:

(37) porque Cristo é Deus, filho de Deus.

Conforme Pearlman (1978, p.180), o fato de Cristo poder ser um com Deus e ao mesmo tempo ser distinto de Deus é parte do grande mistério da Trindade.

Percebemos que o enunciador descreve Deus também como um ser “infinitamente misericordioso”:

(38) Mas Deus na sua infinita misericórdia, Ele quis que alguém o representasse aqui na terra com essa missão de ser bom pastor.

Essa qualificação está pautada na Bíblia, que diz o seguinte: “As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm

fim; renovam-se cada manhã.”²⁶ É uma visão compartilhada pela comunidade cristã. Deste modo, podemos falar de uma qualificação objetiva.

O ente “Jesus”, identificado como “Deus” em alguns momentos da Homilia, é descrito também a partir da Bíblia:

(39) E o alimento é também a sagrada eucaristia, onde o próprio Jesus se faz o nosso alimento: ‘Eu sou o pão vivo que descido do céu. Quem comer desse pão viverá eternamente’.

Ele é caracterizado como um “alimento”, o qual alimentará e fortalecerá aqueles que estão fracos espiritualmente:

(40) E assim nós ficamos fortalecidos e temos condição de caminhar com segurança para a Casa do Pai e de construir o Reino de Deus aqui na terra.

Através dessa qualificação objetiva, pautada na Bíblia, o locutor busca uma visão de verdade. “Deus”, o “bom pastor” e seus “representantes” na terra, é qualificado também como “aquele que dá o alimento”, sendo esse “alimento” caracterizado como a Palavra de Deus. Esta qualificação parte de uma reunião eclesial, o que confirmaria a descrição do “bom pastor” (ente que dá o alimento). Então visualizamos aqui uma qualificação objetiva:

(41) É missão do bom pastor dar o alimento e esse alimento é, em primeiro lugar, a Palavra de Deus e os fieis têm o direito, diz o Concílio Vaticano II, de haurir do sacerdote a Palavra de Deus (...).

Pautando-se ainda na Bíblia, o sujeito falante descreve o “bom pastor” como “aquele que conhece as ovelhas”:

(42) O evangelho é muito claro: o bom pastor conhece as suas ovelhas (...)

Constrói assim mais uma qualificação objetiva.

Ainda notamos que “Deus” é qualificado como “aquele que tem cuidado zeloso para com as ovelhas”:

(43) Então é Deus que cuida de nós. A paróquia é de Deus, é do Pai eterno, Ele é que tem o cuidado zeloso em cada um de nós, seus filhos, suas ovelhas.

Ele é caracterizado como um “presente”:

²⁶ Livro de Lamentações, capítulo 3, versículo 22.

(44) Ele (Deus) quis dar também aos homens esse privilégio de tornar um presente aqui na terra, com essa figura tão extraordinária que é do bom pastor.

A palavra “presente” suscita uma ambiguidade: (1) Deus através de um representante se faz presente entre os homens; (2) Deus é um presente para os homens porque tem um representante que assume sua identidade de “bom pastor”. “Deus”, o “bom pastor”, é também um “guia”, orienta a “ovelha” (povo de Deus) pelo caminho:

(45) Mas, meus irmãos, qual é a missão do bom pastor? Em primeiro lugar, ele vai à frente para mostrar o caminho.

O ente “Jesus” é caracterizado como o “bom caminho”: (46) “o bom caminho que é Jesus”. Estas qualificações, que são subjetivas, representam uma apreciação positiva, que evoca um certo afeto, mais especificamente, uma “confiança”, nos termos de Aristóteles (2007, p.95), naquela entidade (Deus/Jesus), que é um ente “zeloso”; “presente”; “guia” e “bom caminho”, uma expectativa associada àquilo que nos mantém a salvo, livres do perigo, confiança essa que pode ser compartilhada com o interlocutor. Ao elaborar um julgamento pessoal, o padre produz um “efeito de confiança”.

Observamos que o enunciador descreve o Papa, Bento XVI, reafirmando a caracterização – “santo padre”, “pastor” – apresentada pela Igreja Católica:

(47) E quais são estas pessoas que representam Jesus Cristo nesta função de bom pastor? É claro que, em primeiro lugar, o santo padre, o Papa, hoje, Bento XVI. É ele o pastor de toda a igreja.

Além de ser caracterizado como “santo padre”, o Papa, assumido pela igreja Católica e, conseqüentemente, pelo padre como representante de Jesus, é descrito como “pastor”, “aquele que cuida das ovelhas”, sendo, deste modo, qualificado a partir de seu comportamento. Para o sujeito falante, todos os cristãos estariam sob os cuidados do Papa. Têm-se assim qualificações relativamente subjetivas, visto que são assumidas primeiramente pela igreja. O Papa também é caracterizado como “dedicado” e “disponível”:

(48) (...) mas também saber das nossas obrigações, nossos deveres cristãos, sobretudo, acompanhar nossos pastores com a nossa oração para que eles sejam mais santos, mais dedicados, mais disponíveis, para que o reino de Deus continue crescendo no meio de nós (...)

Como pudemos observar, o locutor expõe a sua opinião:

(49) através das nossas orações, os pastores (papas, bispos e sacerdotes) podem se tornar mais santos, mais dedicados.

Os bispos, os sacerdotes, considerados também pastores – “são pastores os sacerdotes, bispos e papas” –, representantes de Jesus Cristo, são caracterizados como o Papa: santo, disponível, dedicado. Estas caracterizações expressam um julgamento pessoal, uma apreciação positiva, produzindo novamente o efeito de confiança.

Procurando alcançar o fiel visado, o locutor se aproxima deste se descrevendo junto:

(50) “E qual o dever que nós, as ovelhas, temos para com nosso bom pastor, Jesus?”.

As ovelhas seriam aqueles fieis que ouvem e praticam os ensinamentos do “bom pastor”. Essa descrição é construída a partir do comportamento do locutor e do interlocutor, sendo, assim, uma qualificação, a qual se pauta na Bíblia (passagem lida) e que pode ser verificada por outro sujeito, sem ser o enunciador. Temos então uma qualificação objetiva. Na mesma direção, o enunciador se descreve como pertencente ao “rebanho de Deus”:

(51) E, finalmente, qual é o dever das ovelhas, nós, ovelhas, o rebanho de Deus?

E também como “povo de Deus”:

(52) Essas ovelhas somos nós, todo povo de Deus.

Retomando novamente a Bíblia, o padre descreve a ovelha como “aquela que conhece o pastor”:

(53) O evangelho é muito claro: o bom pastor conhece as suas ovelhas e as ovelhas o conhece.

Pretendendo modificar o comportamento do fiel, o sujeito falante qualifica o destinatário se incluindo e indica um comportamento a ser adotado. Como vimos na organização enunciativa, o auditório é heterogêneo, mas o fiel visado é “aquele que está se afastando de Deus”. O fiel visado é descrito a partir da visão do locutor, por isso são qualificações subjetivas, gerando mais uma vez o efeito de confiança.

Procurando caracterizar o “bom pastor” e apontar a sua missão, o enunciador o coloca em oposição à figura do “mercenário”, aquele que “age por interesse financeiro”²⁷, alertando o fiel do “perigo” que o mercenário pode apresentar:

(54) Por isso, o evangelho de hoje nos previne contra os mercenários, aqueles que não têm interesse pelas ovelhas, mas simplesmente pelo leite e pela lã, simplesmente pelo dinheiro. Então, nós temos que nos cautelar para não sermos subvertidos por essa onda de mal que vai crescendo, se avolumando por toda a parte.

O mercenário é “aquele que não se interessa pelas ovelhas, mas pelo dinheiro”. Uma descrição pautada na Bíblia, livro que contém a “verdade”, e que pode ser verificada por outro sujeito. Logo, podemos dizer que se trata de uma qualificação objetiva, produzindo uma visão de verdade. Se de um lado verificamos uma qualificação objetiva, por outro, visualizamos também, no trecho acima, uma qualificação subjetiva, uma apreciação negativa em relação aos “mercenários”, descritos esses pela expressão “onda de mal”, da qual locutor e interlocutor precisariam ter cuidado, confirmando o que Charaudeau (2008) diz sobre o componente “qualificar”, que movimenta o racional e o emocional. Essa descrição do locutor evoca um certo medo (suscitado pela própria expressão supracitada e pela possível subversão causada pelos mercenários) por parte deste último, medo esse que pode ser compartilhado pelo interlocutor, levando-o, por conseguinte, a adotar o comportamento sugerido – “deve-se ter cuidado para não ser subvertido pelos mercenários”.

O quadro abaixo sintetiza a organização descritiva na Homilia.

²⁷ Minidicionário Houaiss (2008).

Nomeação		Qualificação	
Identificação genérica	Identificação específica	Objetiva	Subjetiva
Filho de Deus	Deus Cristo	(bom) pastor; infinitamente misericordioso; alimento; aquele que dá o alimento; aquele que conhece as ovelhas.	Aquele que tem cuidado zeloso para com as ovelhas; presente; “guia”; bom caminho
Papa	Bento XVI		Santo padre; pastor; dedicado; disponível
sacerdotes			Pastor, santo, disponível, dedicado
bispos			Pastor; santo; disponível; dedicado
Irmãos (fiel visado)			
Nós (padre e fiel visado)		Ovelha; povo de Deus; rebanho de Deus; aquele que conhece o pastor.	Aquele que não tem grande solicitude para com a igreja; aquele que está fraco espiritualmente; aquele que tem delicadeza de conhecer e seguir o bom pastor e docilidade para ouvir e praticar seus ensinamentos; aquele que não reza ou reza pouco.
mercenários		Aqueles que não se interessam pelas ovelhas, mas pelo dinheiro.	Onda de mal

QUADRO 10

5.1.1.4. A Organização Narrativa

Na Homilia identificamos uma narrativa, a partir da qual analisaremos as seguintes categorias: identidade (autor-indivíduo, narrador-historiador ou narrador-contador), estatuto (o narrador conta a sua própria história; ele conta a história de um outro ou existem muitos narradores) e ponto de vista (externo, objetivo ou interno, subjetivo) do narrador.

Na narrativa que se segue, o padre se vale de uma passagem bíblica, na qual Jesus pede a Pedro para cuidar das ovelhas, a fim de confirmar a tese de que “O Papa é o pastor de toda a igreja”. Ao elencar os representantes de Jesus, o “bom pastor”, o padre aponta o Papa como o primeiro dentre esses.

(55) Logo depois da ressurreição, Jesus aparece a São Pedro e diz assim: “Pedro, tu me amas mais do que estes? Então apascenta as minhas ovelhas.”. E disse a segunda vez: “Pedro, tu me amas mais do que estes? Então apascenta os meus cordeiros.”. Com esta expressão, Jesus colocava todos nós debaixo da proteção do Papa. E é por isso que os últimos papas têm viajado tanto, visitado diversos continentes, numerosos países. O Papa já veio ao Brasil tantas vezes, exatamente para isso, para trazer o alimento da Palavra de Deus. São visitas pastorais. Ele vem para confirmar a nossa fé. É a missão que Jesus confiou ao Papa.

No início do trecho, o padre traz um fato – parte do diálogo de Jesus com Simão Pedro retratado pela Bíblia no Livro de João, capítulo 21, versículos 15 e 16 –, fato esse distante temporalmente. Temos, assim, um texto sagrado, que deve ser reconhecido por todos os membros da comunidade cristã como uma verdade única compartilhada. Por isso, conforme Charaudeau (2008, p.155), esse texto, destituído de autor real, é um “produto de uma co-enunciação coletiva”. O ouvinte real é aquele que está presente na igreja, escutando o fato.

O narrador, “sujeito que conta”, é o padre, que, a partir de um documento (a Bíblia), organiza a história de maneira objetiva, reproduzindo as falas dos personagens, o que Charaudeau (2008, p.187) denomina “narrador-historiador”, fazendo crer que ele se apaga por detrás dos fatos. O narrador apresenta uma realidade passada, em terceira pessoa, o que, conforme Perelman (2005, p.183), produz uma distância entre quem fala (narrador) e o que ele diz, reduzindo a responsabilidade do sujeito que conta. Ele utiliza verbos no presente (aparece e diz), suscitando um “efeito de atualização” do diálogo, mas também um verbo no passado (disse), produzindo um “efeito de distanciamento”.

Após a apresentação do diálogo de Jesus com Simão Pedro, o narrador expõe seu ponto de vista – “Com esta expressão, Jesus colocava todos nós debaixo da proteção do Papa.”. O padre trata, neste enunciado, do interior do personagem Jesus, apontando um pensamento, uma vontade de Jesus colocar todos debaixo da proteção do Papa. O padre, apoiando-se em dados históricos, explica as origens do papado. Expressa a vontade de Jesus de deixar alguém em seu lugar com a ideia de que o povo/rebanho precisa de um pastor.

Em seguida, o padre relata as viagens dos últimos papas, uma realidade passada, apesar do verbo “ter” estar no presente. Temos agora um autor real, um indivíduo comum, um autor-indivíduo, uma testemunha da história contada: o padre. Ele sabe que os papas viajaram por diversos continentes, numerosos países. Ele organiza a história de maneira mais objetiva, mais próxima dos fatos da realidade, testemunhando a vinda do Papa ao Brasil, momento do qual provavelmente o destinatário pode se lembrar, o que

caracteriza um narrador-autor-indivíduo. Ao se referir às viagens que o Papa fez ao Brasil, o padre limita-se a um contexto sócio-histórico mais concreto, mais próximo do destinatário, suscitando um “efeito de verismo”, buscando compartilhar com este o pensamento de que “o Papa vem ao Brasil para trazer a Palavra de Deus”. Algumas marcas linguísticas deixam entrever o estatuto do narrador como testemunha dos acontecimentos contados, como: “últimos”; “têm viajado”; “Brasil”; “tantas vezes”; “exatamente”, marcas essas que indicam uma proximidade espaço-temporal do narrador com a realidade contada e uma modalização indicando certeza do fato contado.

Para o narrador, a função de proteger todos os cristãos, dada por Jesus justificaria as viagens do Papa. Em seguida, quando o padre cita a finalidade da viagem do Papa ao Brasil – “trazer o alimento da Palavra de Deus” –, tem-se um pensamento, a explicitação de uma suposta vontade do Papa e, deste modo, um ponto de vista interno, subjetivo. Posteriormente, mais uma vez, ocorre o ponto de vista interno, subjetivo, apontando outra suposta finalidade da vinda do Papa – “para confirmar a nossa fé” –, que seria um outro motivo da viagem do Papa, para o narrador. Ao final do fragmento, o narrador volta a assinalar a designação que Jesus fez ao Papa, procurando, novamente, argumentar em favor da tese “O Papa é o pastor de toda a igreja”.

Vale ressaltar que o narrador utiliza alguns verbos no presente – “são”, “vem”, “é” –, sugerindo uma atualização das ações do Papa.

5.1.2. Análise da Pregação da Palavra

5.1.2.1. A Organização Enunciativa

5.1.2.1.1. Os sujeitos – parceiros e protagonistas

A Pregação da Palavra (ver Anexo 2) é construída a partir de uma passagem de Gênesis (32, 24-31), a qual aborda a luta de Jacó com um anjo. O pregador percorre o seguinte tema: “a bênção de Deus mediante a perseverança do fiel na Palavra”.

Na Pregação, a configuração do modo enunciativo se dá a partir de quatro sujeitos: há o sujeito comunicante, que ali é o pregador da Palavra. Enquanto ser psicossocial, este se desdobra em um sujeito enunciador, o qual apresenta diversas “faces” e que pretende atingir/influenciar um sujeito destinatário, que também se apresenta com várias “faces”; e um sujeito interpretante, que são os fieis presentes no culto e também os ouvintes da rádio para qual o culto é transmitido.

Observamos várias vezes que o pregador aparece somente como representante de Deus, fala em nome Deste:

(56) Aquilo que eu tô falando aqui nesta noite é uma mensagem que Deus mandou entregar pra você nesta noite.

O enunciador traz uma mensagem para o fiel (aqueles que estão presentes no culto e aqueles que ouvem a rádio), que pertence ao plano material. Fica explícita a assimetria entre o plano espiritual e o plano material que, segundo Orlandi (1996), caracteriza o discurso religioso.

Observamos também que o pregador procura se aproximar do fiel, assumindo a mesma “face” que este, o que configura uma estratégia para criar uma impressão de proximidade, como em:

(57) Irmãos, por muitas vezes nós temos recebidos apelidos, muitas vezes nós temos recebidos muitas características dos outros, que os outros têm colocados em nossas vidas, que não são aquelas que nós queríamos ser.

O pregador, neste trecho, se dirige ao fiel que tem recebido “apelido”, “aquele que se afasta de Deus” e, ao mesmo tempo, assume tal identidade por meio do uso do verbo “ter” na primeira pessoa do plural. Vale destacar o uso de vocativo, que, conforme Orlandi, é uma marca do discurso religioso.

Observamos ainda que o sujeito enunciador visa atingir certos fieis dos quais não se aproxima, por exemplo, “aquele que confia em muitas coisas” (que acredita na autossuficiência, mas não em Jesus):

(58) E nesta noite você tem confiado em muitas coisas como aqui foi falado.

O pregador também procura falar àquele que chega diante de Deus como servo:

(59) Nesta noite, irmão, pára de chegar diante do Senhor como servo: ‘Ah, Senhor, amado, eu não sei nada da sua glória, eu não sei nada da sua vida. Me dá se você quiser.’ Irmão, chega perante o Senhor nesta noite como filho: ‘Papai, dá um presente aqui pro teu filho.’

O pregador, enquanto representante de Deus, visa alcançar o fiel que chega diante de Deus como servo, procurando, através dos verbos “parar” e “chegar” no imperativo, fazer com que ele mude o comportamento (chegue diante de Deus como filho).

Ao se propor que o fiel se aproxime de Deus não como servo, mas como filho, altera-se o *status* na relação humano-divino. Cria-se uma ilusão de reversibilidade, nos termos de Orlandi (1996), pela qual o fiel pode se aproximar de Deus. Além da ilusão

de reversibilidade como característica do discurso religioso, notamos o emprego de vocativo e de verbo no imperativo.

Percebemos assim que o sujeito enunciador, em vários momentos da Pregação, assume somente a posição de representante de Deus; em outros, abre mão dessa posição para se identificar com o fiel visado, criando uma ilusão de proximidade. Também vimos que o enunciador visa outros destinatários dos quais não se aproxima.

5.1.2.1.2. Modalização – modalidade delocutiva, alocutiva e elocutiva

a) Modalidade delocutiva

A modalidade delocutiva se destacou em relação às outras duas. Analisaremos essa modalidade na Pregação a partir dos trechos a seguir.

(60) Irmãos, aqui essa palavra fala sobre Jacó e, como nós já sabemos, que a história de Jacó ali quando ele foi nascer, ele nasceu ali grudado no calcanhar do irmão dele, com a mão no calcanhar do irmão dele. Irmãos, e desde aí, Jacó foi conhecido como um trapaceiro, como aquele que queria passar os outros para trás porque interpretavam que ele queria nascer na frente do irmão dele.

Este trecho está situado no início da Pregação e se baseia na Bíblia, a qual é retomada diversas vezes pelo pregador implicitamente ou explicitamente. Trata-se, portanto, de um discurso relatado, que, conforme Charaudeau (2008, p.100), é uma modalidade que integra o “comportamento delocutivo”.

O enunciador, tentando explicar ao seu destinatário a origem do “apelido” (trapaceiro) de Jacó, utiliza uma passagem bíblica (o nascimento de Jacó), concedendo a sua fala uma credibilidade e produzindo uma “ilusão de evidência”, enfatizada pela expressão “como já sabemos”. O enunciador pressupõe que o seu interlocutor conheça a Bíblia, faça parte da comunidade religiosa, e que, assim, compartilhe das narrativas.

Também, no fragmento abaixo, verifica-se o uso da modalidade delocutiva, recorrendo-se, desta vez, ao senso comum para que o fiel se reconheça nessa “verdade” e, ao mesmo tempo, perceba que está “errado”, através do exemplo que o pregador expõe logo em seguida.

(61) Muita gente não reconhece a necessidade de se ter um Deus, muita gente não reconhece a necessidade de servir ao Senhor, acha que ele é bom, que ele é suficientemente bom, ele pode ir onde ele quiser, ele pode fazer aquilo que ele quer sem precisar de Deus. Ele consegue aquilo que ele quer com dinheiro, com palavras persuasivas. Mas não, irmãos!

No exemplo (61), o sujeito falante (pregador/representante de Deus) apresenta a posição de um conjunto de pessoas – “muita gente” –, posição essa que evoca um “senso comum”. Ele ilustra atitudes corriqueiras/cotidianas, possivelmente próximas do “mundo” do fiel, uma vez que qualquer pessoa poderia, por exemplo, conseguir algo, senão através de dinheiro, pelo menos por meio de palavras persuasivas. O sujeito destinatário (fieis presentes no culto e ouvintes da rádio) poderia se identificar com tais atitudes, mas logo em seguida (ao final da fala do locutor), perceber que seriam “incorretas”.

Ao final das declarações, as quais seriam posições de um terceiro (muita gente), o pregador revela seu ponto de vista (comportamento elocutivo), mostrando ser contrário – “Mas não, irmãos!” – àquele que se acha autossuficiente. É uma modalidade de discordância (CHARAUDEAU, 2008, p.97).

b) Modalidade elocutiva

A partir da modalidade elocutiva, o sujeito falante expõe sua posição em relação ao que vem sendo dito ou “pregado”. Podemos observar isso no trecho que se segue:

(62) Irmãos, o que eu tô falando aqui nesta noite não é mero emocionalismo. Aqui o que eu tô falando aqui nesta noite não é para tentar comover o teu coração, pra te tocar e pra você bater nas minhas costas depois do culto e falar: “Rapaz, você prega, hein?” Aquilo que eu tô falando aqui nesta noite é uma mensagem que Deus mandou entregar pra você nesta noite.

No trecho acima, o sujeito falante (pregador/representante de Deus) chama a atenção do sujeito destinatário através do vocativo, tentando manter o contato e, em seguida, enuncia sua posição ao que diz, ou seja, faz uma avaliação (não é mero emocionalismo) do que vem dizendo, de sua Pregação, a qual, para ele, é uma “mensagem de Deus” destinada ao fiel visado (aquele que acha a Pregação mero emocionalismo). Isso é o que Charaudeau (1983) denomina “ponto de vista de avaliação”. Ao fazer a avaliação, o locutor pretende fazer com que o interlocutor mude de opinião.

No fragmento abaixo também evidenciamos a modalidade elocutiva através da qual o pregador faz uma constatação “que se tem esquecido de que a igreja é um lugar onde se sente a presença do Senhor”, deixando entrever sua posição.

(63) Muitas vezes nós estamos na presença do Senhor e não temos buscado ao Senhor com fervor. Temos esquecidos do nosso primeiro amor, de como O buscávamos antes,

quando éramos novos convertidos, aquele primeiro amor que nós tínhamos: “Ah! Hoje é dia de culto. Glória a Deus! Tenho que ir lá para buscar ao Senhor, para sentir a presença do Senhor”. Quantas vezes nós temos esquecidos que aqui é um lugar que nós sentimos a presença do Senhor e temos vindo meramente para o pastor ver nosso rosto ou então para achar que temos enganado a Deus e falar: “Oh, Senhor, eu tenho vindo ao culto, olha a minha cara aqui”.

Percebemos no trecho (63) que o sujeito enunciador abre mão de sua posição de representante de Deus e adota uma identidade humana – aquele que não busca ao Senhor com fervor e que tem esquecido que a igreja é um lugar onde se sente a presença do Senhor –, colocando-se ao lado do sujeito destinatário.

Ao se apresentar como o fiel visado, faz uma constatação a partir de sua própria experiência, mostrando seu ponto de vista através de uma modalidade elocutiva específica – a Constatação (CHARAUDEAU, 2008, p.91).

Quando constata o seu esquecimento e do interlocutor de que a igreja é um lugar onde se sente a presença do Senhor, o locutor deixa entrever o comportamento a ser adotado.

Passemos a analisar agora o uso da modalidade alocutiva na Pregação.

c) Modalidade alocutiva

A partir da interrogação, modalidade alocutiva, o sujeito falante implica o outro, buscando uma comunhão de ponto de vista, o que podemos notar no trecho a seguir:

(64) Quem aqui que gostaria de ser chamado de trapaceiro, como aquele que quer deixar o irmão pra trás, como aquele que quer subir a custas dos outros? Ninguém quer, irmão.

No trecho anterior, o sujeito enunciador (pregador/representante de Deus) busca através da categoria modal de interrogação uma comunhão (uma mesma opinião) com seu destinatário (fiel presente no culto e ouvintes da rádio). A pergunta é feita, mas logo respondida. O locutor apresenta seu ponto de vista – “Ninguém quer ser chamado de trapaceiro” – através de uma modalidade elocutiva específica, a Discordância – “Ninguém quer, irmão.”

No trecho abaixo também visualizamos a modalidade alocutiva. O sujeito falante faz um julgamento do comportamento do interlocutor – “reclamar por falta de roupa com o guarda-roupa cheio” – e o incita a uma mudança.

(65) Tem reclamado que tá faltando roupa, mas tá com o guarda-roupa cheio. Irmão, tem coisa na sua vida que você acha um máximo, que é demais, mas é necessário que você abra mão disso para que o Senhor venha operar verdadeiramente na sua vida.

No trecho (65), o sujeito enunciador (pregador/representante de Deus) faz um julgamento implícito do comportamento do sujeito destinatário (aquele que reclama de privações materiais aparentemente sem razão para fazê-lo) ao estabelecer uma oposição entre a reclamação pela falta de roupa e o guarda-roupa cheio, opondo, assim, uma ação negativa a uma situação positiva, o que não procede na visão do locutor.

Em seguida, o pregador chama a atenção do fiel visado através do vocativo (marca do discurso religioso) e indica-lhe uma ação a realizar – “é necessário que você abra mão disso” – para melhorar a situação – “para que o Senhor venha operar verdadeiramente na sua vida”, ou seja, o sujeito falante prega o desapego a valores materiais. Charaudeau (2008, p.89) chamaria essa construção enunciativa de sugestão – uma categoria modal pertencente ao comportamento alocutivo, “que propõe ao interlocutor executar a ação descrita como um meio de melhorar a situação”. No entanto, denominaríamos “Necessidade” porque a expressão “é necessário que” exprime mais que uma sugestão, denota uma necessidade.

5.1.2.2. A Organização Argumentativa

5.1.2.2.1. A organização argumentativa: os modos de raciocínio

O pregador trata do seguinte tema: “A bênção de Deus mediante a perseverança do fiel na Palavra”. A partir da passagem bíblica (Gênesis capítulo 32, do versículo 24 ao 31) que aborda a luta de Jacó com Deus, o pregador procura mostrar a perseverança de Jacó para alcançar a bênção de Deus. Abordando esse tema, ele defende algumas teses, valendo-se de alguns modos de raciocínio, como: Dedução, Explicação, Escolha alternativa e Concessão restritiva.

O quadro abaixo aponta as teses e os respectivos modos de raciocínio utilizados.

Teses	Modos de raciocínio
“Se você buscar o Senhor com fervor, não vai sair da igreja da mesma maneira”	Dedução
“Para receber a bênção do Senhor, é necessário nós recebermos alguma marca”	Dedução
“Jacó foi conhecido como um trapaceiro”	Explicação
“É necessário se libertar dos pecados para ser santo e logo ver Deus”	Explicação
“Devemos buscar o Senhor com fervor”	Escolha alternativa
“A promessa de Deus vai se cumprir”	Escolha alternativa
“Deus tem uma bênção na tua vida”	Concessão restritiva

QUADRO 11

a) Dedução

Na Pregação, notamos o modo de raciocínio Dedução em favor das teses “Se você buscar o Senhor com fervor, não vai sair da igreja da mesma maneira” e “Para receber a bênção do Senhor, é necessário nós recebermos alguma marca”, manifestadas, respectivamente nos trechos a seguir.

(66) A Palavra do Senhor fala que onde Deus está alguma coisa acontece e que você venha crer nesta noite que você não vai sair da mesma forma que entrou se você se colocar na posição do Senhor.

Observamos que, inicialmente, o sujeito argumentante apresenta uma “premissa”, nos termos de Charaudeau (2008, p. 209), ou “dado” (A1) – “A Palavra do Senhor fala que onde Deus está alguma coisa acontece” –, um dado pautado na Bíblia. Em seguida, convoca o fiel a crer que não sairá da igreja da mesma forma, configurando, deste modo, a asserção de chegada (A2) – “e que você venha crer nesta noite que você não vai sair da mesma forma”. Porém, antes dessa asserção, há uma asserção de passagem, implícita, que se baseia na crença compartilhada pelo locutor e interlocutor de que Deus está ali, na igreja, muitas vezes, denominada “Casa de Deus” pelos membros da comunidade cristã. Esta asserção pode incitar o destinatário a aceitar A2 como verdadeira, a qual é corroborada por A1.

Entre A1 e A2, percebemos uma relação que se orienta da causa para a consequência, podendo ser expressa por A1 e (logo, portanto) A2: “A Bíblia (autoridade impessoal) disse, portanto, que você creia”. Deste modo, trata-se de uma “consequência implicativa”, modo de encadeamento que participa da construção da “dedução por silogismo” (CHARAUDEAU, 2008, p.214).

Ao final do excerto, o sujeito argumentante volta a construir uma premissa – “se você se colocar na posição do Senhor” – da qual decorre a asserção anterior (você não vai sair da mesma forma que entrou). Então, tem-se a relação Se A1, **então** A2 – “Se você se colocar na posição do Senhor, buscá-lo com fervor, então você não vai sair da mesma forma que entrou” – uma “dedução condicional”, baseada no modo de encadeamento Consequência.

(67) Irmãos, para receber a bênção do Senhor, é necessário nós recebermos alguma marca.

No fragmento (67), visualizamos a asserção de partida (A1) – “é necessário nós recebermos alguma marca” – que faz admitir uma outra asserção em relação à qual se

justifica – “para receber a bênção do Senhor” (A2), o resultado da relação argumentativa. Esta pode ser expressa por **Para** A2, A1, construída através do modo de encadeamento “Finalidade”. A consequência aqui aparece antes da causa, sugerindo que o pregador valoriza mais o resultado, o “benefício”, o qual representa a legitimidade da proposta (**Para** A2, A1).

Além do destaque, esse resultado poderia chamar a atenção do fiel por ser algo positivo (bênção), o que poderia seduzi-lo e fazê-lo aceitar a proposta – “Para receber a bênção do Senhor, é necessário nós recebermos alguma marca”.

b) Explicação

A Explicação é observada no início da Pregação quando o pregador narra a história de Jacó, defendendo o dito “Jacó foi conhecido como um trapaceiro” e para defender a tese “É necessário que todos os quartos estejam arrumados para ser santo e logo ver Deus”, que pode ser traduzida pela expressão “É necessário se libertar dos pecados para ser santo e logo ver Deus”, o que os trechos a seguir abrangem.

(68) Irmãos, e desde aí, Jacó foi conhecido como um trapaceiro, como aquele que queria passar os outros para trás porque interpretavam que ele queria nascer na frente do irmão dele.

Então, numa asserção de partida, o sujeito argumentante fala sobre Jacó, atribuindo-lhe propriedade (trapaceiro): “Irmãos, e desde aí, Jacó foi conhecido como um trapaceiro, como aquele que queria passar os outros para trás”. Em seguida, numa asserção de chegada, aponta a causa (interpretavam que Jacó queria nascer na frente do irmão) dessa propriedade. Deste modo, a relação de causalidade é orientada da consequência para a causa, estabelecendo o modo de raciocínio Explicação através do encadeamento Causa, operação que pode ser expressa por A1 **porque** A2.

Além da articulação lógica, o sujeito argumentante se pauta na Bíblia, buscando um ideal de verdade.

(69) Esse quartinho ninguém abre porque sabe que quando abrir ali vai ver bagunça, ali vai ver poeira porque não se limpa.

Este trecho surge quando o sujeito argumentante retoma a fala de um terceiro, o qual afirma que nas casas sempre há um quarto, onde se joga as “tralhas”, permanecendo, portanto, trancado. A partir disso, o pregador faz a relação argumentativa partindo da consequência para a causa duas vezes: “Ninguém abre o

quartinho porque vê bagunça”; e “Ali vê poeira porque não se limpa”. Tem-se, assim, o modo de raciocínio Explicação, baseado no modo de encadeamento Causa.

Estabelecida essa relação argumentativa, uma articulação lógica, posteriormente, o sujeito argumentante a utiliza num sentido metafórico, falando dos “quartos sujos da vida”, ou seja, os “pecados” que não eliminamos da vida, tentando defender a tese “É necessário se libertar dos pecados para ser santo e logo ver Deus”.

c) Escolha alternativa

Visualizamos a Escolha alternativa sendo utilizada em favor das teses “Devemos buscar o Senhor com fervor” e “A promessa de Deus vai se cumprir”, o que se nota, respectivamente, nos trechos que se seguem.

(70) Quantas vezes nós temos esquecidos que aqui é um lugar que nós sentimos a presença do Senhor e temos vindo meramente para o pastor ver nosso rosto ou então para achar que temos enganado a Deus e falar: “Oh, Senhor, eu tenho vindo ao culto, olha a minha cara aqui”.

No exemplo (70), o sujeito argumentante aponta/alterna através da disjunção duas situações/práticas (ir à igreja para se mostrar para o pastor ou para enganar a Deus) exercidas por ele e pelo fiel visado (aquele que vai à igreja para se mostrar para o pastor ou para enganar a Deus), situações essas consideradas negativas, inadequadas, podendo o fiel real se identificar com o fiel visado e até se reconhecer quando o pregador traz a fala deste.

Percebemos assim uma busca de racionalidade, haja vista as duas relações argumentativas, expressas por A1 e (**então**) A2; e A’1 e (**logo**) A’2, relações essas com valor negativo, alternadas; situações próximas do fiel, que tendem a um ideal de verdade.

(71) Para terminar, amigos, capítulo 23, versículo 19: “Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa. Porventura, tendo ele prometido, não o fará? Ou, tendo falado, não o cumprirá?”

Em busca de uma objetividade, de uma racionalidade, o sujeito argumentante se vale da Bíblia, trazendo uma afirmação que caracteriza Deus, sucedido por um questionamento, construído pelo modo de raciocínio Escolha alternativa através do encadeamento Disjunção. A relação de causalidade aqui ocorre, como na dedução, da causa para a consequência, que pode ser expressa por: “Se ele prometeu, não o fará? Se falou, não o cumprirá?”.

O questionamento na forma negativa e a alternativa deixam entrever a resposta, a conclusão já sugerida pela afirmação que os precede: “Deus cumpre com o que prometeu”.

d) Concessão restritiva

O sujeito argumentante, o pregador, vale-se da Concessão restritiva para defender as teses “Deus tem uma bênção na tua vida” e “Nós necessitamos de um Deus vivo e verdadeiro”, evidenciadas nos fragmentos (72) e (73), respectivamente.

(72) Deus tem uma bênção na tua vida, Ele tem uma obra para realizar na tua vida, mas nós precisamos nos colocar na posição Dele, nós precisamos enxergar que nós estamos indo na Casa do Senhor não é simplesmente para sentarmos aí, louvamos alguns hinos, ouvirmos a Palavra do Senhor e ir embora da mesma maneira que nós entramos, mas não!

No trecho (72), o pregador, inicialmente, apresenta uma asserção (A1) como verdadeira (fazer uma concessão) – “Deus tem uma bênção na tua vida, Ele tem uma obra para realizar na tua vida” – e, em seguida, faz uma restrição, deixando entrever que Deus não abençoa qualquer um, somente “aquele que se coloca na posição Dele”, “aquele que O busca com fervor”, restrição essa que é enfatizada (mas não!) ao final do excerto. A relação argumentativa pode ser expressa por A1 **mas** A2, estabelecida pelo encadeamento Restrição.

(73) Muita gente não reconhece a necessidade de servir ao Senhor, acha que ele é bom, que ele é suficientemente bom, ele pode ir onde ele quiser, ele pode fazer aquilo que ele quer sem precisar de Deus. Ele consegue aquilo que ele quer com dinheiro, com palavras persuasivas. Mas não, irmãos! Nós necessitamos de um Deus vivo e verdadeiro.

O pregador apresenta algumas asserções sobre a suficiência do homem, assumindo-as como verdadeiras (Ele consegue aquilo que ele quer com dinheiro, com palavras persuasivas), porém em seguida contesta-as: “Mas não, irmãos! Nós necessitamos de um Deus vivo e verdadeiro.” Configura-se assim uma Concessão restritiva através do modo de encadeamento Restrição.

A partir das articulações lógicas, o pregador procurou estabelecer na argumentação uma racionalidade, que tende a um ideal de verdade do que está sendo proposto. Ele recorreu mais à Concessão restritiva, colocando em evidência a tese e a

restrição em segundo plano, podendo o fiel prender sua atenção na conclusão e assumir a tese defendida.

5.1.2.2.2. A organização argumentativa: os procedimentos discursivos

Na Pregação, identificamos os procedimentos discursivos como Definição, Comparação, Descrição narrativa, Citação, Acumulação e Questionamento (procedimento mais recorrente). O pregador utiliza tais procedimentos para defender suas teses, as quais apontaremos no quadro abaixo.

Teses	Procedimentos discursivos
“Deus está querendo fazer algo tremendo em nossas vidas”	Definição
“Nós necessitamos de um Deus vivo e verdadeiro”	
“O Pai atende o pedido do filho”	Comparação
“Deus quer ver perseverança em nossas vidas”	Descrição narrativa; Acumulação
“Tudo que o Senhor tem nas nossas vidas tem um tempo determinado”	Descrição narrativa
“A Igreja é lugar de mudança”	Citação
“É necessário se libertar dos pecados para ser santo e logo ver Deus”	
“A promessa de Deus vai se cumprir”	Acumulação; Questionamento
“Ninguém quer ser chamado de trapaceiro”	Questionamento

QUADRO 12

Estudaremos esses procedimentos a partir de alguns trechos considerados relevantes.

a) Definição

Na Pregação, observamos o procedimento Definição algumas vezes. O sujeito argumentante (o pregador) se vale dele para defender as teses “Deus tá querendo fazer algo tremendo em nossas vidas” e “Nós necessitamos de um Deus vivo e verdadeiro”, teses essas que podem ser verificadas, respectivamente, nos excertos abaixo:

(74) Irmãos, o que eu tô falando aqui nesta noite não é mero emocionalismo. Aqui o que eu tô falando aqui nesta noite não é para tentar comover o teu coração, pra te tocar e pra você bater nas minhas costas depois do culto e falar: “Rapaz, você prega, hein?” Aquilo que eu tô falando aqui nesta noite é uma mensagem que Deus mandou entregar pra você nesta noite.

Para defender a tese “Deus tá querendo fazer algo tremendo em nossas vidas”, o sujeito argumentante inicia o fragmento acima procurando definir a Pregação a partir do que ela não é: “não é mero emocionalismo”. Posteriormente, valendo-se de sua

autoridade como representante de Deus, define o que vem a ser a Pregação: “é uma mensagem que Deus mandou entregar pra você nesta noite”, produzindo um efeito de evidência e, ao mesmo tempo, cria no destinatário uma ilusão de ser especial ao explicitar uma “mensagem para você”, o que pode levar o fiel a aceitar a tese.

(75) Por que você não se salvou de tantos males que nos atingem, que nos agravam? É porque existe um Deus e esse Deus Ele mostra, mesmo que seja por palavras duras, por gestos duros em nossas vidas, Ele mostra que nós dependemos dele.

Nesse excerto, o sujeito argumentante, tentando defender a tese “Nós necessitamos de um Deus vivo e verdadeiro”, procura mostrar para o fiel que ele não se salva de um mal, ele mesmo não é capaz, sendo assim insuficiente. Em seguida, percebemos uma definição, ou melhor, uma definição aparente, que, segundo Charaudeau (2008, p.236), também devemos considerar quando não se trata de uma “verdadeira definição”, aqui, do ser “Deus”, “aquele que nos mostra por palavras ou gestos duros que dependemos Dele”, a qual produz um efeito de evidência e de saber.

Além desse efeito, tal definição poderia despertar um sentimento de medo no fiel e então fazer com que ele aceitasse a tese para não passar por problemas (infarto, derrame cerebral, por exemplo, citados pelo pregador anteriormente), evocados pelas expressões “gestos duros” e “palavras duras”.

b) Comparação

A Comparação surgiu poucas vezes na Pregação. O pregador a utiliza na defesa da tese “O Pai atende o pedido do filho”, que verificaremos no fragmento a seguir:

(76) Nesta noite, irmão, pára de chegar diante do Senhor como servo: “Ah, Senhor amado, eu não sei nada da sua glória, eu não sei nada da sua vida. Me dá se você quiser.”. Irmão, chega perante o Senhor nesta noite como filho: “Papai, dá um presente aqui pro teu filho.”. Irmãos, qual o pai que o filho pedindo pão dará pedra?

O sujeito argumentante, no trecho (76), procura fazer, ou melhor, ordena (com) que o outro mude de comportamento – “chegar diante do Senhor como filho, não como servo”. Então, ele utiliza a comparação entre a fala do servo e a fala do filho, ilustrando o posicionamento de um servo e o posicionamento de um filho perante Deus, possibilitando uma compreensão melhor (efeito pedagógico) por parte do fiel, uma exatidão de como proceder diante de Deus.

Através da comparação, o pregador sugere que chegar diante de Deus como filho é ter um relacionamento próximo, estabelecer um vínculo afetivo, o que poderia facilitar

a obtenção do pedido, fundamentando assim a tese de que “O Pai atende o pedido do filho”, tese essa evocada no questionamento ao final do fragmento acima.

c) Descrição narrativa

O pregador utiliza a Descrição narrativa para defender as teses “Deus quer ver perseverança em nossas vidas” e “Tudo que o Senhor tem nas nossas vidas tem um tempo determinado”, ilustradas pelos excertos (77) e (78) a seguir:

(77) Jacó, irmãos, ele lutou com anjos a madrugada inteira, até que o sol estava nascendo. Irmãos, Deus quer ver perseverança em nossas vidas. A mulher do fluxo de sangue, havia doze anos que ela estava ali com aquela doença; o paralítico do tanque de Betesda, havia trinta e oito anos que ele estava enfermo.

No trecho acima, observamos que o sujeito argumentante descreve alguns fatos, como: a luta de Jacó, que durou a madrugada inteira; parte do relato bíblico que narra a cura da mulher com hemorragia; e também parte da passagem bíblica que narra a cura do paralítico, para defender a tese “Deus quer ver perseverança em nossas vidas”.

As descrições narrativas deixam entrever a perseverança dos personagens bíblicos para alcançar a bênção de Deus, perseverança essa que o fiel deveria ter, conforme a orientação da tese defendida. Deste modo, podemos dizer que as descrições narrativas produzem um “efeito de exemplificação”. O comportamento de Jacó, da mulher do fluxo de sangue e do paralítico é tomado como um exemplo para o crente.

(78) Irmãos, tudo que o Senhor tem nas nossas vidas tem um tempo determinado. Ali na vida daquele homem demorou trinta e oito anos, mas quando a bênção veio, não veio por anjo, não veio por água, veio pelo próprio Senhor Jesus Cristo.

No excerto acima, o pregador procura compartilhar com o fiel da posição que “Tudo que o Senhor tem nas nossas vidas tem um tempo determinado”. Para tanto, ele descreve mais uma vez o fato bíblico, um trecho da história do paralítico, ilustrando sua posição, exemplificando o seu ponto de vista através da Bíblia, e, concomitantemente, atestando-o. Por isso dizemos que a descrição narrativa produz um efeito de exemplificação.

d) Citação

A Citação é um procedimento que ocorre diversas vezes na Pregação. O pregador a utiliza como argumento de autoridade em defesa das teses “A Igreja é lugar de mudança” e “É necessário que todos os quartos estejam arrumados para ser santo e

logo ver Deus”, que pode ser traduzida como “É necessário se libertar dos pecados para ser santo e logo ver Deus”. Estas teses percorrem os fragmentos (79) e (80) a seguir:

(79) Aqui é lugar de mudança, aqui é lugar de transformação. A Palavra do Senhor fala que onde Deus está alguma coisa acontece e que você venha crer nesta noite que você não vai sair da mesma forma que entrou se você se colocar na posição do Senhor.

O sujeito argumentante, no fragmento acima, defende a tese “A Igreja é lugar de mudança”, procurando então fazer com que o outro creia que sairá modificado da igreja. Para tanto, ele utiliza um argumento de autoridade, extraído da Bíblia, testemunhando um dizer do Livro Sagrado e, ao mesmo tempo, produzindo um “efeito de autenticidade”, o que poderia levar o fiel a crer no que está sendo proposto.

Há implícito um silogismo: “onde Deus está alguma coisa acontece”. Deus está na igreja, portanto, alguma coisa acontecerá neste local. Neste caso, o pastor se refere à mudança.

(80) Como um irmão falou, certa vez, tem sempre um quarto na casa que a gente guarda para jogar tralha. A gente arruma a casa inteira. Ah! Tem visita. Arruma a casa inteira, joga as coisas lá no quarto das tralhas, fecha, tranca a porta e os visitantes vêm, a gente apresenta a casa inteira. “Ah! Mas esse quartinho!” “Não, esse quartinho aí tá fechado!” É o quartinho das tralhas.

O pregador testemunha um dizer de um “irmão” para constatar que nas casas há sempre um quarto, onde se guarda “tralhas”, permanecendo este fechado. A Citação concede ao sujeito argumentante uma credibilidade.

Posteriormente, na Pregação, a partir dessa Citação, ele estabelece uma relação da “casa” com a “vida”: “nós temos preservado esse quartinho dentro de nossas vidas para que o Senhor não venha tocar”, ou seja, temos cultivado alguns pecados, dos quais não conseguimos nos libertar e assim procuramos ocultá-los de Deus; para então chegar à conclusão de que “É necessário que todos os quartos estejam arrumados para ser santo e logo ver Deus”, ou melhor, “É necessário se libertar dos pecados para ser santo e logo ver Deus”.

e) Acumulação

O procedimento Acumulação ocorre algumas vezes. O sujeito argumentante vale-se desse procedimento em favor das teses “Deus quer ver perseverança em nossas vidas” e “A promessa de Deus vai se cumprir”, que notaremos através dos trechos (81) e (82).

(81) Jacó, irmãos, ele lutou com anjos a madrugada inteira, até que o sol estava nascendo. Irmãos, Deus quer ver perseverança em nossas vidas. A mulher do fluxo de sangue, havia doze anos que ela estava ali com aquela doença; o parálítico do tanque de Betesda, havia trinta e oito anos que ele estava enfermo.

Para defender a tese “Deus quer ver perseverança em nossas vidas”, tentando levar o fiel a ser perseverante, o sujeito argumentante utiliza vários argumentos, os quais estão dispostos de modo gradativo (de um tempo menor para um tempo maior de perseverança): Jacó lutou a madrugada inteira; a mulher perseverou durante doze anos; e o parálítico, durante trinta e oito anos, o que poderia encorajar o crente e levá-lo a adotar uma atitude de perseverança em sua vida.

(82) Foram trinta e oito anos para o parálítico do tanque de Betesda; foram doze anos para a mulher do fluxo de sangue. Eu não sei quanto tempo tem a tua promessa, eu não sei quanto tempo você já recebeu esta promessa na tua vida, mas eu quero falar para você que Deus não é homem para que minta. Aquilo que Ele falou era verdade e vai se cumprir, aconteça o que acontecer. Ela vai se cumprir, vai chegar a hora certa.

No trecho acima, o sujeito argumentante procura levar o destinatário a crer na promessa que recebeu. Então, podemos apontar uma tese, que está implícita, “A promessa de Deus vai se cumprir”. Para tanto, ele elenca argumentos, sendo esses pautados na Bíblia: novamente ele cita a história do parálítico²⁸ que demorou trinta e oito anos para ser curado; também a história da mulher²⁹ com hemorragia que foi curada depois de doze anos; e ainda baseando-se na Bíblia³⁰ afirma que “Deus não é homem para que minta”, ou seja, “Deus não é mentiroso, se Ele falou, irá cumprir”. A referência à cura do parálítico após trinta e oito anos e a da mulher, depois de doze anos, podem despertar no destinatário (aquele que confirmou, levantando a mão, que tem uma promessa de Deus) uma esperança ou, nos termos de Charaudeau (2010, p.50), a “espera de um benefício”, que, no caso, seria a realização de uma “promessa” (algo prometido por Deus), seguida de uma confiança em Deus.

Além de enumerar argumentos, esses são baseados na Bíblia, sendo assim, argumentos de autoridade, contribuindo ainda mais para a persuasão.

f) Questionamento

O procedimento Questionamento é o que predomina na Pregação. O sujeito falante o emprega para defender as teses “Ninguém quer ser chamado de trapaceiro” e

²⁸ Livro de João capítulo 5, versículo 5.

²⁹ Livro de Mateus capítulo 9, versículo 20.

³⁰ Livro de Números capítulo 23, versículo 19.

“A promessa de Deus vai se cumprir”, verificadas, respectivamente, nos excertos que se seguem.

(83) Quem aqui que gostaria de ser chamado de trapaceiro, como aquele que quer deixar o irmão pra trás, como aquele que quer subir a custas dos outros? Ninguém quer, irmão.

No fragmento anterior, o pregador vale-se de um questionamento, o qual tem um valor argumentativo correspondente a um tipo de validação hipotética, procurando constatar junto ao público que às vezes recebemos “apelidos” que não gostaríamos de ter.

Observamos que esse questionamento comporta uma apreciação (trapaceiro) sobre o questionado, apreciação essa que é possivelmente rejeitada e, por conseguinte, provocaria uma comunhão de ponto de vista (Ninguém quer ter esse apelido) entre sujeito argumentante e fiel visado. Essa comunhão é, segundo Perelman (2005, p.180), o objetivo da forma interrogativa.

(84) Irmãos, quantos aqui tem promessa de Deus? Levante a sua mão para eu ver. [Assembleia estende a mão] [**Assembleia:** Amém!] E por que você não tem confiado que essa promessa vai se cumprir na tua vida?

Percebemos que no trecho anterior o questionamento tem uma visada de “incitação a fazer”, nos termos de Charaudeau (2008, p.242). Primeiro, o pregador incita o fiel a responder a questão erguendo a mão. O fiel responde levantando a mão e dizendo “Amém!”. Depois, verificando o número de fieis que responderam de modo afirmativo, coloca em evidência, em seu segundo questionamento, uma limitação ou insuficiência do fiel – “não confiar que a promessa vai se cumprir” – e, ao mesmo tempo, deixa entrever que deve confiar, solicitando implicitamente que supere esta “deficiência”.

5.1.2.3. A Organização Descritiva

Na Pregação da Palavra, observamos nomeações e qualificações, sobressaindo as primeiras. Veremos a seguir, separadamente, esses dois componentes da organização descritiva.

a) Nomeação

Os entes nomeados são: Deus/Jesus, a igreja, Espírito de Deus e o fiel, que identificaremos a seguir.

Verificamos a nomeação por “identificação genérica”, através do uso de nomes comuns, como: “Senhor”, “papai”, referindo-se à “identificação específica”, que se manifesta pelo uso de nome próprio, “Deus”:

(85) Nesta noite, irmão, pára de chegar diante do Senhor como servo: “Ah, Senhor amado, eu não sei nada da sua glória, eu não sei nada da sua vida. Me dá se você quiser.”. Irmão, chega perante o Senhor nesta noite como filho: “Papai, dá um presente aqui pro teu filho.”. Irmãos, qual o pai que o filho pedindo pão dará pedra? E qual o pai que o filho pedindo um alimento vai dar uma serpente? Nenhum. E por que Deus seria assim?

Procurando fazer com que o sujeito destinatário (aquele que chega diante do Senhor como servo) adote outro comportamento, o sujeito enunciador (pregador/representante de Deus) “ordena” (pára) ao primeiro a abandonar um comportamento e logo em seguida incita o fiel a fazer: “Irmão, chega perante o Senhor nesta noite como filho: ‘Papai, dá um presente aqui pro teu filho’”. Esta fala evoca uma intimidade, uma afetividade entre fiel e Deus, que deve ser adotada pelo destinatário. Percebemos que a palavra “papai” que suscita uma afetividade é identificada, ao final do trecho, por “Deus”, também nomeado como “Senhor” anteriormente no fragmento.

Verificamos também outra identificação específica – “Jesus” –, que está associada à identificação genérica “Senhor”:

(86) Irmãos, tudo que o Senhor tem nas nossas vidas tem um tempo determinado. Ali na vida daquele homem demorou trinta e oito anos, mas quando a bênção veio, não veio por anjo, não veio por água, veio pelo próprio Senhor Jesus Cristo.

Na Pregação, notamos uma identificação genérica – “igreja” –, nomeada por um dêitico: “Aqui é lugar de mudança, aqui é lugar de transformação.” O enunciador identifica a igreja pela palavra “aqui”, onde se encontra locutor e interlocutor.

Observamos outra identificação genérica, um ser nomeado por um nome comum – “Espírito de Deus”, que, conforme Pearlman (1978), possui o mesmo significado de “Espírito Santo” e de “Espírito de Cristo”.

Neste momento do Culto, percebemos que o fiel visado é nomeado a partir das identificações genéricas “você” e “irmão”:

(87) Ah, irmão, você não é bom, suficiente!?

O pronome “você” individualiza o fiel, produzindo uma “ilusão de ser único” e ainda evoca uma informalidade entre o pregador e o fiel. A proximidade que pode ser

gerada pela informalidade é reforçada pelo vocativo “irmão”, que sugere uma relação afetiva entre os dois. Essa afetividade é explicitada quando observamos outra identificação genérica utilizada para nomear o fiel – “amigos”:

(88) Para terminar, amigos, capítulo 23, versículo 19: ‘Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa. Porventura, tendo ele prometido, não o fará? Ou, tendo falado, não o cumprirá?’

O enunciador, ao identificar o fiel visado na classe de amigos, reforça um laço de intimidade, de afetividade, o que pode fazer com que o destinatário assuma com mais facilidade a “verdade bíblica” – “Deus cumpre o que diz”.

A proximidade entre sujeito enunciador e sujeito destinatário também se manifesta pela identificação genérica – “nós”:

(89) “Irmãos, por muitas vezes nós temos recebido apelidos (...)”

O fiel visado também é nomeado por outro nome comum, sendo colocado numa classe, através da identificação genérica “filho de Deus”:

(90) “E agora você não é chamado mais servo, você é chamado de filho de Deus.”

Os seres identificados acima são qualificados pelo pregador, o que veremos a seguir.

b) Qualificação

Observamos que o ente “Deus” é qualificado como “aquele que se agrada mais de obediência”:

(91) Irmãos, a Palavra do Senhor fala ‘Deus não se agrada mais de sacrifício do que se agrada de obediência’.

A partir da Bíblia, o pregador descreve o ser, buscando construir uma “visão de verdade”, sendo, deste modo, uma construção objetiva. Ainda o sujeito falante se vale de outros trechos bíblicos para descrever aquele ente:

(92) Irmãos, Deus envia sim anjos pra te guardar, Ele envia, os anjos do Senhor estão assim acampados ao nosso redor como a Palavra dele fala em Salmos (...).

“Deus” seria, conforme a Bíblia, “aquele que envia anjos para te guardar”. “Deus” seria também “aquele que não mente nem se arrepende”.

(93) Para terminar, amigos, capítulo 23, versículo 19: ‘Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa. Porventura, tendo ele prometido, não o fará? Ou, tendo falado, não o cumprirá?’.

Ao se pautar na Bíblia (Números 23; 19), o locutor traz uma visão, que não é sua, mas sim de um livro considerado “inquestionável” pela comunidade cristã e que poderia, por conseguinte, ser assumida pelo interlocutor. Assim, podemos dizer que essas descrições são qualificações objetivas.

Verificamos que “Deus” é também qualificado a partir do julgamento pessoal do pregador:

(94) Por que você não se salvou de tantos males que nos atingem, que nos agravam? É porque existe um Deus e esse Deus Ele mostra, mesmo que seja por palavras duras, por gestos duros em nossas vidas, Ele mostra que nós dependemos Dele.

Tentando defender a tese de que o homem não é autossuficiente, o pregador questiona o fiel sobre o motivo pelo qual não ter se salvado (ou ele mesmo se curado) do mal (infarto), já que se considera autossuficiente, e logo responde, expondo sua posição e colocando “Deus” como “aquele que nos mostra que dependemos Dele”, curando-nos de uma doença, por exemplo, que é uma situação próxima da vida do fiel, produzindo, assim, um “efeito de real” (CHARAUDEAU, 2008, p.140).

O ente “Deus” também é qualificado como “aquele que se preocupa com você”:

(95) Mas o teu Deus Ele tem olhado por você, Ele tem visto a tua situação, Ele tem caminhado na tua direção, tem estendido as mãos pra você, tem te perguntado: ‘Filho, o que queres que eu te faça?’(...).

O enunciador detalha o comportamento de Deus, através da descrição do ser, mostrando que “conhece” aquela entidade em seus pormenores (o modo de agir), gerando, deste modo, um “efeito de saber”. Ao descrever aquele ser, o pregador cria uma imagem positiva do ser que se preocupa, que cuida e está pronto para ajudar, tentando evidenciar uma confiança (cf. ARISTÓTELES, 2007) no ser que nos livraria de todo mal, podendo o interlocutor compartilhar de tal confiança, aceitando a descrição do sujeito falante. Essas qualificações aproximam mais o fiel de Deus do que as da igreja Católica. Para os assembleianos, Deus é concreto: ele olha, estende as mãos, conversa com o fiel.

Ainda “Deus” é descrito como “aquele que não despreza um coração contrito e quebrantado”:

(96) “Um coração contrito e quebrantado Deus não desprezará.”.

Ou seja, Deus é misericordioso. Implicitamente, o pregador faz uma apreciação pessoal, apresentando mais uma qualificação subjetiva e suscitando o efeito de confiança.

Outro ente a ser qualificado é “Jesus”, considerado como “aquele que abençoa”:

(97) Irmãos, tudo que o Senhor tem nas nossas vidas tem um tempo determinado. Ali na vida daquele homem demorou trinta e oito anos, mas quando a bênção veio, não veio por anjo, não veio por água, veio pelo próprio Senhor Jesus Cristo.

A partir da Bíblia (João capítulo 5, versículo 5), o sujeito falante qualifica Jesus, enfatizando sua característica através dos enunciados “não veio por anjo” e “não veio por água” e através da palavra “próprio”, construindo uma visão de verdade, uma qualificação objetiva.

Identificamos outra qualificação, referindo-se esta ao ser “Espírito de Deus”, sobre o qual o enunciador faz um julgamento pessoal, uma qualificação subjetiva:

(98) Irmãos, como é que alguém prepara uma palavra de seis horas até agora, não tem como, é só o Espírito de Deus para falar para nossas vidas.

Procurando fazer com que o sujeito destinatário compartilhe da opinião de que “Deus tá querendo fazer algo tremendo em nossas vidas”, o sujeito enunciador (pregador) descreve a entidade “Espírito de Deus”, a qual seria a responsável pela fala/Pregação dele, caracterizando assim a “manifestação de Deus na vida dele”. Notamos algumas marcas linguísticas no fragmento acima que deixam entrever o julgamento pessoal do locutor, tais como: “não tem como”; “é só”, enfatizando que não havia como preparar a Pregação a partir das seis horas (momento em que soube que ia pregar) e, somente foi possível com a colaboração do Espírito de Deus, o qual fala a ele, constituindo, assim, a Pregação. Ao apresentar seu ponto de vista, o pregador produz o efeito de confiança.

O pregador, aproximando-se do fiel visado através do uso da primeira pessoal do plural, propõe uma mudança de posição e, concomitantemente, descreve a igreja como um “lugar de mudança”:

(99) Nós precisamos enxergar que nós estamos indo na Casa do Senhor não é simplesmente para sentarmos aí, louvamos alguns hinos, ouvirmos a Palavra do Senhor e ir embora da mesma maneira que nós entramos, mas não! Aqui é lugar de mudança, aqui é lugar de transformação.

O pregador se coloca como o fiel visado (aquele que acha que a igreja é somente um lugar para ouvir a Palavra de Deus e louvar a Deus), incitando este último a uma mudança de ponto de vista – “a igreja é um lugar para louvar, ouvir a Palavra, mas também de mudança, transformação”. Mais uma vez identificamos uma qualificação subjetiva, gerando o efeito de confiança.

Como vimos na organização enunciativa, o orador visa atingir um auditório que apresenta diferentes “faces”, auditório esse descrito objetivamente e subjetivamente. Além disso, ora o locutor se descreve junto do interlocutor ora não.

O sujeito enunciativo descreve o sujeito destinatário a partir de sua visão, fazendo, assim, descrições subjetivas, o que veremos a seguir.

O fiel visado é “aquele que passa por uma luta e está em dúvida quanto à ação de Deus”:

(100) Toda vez que você passa por uma prova, toda vez que você passa por uma luta, tenha certeza que Deus lá do trono tem olhado para a palma da mão Dele e tem enxergado o teu nome escrito na palma da mão Dele e tem entrado força e bênção em tua vida.

O enunciativo identifica o fiel visado pelo pronome “você”, particularizando-o e demonstrando uma informalidade no tratamento para com o tu-destinatário. No trecho acima, o pregador procura atingir aquele fiel que passa por uma luta e está em dúvida quanto à ação de Deus, tentando fazê-lo crer que Deus tem olhado para sua situação e tem-no abençoado, tentando ainda despertar nele uma confiança no ser que amenizaria sua “luta”, dando “força” e o salvaria da dificuldade, promovendo “bênção”.

O tu-destinatário também é descrito como “aquele que tem tentado dar sacrifício ao Senhor”:

(101) Tem tentado dar ao Senhor sacrifício, tem tentado sacrificar ao Senhor um pouco do seu tempo pra mostrar que é fiel a Deus. Irmãos, a Palavra do Senhor fala ‘Deus não se agrada mais de sacrifício do que se agrada de obediência’.

O enunciativo traça implicitamente o perfil do destinatário e tenta fazer, utilizando um argumento de autoridade (a Bíblia), com que este mude de comportamento, ou seja, “preocupe-se mais em ser obediente a Deus”.

O sujeito falante visa influenciar àquele fiel que se acha suficiente:

(102) Uma pessoa que, hoje, agora pode estar aí sentada, com uns dois segundos, pode sofrer um infarto. Ah, irmão, você não é bom, suficiente!? Por que você não se salvou do infarto? Por que você não se salvou de um derrame cerebral?

A partir de um acometimento, como, por exemplo, infarto, derrame cerebral, males difíceis de controlar e de sobreviver a eles e que podem ocorrer com qualquer pessoa, o pregador questiona a autossuficiência do fiel, procurando fazer com que este mude de opinião, assuma que depende de Deus. Assim, ao descrever o tu-destinatário, o sujeito enunciativo produz um efeito de real.

O sujeito falante descreve o fiel que tem confiado em muitas coisas:

(103) E nesta noite você tem confiado em muitas coisas como aqui foi falado. Em quem nós temos posto a nossa confiança? Muitos têm confiado em médicos, muitos têm confiado em político, mas nós confiaremos só no nome do Senhor.

O fiel visado identificado pelo pronome “você” é “aquele que tem confiado em muitas coisas”, aquele que confia em si mesmo, acredita na autossuficiência, ou mesmo, aquele que deposita suas crenças mais nos homens, representados por médicos e políticos, do que em Deus. Tal passagem conduz o ouvinte a uma descrença tanto em médicos quanto em políticos. Em seguida, o enunciativo se aproxima daquele através da primeira pessoa do plural e questiona, buscando uma comunhão de ponto de vista. Ao final, posiciona-se e tenta fazer com que o fiel visado compartilhe a opinião – “confiar só no nome do Senhor”.

Observamos um tu-destinatário qualificado como “aquele que tem reclamado a falta de roupa com o guarda-roupa cheio”, aquele que é apegado a bens materiais, buscando sempre adquirir mais:

(104) Tem reclamado que tá faltando roupa, mas tá com o guarda-roupa cheio. Irmão, tem coisa na sua vida que você acha um máximo, que é demais, mas é necessário que você abra mão disso para que o Senhor venha operar verdadeiramente na sua vida.

O pregador descreve o fiel visado, criticando a postura (reclamação da falta de roupa diante de um guarda-roupa cheio) do interlocutor. É o que se constata pelo uso do operador argumentativo “mas”, que opõe duas situações – reclamação da falta de roupa X guarda-roupa cheio –, deixando entrever que se trata de um comportamento condenável, típico de pessoas fúteis. Posteriormente, ele avisa que a mudança se faz necessária para que ocorra a bênção do Senhor. O benefício (bênção do Senhor) poderia despertar o público-alvo para a mudança (abrir mão de algumas coisas materiais).

Observamos também um tu-destinatário qualificado objetivamente como “aquele que se deixou ser santificado”:

(105) Irmão, contra tua vida não vale encantamento, contra tua vida não vale obra de feitiçaria, [**Assembleia:** Amém!] não vale obra de macumbaria. [**Assembleia:** Amém!] Pode amarrar o teu nome na boca do sapo, pode acender vela na encruzilhada, mas nada atinge o servo do Senhor. [**Assembleia:** Amém!] Sabe por quê? Porque você se deixou ser limpo, porque você se deixou ser purificado, ser santificada. E agora você não é chamado mais servo, você é chamado de filho de Deus.

O sujeito falante procura falar àquele fiel que se deixou ser purificado, aquele que aceitou ser tocado por Deus como Jacó (passagem de Gênesis), descrevendo assim o fiel a partir da Bíblia (Gênesis e Números), uma qualificação objetiva. Sugere que aquele que não aceitou Jesus está sujeito a intervenções malignas, tal como “obras de macumbaria”, trazendo, implícita, uma ameaça. O enunciador pretende “fazer saber”³¹ o fiel da proteção que possui (livro de Números), enquanto filho de Deus e concomitantemente “fazer crer” nessa proteção.

Vale ressaltar que a assembleia aceita o que o pregador diz, mostrando através da resposta “Amém!” que está de acordo.

Identificamos ainda mais uma descrição subjetiva, construída a partir da visão do locutor. O fiel visado agora é aquele que não tem confiado que a promessa vai se cumprir na sua vida:

(106) Irmãos, quantos aqui tem promessa de Deus? Levante a sua mão para eu ver. [Assembleia estende a mão] [**Assembleia:** Amém!] E por que você não tem confiado que essa promessa vai se cumprir na tua vida? Foram trinta e oito anos para o paraplético do tanque de Betesda; foram doze anos para a mulher do fluxo de sangue.

O locutor busca a participação (primeira pergunta), a reflexão (segunda pergunta) do interlocutor, fazendo perguntas a este. A assembleia corresponde levantando a mão e respondendo “Amém!”. Visando levar o interlocutor a mudar de opinião, ou melhor, a crer que a promessa vai se cumprir, o locutor apresenta dois personagens bíblicos – o paraplético (Livro de João, capítulo 5, versículo 5) e a mulher com hemorragia (Livro de Mateus, capítulo 9, versículo 20) –, os quais confiaram, apesar do tempo que passou, e obtiveram a cura. O tu-destinatário pode ver esses

³¹ Charaudeau (1996, p.31).

personagens como exemplos a serem seguidos e então passar a assumir outra visão – crer que a promessa vai se cumprir.

Na Pregação, percebemos que o sujeito enunciador se descreve, aproximando-se do destinatário. Quando o sujeito falante se descreve assumindo o mesmo traço do sujeito destinatário, percebemos uma qualificação objetiva e também uma subjetiva. Tal identificação, que se manifesta em vários momentos da Pregação, tenta criar a imagem do pregador como alguém que, assim como o fiel, tem imperfeições, mas que se esforça para superá-las, aproximando-se de Deus. Assim, propõe um paradigma para o comportamento do fiel.

O pregador e o fiel visado são aqueles que têm recebido “apelido”, aqueles que se afastam de Deus, aqueles que não buscam Deus com luta e perseverança:

(107) Irmãos, por muitas vezes nós temos recebidos apelidos, muitas vezes nós temos recebidos muitas características dos outros, que os outros têm colocados em nossas vidas, que não são aquelas que nós queríamos ser.

O pregador se aproxima do fiel visado através do vocativo “irmãos” e do uso do pronome de primeira pessoa do plural e se caracteriza também como aquele que tem recebido “apelido”, característica essa que pode ser observada por um outro sujeito além do falante. Então temos uma qualificação objetiva.

O sujeito falante também se caracteriza como o fiel: “aquele que não tem buscado o Senhor com fervor”; “aquele que tem se esquecido do primeiro amor pelo Senhor”, confirmando a ideia de que o amor e a crença em Deus devem superar qualquer outro tipo de amor ou crença (em políticos, médicos, nos homens em geral):

(108) Muitas vezes nós estamos na presença do Senhor e não temos buscado ao Senhor com fervor. Temos esquecidos do nosso primeiro amor, de como o buscávamos antes, quando éramos novos convertidos, aquele primeiro amor que nós tínhamos: “Ah! Hoje é dia de culto. Glória a Deus! Tenho que ir lá para buscar ao Senhor, para sentir a presença do Senhor”.

O pregador assume a mesma identidade do público-alvo, deixando entrever que é preciso “buscar ao Senhor com fervor” e “retomar aquele primeiro amor”. Através da fala em (108) “Ah! Hoje é dia de culto. Glória a Deus! Tenho que ir lá para buscar ao Senhor, para sentir a presença do Senhor”, o enunciador mostra o sentimento que tinha (pregador e fiel visado), a alegria em ir à igreja, sentimento esse que deve ser revivido. Ao se descrever e descrever o outro, mostra seu sentimento, construindo, deste modo, uma qualificação subjetiva e ainda produz um efeito de confiança.

O sujeito falante e o sujeito destinatário são aqueles que têm esquecido que a Casa do Senhor é onde se sente a presença Dele:

(109) Quantas vezes nós temos esquecidos que aqui é um lugar que nós sentimos a presença do Senhor e temos vindo meramente para o pastor ver nosso rosto ou então para achar que temos enganado a Deus e falar: “Oh, Senhor, eu tenho vindo ao culto, olha a minha cara aqui”.

O pregador se descreve como o fiel visado, explicitando seu comportamento – ir à igreja para se mostrar ou “enganar” a Deus – e fazendo implicitamente uma apreciação negativa desse comportamento, mais uma qualificação subjetiva: (109) “temos vindo meramente para o pastor ver nosso rosto ou então achar que temos enganado a Deus e falar: ‘Oh, Senhor, eu tenho vindo ao culto, olha a minha cara aqui’”. Esta fala dirigida a Deus é carregada de um tom irônico do pregador, demonstrando uma reprovação da atitude descrita.

O sujeito enunciador se caracteriza como “aquele que é orgulhoso”:

(110) Irmãos, para receber a bênção do Senhor, é necessário nós recebermos alguma marca. Irmãos, é necessário que Deus nos quebre primeiro, tire nosso orgulho.

Ele se aproxima do fiel utilizando o vocativo “irmãos” e o verbo na primeira pessoal do plural. Percebemos que o sujeito falante faz uma apreciação de sua própria pessoa e do sujeito destinatário, construindo uma descrição subjetiva.

Notamos um sujeito enunciador que se descreve, incluindo o sujeito destinatário, como “aquele que necessita de um Deus vivo e verdadeiro”:

(111) Nós necessitamos de um Deus vivo e verdadeiro. Quer prova disso? Uma pessoa que, hoje, agora pode estar aí sentada, com uns dois segundos, pode sofrer um infarto.

Ele apresenta uma opinião pessoal, com a qual o fiel, a princípio, compartilharia. Em seguida, ainda no trecho acima, o enunciador busca uma comunhão de ponto de vista, questionando – “Quer prova disso?” – e logo responde, expondo uma situação que seria “provável” (quase indiscutível), uma vez que não é controlável, nem previsível como é o caso aqui do infarto. Novamente vimos um enunciador que, ao descrever, expondo sua opinião, constrói uma qualificação subjetiva, suscitando o efeito de confiança.

Notamos ainda um sujeito enunciador que se identifica com o sujeito destinatário, colocando-se como homem, pecador, “aquele que não é santo”:

(112) Irmãos, sem a santificação ninguém verá a Deus! Para que sejamos santos, para que uma casa esteja realmente limpa, é necessário que todos os quartos estejam arrumados.

O pregador identifica o fiel visado através do vocativo “irmãos”, mostrando uma proximidade com este último. Em seguida, dá um aviso, deixando implícito que “para ver Deus, é preciso ser santo”. Posteriormente se descreve, caracterizando-se como aquele que não é santo (qualificação subjetiva), fazendo, por conseguinte, uma apreciação implicitamente de sua conduta, gerando um certo efeito de confiança.

O quadro a seguir sintetiza a Organização Descritiva no momento da Pregação da Palavra.

Organização Descritiva			
Nomeação		Qualificação	
Identificação genérica	Identificação específica	Objetiva	Subjetiva
Senhor Papai	Deus	Aquele que se agrada de obediência; aquele que envia anjos para te guardar; aquele que não mente nem se arrepende.	Aquele que nos mostra que dependemos Dele; aquele que se preocupa com você; aquele que não despreza um coração contrito e quebrantado.
	Jesus	Aquele que abençoa.	
Espírito de Deus			Aquele que fala para nossas vidas.
Igreja			Lugar de mudança, transformação.
Você (fiel visado) Irmão(s) Filho de Deus amigos		Aquele que se deixou ser santificado.	Aquele que passa por uma luta e que está em dúvida quanto à ação de Deus; aquele que tem tentado dar sacrifício ao Senhor; aquele que se acha suficiente; aquele que tem confiado em muitas coisas; aquele que tem reclamado a falta de roupa com o guarda-roupa cheio; aquele que não tem confiado que a promessa vai se cumprir na sua vida.
Nós (pregador e fiel visado)		Aquele que tem recebido apelido.	Aquele que não tem buscado o Senhor com fervor; aquele que tem esquecido do primeiro amor pelo Senhor;

			aquele que tem esquecido que a Casa do Senhor é onde se sente a presença Dele; aquele que é orgulhoso; aquele que necessita de um Deus vivo e verdadeiro; aquele que não é santo.
--	--	--	---

QUADRO 13

5.1.2.4. A Organização Narrativa

Verificamos quatro narrativas na Pregação, a saber: “A história de Jacó” (narrativa 1), “A mulher com hemorragia” (narrativa 2), “A cura do paralítico” (narrativa 3) e “Receber a palavra na combe” (narrativa 4). Observaremos em tais narrativas a identidade, o estatuto e o ponto de vista do narrador.

As três narrativas a seguir possuem as seguintes características: foram baseadas na Bíblia (narrador-historiador), são histórias contadas em terceira pessoa, não possuem autor-real e sugerem distanciamento do fato.

(113) Irmãos, aqui essa Palavra fala sobre Jacó e, como nós já sabemos, que a história de Jacó ali quando ele foi nascer, ele nasceu ali grudado no calcanhar do irmão dele, com a mão no calcanhar do irmão dele. Irmãos, e desde aí, Jacó foi conhecido como um trapaceiro, como aquele que queria passar os outros para trás porque interpretavam que ele queria nascer na frente do irmão dele.

(114) Jacó, irmãos, ele lutou com anjos a madrugada inteira, até que o sol estava nascendo. Irmãos, Deus quer ver perseverança em nossas vidas. A mulher do fluxo de sangue, havia doze anos que ela estava ali com aquela doença; o paralítico do tanque de Betesda, havia trinta e oito anos que ele estava enfermo. Irmãos, ali não foi ninguém que tocou ele, ali no tanque, e o anjo balançou a água ali e o paralítico ficou curado, não! Jesus pessoalmente chegou até aquele paralítico [**Assembleia:** Aleluia!], tocou nele e disse: “Levanta e anda”. [**Assembleia:** Glória!]

(115) Ali na vida daquele homem demorou trinta e oito anos, mas quando a bênção veio, não veio por anjo, não veio por água, veio pelo próprio Senhor Jesus Cristo. [**Assembleia:** Aleluia! Glória a Deus!]

A narrativa (113) trata do nascimento de Jacó. O narrador relata o que as pessoas pensavam dele. A partir dela, o pregador vai defender a tese de que “Devemos buscar o Senhor com fervor, com luta e com perseverança”, como fez Jacó, colocado como exemplo a ser seguido, apesar do infortúnio que passava, desde de seu nascimento, sendo chamado de “trapaceiro”.

O pregador, um narrador-historiador, nos termos de Charaudeau (2008), organiza sua narrativa a partir da Bíblia, apresentando vários episódios da história de

Jacó, acrescentando algumas palavras, alguns detalhes, os quais garantem uma precisão à narrativa, deixando-a mais objetiva:

(116) “E lutou com ele um varão até que a alva subia e vendo que não prevalecia contra ele, deslocou-se a junta da coxa de Jacó, na luta com o homem.” Irmãos, Jacó para receber a bênção dele, foi necessário que o anjo do Senhor tocasse a coxa dele. E aqui no versículo 31 diz que, quando saiu o sol, Jacó manquejava de sua coxa.

O narrador, no fragmento acima, relata o episódio da luta de Jacó com Deus, na qual Jacó sai mancando.

Procurando compartilhar com o fiel a posição de que “Para receber a bênção do Senhor, é preciso receber uma marca”, o narrador cita o versículo 31, no qual apresenta um saber sobre o personagem Jacó; comunica ao leitor a aparência física deste personagem após a luta: “manquejava de sua coxa”, apontando a marca que Jacó recebera. Tem-se então um ponto de vista externo, objetivo.

Após comentários, o pregador retoma a história da luta de Jacó com Deus, destacando a parte do Livro Sagrado, no qual retrata que Jacó estava manco. Também é relatado, no fragmento que se segue, o episódio³² em que Balaque pede a Balaão para amaldiçoar Jacó, o que observamos implicitamente:

(117) É, irmãos, Jacó estava manquejando da sua coxa quando acabou aquela luta, mas em compensação tentaram profetizar maldições contra a vida dele.

Ao final do fragmento acima, ele conta também outro fato bíblico, presente no Livro de Números capítulo 23, versículo 7, em que Balaque pede a Balaão para amaldiçoar Jacó, contrapondo ao fato de Jacó ter saído manco da luta. Assim, para o narrador, no primeiro fato ele recebeu a bênção e saiu coxo e no segundo, deixa entrever que Jacó não pôde ser amaldiçoado, pois já tinha sido abençoado por Deus. O narrador procura fazer com que o fiel creia que “a maldição não cai sobre aquele que é abençoado”.

Ao apresentar um saber sobre a aparência física do personagem Jacó – “Jacó estava manquejando” –, o narrador configura um ponto de vista externo, objetivo.

No excerto (114), o qual exemplifica a narrativa da mulher com hemorragia, observamos que há uma organização nos fatos, uma gradação da perseverança dos personagens: Jacó perseverou (não desistiu da bênção) a madrugada inteira; a mulher, durante doze anos; e o paralítico, por trinta e oito anos, dramatizando, assim, o narrador

³² Livro de Números capítulo 23, versículo 7.

sua fala, o que poderia comover o fiel e fazê-lo adotar a mesma perseverança. Ao narrar a cura do parálítico por Jesus, dando detalhes (Jesus “pessoalmente” chegou no parálítico, tocou e curou), o narrador procura despertar no fiel um sentimento de confiança, mostrando o “resultado” (a bênção) que obteve “aquele que perseverou”.

Verificamos também que o narrador-historiador apresenta um ponto de vista sobre a exterioridade, sobre a aparência física de dois personagens: “A mulher do fluxo de sangue, havia doze anos que ela estava ali com aquela doença; o parálítico do tanque de Betesda, havia trinta e oito anos que ele estava enfermo”. Depois descreve o parálítico novamente: “o parálítico ficou curado”, comunicando ao ouvinte que o personagem Jesus o curou. Assim, o narrador concede ao fiel um saber obtido a partir de observação da aparência física do personagem, configurando um ponto de vista, externo, objetivo.

Vale ressaltar as interjeições “Aleluia!” e “Glória!” pronunciadas pela assembleia, que expressam uma emoção por parte desta.

No excerto (115), notamos a narrativa da cura do parálítico. Ao contrário das narrativas anteriores, nesta não identificamos um ponto de vista do narrador sobre a exterioridade dos personagens nem um ponto de vista sobre o interior dos personagens.

Percebemos novamente um narrador-historiador, contando a história do parálítico. Ele parte do Livro do Sagrado, pretendendo uma objetividade, no entanto, deixa entrever sua subjetividade, em: “demorou trinta e oito anos”; “mas quando a bênção veio (...) veio pelo próprio Senhor Jesus Cristo”, tentando compartilhar com o fiel um sentimento de confiança no personagem Jesus, o qual curou o enfermo.

As interjeições produzidas pela assembleia mais uma vez ocorrem, sugerindo uma alegria por parte dos fieis, que pode sinalizar a confiança compartilhada no personagem Jesus.

A quarta narrativa (Receber a palavra na combe), ao contrário das outras, baseia-se numa experiência do narrador, logo é mais concreta, mais real e visa proporcionar ao narrador a oportunidade de compartilhar, com o fiel, da posição de que Deus está querendo fazer algo “tremendo” em suas vidas:

(118) Irmãos, nesta noite, Deus tá querendo fazer algo tremendo em nossas vidas. Ele fez, Ele me deu essa Palavra quando eu estava vindo ali na combe, é, fiquei sabendo que eu ia trazer a Palavra era hoje seis horas da tarde.

No trecho acima, o pregador narra o momento em que recebeu a Palavra de Deus. O pregador, enquanto indivíduo comum, é o autor real dessa narrativa. Como ser de fala, ele é o narrador-autor-indivíduo, que, a partir de sua própria experiência, testemunha que recebera de Deus a Palavra, podendo-se dizer que é um “contador-testemunha”. Tentando compartilhar com o fiel que “Deus quer fazer algo tremendo na vida deles (narrador e fiel)”, ele narra usando indicadores espaciais, indicadores temporais – “na combe”, “hoje”, “seis horas da tarde” –, precisando o momento em que Deus teria falado com ele, suscitando um “efeito de verismo” e sugerindo, por conseguinte, que saberia o que Deus quer fazer na vida dos fieis.

O narrador é o personagem principal da narrativa, aquele que conta a sua própria história (estatuto do narrador). Porém não é o único personagem. Há o personagem “Deus”, sobre o qual o narrador apresenta um ponto de vista – “Deus tá querendo fazer algo tremendo em nossas vidas”. Depois sugere que Deus já fez algo tremendo para ele ao dar-lhe a Palavra. Vimos um ponto de vista externo, objetivo, em que o narrador evoca uma posição em relação ao fato (dar a Palavra) do personagem (Deus), fato esse que pode ser percebido “por um outro sujeito diferente do narrador, achando-se no lugar deste” (CHARAUDEAU, 2008, p.199).

5.2. A argumentação pela emoção

5.2.1. A Homilia

O efeito patêmico depende, como já falamos, de três condições: (1) dispositivo comunicativo (finalidade e lugares atribuídos aos parceiros de troca); (2) campo temático, que deve prever a existência de um universo de patemização e propor uma organização dos imaginários sociodiscursivos suscetíveis de produzir o referido efeito e (3) utilização, pela instância de enunciação, de uma encenação³³ discursiva com finalidade patemizante no espaço de estratégias.

Assim, atentaremos, em nossa análise, para o dispositivo comunicativo, o campo temático e as estratégias (seleção lexical, modalidades – alocutiva e elocutiva –, inversões, exclamações, interjeições, tom de voz e expressões metafóricas) com fins patêmicos. Ressaltamos que alguns desses aspectos foram apontados na seção anterior, destinada à análise da “argumentação pela razão”, o que evidencia que os efeitos patêmicos podem ser suscitados a partir de estratégias de origem do *logos*.

³³ Tradução para a expressão *mise en scène*.

5.2.1.1. O dispositivo comunicativo e o campo temático na Homilia

Ao abordar o texto sob a perspectiva da emoção, o primeiro aspecto que devemos destacar é o favorecimento da obtenção do efeito patêmico pela inserção do discurso num dispositivo comunicativo (finalidade e lugares atribuídos aos parceiros de troca) cujos componentes predisponham ao surgimento de efeitos patêmicos. Além disso, devemos observar o campo temático.

A Homilia, conforme Cechinato (2004, p.63), tem por finalidade atualizar “o que foi dito há dois mil anos” e, por sua vez, trazer o que Deus está querendo hoje com aquela mensagem proclamada à comunidade presente. Percebemos, deste modo, uma assimetria entre o padre (representante de Deus), aquele que leva a “mensagem” de Deus, e o fiel, aquele que recebe, estabelecendo uma oposição entre o plano material e o plano divino. Vale ressaltar que o espaço físico (a igreja) e simbólico (a missa) em que padre e fiel se inscrevem determinam a expressão de sentimentos e também criam uma espécie de clima favorável à promoção de emoção entre os presentes.

A Homilia apresenta o seguinte tema: “Bom pastor, sua missão e os deveres das ovelhas”, tema esse que favorece o efeito patêmico através da descrição do “bom pastor”, do apontamento de sua missão, despertando no fiel uma confiança na figura do bom pastor.

5.2.1.2. Estratégias

Dentre as estratégias verificadas, na Homilia, identificamos a seleção lexical, remetendo ao universo emocional, explícita ou implicitamente; oscilação do tom de voz; inversões; e expressões metafóricas.

Evidenciaremos tais estratégias a partir da identificação de trechos e palavras extraídas da Homilia.

a) Seleção lexical

Observamos, na Homilia, o uso de termos de classe gramatical diferente, remetendo ao campo semântico da emoção, de forma explícita e direta (primeiro caso) e de forma implícita e indireta (segundo caso).

No primeiro caso, identificamos o verbo “celebramos”, indicando alegria e o substantivo “saudade”, sugerindo tristeza, em favor das teses “Hoje celebramos a grande graça de ter Deus como nosso pastor” e “Precisamos intensificar a nossa prece pelos pastores e pelas vocações”, respectivamente.

No segundo, os termos que expressam sentimentos de forma implícita e indireta são: o substantivo “graça”, evocando uma alegria; os substantivos “bênção” e “presente”, que sugerem uma “satisfação”, figura pertencente à grande tópica da “alegria”, conforme Charaudeau (2010, p.50); o adjetivo “zeloso” e os substantivos “delicadeza”, “docilidade” e “generosidade”, que expressam benevolência. Tais sentimentos são suscitados no destinatário em defesa das respectivas teses: “Deus é nosso pastor”; “Precisamos refletir sobre as bênçãos tão belas do santo evangelho”; “Deus quis deixar um representante na terra”; “Deus é o bom pastor”; “Nós temos a delicadeza de conhecer e seguir o bom pastor”; “Nós temos a docilidade para ouvir e praticar os ensinamentos do bom pastor”; “É preciso ter uma grande atenção para com os nossos pastores”.

Ao promover o efeito patêmico, essa seleção lexical poderia deixar o outro mais predisposto à adesão do que está sendo defendido.

O quadro a seguir resume o que dissemos acima.

Teses	Seleção lexical	Sentimento explicitado/suscitado
“Deus é nosso pastor”	celebramos	alegria
	graça	
“Precisamos intensificar a nossa prece pelos pastores e pelas vocações”	saudade	tristeza
“Precisamos refletir sobre as bênçãos tão belas do santo evangelho”	bênção	satisfação
“Deus quis deixar um representante na terra”	presente	satisfação
“Deus é o bom pastor”	zeloso	benevolência
“Nós temos a delicadeza de conhecer e seguir o bom pastor”	delicadeza	benevolência
“Nós temos a docilidade para ouvir e praticar os ensinamentos do bom pastor”	docilidade	benevolência
“É preciso ter uma grande atenção para com os nossos pastores”	generosidade	benevolência

QUADRO 14

b) Tom de voz

Na Homilia, percebemos que o padre eleva a voz diversas vezes. Podemos verificar isso nos fragmentos abaixo.

(119) Então, em primeiro lugar, o que é ser bom pastor? Todos sabem que pastor É AQUELE QUE CUIDA DAS OVELHAS E ESSAS OVELHAS SOMOS NÓS, TODO POVO DE DEUS.

Notamos que o sujeito falante, ao defender a tese “Deus é o bom pastor”, utiliza uma Definição (estratégia do campo da razão) e, paralelamente, vale-se de uma elevação do tom de voz, representada aqui pelas palavras em caixa-alta, o que pode provocar, como já dizia Aristóteles, emoção no auditório. Ele parece evocar no fiel um sentimento de confiança no “pastor”.

(120) O Papa já veio ao Brasil tantas vezes, EXATAMENTE PARA ISSO, PARA TRAZER O ALIMENTO DA PALAVRA DE DEUS.

Ao tratar das viagens dos últimos papas, o padre eleva a voz, o que pode ser notado no fragmento acima, ao indicar a finalidade da viagem do Papa Bento XVI ao Brasil, procurando deixar evidente o “benefício” da visita do pontífice, o que poderia, conforme Amossy (2000) e Galinari (2007), emocionar o fiel, despertando neste um sentimento de confiança.

c) Modalidade elocutiva

Uma outra estratégia verificada, não muito recorrente, na Homilia, é a manifestação do estado emocional do locutor através da modalidade elocutiva, que podemos observar no excerto a seguir.

(121) Acabamos de ouvir uma das páginas mais consoladora do evangelho. Deus é o nosso pastor. Então, hoje, 4º domingo da Páscoa, nós celebramos essa grande notícia, essa grande graça de ter o próprio Deus como nosso pastor.

O fragmento acima é a única ocorrência que observamos o sujeito falante mostrando seu estado emocional, de modo implícito. O padre, ao apontar a passagem bíblica como “consoladora”, deixa entrever seu estado de tristeza, que foi modificado, consolado após a leitura e agora ele “celebra”, sugerindo um sentimento de alegria.

O sujeito falante busca compartilhar seu sentimento. Haja vista o uso da primeira pessoa do plural -, “acabamos”; “celebramos”. Além disso, a identificação pode ocorrer ao sugerir aquele sentimento através de suas palavras, conforme Amossy (2000, p.178).

Ao partilhar de tal sentimento, o fiel poderia aceitar então o que está sendo proposto: “Deus é nosso pastor”.

d) Inversões

Notamos diversas vezes que o adjetivo antecede o substantivo na Homilia, como em: “bom pastor”; “infinita misericórdia”; “santo padre”, “bom caminho”. Essa “combinação das palavras”, nos termos de Galinari (2007), ou melhor, a inversão da ordem canônica (o substantivo antecede o adjetivo), já corroborada por Amossy (2000), pode suscitar uma emoção no interlocutor, possivelmente, uma confiança no ouvinte em prol das teses “Deus é o bom pastor”; “Deus quis deixar um representante na terra”; e “É dever nosso rezar pelos nossos pastores”, respectivamente.

Notamos também a inversão nas frases, como, por exemplo: “Em segundo lugar, são pastores os sacerdotes, bispos e papas.”, para defender o dito, ou seja, “Os sacerdotes, bispos e papas são pastores”. Podemos perceber que o sujeito é inserido após o verbo e não antes, conforme a ordem canônica (sujeito precede o verbo). A qualificação (pastor) é posta em destaque no início da frase, adquirindo uma maior importância.

e) Expressões metafóricas

Como já pudemos perceber durante a nossa análise, o padre se vale também de metáforas, suscitando sentimentos no fiel e deixando-o mais propício a aceitar a tese proposta.

Mas ainda podemos citar expressões, como: (122) “Deus é o nosso pastor”; (123) “E ESSE CAMINHO É JESUS”, em defesa das teses “Deus é o nosso pastor” e “O único caminho ao céu é Jesus Cristo”, respectivamente, através das quais o sujeito falante procura compartilhar/despertar com o/no fiel um sentimento de confiança em Deus, sentimento esse que ainda pode ser reforçado, no segundo fragmento, pela elevação do tom de voz (palavras em caixa-alta). Tais estratégias, favorecendo a promoção do efeito patêmico, poderiam deixar o fiel mais propício a aceitar as teses supracitadas.

Verifica-se, com relação à tentativa de produção de efeitos patêmicos, uma predominância de sentimentos positivos, destacando-se a confiança e a benevolência, que são condizentes com a tese geral da Homilia, que prega a confiança e entrega de

nossas vidas ao “bom pastor” e, ainda, a necessidade de nos assemelharmos a Deus, adotando seu comportamento e praticando seus ensinamentos.

Podemos sintetizar o que dissemos através do quadro a seguir.

Teses	Estratégias do campo da emoção	Sentimentos suscitados
“Deus é nosso pastor”	Seleção lexical	alegria
	Modalidade elocutiva	
“Precisamos intensificar a nossa prece pelos pastores e pelas vocações”	Seleção lexical	tristeza
“Precisamos refletir sobre as bênçãos tão belas do santo evangelho”	Seleção lexical	satisfação
“Deus quis deixar um representante na terra”	Seleção lexical	satisfação
	Inversão	confiança
“Deus é o bom pastor”	Seleção lexical	benevolência
	Inversão	confiança
	Expressões metafóricas	
	Tom de voz	
“Nós temos a delicadeza de conhecer e seguir o bom pastor”	Seleção lexical	benevolência
“Nós temos a docilidade para ouvir e praticar os ensinamentos do bom pastor”	Seleção lexical	benevolência
“É preciso ter uma grande atenção para com os nossos pastores”	Seleção lexical	benevolência
“Os últimos papas têm viajado muito”	Tom de voz	confiança
“É dever nosso rezar pelos nossos pastores”	Inversão	confiança
“Os sacerdotes, bispos e papas são pastores”	Inversão	confiança
“O único caminho ao céu é Jesus Cristo”	Inversão	confiança
	Tom de voz	confiança (reforça)

QUADRO 15

5.2.2. A Pregação da Palavra

5.2.2.1. O dispositivo comunicativo e o campo temático na Pregação

Inicialmente destacaremos o dispositivo comunicativo (finalidade e lugares atribuídos aos parceiros de troca), cujos componentes predisponham ao surgimento de efeitos patêmicos, e o campo temático.

O momento da Pregação tem como finalidade levar a “mensagem” de Deus aos fieis, o que já define, assim como na Homilia, uma posição de assimetria entre o sujeito enunciador (pregador), representante de Deus, aquele que leva a mensagem, e o sujeito destinatário, aquele que a recebe. Tem-se assim o plano material em oposição ao plano do divino. Além disso, o espaço físico (a igreja) e simbólico (o culto) onde estão localizados os sujeitos determinam a expressão de sentimentos e produzem um clima favorável à promoção de emoção entre os presentes.

O tema da Pregação – “a bênção de Deus mediante a perseverança do fiel na Palavra” – prevê a promoção do efeito patêmico. Passagens bíblicas são retomadas para ilustrar a perseverança e as bênçãos de Jesus, buscando o pregador uma identificação do interlocutor com os personagens bíblicos e tentando despertar a confiança do fiel em Deus seguida pela perseverança.

5.2.2.2. Estratégias

Na Pregação, verificamos as seguintes estratégias que favoreceram a promoção do efeito patêmico: um conjunto de termos remetendo ao universo da emoção; a oscilação do tom de voz; a modalidade alocutiva; as inversões; as exclamações; as interjeições; e as expressões metafóricas. Vejamos então cada uma delas.

a) Seleção lexical

Verificamos na Pregação uma seleção lexical de diferentes classes gramaticais, remetendo ao campo semântico da emoção, através de um discurso explícito e direto, como: (1) “amor” (substantivo), (2) “sentimos” (verbo), e (3) “louvamos” (verbo), em favor das teses³⁴ “Devemos buscar o Senhor com fervor” (1 e 2) e “Deus tem uma bênção na tua vida” (3), respectivamente.

E também o efeito patêmico é produzido através de um discurso implícito e indireto, como, por exemplo: os substantivos (4) “doença” e (5) “maldições”, podendo suscitar no fiel o medo; já (6) “sacrifício”, evocando dor; e (7) “bênção”, alegria; os adjetivos (8) “tremendo”, sugerindo alegria; (9) “bom”, suscitando satisfação; e (10) “enfermo”, terror; os verbos (11) “sacrificar”, despertando um sentimento de dor; e (12)

³⁴ O número entre parêntese, ao fim das teses, indica a palavra, que possui a mesma numeração, utilizada para a defesa da tese.

“abençoar”, uma alegria, uma satisfação. Tais palavras são utilizadas em defesa das teses: “Deus quer ver perseverança em nossas vidas” (4 e 10); Deus quer mudar as nossas vidas” (5); “Devemos buscar o Senhor com fervor” (6 e 11); “Deus tem uma bênção na tua vida” (7); “Deus está querendo fazer algo tremendo em nossas vidas” (8); “Para receber a bênção do Senhor, é necessário nós recebermos alguma marca” (9); e “É necessário abrir mão de certas coisas para o Senhor abençoar” (12).

Através dessa seleção lexical, o destinatário pode ser seduzido e, então, provavelmente aderir às teses defendidas.

O quadro abaixo resume o que dissemos.

Teses	Seleção lexical	Sentimento explicitado/suscitado
“Devemos buscar o Senhor com fervor”	amor	amor
	sentirmos	-----
	sacrificio	dor
	sacrificar	
“Deus tem uma bênção na tua vida”	louvamos	alegria
	bênção	
“É necessário abrir mão de certas coisas para o Senhor abençoar”	abençoar	alegria
“Deus quer ver perseverança em nossas vidas”	doença	medo
	enfermo	terror
“Deus quer mudar as nossas vidas”	maldições	medo
“Deus está querendo fazer algo tremendo em nossas vidas”	tremendo	alegria
“Para receber a bênção do Senhor, é necessário nós recebermos alguma marca”	bom	satisfação

QUADRO 16

b) Tom de voz

Podemos observar na Pregação que o sujeito falante eleva a voz (identificadas no culto por palavras em caixa-alta) diversas vezes, favorecendo a promoção do efeito patêmico. Essa estratégia é verificada no fragmento abaixo.

(124) Jacó, irmãos, ele lutou com anjos a madrugada inteira, até que o sol estava nascendo. Irmãos, Deus quer ver perseverança em nossas vidas. A mulher do fluxo de sangue, havia doze anos que ela estava ali com aquela doença; O PARALÍTICO DO

TANQUE DE BETESDA, HAVIA TRINTA E OITO ANOS QUE ELE ESTAVA ENFERMO.

No fragmento supracitado, o sujeito argumentante defende a tese “Deus quer ver perseverança em nossas vidas”. Para tanto, ele utiliza descrições de fatos bíblicos (estratégia do campo da razão), deixando entrever a perseverança dos personagens bíblicos para alcançar a bênção de Deus, perseverança essa que poderia servir de exemplo a ser seguido.

Ao mesmo tempo, ao final da fala acima, ele eleva a voz quando faz referência ao paralítico que estava enfermo há trinta e oito anos, tentando evocar/compartilhar a angústia (que provavelmente deveria sentir esse personagem bíblico) no (com o) fiel. Como se nota, essa angústia é mobilizada pelo pregador através da representação da doença, algo negativo, conforme Charaudeau (2010, p.50), e, possivelmente, é compartilhada pelo fiel, percebendo este o sofrimento do paralítico, e provavelmente se identificando com ele, o que poderia levar o destinatário a perseverar, a não desistir de sua bênção.

c) Modalidade alocutiva

Na Pregação, percebemos que o sujeito falante (o pregador) descreve o estado emocional no qual o interlocutor deve se encontrar ali no culto. Podemos visualizar isso através do fragmento a seguir:

(125) Responde ao Senhor, nesta noite, irmão, o que quer que Ele faça na tua vida. “Ah, Senhor, eu quero ser mudado, eu quero te seguir verdadeiramente, Senhor amado, eu QUERO VOLTAR A SENTIR AQUELA PRESENÇA QUE EU SENTIA NO MEU PRIMEIRO AMOR, EU QUERO TER AQUELA ALEGRIA DE VIR NA TUA CASA, TE CULTUAR, SABENDO QUE AQUI EU VOU SENTIR A TUA PRESENÇA. Ah, Pai amado!” Um coração contrito e quebrantado Deus não desprezará. CHEGA DIANTE DO SENHOR NESTA NOITE COM CORAÇÃO SINCERO.

Simula-se, neste fragmento, um deslocamento no esquema enunciativo, uma vez que o destinatário deixa de ser o crente e passa a ser Deus e o enunciador passa a se identificar com o destinatário, ou seja, o pregador assume a voz do crente/fiel, que se dirige a Deus. Simultaneamente, o enunciador abre mão de sua posição de representante de Deus, e adota uma identidade humana, colocando-se humildemente ao lado do crente como “aquele que não segue verdadeiramente o Senhor, que não tem mais aquela alegria de antes, mas quer ser modificado”, buscando uma identificação de seu estado emocional com o interlocutor. Sua atitude torna-se um exemplo a ser seguido. Através

daquela fala, ele sugere que se deve chegar diante do Senhor de modo humilde, arrependido, sincero, descrevendo o estado emocional que o interlocutor deve se encontrar para que Deus o escute, para que faça algo a ele. O sujeito confirma sua tese (Seja sincero/humilde e então Deus te ouvirá) no enunciado seguinte: “Um coração contrito e quebrantado Deus não desprezará”, ou seja, “Um coração arrependido e humilhado Deus não desprezará”.

Ao final da fala, notamos uma enunciação de caráter injuntivo: “Chega diante do Senhor nesta noite com coração sincero”, visando à ação do outro, uma mudança no estado emocional do interlocutor. Tem-se agora a projeção do estado emocional e, então, o efeito patêmico é estabelecido pela identificação-projeção proposta ao destinatário, marca da modalidade alocutiva.

Além dessa estratégia de efeito patêmico, vislumbramos a oscilação do tom de voz, que pode estar reforçando aquele sentimento de humilhação, um sentimento derivado da tópica da dor (insatisfação do desejo), conforme Charaudeau (2010, p.49). Vale destacar que o pregador eleva a voz a partir do verbo “querer”, mostrando um arrependimento, uma sinceridade, uma humilhação, em tom alto, que quer ser modificado.

d) Inversões

Identificamos também na Pregação a presença de inversões em alguns enunciados, que, conforme Amossy (2000) e Galinari (2007), promoveria o efeito patêmico. Podemos verificar isso a partir dos enunciados abaixo.

(126) Irmãos, para receber a bênção do Senhor, é necessário nós recebermos alguma marca.

Ao invés de estruturar da seguinte forma: “Irmãos, é necessário nós recebermos alguma marca para receber a bênção do Senhor”, de acordo com a ordem canônica, o pregador evidencia o “benefício”, seguido da condição para se obtê-lo, podendo criar uma esperança no fiel, nos termos de Charaudeau (2010, p.50), “uma espera de um benefício, de um acontecimento feliz”. Esse sentimento poderia fazer com que o interlocutor aceitasse a tese “É necessário nós recebermos alguma marca para receber a bênção do Senhor”.

(127) Irmãos, sem a santificação ninguém verá a Deus! Para que sejamos santos, para que UMA CASA ESTEJA REALMENTE LIMPA, É NECESSÁRIO QUE TODOS OS QUARTOS ESTEJAM ARRUMADOS.

A partir do primeiro enunciado – “Irmãos, sem a santificação ninguém verá a Deus!” –, o sujeito argumentante deixa entrever sua tese: “É preciso ser santo para ver Deus.” Então ele mostra que “para ser santo” implica algo: “é necessário que todos os quartos estejam arrumados”, configurando uma asserção de obrigação, uma condição para se alcançar o “benefício” daquela tese.

Ao mesmo tempo, ele inverte a ordem dos enunciados: “Irmãos, sem a santificação ninguém verá a Deus!” ao invés de “Irmãos, ninguém verá a Deus sem a santificação!”, provocando no fiel uma angústia em não ser santo; e “Para que sejamos santos, para que uma casa esteja realmente limpa, é necessário que todos os quartos estejam arrumados.” em vez de “É necessário que todos os quartos estejam arrumados para que sejamos santos”, inversão que pode despertar uma esperança no destinatário e então fazer com que aceite aquela tese, ou seja, procure ser santo. Ao antecipar os resultados, destacam-se aspectos positivos na fala, a obtenção de santidade.

A elevação do tom de voz ainda contribui para o efeito patêmico, reforçando o sentimento de esperança.

e) Exclamações

Também observamos na Pregação exclamações, através das quais, segundo Amossy (2000, p.185), o locutor partilha seu sentimento, possibilita a identificação com o interlocutor, favorecendo a adesão à tese defendida. Podemos visualizar isso pelo fragmento abaixo, no qual o pregador defende a tese “Nós necessitamos de um Deus vivo e verdadeiro”.

(128) MUITA GENTE NÃO RECONHECE A NECESSIDADE DE SERVIR AO SENHOR, ACHA QUE ELE É BOM, QUE ELE É SUFICIENTEMENTE bom, ELE PODE IR ONDE ELE QUISE, ELE PODE FAZER AQUILO QUE ELE QUER SEM PRECISAR DE DEUS. ELE CONSEGUE AQUILO QUE ELE QUER COM DINHEIRO, COM PALAVRAS PERSUASIVAS. MAS NÃO, IRMÃOS! Nós necessitamos de um Deus vivo e verdadeiro.

O sujeito argumentante, inicialmente, apresenta uma opinião consensual – “Muita gente não reconhece a necessidade de servir ao Senhor, acha que ele é bom, que ele é suficientemente bom (...)”. Posteriormente, mostra-se contrário a tal opinião, marcando sua oposição através do conectivo “mas” e do advérbio de negação “não”,

que intensifica sua oposição, deixando entrever na sua fala um sentimento de indignação com aquela opinião, sentimento esse marcado pela exclamação (enunciado sublinhado). Esse sentimento pode ser compartilhado pelo destinatário (aquele que acha que não necessita de um Deus vivo e verdadeiro), produzindo, portanto, o efeito patêmico, conforme Amossy (2000). O destinatário pode vir a sentir uma indignação com tal posição e, conseqüentemente, aceitar a tese “Nós necessitamos de um Deus vivo e verdadeiro”.

Contribuindo ainda para o efeito patêmico, notamos a oscilação do tom de voz, que inicia elevada (palavras em caixa-alta) e depois abaixa. Conforme Charaudeau (1999), a oscilação do tom de voz poderia aqui reforçar o sentimento evocado, deixando o fiel mais propício a aceitar a tese.

f) Interjeições

O sujeito argumentante, para defender suas teses, vale-se também de interjeições, que suscitam emoção no auditório. É o que podemos observar a seguir.

(129) Nós necessitamos de um Deus vivo e verdadeiro. Quer prova disso? UMA PESSOA QUE, HOJE, AGORA PODE ESTAR AÍ SENTADA, com uns dois segundos, pode sofrer um infarto. Ah, irmão, você não é bom, suficiente!?

O sujeito argumentante para defender a tese “Nós necessitamos de um Deus vivo e verdadeiro” utiliza o Questionamento, encetando um raciocínio e, concomitantemente, busca uma comunhão de ponto de vista com o destinatário, o que configura uma argumentação pela razão. Porém, em seguida, percebemos que o pregador eleva a voz (palavras em caixa-alta), procurando agora incitar o universo emocional do outro, promovendo, deste modo, o efeito patêmico, no caso, suscitando um terror no destinatário. Ele também descreve uma situação dramatizante, um acometimento de infarto, que poderia despertar o medo no outro. Além dessas estratégias de efeito patêmico, observamos a interjeição “Ah”, pronunciada pelo sujeito argumentante, sugerindo um certo desprezo em relação àquele que se acha bom, suficiente. Tais sentimentos poderiam persuadir e levar o interlocutor a aceitar a tese.

g) Expressões metafóricas

Outra estratégia que poderia favorecer a promoção do efeito patêmico é a metáfora, conforme Kerbrat-Orecchioni (2000) e Amossy (2000), estratégia essa que identificamos na Pregação:

(130) DEUS TEM UMA BÊNÇÃO NA TUA VIDA, ELE TEM UMA OBRA PARA REALIZAR NA TUA VIDA, [Assembleia: Aleluia! Glória a Deus!] MAS NÓS PRECISAMOS NOS COLOCAR NA POSIÇÃO DELE, NÓS PRECISAMOS ENXERGAR QUE NÓS ESTAMOS INDO NA CASA DO SENHOR NÃO É SIMPLEMENTE PARA SENTARMOS AÍ, LOUVARMOS ALGUNS HINOS, OUVIRMOS A PALAVRA DO SENHOR E IR EMBORA DA MESMA MANEIRA

Inicialmente observamos que o sujeito argumentante defende a tese “Deus tem uma bênção na tua vida”. Em seguida, restringe, condiciona essa tese: “mas nós precisamos nos colocar na posição dele”, através do encadeamento Restrição, numa relação de consequência (Deus tem uma bênção na tua vida) e causa (mas nós precisamos nos colocar na posição Dele).

Além da articulação lógica (argumentação pela razão) utilizada para defender a tese, o pregador se vale da argumentação pela emoção, procurando favorecer o efeito patêmico através de uma expressão metafórica –“Ele tem uma obra para realizar na tua vida” –, tentando produzir uma esperança no destinatário (aquele que não se coloca na posição do Senhor, ou seja, que não O busca com fervor). Outra estratégia que poderia favorecer o efeito patêmico é a elevação da voz do locutor, reforçando o sentimento evocado, o que pode levar o outro a aderir à tese e a mudar de comportamento.

Identifica-se, portanto, a tentativa de promoção de diferentes emoções, atendendo à tese geral de que, para se obter as bênçãos e graças de Deus, é necessário que ocorra uma mudança de atitude do crente/fiel.

O quadro a seguir sintetiza a nossa análise da argumentação pela emoção na Pregação.

Teses	Estratégias do campo da emoção	Sentimentos suscitados
“Devemos buscar o Senhor com fervor”	Seleção lexical	amor; dor
“Deus tem uma bênção na tua vida”	Seleção lexical	alegria
	Expressão metafórica	esperança
	Tom de voz	esperança (reforça)
“É necessário abrir mão de certas coisas para o Senhor abençoar”	Seleção lexical	alegria
“Deus quer ver perseverança em nossas vidas”	Seleção lexical	medo
	Tom de voz	angústia
“Deus quer mudar as nossas vidas”	Seleção lexical	medo

“Deus tá querendo fazer algo tremendo em nossas vidas”	Seleção lexical	alegria
“Para receber a bênção do Senhor, é necessário nós recebermos alguma marca”	Seleção lexical	satisfação
	Inversão	esperança
“Seja sincero/humilde e então Deus te ouvirá”	Modalidade alocutiva	humilhação
	Tom de voz	humilhação (reforça)
“É preciso ser santo para ver Deus”	Inversão	esperança
	Tom de voz	esperança (reforça)
“Nós necessitamos de um Deus vivo e verdadeiro”	exclamação	indignação
	Tom de voz	Indignação (reforça)
	Tom de voz	terror
	interjeição	desprezo
	Cena dramatizante	medo

QUADRO 17

Terminada a análise da argumentação pela razão e da argumentação pela emoção na Homilia e na Pregação, realizaremos então uma análise comparativa no que tange à razão e à emoção nos dois momentos.

5.3. Análise comparativa

Quanto à organização enunciativa, na Homilia, pudemos perceber que o sujeito enunciador se colocou ao lado do sujeito destinatário diversas vezes, através do uso de verbo na primeira pessoa do plural ou uso de pronomes possessivos referente a essa pessoa. O padre, simulando abrir mão de sua posição de representante de Deus, procura criar a identidade do fiel visado, colocando-se ora como uma “ovelha”, que mostra submissão ao “bom pastor”; ora como “aquele que não tem grande solicitude para com a igreja”; “aquele não reza”; “aquele que reza pouco”. Portanto, a Homilia é marcada por uma tentativa de se propor uma simetria, uma aproximação entre sujeito enunciador e sujeito destinatário.

Poucos foram os momentos em que o padre surgiu apenas como representante de Deus, momentos esses em que ele retomou passagens bíblicas, ora explicitamente ora implicitamente.

No que tange à modalização, verificamos um predomínio da modalidade delocutiva através da qual o enunciado colocado na forma impessoal evoca um “senso comum”, que surge enfatizado através de expressões como “Todos sabem”, como se fosse um conhecimento absoluto, consensual. Além disso, as citações da Bíblia,

“autoridade impessoal”, produziram uma “ilusão de evidência”, uma “verdade inquestionável”, que, por conseguinte, poderia ser aceita pelo fiel visado.

Também surgem as modalidades elocutivas, manifestadas pela posição do locutor em relação ao dito. O padre fez avaliações sobre o evangelho, expressando sua emoção (alegria), o que poderia levar o fiel a compartilhar de tal emoção. Ele ainda se posiciona e convoca o fiel a adotar um comportamento (ter cautela, estar alerta para não ser subvertido por um “falso pregador”).

A modalidade alocutiva se manifesta, sobretudo, através da interrogação e da injunção. Através da interrogação, o padre busca organizar o raciocínio do fiel, leva-o a agir, a refletir e ainda tenta alcançar uma comunhão (a mesma opinião) com o destinatário. Através da injunção, o locutor indica ao interlocutor uma ação a realizar.

Ao contrário da Homilia, na Pregação o sujeito enunciador assumiu diversas vezes somente a posição de representante de Deus, produzindo, assim, uma assimetria, uma distância entre o sujeito enunciador, pertencente ao plano espiritual, e o sujeito destinatário, do plano material. Porém, como na Homilia, o pregador abriu mão da posição de representante de Deus e se aproximou do fiel visado, com o qual compartilhava a identidade: “aquele que se afasta de Deus”.

Ainda observamos na Pregação, diferente do que ocorreu na Homilia, que o sujeito enunciador visa atingir/influenciar fieis dos quais não se aproxima, por exemplo: “aquele que confia em muitas coisas”; “aquele que chega diante de Deus como servo”; “aquele que não reconhece a dependência de Deus”; “aquele que não mais sente a presença de Deus na igreja”; “aquele que se deixou ser purificado”; “aquele que não tem confiado que a promessa de Deus vai se cumprir na sua vida”.

Quanto às modalidades utilizadas, predominaram na Pregação, assim como na Homilia, as delocutivas, manifestadas também pelas citações bíblicas implícitas e explícitas e declarações de “senso comum”, produzindo uma “ilusão de evidência”.

O pregador também se valeu das modalidades elocutivas, fazendo avaliações de sua Pregação, procurando fazer com que o *outro* mudasse de opinião. Na Pregação, verificamos a Constatação, uma categoria modal, em que o locutor constata algo, através de sua própria experiência, sugerindo um comportamento a ser adotado.

A modalidade alocutiva também surge na Pregação através da interrogação, buscando o locutor compartilhar uma opinião com o interlocutor. Paralelamente, percebemos a presença da modalidade elocutiva, que também integra a enunciação. Diferente da Homilia, ocorreu aqui a Sugestão, uma categoria modal específica do

comportamento alocutivo, através da qual o enunciador propõe uma ação ao seu destinatário a fim de mudar/melhorar de/a situação.

Vale ressaltar ainda as características do discurso religioso que notamos na Homilia e na Pregação: o uso de vocativos, através dos quais o padre/pregador buscam a atenção, o contato com o fiel, demonstra uma proximidade entre sujeito enunciador e sujeito destinatário, como, por exemplo, o vocativo “irmãos”. No entanto, a ilusão de reversibilidade, de baixo para cima, quando o fiel é levado a estabelecer um diálogo com Deus como filho, foi verificada somente na Pregação, assim como o uso de verbos no imperativo, indicando os comportamentos a serem adotados, o que sugere que a Homilia tenha um caráter menos autoritário que a Pregação.

Quanto à organização argumentativa, no que tange os modos de raciocínio, na Homilia, verificamos que a Dedução (dentre elas, por silogismo) foi a que mais ocorreu. Verificamos também a Explicação, a Associação e a Concessão Restritiva.

A Dedução ocorreu através do encadeamento Consequência Implicativa (A1 **então/portanto** A2) e Finalidade (A1 **para** A2), em defesa das respectivas teses: “É Deus que cuida de nós” e “A missão do bom pastor é preservar as ovelhas do mal”.

A Explicação, caracterizada por uma relação de causalidade orientada da consequência para a causa, foi articulada através do encadeamento Causa (A1 **então/porque** A2) em favor das seguintes teses: “Deus é nosso pastor” e “É preciso acompanhar os pastores com a nossa oração”.

A Associação ocorreu numa relação de identidade (O bom pastor é Cristo porque Cristo é Deus) através do encadeamento Causa (A1 **porque** A2), em defesa da ideia de que “Cristo é o bom pastor”.

A Concessão restritiva baseou-se no encadeamento Restrição (A1 **mas** A2), utilizada em prol das teses “Deus quis deixar um representante na terra” e “A missão do bom pastor é indicar o caminho”.

Na Pregação da Palavra, não verificamos a Associação, mas identificamos a Escolha alternativa, que não foi observada na Homilia.

Diferentemente da Homilia, verificamos, além da dedução por silogismo (A1 **e/portanto** A2), a condicional (Se A1, **então** A2), buscando o pregador uma maior racionalidade e tendendo a um ideal de verdade, na defesa das teses “Se você buscar o Senhor com fervor, não vai sair da igreja da mesma maneira” e “Para receber a bênção do Senhor, é necessário nós recebermos alguma marca”.

A Explicação também na Pregação foi construída pelo modo de encadeamento Causa (A1 **porque** A2) em favor das teses “Jacó foi conhecido como um trapaceiro” e “É necessário se libertar dos pecados para ser santo e logo ver Deus”.

A Escolha alternativa, não verificada na Homilia, ocorreu através do encadeamento de Disjunção (A1**ou** A2) na defesa das teses “Devemos buscar o Senhor com fervor” e “A promessa de Deus vai se cumprir”.

A Concessão restritiva, como na Homilia, se estabeleceu pela Restrição (A1 **mas** A2) em prol das teses “Deus tem uma bênção na tua vida” e “Nós necessitamos de um Deus vivo e verdadeiro”.

O quadro abaixo sintetiza as articulações lógicas encontradas na Homilia e na Pregação.

Modos de raciocínio	Homilia	Pregação da Palavra
Dedução	A1 então/portanto; A1 para A2	A1 e/portanto; Se A1, então A2
Explicação	A1 então/porque A2	A1 porque A2
Associação	A1 porque A2	-----
Escolha alternativa	-----	A1 ou A2
Concessão restritiva	A1 mas A2	A1 mas A2

QUADRO 18

Paralelamente, ao argumentar, buscando uma racionalidade através do uso das articulações lógicas, tanto o padre quanto o pregador procuraram despertar uma reação emocional no destinatário. Através de verbo (cuidar) e de metáforas (feras; leões, ursos), o padre procurou despertar um sentimento de confiança do fiel no “bom pastor”; também através de palavras, como, “celebramos”, “graça”, o sujeito argumentante se mostrou alegre, feliz em ter Deus como pastor, provocando no interlocutor um sentimento de identificação. O pregador apontou nas articulações lógicas estabelecidas um resultado positivo (bênção) que o fiel poderia alcançar, seduzindo este último, o que poderia fazê-lo aceitar o que estava sendo proposto.

Verificamos na Homilia a proposição de algumas teses: “Deus é nosso pastor” (Tese1); “Deus é o bom pastor” (Tese 2); “Devemos ter o cuidado para não sermos seduzidos pelos falsos pastores” (Tese 3); “É Deus que cuida de nós” (Tese 4); “O único caminho ao céu é Jesus Cristo” (Tese 5); “É preciso intensificar a prece pelos pastores e pelas vocações” (Tese 6); “Precisamos refletir sobre as bênçãos tão belas do santo evangelho” (Tese 7). Para defendê-las e persuadir o interlocutor, o sujeito falante utilizou diversos procedimentos discursivos, como: a Definição (Teses 1 e 2),

procedimento mais recorrente na Homilia, produzindo um “efeito de evidência e de saber”; a Comparação (Tese 3), facilitando a compreensão do interlocutor; a Citação (Teses 4 e 5), testemunhando um dizer bíblico, produzindo o “efeito de autenticidade” e promovendo uma credibilidade no sujeito argumentante; a Acumulação (Tese 6), fazendo com que o outro aja; e o Questionamento (Tese 7), procurando incitar o outro a refletir sobre “as bênçãos tão belas do santo evangelho” e averiguando o saber (a missão do bom pastor).

Na Pregação, observamos as seguintes teses: “Deus está querendo fazer algo tremendo em nossas vidas” (Tese 1); “Nós necessitamos de um Deus vivo e verdadeiro” (Tese 2); “Deus tem uma bênção na tua vida” (Tese 3); “O Pai atende o pedido do filho” (Tese 4); “Deus quer ver perseverança em nossas vidas” (Tese 5); “Tudo que o Senhor tem nas nossas vidas tem um tempo determinado” (Tese 6); “Aqui é lugar de mudança” (Tese 7); “É necessário se libertar dos pecados para ser santo e logo ver Deus” (Tese 8); “A promessa de Deus vai se cumprir” (Tese 9). Para levar o fiel a crer ou a fazer, o sujeito argumentante se valeu dos seguintes procedimentos discursivos: Definição (Teses 1 e 2), produzindo um “efeito de evidência e de saber”; Comparação (Teses 3 e 4), facilitando a compreensão do destinatário (efeito pedagógico); Descrição narrativa (Teses 5 e 6), manifestada através das descrições de fatos bíblicos, produzindo um “efeito de exemplificação”; Citação (Teses 7 e 8), testemunhando um dizer do Livro Sagrado e de um “irmão”, produzindo um “efeito de autenticidade”; Acumulação (Teses 5 e 9), através de argumentos baseados na Bíblia dispostos em gradação, incitando a perseverança no interlocutor; Questionamento, procurando constatar junto ao público que às vezes recebemos apelidos que não gostaríamos de ter e buscando uma comunhão de ponto de vista e ainda incita a fazer – responder à pergunta e a confiar.

Os quadros a seguir apontam, respectivamente, as teses verificadas na Homilia e na Pregação, e os procedimentos discursivos utilizados para a persuasão.

Teses defendidas

Homilia	Pregação da Palavra
“Deus é nosso pastor”	“Deus está querendo fazer algo tremendo em nossas vidas”
“Deus é o bom pastor”	“Nós necessitamos de um Deus vivo e verdadeiro”
“Devemos ter o cuidado para não sermos seduzidos pelos falsos pastores”	“Deus tem uma bênção na tua vida”
“É Deus que cuida de nós”	“O Pai atende o pedido do filho”
“O único caminho ao céu é Jesus Cristo”	“Deus quer ver perseverança em nossas vidas”
“É preciso intensificar a prece pelos pastores e	“Tudo que o Senhor tem nas nossas vidas tem

pelas vocações”	um tempo determinado”
“Precisamos refletir sobre as bênçãos tão belas do santo evangelho”	“Aqui é lugar de mudança”
“A missão do bom pastor é preservar a ovelhas do mal”	“É necessário se libertar dos pecados para ser santo e logo ver Deus”
“Cristo é o bom pastor”	“A promessa de Deus vai se cumprir”
“Deus quis deixar um representante na terra”	“Se você buscar o Senhor com fervor, não vai sair da igreja da mesma maneira”
“A missão do bom pastor é indicar o caminho”	“Para receber a bênção do Senhor, é necessário nós recebermos alguma marca”
	“Jacó foi conhecido como um trapaceiro”
	“Devemos buscar o Senhor com fervor”
	“Ninguém quer ser chamado de trapaceiro”

QUADRO 19

Como se pode observar, as teses da Homilia e da Pregação se distinguem, o que se deve às diferentes leituras adotadas durante a cerimônia.

Procedimentos discursivos

	Homilia	Pregação
Definição	+	+
Comparação	+	+
Descrição narrativa	-	+
Citação	+	+
Acumulação	+	+
Questionamento	+	+

QUADRO 20

Como se observa, na Homilia não ocorreu, dentre os procedimentos discursivos, a Descrição narrativa. Já na Pregação, identificamos todos os procedimentos. A Pregação parece possuir um caráter mais objetivo, apresentando descrições de fatos bíblicos, argumentos mais concretos e, por conseguinte, mais persuasivos.

Notamos que na Homilia predominou a Definição, ao contrário da Pregação, na qual sobressaiu o Questionamento. Assim, enquanto o padre procura produzir o efeito de evidência e de saber, o pregador incita o fiel a fazer, a participar do culto e busca uma comunhão de ponto de vista.

Ao defender suas teses, notamos também que tanto o padre quanto o pregador tentaram suscitar um sentimento de medo e de esperança no fiel. O pregador ainda procurou despertar a confiança no fiel. Além disso, a repetição dos fatos bíblicos (luta de Jacó, a cura do paralítico e a cura da mulher com hemorragia), colocados como argumentos, pode, conforme Perelman (2005), atuar sobre a imaginação do fiel,

emocionando-o, reforçando o sentimento de esperança e de confiança. Também para Galinari (2007) e Amossy (2000), essa repetição poderia suscitar a emoção.

No que tange à organização descritiva, verificando a nomeação e a qualificação na Homilia e na Pregação da Palavra, constatamos que na Homilia sobressaiu a qualificação, enquanto na Pregação, a nomeação. Assim, o padre preocupou-se mais em caracterizar um ser, apresentando suas qualidades, que revelam a visão do sujeito enunciativo sobre o mundo, visão essa atrelada a seus sentidos e sentimentos (qualificação subjetiva) e à sua racionalidade (qualificação objetiva); o pregador, por sua vez, deteve-se mais em fazer nomeações, identificando os seres através de nomes comuns (identificação genérica) e de nomes próprios (identificação específica).

Quanto às nomeações, na Homilia, verificamos o “mistério” entre as identificações específicas, pertencentes à Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) – Cristo e Deus –, sendo considerado o mesmo ente.

Verificamos também a nomeação “irmãos” (identificação genérica) referindo-se o padre aos fieis, criando uma proximidade com estes e evocando um “laço” de afetividade entre padre e fiel. Essa proximidade se manifesta também através da primeira pessoa do plural – “nós”.

Verificamos ainda as identificações genéricas “sacerdotes”, “bispos” e “mercenários”, nomes comuns que surgem na Homilia.

Diferente da Homilia, na Pregação, encontramos a identificação genérica “Senhor”, referindo-se a “Deus” e a “Jesus” – identificações específicas –, mas que não suscitam confusão entre estes seres. O ente “Deus” é nomeado por “papai”, propondo o pregador ao fiel a estabelecer uma intimidade, uma afetividade com Deus.

Ao identificar o fiel visado, observamos que o pregador estabelece uma proximidade não somente utilizando o vocativo “irmão(s)” e o pronome “nós”, como na Homilia, mas também valendo-se do pronome “você”, que individualiza o fiel visado, produzindo uma “ilusão de ser único”, além de demonstrar uma informalidade; e do vocativo “amigos”, evidenciando mais que uma proximidade, uma afetividade entre pregador e fiel. Essa afetividade pode fazer com que o sujeito destinatário assumam/adote o ponto de vista exposto ou o comportamento sugerido. O fiel visado também é nomeado, na Pregação, como “filho de Deus”.

Na Pregação, observamos também duas identificações genéricas – “igreja” e “Espírito de Deus”.

Quanto às qualificações, percebemos que o ente “Deus” é descrito, tanto na Homilia quanto na Pregação, através de qualificações objetivas (por exemplo, “pastor”, na Homilia, e “aquele que não mente”, na Pregação) as quais são pautadas na Bíblia, buscando o sujeito enunciador construir uma “visão de verdade”, podendo ser, assim, assumidas pelo sujeito destinatário. Aquela entidade também é descrita por qualificações subjetivas na Homilia e na Pregação. Enquanto na Homilia “Deus” é um “ente zeloso”; “um presente”; e “um guia” – apreciação positiva do padre –, que evoca um certo afeto, uma confiança naquela entidade, que poderia ser compartilhada pelo fiel; na Pregação “Deus” é “aquele que nos mostra que dependemos Dele”, descrição que produz um “efeito de real”; “aquele que se preocupa com você”. Ao descrever, o enunciador produz um “efeito de saber” e tenta evidenciar um sentimento de confiança naquele ente, podendo o fiel comungar dessa confiança; e ainda “aquele que não despreza um coração contrito e quebrantado”. Nessa descrição, o pregador faz sua apreciação pessoal suscitando o “efeito de confiança”. Deste modo, podemos perceber que o ente “Deus” na Pregação é mais próximo, mais íntimo do fiel. Ele não envia representantes; é mais que um guia, pois caminha na direção do fiel, estende as mãos para este e dialoga com ele. E ainda está conosco nas situações difíceis para nos mostrar que dependemos Dele. Porém, tanto o padre como o pregador, ao descreverem o ente Deus, movimentaram o racional (qualificações objetivas) e o emocional (qualificações subjetivas), tentando levar o outro a aderir ao seu ponto de vista (CHARAUDEAU, 2008; FLORENCIO, 2010).

Na Homilia o ente “Jesus” é qualificado como o “bom pastor”; “alimento”; “aquele que conhece as ovelhas” – qualificações objetivas (baseadas na Bíblia); e “bom caminho” – qualificação subjetiva, dentre outras. Já na Pregação, aquele ser é somente “aquele que abençoa”. A partir da Bíblia, o pregador caracteriza Jesus pelos milagres (cura do paraplégico e da mulher com hemorragia) que teria feito. Assim, enquanto o padre enfatiza o ente Jesus, o pregador valoriza as “obras” deste, o que pode ser mais evidente a caracterização desta entidade e, por conseguinte, mais aceitável a descrição.

Tanto o padre quanto o pregador se aproximam do fiel visado, assumindo a mesma identidade que este. Eles se descrevem ao lado do fiel através de qualificações objetivas, pautadas na Bíblia (padre) e que podem ser observadas por outro sujeito além do enunciador (pregador); e também através de qualificações subjetivas, pelas quais o padre indica o comportamento a ser adotado e o pregador deixa entrever que precisa ocorrer uma mudança ou adotar um outro comportamento (ou ponto de vista).

Somente na Homilia surgem caracterizações do Papa – líder religioso católico. Observamos que o Papa é qualificado a partir de sua conduta, seu comportamento, considerado como “santo padre”, “pastor”, “dedicado” e “disponível”, expressando um julgamento do enunciador (qualificações relativamente subjetivas). Essas qualificações “justificariam” ser ele o representante de Jesus na Terra.

Os bispos e os sacerdotes, considerados em segundo lugar os representantes de Cristo, são caracterizados como o Papa: “santo”, “disponível”, “dedicado”, caracterizações essas que expressam um julgamento pessoal, uma apreciação positiva, produzindo o efeito de confiança.

Também só o padre caracteriza o ente “mercenário”, o que se deve à leitura da passagem bíblica. Essa entidade é caracterizada a partir da Bíblia como “aquele que não se interessa pelas ovelhas, mas pelo dinheiro” (qualificação objetiva), produzindo uma “visão de verdade”. O celebrante o descreve ainda a partir de sua própria visão, qualificando-o como uma “onda de mal que vai crescendo, se avolumando por toda a parte”, deixando transparecer uma apreciação negativa. Essa descrição evoca um certo medo por parte do locutor, medo esse que pode ser compartilhado pelo interlocutor, levando-o, por conseguinte, a adotar o comportamento sugerido – “deve-se ter cuidado para não ser subvertido pelos mercenários”. Verificamos novamente que na Homilia o componente qualificar movimentou o racional (qualificação objetiva) e o emocional, através da qualificação subjetiva, que suscitou o sentimento de medo do enunciador na qualificação subjetiva.

Ao contrário da Homilia, na Pregação, visualizamos que o fiel visado é qualificado separadamente do enunciador através de qualificação objetiva como “aquele que se deixou ser santificado”, na qual o enunciador pretende “fazer saber” o fiel da proteção que possui (livro de Números), enquanto filho de Deus; e através também de qualificações subjetivas, como: “aquele que passa por uma luta e que está em dúvida quanto à ação de Deus”; “aquele que tem tentado dar sacrifício ao Senhor”; “aquele que se acha suficiente”; “aquele que tem confiado em muitas coisas”; “aquele que tem reclamado a falta de roupa com o guarda-roupa cheio”; “aquele que não tem confiado que a promessa vai se cumprir na sua vida”. Ao descrever o fiel visado através dessas últimas qualificações, o pregador pretende “fazer crer”, “fazer saber”, “fazer sentir” (sentimento de confiança); pretende ainda com que o fiel mude de comportamento (fazer fazer) ou de opinião, objetivos que foram aceitos algumas vezes pela resposta “Amém!” do público. Ao caracterizar os diferentes fieis visados, o enunciador teria uma

propensão maior em obter uma identificação entre sujeito destinatário e sujeito interpretante, o que, para Perelman (2005), seria a eficácia da argumentação.

Visualizamos também somente na Pregação a qualificação subjetiva ao ente Espírito de Deus: aquele que fala para nossas vidas, entidade essa que tem uma importância maior para os assembleianos. Como todo pentecostal, eles acreditam que Deus, através do Espírito Santo e em nome de Jesus, age hoje do mesmo modo que no cristianismo primitivo (MARIANO, 2010). Assim, o pregador procura fazer com que o sujeito destinatário (no caso referido, os fieis presentes no culto) compartilhe da opinião de que a Pregação é uma “mensagem de Deus” através do Espírito Santo, do qual recebeu a palavra quando ficou sabendo que iria “pregar”.

Quanto à organização narrativa da Homilia, pudemos verificar que a narrativa é construída a partir da Bíblia e também a partir do testemunho do narrador. O padre, o narrador-historiador, conta um fato bíblico de maneira objetiva, reproduzindo as falas dos personagens, fazendo crer que ele se apaga por detrás dos fatos. Essa narrativa pautada no Livro Sagrado não possui autor real porque é repetida e reconhecida pelos membros da comunidade cristã como uma verdade única compartilhada. O narrador, exterior ao fato, conta a história no tempo presente e no tempo passado, produzindo um efeito de atualização e um efeito de distanciamento, respectivamente. Para descrever os personagens, o narrador, nos termos de Charaudeau (2008, p.198), “apela para uma interpretação, para suposições” sobre o que pensa aqueles, apresentando uma intenção ou uma vontade de que teriam. Observamos, deste modo, um ponto de vista interno, subjetivo.

O padre (autor-indivíduo) conta fatos temporalmente distantes, mas também narra fatos mais próximos no espaço e no tempo, como as viagens dos últimos papas e as viagens do Papa ao Brasil – contexto sócio-histórico mais concreto, mais próximo do destinatário, suscitando um “efeito de verismo”, buscando compartilhar com este o pensamento de que “o Papa vem ao Brasil para trazer a Palavra de Deus”. Ele organiza a história de maneira mais objetiva, mais próxima dos fatos da realidade, testemunhando a vinda do Papa ao Brasil, momento do qual provavelmente o destinatário pode se lembrar, o que caracteriza um narrador-autor-indivíduo. Algumas marcas linguísticas sugerem o estatuto do narrador como testemunha dos acontecimentos contados, como: “últimos”; “têm viajado”; “Brasil”; “tantas vezes”;

“exatamente”, marcas essas que indicam uma proximidade espaço-temporal do narrador com a realidade contada e uma modalização indicando certeza do fato contado.

Na Pregação, observamos, como na Homilia, um narrador-historiador que constrói as narrativas a partir de um documento, a Bíblia, reproduzindo os fatos, mostrando uma precisão, uma objetividade, mas, diferenciando do padre, uma vez que resgata tais fatos, realizando algumas intervenções, deixando entrever uma subjetividade. Além disso, ao narrar os fatos bíblicos (a luta de Jacó com Deus, a cura da mulher com hemorragia e a cura do paralítico), o narrador, o pregador, ao contrário do padre, utiliza somente o tempo passado, produzindo um efeito de distanciamento do fato.

Observamos também, quanto às narrativas da Pregação, que o narrador repete um mesmo fato bíblico, com termos diferentes. O pregador narra a história de Jacó (narrativa 1), depois volta a narrar, destacando alguns episódios, na narrativa 2. O narrador-historiador também repete a história do paralítico, dando detalhes (narrativa 2). Essas repetições acrescidas aos detalhes vivificam as narrativas na mente dos fieis, atuando sobre sua imaginação, o que poderia, conforme Perelman (2005, p.166), criar emoção.

Diferente do narrador-historiador da Homilia, o da Pregação apresenta somente saberes sobre a exterioridade dos personagens, que poderiam ser percebidos ou verificados por um outro sujeito além do narrador, ou seja, um ponto de vista externo, objetivo, como: o gesto ou o modo de agir do personagem (Jacó era denominado trapaceiro), a aparência física (mulher do fluxo de sangue; o paralítico). Ao comunicar essas características ao ouvinte, o narrador concede uma certa objetividade à sua narrativa, tornando-a mais evidente e, provavelmente, mais aceitável.

Na Pregação, notamos um narrador que conta a sua própria história (narrativa 4), narra sua experiência, tentando compartilhar com o fiel que “Deus quer fazer algo tremendo na vida deles (narrador e fiel)”. Ele é o personagem principal. O pregador é, assim, um narrador-autor-indivíduo, um “contador-testemunha” de sua própria vida, que se vale de indicadores espaciais e temporais, precisando o lugar e o momento em que ocorreu o fato e suscitando um efeito de verismo. Assim, como na Homilia, temos um fato mais próximo, mais concreto e, por conseguinte, mais persuasivo.

Distinguindo da Homilia, na Pregação, verificamos que alguns fatos são organizados de modo gradativo. Há uma gradação da perseverança dos personagens: Jacó perseverou (não desistiu da bênção) a madrugada inteira; a mulher, durante doze

anos; e o paraplégico, por trinta e oito anos, dramatizando, assim, o narrador sua fala, o que poderia comover o fiel visado e fazê-lo com que adote o comportamento sugerido – “perseverar na busca pelo Senhor; crer”.

No que tange à argumentação pela emoção, pudemos verificar que, na Homilia, o padre se valeu de uma seleção lexical (conjunto de palavras adotadas conforme a tese), suscitando “alegria” no fiel para defender a tese “Deus é nosso pastor; “tristeza”, para a tese “Precisamos intensificar a nossa prece pelos pastores e pelas vocações”; “satisfação”, ao defender as teses “Precisamos refletir sobre as bênçãos tão belas do santo evangelho” e “Deus quis deixar um representante na terra”; “benevolência”, ao defender as teses de que Deus é o bom pastor e de que precisamos segui-lo.

Diferente do pregador, o padre deixou entrever o seu estado emocional, objetivando uma identificação, a produzir o efeito patêmico no destinatário através da modalidade elocutiva, produzindo uma “alegria” no fiel e deixando-o mais propício para aceitar a tese “Deus é nosso pastor”.

Também verificamos o uso de inversões, despertando “confiança”.

O padre recorreu às expressões metafóricas, suscitando uma “confiança” e procurando com que ele aceitasse a tese “Deus é o bom pastor”.

E ainda oscilou (eleva e abaixa a voz) o tom de voz, evocando a “confiança”.

Na Pregação também percebemos que o sujeito falante se valeu de uma seleção lexical (uma reunião de palavras de diferentes classes gramaticais conforme a tese), despertando “amor” e “dor” para a defesa da tese “Devemos buscar o Senhor com fervor”; “alegria”, em favor das teses “Deus tem uma bênção na tua vida; “É necessário abrir mão de certas coisas para o Senhor abençoar”; e “Deus tá querendo fazer algo tremendo em nossas vidas”; suscita “medo” em favor das teses “Deus quer ver perseverança em nossas vidas”; e “Deus quer mudar as nossas vidas”; e ainda, em defesa da tese “Para receber a bênção do Senhor, é necessário nós recebermos alguma marca”, utiliza um vocabulário, evocando uma “satisfação” no fiel.

Como na Homilia, verificamos o uso de metáforas como estratégia de efeito patêmico. Para defender a tese “Deus tem uma bênção na tua vida”, o sujeito argumentante (o pregador) se valeu de expressões metafóricas, despertando uma emoção, uma “esperança” no fiel, o que poderia deixá-lo mais propício a aceitar a tese.

Também verificamos na Pregação uma oscilação (eleva e abaixa a voz) do tom de voz que, em defesa das teses “Deus tem uma bênção na tua vida”; e “É preciso ser

santo para ver Deus”, reforça o sentimento de “esperança”; suscita uma “angústia” no fiel, para defender a tese “Deus quer ver perseverança em nossas vidas”; enfatiza o sentimento de “humilhação” e de “indignação” quando o locutor busca argumentar em favor das respectivas teses “Seja sincero/humilde e então Deus te ouvirá”; e “Nós necessitamos de um Deus vivo e verdadeiro”. O pregador ainda oscila o tom de voz, produzindo um “terror” no fiel a fim de que este aceite a tese “Nós necessitamos de um Deus vivo e verdadeiro”.

Como observado na Homilia, na Pregação, identificamos o uso de inversões, contribuindo para o efeito patêmico. O pregador, em defesa das teses “Para receber a bênção do Senhor, é necessário nós recebermos alguma marca”; e “É preciso ser santo para ver Deus”, utilizou inversões, que suscitaram “esperança” no fiel.

Ao contrário da Homilia, na Pregação, constatamos as seguintes estratégias do campo da emoção: modalidade alocutiva (descrição do estado emocional que o outro deveria se encontrar); exclamações; interjeições; e a descrição de cena dramatizante.

O pregador utiliza, ao defender a tese “Seja sincero/humilde e então Deus te ouvirá”, a modalidade alocutiva para indicar o estado emocional, um sentimento de “humilhação” que o outro deveria se encontrar.

Para defender a tese “Nós necessitamos de um Deus vivo e verdadeiro”, o sujeito argumentante evidenciou seu sentimento de “indignação” através da frase exclamativa, buscando partilhar tal sentimento com o interlocutor; através da interjeição procurou compartilhar ainda um sentimento de “desprezo”; e a partir de uma cena dramatizante, enunciação de efeito patêmico, procurou suscitar o “medo” no fiel. Essas estratégias para uma mesma tese poderiam favorecer ainda mais a adesão do fiel.

Na Pregação, ocorreram, assim, duas estratégias – exclamação e interjeição – a mais em relação às verificadas na Homilia, o que pode indicar um apelo maior à emoção por parte do pregador na defesa de suas teses. Isso parece se confirmar quando o pregador utiliza, para uma mesma tese, mais de um recurso de efeito patêmico, favorecendo, possivelmente, ainda mais a adesão do fiel. Vale ressaltar que o padre, num total de doze teses identificadas, em quatro delas empregou mais de uma estratégia do campo da emoção; já o pregador, na defesa de dez teses, em seis delas procurou valer-se de mais de um recurso de efeito patêmico.

Pudemos notar que enquanto na Homilia não surgiram modalidades alocutivas, interjeições e exclamações, na Pregação somente não ocorreu a modalidade elocutiva, o que sugere que o pregador faz um apelo maior à emoção.

A partir dessa análise comparativa, verificamos, portanto, estratégias do campo da razão e da emoção, que ocorrem na Homilia e na Pregação, favorecendo a defesa das teses e, conseqüentemente, a adesão dos fieis. Observamos que poucas foram as diferenças entre a Homilia e a Pregação no que tange à argumentação pela razão. Porém, na argumentação pela emoção, o pregador parece fazer um apelo maior à emoção, deixando, então, o fiel mais predisposto a aceitar as teses.

Conclusões gerais

A partir da análise comparativa de uma Homilia e de uma Pregação, analisando a argumentação pela razão, pudemos verificar poucas diferenças entre elas. No entanto, acreditamos que, quando o pregador busca a participação do fiel no culto através do Questionamento, identifica o destinatário por um pronome – “você” –, que cria uma “ilusão de ser único, especial”; produz uma “ilusão de reversibilidade” de baixo para cima, levando o fiel a estabelecer um relacionamento íntimo com “Deus” e deixando-o mais envolvido na Pregação; e recorre à descrição narrativa, pautando-se mais uma vez na Bíblia, dando credibilidade a sua fala, ele favorece a adesão do fiel às teses propostas.

Percebemos paralelamente que ao construir uma argumentação pela razão, tanto o padre quanto o pregador suscitaram sentimentos no fiel, “infiltrando”, nos termos de Galinari (2007), o *pathos* no *logos*. Isso mostra que as provas retóricas são co-participantes da finalidade persuasiva.

No que tange à argumentação pela emoção, constatamos que o pregador faz um apelo maior à emoção em seu discurso. Ao contrário do padre, ele utilizou, além das outras estratégias, a modalidade alocutiva (descrição do estado emocional que o outro deveria se encontrar); as exclamações; as interjeições e ainda valeu-se de outras estratégias que não foram pretendidas em nosso estudo, devido ao nosso espaço que é restrito para tratar do presente assunto, como: a descrição de cena dramatizante, a repetição. Além dessas estratégias de efeito patêmico, o tom de voz, o ritmo requerem um estudo mais aprofundado no culto da Assembleia de Deus.

Além disso, o pregador recorreu mais vezes que o padre a dois ou mais recursos de efeito patêmico para uma mesma tese, suscitando mais emoção no destinatário e, conseqüentemente, deixando-o mais propício a aderir à tese.

Enquanto o padre suscitou no fiel, em favor das teses apontadas, somente os sentimentos de “alegria”, de “tristeza”, de “satisfação”, de “confiança”, de “benevolência”; o pregador despertou, além da “alegria” e “satisfação”, “amor”, “dor”, “esperança”, “medo”, “angústia”, “humilhação”, “esperança”, “indignação”, “terror”, “desprezo”. Notamos uma gama de sentimentos, que diríamos sentimentos positivos (por exemplo, alegria) e sentimentos negativos (como, medo), confirmando o que Charaudeau (2010, p.48) diz: “a patemia não é somente o sofrimento”.

Assim, o pregador, além de se valer da razão, recorre à emoção de um modo mais intenso do que o padre, parecendo deixar o fiel mais predisposto a aceitar as posições ou comportamentos sugeridos, promovendo, conseqüentemente, uma maior captação de fiéis.

Portanto, percebemos poucas diferenças entre a Homilia e a Pregação no que tange à argumentação pela razão, já quanto à argumentação pela emoção, verificamos um apelo maior na Pregação. No entanto, tais semelhanças e diferenças se restringiram a uma parte das celebrações, o que pode divergir da análise de outras partes. Isso será objeto de estudo de trabalhos futuros, favorecidos pelas transcrições e descrições dos dados já realizados.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, C. A. Efeitos de patemização no discurso filmico. In: MACHADO, I. L.; MENEZES, W.; MENDES, E. (Orgs). **As emoções no discurso**. v.1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p.63-74.

AMOSSY, R. **L'argumentation dans le discours**: discours politique, littérature d'idées, fiction. Paris: Nathan Université, 2000. 247p.

----- Argumentation et analyse du discours: perspectives théoriques et découpages disciplinaires. **Argumentation et Analyse du Discours**, n° 1. set. 2008. Disponível em: <http://aad.revues.org/index200.html>. Acesso em: 12 set. 2010.

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. 17. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. 290p.

Bíblia Sagrada. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

Bíblia Sagrada. 23. ed. Edição Pastoral. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1990.

CAMPOS JR., L. de C. **Pentecostalismo e transformações na sociedade**: a igreja avivamento bíblico. São Paulo: Annablume, 2009. 168p.

CASTRO, R. C. R. de; MELO, M. S. de S. **Estratégias discursivas nos cultos católico e metodista: uma análise comparativa**. Relatório de pesquisa. Viçosa, MG: UFV, 2007.

CASTRO, R. C. R. de. **Uma análise discursiva do uso da emoção no culto da Assembléia de Deus**. 2007. 57f. Monografia (Letras Licenciatura Português/Literaturas) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG: UFV, 2007.

CECHINATO, Pe. L. **A missa parte por parte**. 36. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 143p.

CHARAUDEAU, P. **Langage et discours**. Eléments de sémiolinguistique (théorie et pratique). Paris: Hachette, 1983. 256p.

----- **Grammaire du sens et de l'expression**. Paris: Hachette, 1992. 927p.

----- Catégories de langue, catégories de discours et contrat de communication. In: **Parcours linguistique de discours specializes**. Paris: Peter Lang, 1993. p. 315-326.

----- Para uma nova Análise do Discurso. In: CARNEIRO, A. D. (Org.). **O discurso da mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996. p. 5-43.

----- **La Pathémisation à la Télévision comme Stratégie d'Authenticité.** Paris: Univ. Paris XIII. 1999. Inédito.

----- Une problematisation discursive de l'émotion. A propos des effets de pathémisation à la télévision. In: PLANTIN C. et al., **Les Émotions dans les interations communicatives.** Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 2000.

----- A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, E; MACHADO, I.L. (Orgs). **As emoções no discurso.** vol. II. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. p.23-56.

----- **Linguagem e discurso:** modos de organização. Tradução: Angela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008. 256p.

CUPERTINO, S. da S. **Análise discursiva da argumentação nos depoimentos de representantes da igreja católica e presbiteriana.** 2008. 74f. Monografia (Letras Licenciatura Português/Inglês). - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG: UFV, 2008.

DITTRICH, I. J. Por uma retórica do discurso: argumentação técnica, emotiva e representacional. Alfa, São Paulo, 52 (1), 2008. Disponível em: <http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v52-1/02-Dittrich.pdf> Acesso em: 29 abr. 2010.

FERREIRA, V. A. O Protestantismo na atualidade. Revista Espaço Acadêmico, São Paulo, n.59, ISSN 1519.6186, p.1-3, abr. 2006. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/059/59ferreira.htm> Acesso em: 16 jun. 2009.

FLORENCIO, R. A. T. O uso dos modos de organização do discurso como forma de agenciamento das emoções. In: MENDES, E.; MACHADO, I.L. (Orgs). **As emoções no discurso.** vol. II. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. p.185-199.

GALINARI, M. M. As emoções no processo argumentativo. In: MACHADO, I. L.; MENEZES, W.; MENDES, E. (Org.). **As emoções no discurso.** v.1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p.221-239.

GARCEZ, Bruno. Catolicismo retraiu no Brasil durante o papado de João Paulo II. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u25104.shtml>>. Acesso em: 26 abr. 2010.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. Quelle place pour les émotions dans la linguistique du XX siècle? Remarques et aperçus. In: DOURY, M. & TRAVERSO, Véronique. **Les émotions dans les interactions.** Lyon: Presses universitaires, 2000.

MAINGUENEAU, D. Polifonia e cena de enunciação na pregação religiosa. In: LARA, G.M.P., MACHADO, I.L. e EMEDIATO, W. **Análises do discurso hoje.** RJ: Nova Fronteira, 2008. v. 1.

- MARIANO, R. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2010. 246p.
- MELO, M. S. S. **Estratégias discursivas em publicidades de televisão**. 2003. 2v. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- MENEZES, W. A. Um pouco sobre as emoções no discurso político. In: MACHADO, I. L.; MENEZES, W.; MENDES, E. (Org.). **As emoções no discurso**. v.1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p.310-327.
- NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. In: Caderno de pesquisas em administração. v.1. n.3. São Paulo, 1996. Disponível em: www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06-pdf Acesso em: 5 fev. 2011.
- OLIVEIRA, J. **As Assembléias de Deus no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998. 199p.
- ORLANDI, E. P. O discurso religioso. In: **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.
- PASCAL, B. De l'art de persuader. In: **Oeuvres complètes IX**. Paris: Gallimard, 1914.
- PEARLMAN, M. **Conhecendo as doutrinas da Bíblia**. Trad. Lawrence Olson. 7. ed. EUA: Vida, 1978. 264p.
- PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 653p.
- PINTO, F. S. **Marcas e mecanismos retórico-linguísticos no discurso religioso pentecostal e neopentecostal**. Dissertação de mestrado, 2008. Disponível em: http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/id/6882458.html Acesso em: 26 abr. 2010.
- PLANTIN, C. **L'argumentation**. Paris: Le Seuil, Mémo, 1996. 128p.
- PLANTIN, C.; DOURY, M. et TRAVERSO, V. **Les émotions dans les interactions**. Arci: Presses Universitaires de Lyon, 2000.
- PLANTIN, C. **L'argumentation**. 1e. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2005. 127p.
- . As razões das emoções. In: MENDES, E.; MACHADO, I.L. (Org.) **As emoções no discurso**. v. II. Tradução Emília Mendes. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. p.57-77.
- ROLIM, F. C. **O que é pentecostalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. 96p.

SILVERMAN, D. O que é pesquisa qualitativa? In: **Interpretação de dados qualitativos**: métodos para análise de entrevistas, textos e interações. Tradução: Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 42-65.

WILSON, V. Modos de ler o discurso religioso. **Revista Soletras**. Rio de Janeiro, n. 5 e 6, p. 154-159, dez. 2003. Disponível em:

<http://www.filologia.org.br/soletras/5e6/11.htm>. Acesso em: 26 abr. 2010.

http://www.cacp.org.br/crescimento_evangelico_no_Brasil.htm. Acesso em: 6 mar. 2009.

<http://www.noticias.br.msn.com/artigo.aspx?cp-documentid=23747979>. Acesso em: 28 mar. 2010.

<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/catolicismo/catolicismo-1.php> Acesso em: 28 mar. 2010.

<http://www.assembleia.org.br/> Acesso em: 28 mar. 2010.

ANEXOS

ANEXO 1

Transcrição da Missa

02/05/09

Comentarista 1:

As intenções da santa Missa: aniversário de Lilian Flausino, Pedro Henrique, Júlia Vidigal, Maria de Fátima, Deon Machado, Gabriela Resende, Paulo Henrique, Danúbia de Paula, Cecília Fernandes, Lidson Vinícius, Márcia Alves, Vânia de Paula, Jair Mendes, Marlucci Fontes, Amanda Sousa, Igor Santos, Luís Márcio, Daniel Ladeira, Maria Antônia; falecido: Ezequiel Santana; sétimo dia: Iolanda Mota Martins; trigésimo dia: Maria Inês Amorim.

Missa vespertina do quarto domingo da Páscoa. Celebremos o Cristo ressuscitado que vem ao nosso encontro, um bom pastor que doa a sua vida por amor. Vamos ao encontro do bom pastor para renovar a nossa fé, nossa esperança e nossa caridade através da Liturgia da Palavra e da Comunhão Eucarística – encontro maior com o Senhor. E hoje nos unimos com todos os católicos para rezarmos pelas vocações religiosas e sacerdotais e pedimos ao Senhor que envie santos operários para a messe.

Cântico 1 – canto de entrada – Queremos ver Jesus

Refrão: Queremos ver Jesus,
Queremos!
Queremos ver Jesus,
Queremos!
Ele é o caminho, a verdade e a vida:
Queremos ver Jesus, Jesus!

Pai, nós queremos ver Jesus,
E com ele sempre estar,
Seu rosto contemplar.
Pai, vosso filho amado ouvir,
E os passos seus seguir.
De Belém até a cruz!
Pai, vosso espírito criador,
Abra nosso coração,
Para bem compreender
O evangelho do amor do
Serviço e comunhão
E a vida promover.

Padre:

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Assembleia:

Amém!

Padre:

Que a graça do Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo esteja convosco!

Assembleia:

Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

Padre:

Neste 4º domingo da Páscoa, a igreja celebra a festa do bom pastor, Jesus Cristo, aquele que cuida de nós com imenso amor. E neste dia, somos convidados também a rezar por todas as

vocações sacerdotais e religiosas. A messe é grande, diz o evangelho, os operários são poucos. É preciso rezar mais para que Deus sirva mais vocações.

Vamos nos colocar diante de Deus com muita generosidade, com muita gratidão, pedindo também que tenha misericórdia de todos nós.

Confessemos os nossos pecados.

Assembleia:

Confesso, ó Deus todo-poderoso, e a vós, irmãos e irmãs, que pequei muitas vezes por pensamentos e palavras, atos e omissões por minha culpa, minha tão grande culpa. Te peço, ó virgem Maria, aos anjos e santos e a vós, irmãos e irmãs, que rogueis por mim ao nosso Senhor.

Padre:

Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza a vida eterna.

Assembleia:

Amém!

Padre:

Senhor, tende piedade de nós!

Assembleia:

Senhor, tende piedade de nós!

Padre:

Cristo, tende piedade de nós!

Assembleia:

Cristo, tende piedade de nós!

Padre:

Senhor, tende piedade de nós!

Assembleia:

Senhor, tende piedade de nós!

Padre:

Glória a Deus nas alturas!

Todos:

Paz na terra aos homens por Ele amados! Senhor Deus, rei dos céus, Deus Pai todo-poderoso, nós vos louvamos, nós vos bendizemos, nós vos adoramos, nós vos glorificamos, nós vos damos graças por vossa imensa glória. Senhor Jesus Cristo, Filho Unigênito, Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai. Vós que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós. Vós que tirais o pecado do mundo, acolhei a nossa súplica. Vós que estais à direita do Pai, tende piedade de nós. Só vós sois o Santo. Só vós o Senhor. Só vós o Altíssimo, Jesus Cristo, com o Espírito Santo, na glória de Deus Pai. Amém!

Padre:

Oremos. Oração pessoal. [Todos ficam em silêncio]. Deus eterno e todo-poderoso, conduzi-nos à comunhão das alegrias celestes para que o rebanho possa atingir, apesar das suas fraquezas, a fortaleza do pastor. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso filho, na unidade do Espírito Santo.

Assembleia:

Amém!

Comentarista 2

Leitura dos Atos dos Apóstolos. (4; 8-12)

“Naqueles dias, Pedro cheio do Espírito Santo disse: ‘Chefes do povo e anciãos! Hoje estamos sendo interrogados por termos feito o bem a um enfermo e pelo modo como foi curado. Ficais, pois, sabendo todos vós e todo o povo de Israel: é pelo nome de Jesus Cristo, de Nazaré, – aquele que vós crucificastes e que Deus ressuscitou dos mortos, – é pelo seu nome que este homem está curado diante de vós. Jesus é a pedra que vós, os construtores, desprezastes, e que se tornou a pedra angular. Em nenhum outro há salvação, pois não existe debaixo do céu outro nome dado aos homens, pelo qual possamos ser salvos.’” Palavra do Senhor.

Assembleia:

Graças a Deus.

Comentarista 1: Salmos 117 [refrão cantado]

Refrão: A pedra que os pedreiros rejeitaram/Tornou-se agora a pedra angular

- 1) Dai graças ao Senhor porque ele é bom!/Eterna é a sua misericórdia!/É melhor buscar refúgio no Senhor,/do que pôr no ser humano a esperança;/é melhor buscar refúgio no Senhor/do que contar com os poderosos deste mundo!
- 2) Dou-vos graças, ó Senhor, porque me ouvistes/e vos tornastes para mim o Salvador!/A pedra que os pedreiros rejeitaram/tornou-se agora a pedra angular./Pelo Senhor é que foi feito tudo isso;/que maravilhas ele fez a nossos olhos!
- 3) Bendito seja, em nome do Senhor,/aquele que em seus átrios vai entrando!/Vós sois meu Deus, eu vos bendigo e agradeço!/Vós sois meu Deus, eu vos exalto com louvores!/Dai graças ao Senhor, porque ele é bom!/Eterna é a sua misericórdia.

Comentarista 1:

Leitura da Primeira carta de São João (1 Jo 3; 1-2)

“Caríssimos, vede que grande presente de amor o Pai nos deu de sermos chamados filhos de Deus e nós o somos. Se o mundo não o conhece é porque não conheceu o Pai.

Caríssimos, desde já, somos filhos de Deus, mas nem sequer se manifestou o que sereis, sabendo-se quando Jesus se manifestar, sereis semelhantes a Ele porque o veremos tal como Ele é.” Palavra do Senhor.

Assembleia:

Graças a Deus.

Cântico 2 – Aclamação ao evangelho –

Eu vim para escutar

- 1)Eu vim para escutar tua palavra, tua palavra, tua palavra de amor.
- 2)Eu gosto de escutar tua palavra, tua palavra, tua palavra de amor

Padre:

O Senhor esteja convosco!

Assembleia:

Ele está no meio de nós!

Padre:

Proclamação do evangelho de Jesus Cristo segundo João. (10; 11-18)

Assembleia:

Glória a vós, Senhor!

Naquele tempo, disse Jesus: “Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida por suas ovelhas. O mercenário, que não é pastor e as ovelhas não são suas, quando vê o lobo chegar, abandona as ovelhas e sai correndo. Então o lobo ataca e dispersa as ovelhas. O mercenário foge porque trabalha só por dinheiro, e não se importa com as ovelhas.

Eu sou o bom pastor: conheço minhas ovelhas, e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai. Eu dou a vida pelas ovelhas. Tenho também outras ovelhas que não são deste curral. Também a elas eu devo conduzir; elas ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor. O Pai me ama, porque eu dou a minha vida para retomá-la de novo. Ninguém tira a minha vida; eu a dou livremente. Tenho poder de dar a vida e tenho poder de retomá-la. Esse é o mandamento que recebi do meu Pai.”

Palavra da Salvação!

Assembleia:

Glória a vós, Senhor!

Padre:

Acabamos de ouvir uma das páginas mais consoladora do evangelho. Deus é o nosso pastor. Então, hoje, 4º domingo da Páscoa, nós celebramos essa grande notícia, essa grande graça de ter o próprio Deus como nosso pastor.

E como conclusão necessária deste dia, a igreja nos convida a rezar pelas vocações sacerdotais e religiosas porque é através dos chamados vocacionados que Deus escolhe os bons pastores para a sua igreja.

O que significa ser bom pastor? Qual é a missão que o pastor tem? E qual o dever que nós, as ovelhas, temos para com nosso bom pastor, Jesus? São três questões que nos ajudam a refletir sobre as bênçãos tão belas do santo evangelho.

Então, em primeiro lugar, o que é ser bom pastor? Todos sabem que pastor É AQUELE³⁵ QUE CUIDA DAS OVELHAS E ESSAS OVELHAS SOMOS NÓS, TODO POVO DE DEUS. E O BOM PASTOR É O PRÓPRIO DEUS. Através do profeta Ezequiel, Deus disse assim: “EU MESMO CUIDAREI DE MINHAS OVELHAS. EU MESMO.” Então é Deus que cuida de nós. A PARÓQUIA É DE DEUS, É DO PAI ETERNO, ELE É QUE TEM O CUIDADO ZELOSO em cada um de nós, seus filhos, suas ovelhas. ENTÃO ESSE BOM PASTOR É O PRÓPRIO CRISTO PORQUE CRISTO É DEUS, é o filho de Deus.

MAS DEUS NA SUA INFINITA MISERICÓRDIA, ELE QUIS QUE ALGUÉM O REPRESENTASSE AQUI NA TERRA COM ESSA MISSÃO de ser bom pastor. ELE QUIS DAR TAMBÉM AOS HOMENS ESSE PRIVILÉGIO DE TORNAR UM PRESENTE AQUI NA TERRA, COM ESSA FIGURA TÃO EXTRAORDINÁRIA que é do bom pastor.

E QUAIS SÃO ESTAS PESSOAS QUE REPRESENTAM JESUS CRISTO nesta função de bom pastor? É claro que, em primeiro lugar, o santo padre, o Papa, hoje, Bento XVI. É ele o PASTOR DE TODA A IGREJA. TODOS OS CRISTÃOS DO MUNDO INTEIRO FORAM COLOCADOS SOB OS CUIDADOS do Papa.

Logo depois da ressurreição, Jesus aparece a São Pedro e diz assim: “Pedro, tu me amas mais do que estes? Então apascenta as minhas ovelhas.” E disse a segunda vez: “Pedro, tu me amas mais do que estes? Então apascenta os meus cordeiros.” Com esta expressão, Jesus colocava TODOS NÓS debaixo da proteção do Papa. E é por isso que os últimos papas têm viajado tanto, visitado diversos continentes, numerosos países. O Papa já veio ao Brasil tantas vezes, EXATAMENTE PARA ISSO, PARA TRAZER O ALIMENTO DA PALAVRA DE DEUS. SÃO VISITAS PASTORAIS. ELE VEM PARA CONFIRMAR A NOSSA FÉ. É A MISSÃO QUE JESUS CONFIOU AO PAPA.

Em segundo lugar, são pastores os sacerdotes, bispos e papas. Cada um de acordo com o seu carisma, de acordo com a missão que o próprio Cristo confiou; quer a diocese inteira, quer em cada paróquia.

E todos nós devemos ter uma grande solicitude por toda a igreja de Jesus Cristo. De modo que este título de pastor é designado, é reservado exclusivamente para os sacerdotes, aqueles que receberam o sacramento da Ordem para representar Jesus Cristo, o bom pastor do seu povo.

Mas, meus irmãos, qual é a missão do bom pastor? Em primeiro lugar, ele vai à frente para mostrar o caminho. E ESSE CAMINHO É JESUS! NÃO HÁ OUTRO CAMINHO PARA CHEGAR AO CÉU! O ÚNICO QUE EXISTE É JESUS CRISTO: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida.”. Por isso que a segunda leitura de hoje vai dizer: NÃO EXISTE OUTRO NOME DEBAIXO DO SOL, SOB O QUAL POSSAMOS SER SALVOS, A NÃO SER O NOME DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO.

Então a missão do bom pastor é esta: ir à frente, indicando o caminho. NÃO COM O OLHAR ORGULHOSO DE QUEM PRESIDE, mas como alguém que presta um grande serviço, alguém que vai abrindo caminho para que todos possam passar. É missão do bom pastor dar o alimento e esse alimento é, em primeiro lugar, a Palavra de Deus e os fiéis têm o direito, diz o Concílio Vaticano II, de HAURIR DO SACERDOTE A PALAVRA DE DEUS, que a Palavra de Deus fortifica a fé, ilumina a nossa vida e nos fortalece no combate contra o mal.

E O ALIMENTO É TAMBÉM A SAGRADA EUCARISTIA, ONDE O PRÓPRIO JESUS se faz o nosso alimento: “Eu sou o pão vivo que descido do céu. Quem comer desse pão viverá eternamente.”. Por isso, o sacerdote tem o poder sagrado de transformar o pão e o vinho no corpo e no sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo para nos dar esse alimento sagrado. E assim nós ficamos fortalecidos e temos condição de caminhar com segurança para a Casa do Pai e de construir o Reino de Deus aqui na terra.

³⁵ As palavras em caixa-alta representam a elevação do tom de voz do enunciador.

E É MISSÃO TAMBÉM DO BOM PASTOR preservar as ovelhas do mal, afastar as feras, os leões, os ursos, os lobos para que as ovelhas não sejam devoradas pelo mal. Então afastar as ovelhas dos perigos, dos falsos profetas, dos falsos pregadores, daqueles que vêm até nós como lobo, como ovelha vestidos, ou melhor, como lobo vestido de ovelha. Nós temos que ter o cuidado para não sermos seduzidos pelos falsos pastores, por aqueles que agem em nome próprio e não em nome de Jesus.

Por isso, o evangelho de hoje nos previne contra os mercenários, aqueles que não têm interesse pelas ovelhas, mas simplesmente pelo leite e pela lã, simplesmente pelo dinheiro. Então, nós temos que nos cautelar para não sermos subvertidos por essa onda de mal que vai crescendo, se avolumando por toda a parte. Essa é a missão do bom pastor E É TAMBÉM MISSÃO PARA A VIDA. Nós temos a história da igreja, centenas e centenas de pessoas que deram a vida por causa do nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, para ser fiel ao seu evangelho.

E, finalmente, qual é o dever das ovelhas, nós, ovelhas, o rebanho de Deus? Qual é a nossa obrigação? Primeiro lugar, é preciso conhecer o bom pastor. O evangelho é muito claro: o bom pastor conhece as suas ovelhas e as ovelhas o conhece. PARA NÃO DAR OUVIDO A VOZES ESTRANHAS, PARA NÃO SEGUIR FALSAS IDEIAS, então é preciso conhecer o nosso pastor pelo timbre de sua voz, de tal maneira que nós não sejamos enganados por vozes falsas.

São Paulo já chamava atenção sobre isso, escrevendo a Timóteo: “Prega a Palavra de Deus a tempo ou fora de tempo, QUER AGRADE, QUER DESAGRADE PORQUE VIRÁ TEMPO EM QUE AS PESSOAS VÃO AFASTAR OS OUVIDOS DA Sã DOCTRINA para abri-los às fábulas.”. Então, nós temos essa delicadeza de conhecer e seguir o bom pastor, E, AO MESMO TEMPO, A DOCILIDADE PARA OUVIR E PRATICAR os ensinamentos do bom pastor.

EM SEGUNDO LUGAR, É PRECISO TER UMA GRANDE ATENÇÃO PARA COM OS NOSSOS PASTORES: PROCURAR AJUDÁ-LOS NAS SUAS NECESSIDADES, ELES TAMBÉM PRECISAM DESTA NOSSA COMPREENSÃO; QUERER BEM AOS NOSSOS PASTORES PARA QUE ELES POSSAM SE DEDICAR COM GENEROSIDADE NESSE TRABALHO TÃO IMPORTANTE que é o trabalho de evangelizar; e, ao mesmo tempo, que nós possamos rezar, é dever nosso rezar pelos nossos pastores PARA QUE ELES POSSAM SE DEDICAR DE UMA MANEIRA DISPONÍVEL nesse trabalho de congregar e de dirigir com diligência o povo de Deus para o bom caminho que é Jesus; REZAR TAMBÉM PELAS VOCAÇÕES PARA QUE AQUELES QUE FORAM REALMENTE CHAMADOS POR DEUS POSSAM PERSEVERAR e se dedicar futuramente nesse trabalho tão santo que é o trabalho de ser bom pastor da igreja de Deus.

E é por isso que nós fomos convidados, nesse 4º domingo, A INTENSIFICAR A NOSSA PRECE NESSAS INTENÇÕES. NÃO SÓ PARA QUE DEUS CONTINUE AUMENTANDO AS VOCAÇÕES, MAS TAMBÉM POR AQUELES QUE SÃO CHAMADOS À VIDA RELIGIOSA PARA SE CONSAGRAR RADICALMENTE AO REINO DE DEUS ATRAVÉS DOS CONSELHOS EVANGÉLICOS da pobreza, da obediência e da castidade; PARA QUE ELES POSSAM DESPERTAR, NESTE MUNDO EM QUE NÓS VIVEMOS, AQUELA SAUDADE DE DEUS, AQUELA NECESSIDADE DAS COISAS ESPIRITUAIS em nossa vida cristã.

Tudo isso, irmãos, é motivo de nossa reflexão nesse domingo do “bom pastor”. Não só entender a natureza do bom pastor, NÃO SÓ REFLETIR SOBRE A MISSÃO QUE O BOM PASTOR TEM NA IGREJA, mas também saber das nossas obrigações, nossos deveres cristãos SOBRETUDO acompanhar nossos pastores com a nossa oração para que eles sejam MAIS SANTOS, MAIS DEDICADOS, MAIS DISPONÍVEIS, PARA QUE O REINO DE DEUS CONTINUE CRESCENDO NO MEIO DE NÓS E TODA A IGREJA POSSA SE ENRIQUECER COM PASTORES SANTOS e dedicados. É sobre isso que nós vamos rezar de modo TODO ESPECIAL nesse 4º domingo da Páscoa. É o domingo DEDICADO ao “bom pastor”.

Creio em Deus Pai...

Todos:
todo-poderoso,

Criador do céu e da terra;
E em Jesus Cristo Seu único filho, Nosso Senhor,
Que foi concebido pelo poder do Espírito Santo;
Nasceu da Virgem Maria,
Padeceu sob Pôncio Pilatos,
Foi crucificado, morto e sepultado;
Desceu à Mansão dos Mortos;
Ressuscitou ao terceiro dia;
Subiu aos Céus;
Está sentado à direita de Deus-Pai Todo-Poderoso;
Donde há de vir a julgar os vivos e os mortos.
Creio no Espírito Santo,
Na santa Igreja Católica,
Na comunhão dos santos,
Na remissão dos pecados,
Na ressurreição da carne,
Na vida eterna.
Amém!

Padre:

Com muita confiança, elevemos à Deus nossas preces comunitárias.

Comentarista 1:

Após cada oração, participaremos rezando: “Bom pastor, atendei a nossa prece!”

Assembleia:

Bom pastor, atendei a nossa prece!

Comentarista 1:

Que vossa igreja, através de nossos pastores, possa sempre nos direcionar e apontar um caminho que é Jesus. Rezemos.

Assembleia:

Bom pastor, atendei a nossa prece!

Comentarista 1:

Que todas as nossas comunidades se abram ao amor e nos livra de todo preconceito, de toda opressão e todo individualismo. Rezemos.

Assembleia:

Bom pastor, atendei a nossa prece!

Comentarista 1:

Que todos nós sejamos libertos de todos os males e façamos de nossa vida uma oferta agradável ao Senhor no testemunho do amor. Rezemos.

Assembleia:

Bom pastor, atendei a nossa prece!

Comentarista 1:

Que nossa nação seja abençoada e que nela coabite a paz que é o fruto da justiça. Rezemos.

Assembleia:

Bom pastor, atendei a nossa prece!

Padre:

Agora cada um em silêncio pode fazer a sua oração pessoal. [Momento de silêncio]
Tudo isso vos pedimos, Pai do céu, por vosso filho, Jesus Cristo, na unidade do Espírito Santo.

Assembleia:

Amém!

Cântico 3 – Ofertório

É prova de amor

1) É prova de amor junto à mesa partilhar. É sinal de humildade nossos dons apresentar.

Refrão: Acolhei as oferendas deste vinho e deste pão, e o nosso coração também! Senhor, que vos doastes totalmente por amor, fazei de nós o que convém!

- 1) Quem vive para si empobrece o seu viver; quem doar a própria vida, vida nova há de colher.
- 2) Oferta é bem servir, por amor ao nosso irmão. É reunir-se nesta mesa, celebrar a redenção.

Padre:

Oraí, irmãos e irmãs, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai, todo-poderoso.

Assembleia:

Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício, para glória do seu nome, para nosso bem e de toda a santa igreja!

Padre:

Concedei, ó Deus, que sempre nos alegremos por esse mistério pascal para que ele se torne constantemente e seja fonte de eterna alegria. Por Cristo, Nosso Senhor.

Assembleia:

Amém!

Padre:

O Senhor esteja convosco!

Assembleia:

Ele está no meio de nós!

Padre:

Corações ao alto!

Assembleia:

O nosso coração está em Deus!

Padre:

Demos graças ao Senhor, nosso Deus!

Assembleia:

É nosso dever e nossa salvação!

Padre:

Na verdade, é justo e necessário, é nosso dever e salvação dar-vos graças, sempre e em todo lugar, mas, sobretudo, nesse tempo em que Cristo em nossa Páscoa foi imolado. Vencendo a corrupção do pecado (...); vencendo a morte garantiu-nos a vida em plenitude.

Unidos na multidão dos anjos e santos, transbordando de alegria pascal, nós aclamamos cantando a uma só voz:

Cântico 4 – Santo

O Senhor é Santo

Refrão: O Senhor é Santo.

O Senhor é Santo.

O Senhor é Santo!

1) O Senhor é nosso Deus,

O Senhor é nosso Pai.

Que o seu reino de amor

Se estenda sobre a terra

2) Bendito o que vem,

Em nome do Senhor.

Bendito o que vem,

Em nome do Senhor

3) Hosana! Hosana!

Hosana! Nas alturas, amém!

Hosana! Nas alturas, amém!

Padre:

Na verdade, ó Pai, vós sois santo e fonte de toda santidade. Santificai, pois, estas oferendas, derramando sobre elas o vosso Espírito, a fim de que se tornem para nós o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor nosso.

Assembleia:

Santificai nossa oferenda, ó Senhor! [cantado]

Padre:

Estando para ser entregue e abraçando livremente a paixão, Ele tomou o Pão, deu graças, e o partiu e deu a seus discípulos, dizendo: “Tomai, todos, e comei: isto é o meu corpo, que será entregue por vós.” [elevação do Pão] [silêncio após o toque de sinos]

Do mesmo modo, ao fim da ceia, Ele tomou o cálice em suas mãos, deu graças novamente e deu a seus discípulos, dizendo: “Tomai, todos, e bebei: este é o cálice do meu sangue, o sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vós e por todos, para remissão dos pecados. Fazei isto em memória de mim.” [elevação do cálice] [toque de sinos]

Eis o mistério da fé!

Assembleia:

Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!

Padre:

Celebrando, pois, a memória da morte e ressurreição do vosso Filho, nós vos oferecemos, ó Pai, o Pão da vida e o Cálice da salvação; e vos agradecemos porque nos tornastes dignos de estar aqui na vossa presença e vos servir.

Assembleia:

Recebei, ó Senhor, a nossa oferta! [cantado]

Padre:

E nós vos suplicamos que, participando do Corpo e Sangue de Cristo, sejamos reunidos pelo Espírito Santo num só corpo.

Assembleia:

Fazei de nós um só corpo e um só espírito! [cantado]

Padre:

Lembrai-vos, ó Pai, da vossa Igreja que se faz presente pelo mundo inteiro: que ela cresça na caridade, com o Papa Bento, com o nosso bispo Geraldo e todos os Diáconos do vosso povo.

Assembleia:

Lembrai-vos, ó Pai, da vossa Igreja! [cantado]

Padre:

Lembrai-vos também dos nossos irmãos e irmãs que morreram na esperança da ressurreição, e de todos os que partiram desta vida: acolhei-os junto a vós na luz da vossa face.

Assembleia:

Lembrai-vos, ó Pai, dos vossos filhos! [cantado]

Padre:

Enfim, nós vos pedimos, tende piedade de todos nós e dai-nos participar da vida eterna, com a Virgem Maria, Mãe de Deus, com os santos Apóstolos e todos os que neste mundo vos serviram, a fim de vos louvarmos e glorificarmos, por Jesus Cristo, vosso Filho.

Assembleia:

Concedei-nos o convívio dos eleitos! [cantado]

Padre:

Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a vós, Deus Pai todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória, agora e para sempre.

Assembleia:

Amém. [cantado]

Padre:

Quando rezamos o Pai-Nosso, nós fazemos vários pedidos. E hoje vamos pedir, de modo especial, que não falte o Pão, o Pão da Palavra de Deus, que nos ilumina; o Pão da Eucaristia, onde Jesus se torna o nosso alimento, o Pão vivo descido do céu; e, é claro também, o Pão necessário para a nossa vida. Tudo faz parte dos planos de Deus. Vamos pedir com fé.

Todos:

Pai nosso que estais nos céus,
santificado seja o vosso nome;
venha a nós o vosso reino,
seja feita a vossa vontade,
assim na terra como no céu.
O pão nosso de cada dia nos dai hoje;
perdoai-nos as nossas ofensas,
assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido;
e não nos deixeis cair em tentação,
mas livrai-nos do mal. Amém!

Padre:

Livrai-nos de todos os males, ó Pai, e dai-nos hoje a vossa paz. Ajudados pela vossa misericórdia, sejamos sempre livres do pecado e protegidos de todos os perigos, enquanto, vivendo a esperança, aguardamos a vinda de Cristo salvador.

Assembleia:

Vosso é o reino, o poder e a glória para sempre!

Padre:

Senhor Jesus Cristo, dissestes aos vossos apóstolos: Eu vos deixo a paz, eu vos dou a minha paz. Não olheis os nossos pecados, mas a fé que anima vossa Igreja; dai-lhe, segundo o vosso desejo, a paz e a unidade. Vós, que sois Deus, com o Pai e o Espírito Santo.

Assembleia:

Amém.

Padre:

A paz do Senhor esteja sempre convosco!

Assembleia:

O amor de Cristo nos uniu!

Padre:

No sacramento do batismo, nós nos tornamos cristãos, filhos de Deus, irmãos uns dos outros. Todos temos o privilégio de fazer parte do rebanho de Jesus Cristo e ele é o nosso “bom pastor”. Então, como prova da nossa fraternidade, da nossa união, nós vamos, em silêncio, sem sair dos lugares, cumprimentar quem está perto de nós. [Todos se cumprimentam]

Cântico 5 – Cordeiro

Ó Cordeiro de Deus,/ó Cordeiro de Deus,/ ó Cordeiro de Deus./Morreste por causa de nós,/foste imolado no nosso lugar/Por isso tende piedade,/tende piedade,/piedade de nós./E dai-nos a paz./E dai-nos a paz./E dai-nos a paz./Cordeiro de Deus!

Padre:

Felizes os convidados para a Ceia do Senhor. Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

Assembleia:

Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dissei uma palavra e serei salvo!

Cântico 6 – Comunhão

Sou bom pastor

Refrão: Sou bom pastor; ovelhas guardarei.
Não tenho outro ofício nem terei.
Quanta vida eu tiver, eu lhes darei.

- 1) Maus pastores, num dia de sombra, não cuidaram e o rebanho se perdeu.
Vou sair pelo campo, reunir o que é meu, conduzir e salvar.
2) Verdes prados e belas montanhas hão de ver o pastor, rebanho atrás.
Junto a mim, as ovelhas terão muita paz; poderão descansar.

Cântico 7 – Comunhão
Milagre de amor

1) Que bom te receber no meu coração
Te tocar
Ter-te em minhas mãos.
Com carinho te acolher.
E contigo ser um só.
Ter contigo
Uma perfeita comunhão,
Corpo sangue vinho e pão,
Milagre de amor,
Fonte de vida.

2) Ó meu Jesus eucaristia,
Eu te recebo em comunhão,
Pois mesmo sem que eu
Mereça vens fazer morada
No meu coração.
Eu te adoro meu Jesus
Doce mistério no meu coração.
Como um Deus tão grande
E soberano, se faz pequeno
Um pedaço de pão.
Só por amor.

Padre:

Alma de Cristo!

Assembleia:

Santificai-me!

Padre:

Corpo de Cristo!

Assembleia:

Salvai-me!

Padre:

Sangue de Cristo!

Assembleia:

Inebriai-me!

Padre:

Água do lado de Cristo!

Assembleia:

Purificai-me!

Padre:

Paixão de Cristo!

Assembleia:

Confortai-me!

Padre:

Ó bom Jesus!

Assembleia:

Ouvi-me!

Padre:

Dentro de vossas chagas!

Assembleia:

Escondei-me!

Padre:

Não permitais

Assembleia:

que eu me separe de vós.

Padre:

Do inimigo maligno!

Assembleia:

Defendei-me!

Padre:

Na hora de minha morte!

Assembleia:

Chamai-me! E mandai-me ir para vós, para que eu, com vossos santos, vos louve por todos os séculos dos séculos. Amém.

Padre:

Jesus, manso e humilde de coração!

Assembleia:

Fazei nosso coração semelhante ao vosso.

Padre:

Jesus, manso e humilde de coração!

Assembleia:

Fazei nosso coração semelhante ao vosso.

Padre:

Jesus, manso e humilde de coração!

Assembleia:

Fazei nosso coração semelhante ao vosso.

Padre:

Oremos. Olhai com solicitude, ó bom pastor, sobre o vosso rebanho. Concedei que viva nos trajes eternos as ovelhas que reunistes pelo sangue do vosso Filho. Por Cristo, Nosso Senhor.

Assembleia:

Amém!

Padre:

Vamos ter agora a coroação a Nossa Senhora.

Cântico 8

Maria de Nazaré

1) Maria de Nazaré, Maria me cativou./Fez mais forte a minha fé e por filho me adotou./As vezes eu paro e fico a pensar,/e sem perceber me vejo a rezar,/ e meu coração se põe a cantar/pra Virgem de Nazaré./Menina que Deus amou e escolheu/pra Mãe de Jesus, o Filho de Deus./Maria que o povo inteiro elegeu./Senhora e Mãe do céu.

Refrão: Ave, Maria, Ave, Maria!/Ave, Maria, Mãe de Jesus!

2) Maria que eu quero bem, Maria do puro amor./Igual a você ninguém, Mãe pura do meu Senhor./Em cada mulher que a terra criou/um traço de Deus Maria deixou,/um sonho de mãe Maria plantou/pro mundo encontrar a paz./Maria que fez o Cristo falar,/Maria que fez Jesus caminhar,/Maria que só viveu pra seu Deus,/Maria do povo meu.

crianças cantam:

Esta vela, virgem formosa, que eu te entrego, Nossa Senhora (...)

Esta palma, virgem amada, aceita, ó mãe, imaculada.

Este terço que lhe trazemos com alegria oferecemos

Este véu, com alegria, viemos trazer-te, ó Maria,

Quem é aquela virgem formosa

É Maria, nossa alegria/É Maria que ao céu subia

Esta coroa por nós é dada

Aceita, ó mãe, imaculada [aplausos]

Criança: Viva Nossa Senhora! [aplausos]

Padre:

Vamos dar a bênção final. O Senhor esteja convosco!

Assembleia:

Ele está no meio de nós!

Padre:

Abençoe-vos o Deus todo-poderoso, o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Assembleia:

Amém!

Padre:

Ide em paz e o Senhor vos acompanhe!

Assembleia:

Graças a Deus!

Cântico 9 – Canto final

Tomado pela mão

Refrão: Tomado pela mão com Jesus eu vou,

Sigo-o como ovelha que encontrou o pastor.

Tomado pela mão com Jesus eu vou aonde ele for (2X)

1)Se Jesus me diz: “Amigo, deixa tudo e vem comigo.

Onde tudo é mais formoso e mais feliz”.

Se Jesus me diz: “Amigo, deixa tudo e vem comigo. Eu minha mão porei na sua e irei com ele”

2)Eu te levarei amigo

A um lugar comigo.

Onde o sol e as estrelas brilham mais.

Eu te levarei amigo

A um lugar comigo.

Onde tudo é mais formoso

E mais feliz.

ANEXO 2

Transcrição do culto (Culto da Mocidade) da Assembléia de Deus

03/05/09

Diácono:

Gostaria de saudar os irmãos com a paz do Senhor. Amém?

Assembleia:

Amém!

Diácono:

Nos dá a oportunidade, Senhor, nesta noite, de nos envolver, Senhor. Deus de bondade, queremos Te pedir que desde aqui o púlpito até a portaria, Senhor, a Tua glória possa fluir, Pai. Em nome de Jesus, toma, Senhor, o pregador desta noite nas Tuas mãos. Senhor, Te pedimos que receba os louvores que entoaremos a Ti como um incenso suave.

Pai bondoso, Senhor, agrada-Te de nós nesta noite porque o nosso desejo é Te louvar, é Te bendizer, é Te exaltar, Senhor. Nos rendemos a Ti, Senhor, porque Tu és santo, Senhor, Tu és santo, Tu és santo, Deus. Nós Te glorificamos, Tua igreja, Senhor, nesta noite, Te glorifica, Te bendiz pela Tua bondade, a Tua misericórdia. Em nome de Jesus, nós Te agradecemos, Pai. Amém.

Assembleia:

Amém!

Diácono:

A igreja pode se assentar? Nós vamos louvar ao Senhor. Louvado seja Deus! Todos cantando com alegria, com gozo, no Senhor Jesus. “Firme nas Promessas”. Glória a Deus! Hino de número 107. Amém? Glória a Deus! Toda a igreja cantando com força mesmo, com graça. Aleluia! Glória a Jesus!

Cântico 1

Hino 107 – Firme nas Promessas

[Diácono: ALELUIA³⁶! GLÓRIA A DEUS! LOUVANDO O SENHOR, TODOS!]³⁷

1) Firme nas promessas do meu Salvador,
Cantai em louvores ao meu Criador;
Fico na dispensação do Seu amor,
Firme nas promessas de Jesus.

Refrão: Firme, Firme,
Firme nas Promessas de Jesus, o Cristo;
Firme, firme,
Sim, firme nas Promessas de Jesus.

2) Firme nas promessas, hei de não falhar,
Quando as tempestades vêm me assolar;
Pelo Verbo vivo, hei de batalhar.
Firme nas promessas de Jesus.

3) Firme nas promessas, sempre vejo assim,

³⁶ As palavras em caixa-alta representam a elevação do tom de voz do enunciador.

³⁷ Os colchetes contendo falas dos participantes indicam que ocorrem paralelamente ao momento desenvolvido. Essa fala se dá na introdução do cântico.

Purificação no sangue, para mim;
Plena liberdade em Jesus sem fim.
Firme nas promessas de Jesus.
4)Firme nas promessas do Senhor Jesus,
Em amor ligado com a Sua cruz;
Cada dia mais alegro-me na Luz.
Firme nas promessas de Jesus.

Assembleia:

Glória a Deus!

Diacono:

ALELUIA!! Glória a Jesus! Louvado seja Deus! Hino 108. Toda a igreja, número 108.
Aleluia! Nós vamos louvar ao Senhor com alegria, com prazer porque Ele é digno de glória,
digno de honra.

Cântico 2
Hino 108 – Pelejar por Jesus

[Diacono: Aleluia!]

3) Por Jesus vamos pelejar,
Prosseguindo o nosso andar;
E com Ele, então, no céu,
Nós iremos a paz gozar

Refrão: Lutemos todos contra o mal,
E vamos a Jesus seguir;
Ele é o nosso General
E a glória do porvir!

2)Em Jesus temos nós poder;
Avancemos, já sem temor;
Confiança no Seu amor,
Vamos lutar, até vencer.

3)Crentes, para Jesus olhai,
Pela fé, sempre, sim, lutai;
Ao inimigo, ó combatei;
O Evangelho anunciai.

4)A Escritura nos diz assim:
Que Jesus é p'ra ti em mim,
O caminho, a luz verás,
Que nos leva ao céu, enfim.

Pastor:

Aleluia! Saúdo a igreja com a paz do Senhor Jesus. Amém?

Assembleia:

Amém!

Pastor:

Vamos ouvir a leitura da Palavra de Deus com diácono A³⁸ e B, do grupo da Mocidade.

³⁸ As letras alfabéticas foram utilizadas para preservar a identidade dos participantes.

Diácono A:

Quero saudar toda a igreja com a paz do Senhor. Amém?

Assembleia:

Amém!

Diácono A:

Gostaria que você abrisse a sua Bíblia em Tiago, capítulo 4. Vamos estar lendo do versículo 1 até o versículo 10. Amém?

Assembleia:

Amém!

Diácono A:

Tiago, capítulo 4. Aleluia! Você está na casa de Deus e você pode tá glorificando a Deus. Amém, igreja?

Assembleia:

Amém!

Diácono A:

Amém? Todos já acharam? Amém?

Assembleia:

Amém!

Diácono A:

Diz assim a Palavra do Senhor: “Donde vem as guerras e pelejas entre vós? De onde, senão dos prazeres que militam na vossa carne?”

B e assembléia:

Cobiçais e nada tendes; sois invejosos e cobiçosos e não podeis alcançar; combateis e guerreais e nada tendes, porque não pedis;

Diácono A:

pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres.

B e assembléia:

adúlteros e adúlteras, não sabeis vós que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto, qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus.

Diácono A:

Ou cuidais vós em que vão diz a Escritura: o Espírito em que nós habita tem ciúmes?

B e assembléia:

Antes, dá maior graça; portanto, diz: Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes.

Diácono A:

Sujeitai-vos, pois, a Deus; resisti ao diabo, e ele fugirá de vós.

B e assembléia:

Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós. Alimpai as mãos, pecadores; e vós de todo ânimo, purificai os corações.

Diácono A:

Senti as vossas misérias e lamentai e chorai. Converta-se o vosso riso em pranto, e o vosso gozo, em tristeza.

B e assembléia:

Humilhai-vos perante o Senhor, e ele vos exaltará.”

Diácono A:

Aleluia! Vamos estar repetindo toda a igreja o versículo 7. No três. Um, dois, três e:

Todos:

“Sujeitai-vos, pois, a Deus; resisti ao diabo, e ele fugirá de vós.”

Diácono A:

Uma vez mais.

Todos:

“Sujeitai-vos, pois, a Deus; resisti ao diabo, e ele fugirá de vós.”

Diácono A:

Amém!

Assembleia:

Amém!

Pastor:

Vamos estar orando, agradecendo ao Senhor pela sua Palavra. Logo depois vamos louvar ao Senhor com mais dois corinhos de adoração ao nosso Deus.

Vamos orar por toda a igreja, por toda a nossa mocidade, nossos adolescentes, nossas crianças para que Deus continue guardando e abençoando o seu povo. Quantos mais querem, carecem das orações? Dêem um sinal com as vossas mãos. [alguns fiéis estendem as mãos]

Senhor nosso Deus e Pai, NÓS QUEREMOS TE DAR GRAÇA, SENHOR, PELA TUA PALAVRA QUE TEM SIDO LIDA NESTA NOITE QUE ELA TOQUE NOSSOS CORAÇÕES, QUE O TEU ESPÍRITO, SENHOR, TENHA TOTAL LIBERDADE DE OPERAR E DE TRABALHAR EM NOSSO MEIO, EM NOSSOS CORAÇÕES, MEU SENHOR! [**Assembleia:** Glória a Deus!]

Ó DEUS, ABENÇOE TEU POVO, RECEBE O CULTO DESTA MOCIDADE, O CULTO DA IGREJA, O CULTO DOS TEUS FILHOS, SENHOR! [**Assembleia:** Aleluia!]

TOME EM TUAS MÃOS, SENHOR! MANIFESTA A TUA GLÓRIA, O TEU PODER E A TUA GRAÇA PRA SALVAR, LIBERTAR, CURAR, BATIZAR COM O TEU ESPÍRITO SANTO!

Ó DEUS, ABENÇOE AS CONGREGAÇÕES DAS IGREJAS, NESTA CIDADE. TOMA A NOSSA FRENTE! ABENÇOA, SENHOR, A NOSSA MOCIDADE! Ó DEUS, TUDO O QUE FOR FEITO NESTA NOITE tenha total direção do teu Espírito para o teu nome, para o engrandecimento do teu reino, em nome de Jesus.

Assembleia:

Amém!

Pastor:

Ainda de pé, vamos adorar o Senhor com dois corinhos, em adoração ao nome do Senhor.

Líder de louvor:

Saudo os irmãos com a paz do Senhor. Amém?

Assembleia:

Amém!

Líder de louvor:

Vamos louvar ao Senhor nesta noite com um corinho que diz: “Nada se compara”. Quero dizer pra você que nada se compara ao que o Senhor fez na cruz no calvário pela sua vida, pela minha vida. Então nesta noite vamos glorificar, vamos exaltar o nome de Jesus.

Assembleia:

Amém!

Cântico 3

Nada se compara

[**Líder de louvor:** As palmas louvam ao Senhor. Diz aí: Senhor, nada se compara ao que o Senhor fez na minha vida. Agradeça ao Senhor com tuas palmas. Nada se compara ao que Jesus fez na sua vida.]

Refrão: (2X) Nada se compara, nada se compara

Nada se compara, nada se compara

1) Quando eu Te conheci
Não olhei mais pra mim
Quando eu Te vi
Não olhei as circunstâncias
Quando Te ouvi, reconheci
Que nada se compara a Ti

2) Nem o céu e o mar, a lua e as estrelas

Nem o brilho deste mundo e suas riquezas
Quando olho tudo isso, eu reconheço
Que nada se compara a Ti

3) (2X) Nada se compara ao Teu amor
Que me conquistou, Jesus
Amor tão grande como este amor
De morte e de cruz

Líder de louvor:

Aleluia! Louvado seja o nome do Senhor! [**Assembleia:** Aleluia! Glória a Deus!] Nós vamos louvar ao Senhor com mais um corinho esta noite. É um corinho já conhecido. Quando eu fiz o arranjo com os músicos aqui, eu o coloquei como “Medley da vitória” porque a gente pegou fogo. É um corinho que fala de vitória. E nesta noite, quero dizer pra você: se você está aqui, você é mais que vencedor [**Assembleia:** Oh! Glória!], é um vitorioso no Senhor Jesus. Amém? [**Assembleia:** Amém!] Então vamos louvar Ele nesta noite. [**Assembleia:** Glória a Deus!]

Cântico 4
Medley da Vitória

Cantai, pois a vitória é ganha
O inimigo afundou-se no mar
Cantai, pois a vitória é ganha
As coisas velhas ficaram pra trás
Vencida as barreiras que nos impediam
Entramos na terra de Canaã
Vencida as barreiras que nos impediam
Entramos na terra de Canaã
Aleluia! (4X)

Ressuscitou, (3X) Aleluia!
(2X) Oh, morte! Onde está, oh, morte?
A tua vitória, Jesus ressuscitou
Ressuscitou, (3X) Aleluia!
(2X) Venceu a morte, venceu o mal
Venceu as trevas, Jesus ressuscitou
Ressuscitou, (3X) Aleluia!
Ressuscitou

Líder de louvor:

Aleluia! Jesus ressuscitou e vivo está! [**Assembleia:** Glória a Deus!] O pastor deixou a gente cantar mais um. Nós vamos louvar, o hino que diz: “Esta paz que eu fico na minh’alma”. Eu quero dizer pra você que a paz que você sente é só o Senhor Jesus que pode lhe proporcionar. [**Assembleia:** Glória a Deus!]

Cântico 5
Não olho as circunstâncias

1) Esta paz que eu sinto em minh’alma
Não é porque tudo me vai bem
Esta paz que eu sinto em minh’alma
É porque eu amo ao meu Senhor.

Refrão: (2X) Não olho as circunstâncias, não, não, não
Olho o Seu amor, Seu grande amor
Não me guio por vista, alegre estou.

2)Esse gozo que eu sinto em minh'alma
Não é porque tudo me vai bem
Esse gozo que eu sinto em minh'alma
É porque eu louvo ao Senhor

3)E ainda que os campos não floresçam, e a vide
não dê o seu fruto, e ainda que os montes se
lancem ao mar, ou que a terra trema
hei de confiar

(2X) Ó glória, ó glória, aleluia, aleluia
Glória ao meu Senhor

Líder de louvor:

Obrigado Senhor Jesus!

Diácono:

Aleluia! Louvado seja o nome do Senhor! Quantos estão felizes por estarem na Casa do Pai aqui nesta noite? [A assembleia estende a mão] VIRA PARA O SEU IRMÃO DO LADO e dá a ele a paz do Senhor. Fala aí: A paz do Senhor, meu irmão! [A assembleia se cumprimenta]

Muita das vezes a gente chega na Casa do Senhor e a gente não se cumprimenta. DIZ ASSIM PRA ELE: Você está muito bonito hoje! Aleluia! Você está na presença do Pai. Aleluia! Na presença do Pai há fartura de alegria, há fartura de pão. Aleluia! Hoje é culto dos jovens e nós gostaríamos de dar esse culto em ação de graças porque mais um mês ENTRA e nós estamos na presença do Senhor. Amém?

Assembleia:

Amém!

Diácono:

Nosso mês iniciou agora, apenas há dois dias e rompemos mais um mês e iniciamos mais um mês na presença do Senhor. E assim o crente vai indo. Ele vai rompendo, é difícil, tem mês que é mais difícil, tem mês que já é mais fácil, mas a gente vai caminhando e o Senhor juntamente vai conosco, na frente. ALELUIA! Glória a Deus!

Culto da Mocidade, vamos ter C trazendo aqui uma saudação, falando o que o Senhor tem feito na sua vida. Amém? Glória a Deus! Aleluia!

C:

Saúdo a igreja com a paz do Senhor.

Assembleia:

Amém!

C:

Queria convidar os irmãos abrirem a Bíblia no livro de Isaías, capítulo 50, Isaías 50, o versículo 10 diz assim: “Quem há entre vós que tema a Jeová e ouça a voz do seu Servo? Quando andares em trevas, e não tiver luz nenhuma, confie no nome do SENHOR e se firme sobre o seu Deus.”.

Assembleia:

Glória a Deus!

C:

Então está assim. Isaías começou escrevendo aqui, né, “QUEM HÁ ENTRE VÓS QUE TEMA AO SENHOR, Deus todo-poderoso?”. Nós fazemos essa mesma pergunta que foi feita há muito tempo atrás: “Quem há que tema ao Senhor, Deus todo-poderoso?”. E eu posso contemplar aqui, né, nos meus olhos, cada um tem um desafio. SE VEIO AQUI É PORQUE ESTÁ TEMENDO AO NOSSO DEUS. [Assembléia: Aleluia!] E VEIO AQUI BUSCAR A ELE PORQUE SABE QUE ELE É PODEROSO DE TODAS AS SITUAÇÕES.

MAIS A FRENTE NO VERSÍCULO, NÉ, ELE NOS DÁ UM CONSELHO, E EU DIRIA QUE É UM SÁBIO CONSELHO: “POIS QUANDO ANDARES EM TREVAS, E NÃO TIVER LUZ NENHUMA, CONFIE NO NOME DO SENHOR E FIRME-SE SOBRE O

SEU DEUS.” [Assembléia: Aleluia! Glória a Deus!]. E essa Palavra que eu quero deixar. [Assembléia: Aleluia!] Quando a gente passa pelo escuro, onde a luz se apaga e a gente não vê nada, a primeira coisa que a gente vai fazer é estender a nossa mão e procurar apalpar em alguma coisa, mas está escrito aqui que é necessário confiar no Senhor. [Assembléia: Aleluia!] NÃO É NECESSÁRIO ESTENDER AS NOSSAS MÃOS E TENTAR RESOLVER DA NOSSA MANEIRA, MAS SIM, QUANDO AS COISAS ESTIVEREM DIFÍCEIS, CONFIE NO SENHOR TODO-PODEROSO. [Assembléia: Glória a Deus!] ELE É A CHAVE DO nosso refúgio. [Assembleia: Amém!]

Agradeço a oportunidade no nome de Jesus.

Assembleia:

Amém! Graças a Deus!

Diácono:

Amém! Confia no Senhor! Amém? Gostaria de chamar também o D, meu irmão D. Ele, esses anos todos, ele trabalhou com a Mocidade e hoje nós estamos tendo a oportunidade de ele estar aqui nesse culto e eu gostaria que ele desse também aqui uma saudação daquilo que o Senhor tem feito na sua vida ali em Belo Horizonte, aqui. Amém? Aleluia! Aleluia! Você pode glorificar, irmão, você está na Casa do Pai. [Assembleia: Aleluia!] Amém? [Assembleia: Glória a Deus!]

D:

Saúdo os irmãos com a paz do Senhor!

Assembleia:

Amém!

D:

Não foi me avisado antes. A gente fica cuidando mais para um lado. Às vezes deixa tudo. Então vou deixar um versículo para nossa meditação. Quero agradecer, é, a amada igreja por, pelas bênçãos na qual o Senhor me deu, na qual o Senhor me concedeu todos esses anos trabalhando junto com a Mocidade. Na minha vida foi um ano de bênçãos. Eu, ao contrário como muitos pensavam, não queria ser líder de Mocidade. Quem me colocou como líder de Mocidade nem foi meu pai para não ter problema. Quem me colocou como líder de Mocidade foi o pastor E quando ele veio aqui fazer um culto de assembleia. E eu lembro quando ele me falou, anunciou que eu ia ser líder de Mocidade, eu não queria porque achava... Sempre gostei da parte de música da igreja, eu acho que... Queria ficar só trabalhando na parte de música da igreja e aí o Senhor, orei ao Senhor, fui buscar ao Senhor e pedir ao Senhor uma, uma Palavra: Senhor, o pastor me colocou, mas eu não quero ficar ali por uma posição de homens simplesmente porque eu sou filho do pastor e eu não creio num pastoral hereditário. Eu falei assim para o Senhor: Eu não creio num pastoral hereditário; não é porque meu pai é pastor é que eu teria que ser pastor. Posso ser um bom crente, um bom servo do Senhor, trabalhando na obra do Senhor sem ser pastor. E eu falei assim com o meu Senhor: Oh, Senhor, eu não quero ficar ali, é, eu tenho um tipo de postura, uma linha de pensamento.

Um dia o Senhor falou: “Olha, ali quem te colocou fui Eu e você vai ficar até o dia em que eu achar que você deva ficar.”. E ali eu fiquei mais tranquilo. Trabalhei com a Mocidade alguns anos aqui. Pra mim foi anos bons, foi anos de experiência, aprendi muito com a Mocidade, aprendi muito com Deus, né, nesses anos todos. Porque quando a gente pega uma responsabilidade maior de conduzir outros, a gente busca mais ao Senhor, a gente tende mais a cada dia a ... eu falei: Senhor, me dê palavras, Senhor, me dê condição, me dê condição de entrar no meio do Teu povo, me dê condição de fazer algo para Ti. Senhor, tem misericórdia da minha vida, trabalha no meu ser.

E aí eu fui orando ao Senhor, pedindo ao Senhor e clamando a Deus, falando: Senhor, que os meus anos na Mocidade possam ser anos de bênçãos e eu alcance o Teu desejo.

E aqui eu tô querendo lembrar o versículo quando eu entrei na Mocidade eu li o texto foi quando Salomão assumiu o trono no lugar de Davi. E ali quando Deus perguntou para Salomão: “Salomão, o que você mais deseja?”. E eu fiz essa pergunta no primeiro culto de Mocidade que eu dirigi. Foi despedida do F. Eu substituí o F como líder da Mocidade. Eu já ajudava ele antes e aí depois eu vim a substituí-lo. E aí a primeira coisa, o primeiro versículo

que eu li, o primeiro capítulo que eu li, eu lembro, foi quando Salomão assumiu o trono de Davi. E Deus perguntou pra Salomão: “Salomão, o que tu queres que eu te faça? O QUE TU QUERES, SALOMÃO, PARA A TUA VIDA?”.

IRMÃO, EU ACHO UMA DAS COISAS MAIS INTERESSANTES, UM CAPÍTULO, UM VERSÍCULO DOS MAIS INTERESSANTES E, PORTANTO, UM EXEMPLO PARA A NOSSA VIDA. PRESTE BEM ATENÇÃO! SE FOSSE VOCÊ, SE DEUS TIVESSE UM CHEQUE EM BRANCO. Deus deu um cheque em branco para Salomão. “SALOMÃO VOU SÓ ASSINAR AQUI O CHEQUE DO CÉU e você faz o que você quiser.”. E isso que Deus fez com Salomão: “Salomão, o que tu queres?” IRMÃO, e se fosse pra você o que você pediria? Salomão poderia ter pedido riqueza, Salomão poderia ter pedido: “SENHOR, EU QUERO QUE O SENHOR MATE TODOS OS MEUS INIMIGOS E ME DÊ AS TERRAS DE ISRAEL TODAS POR COMPLETO.” PORQUE, QUANDO DAVI MORREU, ELE TINHA DOMINADO TODA A TERRA DE ISRAEL, MAS NÃO TINHA EXTERMINADO TODOS OS INIMIGOS DA TERRA DE ISRAEL. ALGUNS INIMIGOS DA TERRA DE ISRAEL PAGAVAM TRIBUTO A ISRAEL.

E antes de Davi morrer, Ele avisou para Salomão: “Olha, tem certos pontos que tem que tomar cuidado, tem que lidar assim, assim.”. E ELE PERGUNTOU A SALOMÃO: “O que tu queres, Salomão? O que você quer, Salomão?”. E Salomão respondeu ao Senhor da seguinte forma: “Senhor, eu quero sabedoria para entrar e sair no meio do Teu povo.” Eu acho isso um exemplo para nossas vidas, uma das coisas mais importantes: ter sabedoria para entrar e sair no meio do povo. [**Assembleia:** Amém!] E quando eu entrei na Mocidade, eu li esse versículo pedindo a Deus que me desse sabedoria para poder entrar e sair no meio do povo.

E o mesmo versículo eu deixo para A nesta noite, para B, G continua ajudando na coordenação da Mocidade.

E aí eu quero perguntar a você nesta noite. Se Deus perguntar pra você: “O que tu quer? O que você quer que Eu te dê?” Qual seria tua resposta? A única resposta que eu pude ter, dar pra Deus foi a seguinte: Senhor, que o Senhor espreme nos meus pés, não me deixa cair nem pra direita nem pra esquerda, mas que eu seja aquele crente bem fraco, bem firme na Sua Casa, que eu continue até o final da minha caminhada. Que uma das coisas mais importantes da vida do crente é manter firme e constante e sempre abundante na obra do Senhor. [**Assembleia:** Amém!] Amém?

E eu nesta noite para terminar essa palavra eu quero falar como Samuel falou no dia que Saul foi escolhido como rei. Samuel subiu e ele já tinha, já tinha, é, ungido a Saul rei e ele falou ao povo: “A quem eu tenho fraudado? A quem é que eu tenho enganado? A quem é que eu tenho feito alguma coisa que não tenha sido, é, benéfica da minha parte?”. Eu vou fazer diferente um pouco de Samuel: vou falar que os irmãos me perdoem, me perdoem no nome de Jesus. E assim, como Samuel, eu terminei o meu período de juiz, sacerdote e profeta na Casa do Senhor, irmãos. Meus irmãos, continuem agora não com Saul, Saul perdoa, mas continuem com Davi conduzindo o povo de Israel, dando libertação daquilo que o povo precisava porque DAVI FOI UM HOMEM CERTO NA HORA CERTA escolhido por Deus ali naquele momento.

E que o A junto com a equipe que tem trabalhado com ele SEJA UM HOMEM CERTO, NO MOMENTO CERTO, NO LUGAR CERTO para fazer a obra de Deus [**Assembleia:** Glória a Deus!] e dar continuidade a obra de Deus. A CONTINUIDADE NÃO QUE SAUL FEZ, mas a continuidade que Salomão fez, que Samuel fez. [**Assembleia:** Aleluia!] DAVI DEU CONTINUIDADE AO QUE SAMUEL FEZ e não a que Saul fez.

Então, nesta noite eu deixo esta Palavra em nome de Jesus e agradeço a oportunidade.

Assembleia:

Amém! Aleluia!

Diácono:

Nós queremos tomar a posse desta Palavra em nome de Jesus.

Assembleia:

Amém!

Diácono:

Então, junto com as irmãs Filadélfia, vem louvar ao Senhor com um hino, em nome de Jesus. Amém? As irmãs Filadélfia, rapidamente! As irmãs que não cantam mais, procura, vem

cantar, vem louvar ao Senhor! Jesus não te chamou pra ficar esquentando banco, não! Jesus te chamou pra fazer a obra Dele. Amém? Aleluia!

Cântico 6

[Diácono: Aleluia! Glória a Deus!]

Já perdi a alegria muitas vezes esquecido por dias e meses

Parecia que Deus preferia me vê sofrendo assim

Mas o fato é que eu não sabia que o plano de Deus para mim permanecia quando os meus tinham fim

Descobri que aqui era humilhado, mas no céu eu tinha me tornado

Herdeiro de Deus, herdeiro das Promessas de Deus **[Assembleia:** Aleluia! Glória a Deus!]

Como escravo de orelha furada que renunciou sua liberdade pra servir somente ao seu Senhor

Assim te seguirei

Quando abrir mão dos meus sonhos pra ser só uma voz?

Uma voz que movimenta o céu e faz milagres entre nós

Refrão: Então derrama teu bálsamo sobre as feridas, cicatriza e alivia a dor

Então derrama teu óleo digno sobre os feridos que esperam só em Ti, meu Senhor

Uma voz que Te adora

uma voz amiga

uma voz que lhe abre portas

uma voz que ressuscitas

uma voz para o que é certo

uma voz sempre por perto

uma voz que limpa os ares

uma voz que faz milagres

uma voz digna do teu louvor

Refrão:

Assembleia:

Aleluia, Jesus! Glória a Deus!

Pastor:

Louvado seja o nome do Senhor! Vamos conhecer, irmãos, todas as pessoas que nos visitam nesta noite. Queiram ficar de pé todas as pessoas que nos visitam para nós saudarmos “Bem-vindos!”, em nome de Jesus. Aqui na minha ala direita tem alguém que nos visita? Fica de pé, por favor. Na ala do meio? Ninguém nos visita? Na ala esquerda? Há uma irmãzinha, um jovem. Amém! Os irmãos querem... Lá atrás há uma senhora. Amém! Deus abençoe vocês. Os irmãos queiram saudá-los “Bem-vindos!”, nesta noite? Vamos dizer todos: Sejam bem-vindos em nome de Jesus! [a assembleia pronuncia junto com o pastor]

Pastor:

Amém! Vamos servir o Senhor entregando as nossas ofertas, nossos dízimos para o trabalho do Senhor, nosso Deus.

Diácono:

Vamos estar convidando H para estar louvando juntamente com I. Amém? J vai está orando. Amém?

H:

Cumprimento a igreja com a paz do Senhor. Amém?

Assembleia:

Amém!

Cântico 7

Tua graça me basta

[Assembleia: Aleluia! Glória a Deus!

Eu não preciso ser
Reconhecido por ninguém
A minha glória é fazer
Com que conheçam a Ti
E que diminua eu pra que Tu
Cresças, Senhor, mais e mais
E como serafins que cobrem o rosto
Ante a Ti, escondo o rosto pra que
Vejam Tua face em mim
E que diminua eu pra que Tu
Cresças, Senhor, mais e mais

No Santo dos Santos a fumaça me
Esconde, só Teus olhos me vêem
Debaixo de Tuas asas é o meu abrigo
Meu lugar secreto, só Tua graça me
Basta e Tua presença é o meu prazer
Tua presença (2X) é o meu prazer (7X)

Assembleia:

Oh!Glória!

H:

Receba a tua graça no nome de Jesus!

Diácono:

Amém? Aleluia! Você que está sintonizado na Melodia FM 87,9 nós estamos aqui direto da Assembleia de Deus, na rua doutor Brito, 348. E nós, agora, vamos fazer uma oração por você que está aí na sua casa. Vamos ficar de pé, igreja? **[Assembleia:** Amém! Glória a Deus!] Aleluia! Vamos fazer agora uma oração por todos aqueles que estão nesse momento sintonizados. Ei! Se você está próximo aqui, dá tempo de ainda você chegar aqui nesta noite. AMÉM? Vamos estar fazendo uma oração. Eu convido o presbítero K para estar orando. E você estenda a sua mão para que o Senhor venha estar agora entrando em cada lar, que essas ondas venham estar entrando, amém? em cada coração nesta noite. [a assembleia estende o braço]
Presbítero K:

Eterno Deus, Pai Santo, glorificamos o Teu nome, Senhor, pela Tua bondade. **[Assembleia:** Glória a Deus!] GLORIFICAMOS A TI, SENHOR, PORQUE PODEMOS ESTAR AQUI NA TUA CASA, NESSE SANTO LUGAR **[Assembleia:** Glória a Deus!] EXALTANDO O TEU NOME. TEMOS SENTIDO A TUA GLÓRIA NESTE LUGAR. SENHOR, ESTAMOS ENVOLVIDOS PELA TUA GLÓRIA, SENHOR, NESTE AMBIENTE MARAVILHOSO, ONDE A TUA PRESENÇA SE FAZ. GLORIFICAMOS AO TEU NOME, SENHOR. DEUS, QUEREMOS TE PEDIR QUE O TEU ESPÍRITO VAI ENVOLVENDO AGORA TAMBÉM OS SENHORES OUVINTES DA RÁDIO, MEU SENHOR, MELODIA, PAI. VAI ENVOLVENDO ELES, MEU SENHOR, QUE ESTA MESMA GLÓRIA QUE ESTÁ AQUI NESTE LUGAR TAMBÉM ENVOLVA ESTA PESSOA, SENHOR, AONDE ELA ESTIVER. PAI SANTO, NOS PRESÍDIOS, PAI, NESTE HOSPITAL, MEU SENHOR, VAI ALCANÇANDO ESSE ENFERMO QUE ESTÁ SOBRE O LEITO, PAI, EM NOME DE JESUS, SENHOR, NÓS MINISTRAMOS A BÊNÇÃO DA CURA SOBRE, SENHOR, ESTA PESSOA.

PAI ETERNO, QUE A TUA GLÓRIA ALCANCE A TODOS AQUELES QUE ESTÃO AO ALCANCE DAS ONDAS DESTA RÁDIO. PAI ETERNO, NÓS TE AGRADECEMOS E TE LOUVAMOS em nome de Jesus.

Assembleia:

Amém!

Diácono:

Podem assentar. Gostaria de estar chamando aqui a L para estar trazendo aqui uma saudação, estar falando o que o Senhor tem feito na sua vida. Tem feito muita coisa, L? [L balança a cabeça afirmativamente] Graças a Deus! Amém! O Senhor está operando, igreja! Aleluia! [**Assembleia:** Glória a Deus!]

L:

Cumprimento a igreja com a paz do Senhor. Amém?

Assembleia:

Amém!

L:

É, eu tenho dado o meu culto em ação de graças ao Senhor pelas grandes coisas que Ele tem feito na minha vida porque, realmente, cada dia que passa o Senhor tem trabalhado, tem transformado, [**Assembleia:** Glória a Deus!] tem tirado de dentro de mim coisas que não edificam a Ele, tem falado tremendamente comigo. [**Assembleia:** Glória a Deus!] E, em especial, é, eu agradeço ao Senhor pelo renovo que Ele me deu hoje por esta manhã, na Santa Ceia do Senhor porque foi uma coisa que eu tava pedindo e foi uma resposta, a qual o Senhor me deu e foi de uma maneira muito especial. E eu agradeço ao Senhor por mais esta experiência que Ele me deu.

É, eu gostaria de ler com a igreja, é, Isaías, capítulo 6, a partir do verso 1. Isaías, capítulo 6, a partir do verso 1 que diz assim: “No ano em que morreu o rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo.

Os serafins estavam acima dele; cada um tinha seis asas: com duas cobria o rosto, com duas cobria os seus pés e com duas voava.

E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória.

As bases do limiar se moveram à voz do que clamava, e a casa se encheu de fumaça.

Então, disse eu: ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!

Então, um dos serafins voou para mim, trazendo na mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz; com a brasa tocou a minha boca e disse: Eis que ela tocou os teus lábios; a tua iniquidade foi tirada, e perdoado, o teu pecado.

Depois disto, ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Disse eu: eis-me aqui, envia-me a mim.”.

Eu tava meditando nesta Palavra e uma pequena palavra de um versículo me chamou a atenção e eu quero deixar pra mocidade nesta noite que é o seguinte, que diz assim: “No ano em que morreu o rei Uzias, eu vi o Senhor”. E Isaías quando fala, o que me chamou atenção foi que ele falou assim: “eu vi”. E eu quero tirar estas duas palavras pra dizer pra mocidade nesta noite, pra toda a igreja, para que venham buscar experiências com o Senhor porque Isaías diz: “eu vi”. Então, ninguém contou, ninguém chegou pra ele falou nada, ele viu, ele contemplou o Senhor [**Assembleia:** Aleluia! Glória a Deus!] com a sua própria vida, com os seus próprios olhos. E o que eu quero dizer para cada um de vocês, nesta noite, é que venham buscar experiências com Deus [**Assembleia:** Amém!] porque depois que Isaías buscou experiências com Deus, depois que ele viu ao Senhor, ele veio a confessar todos os seus pecados, tudo o que estava na vida dele e estava demais e o Senhor foi ali, enviou um anjo, purificou ele de todo pecado. E ele, a partir daquele momento, ele foi um grande profeta.

E, eu quero dizer pra vocês, que o Deus, ao qual eu sirvo, o Deus, ao qual nós estamos aqui para glorificar nesta noite, é um Deus que não nega aos seus servos [**Assembleia:** Amém!], NÃO NEGA ao que Ele ama experiências com Ele. Porque uma coisa é eu chegar aqui e falar que eu tenho experiências com Deus, vocês vão glorificar, vocês vão até lembrar por certo tempo a experiência que eu contei que eu tenho tido com o Senhor. Mas quando você passa por uma experiência com Deus vivo, você nunca se esquece [**Assembleia:** Glória a Deus!] E é impossível você ter uma experiência com Deus, com Deus que eu sirvo e continuar da mesma maneira. Deus vem te usar muito mais, você vai pregar com muito mais convicção porque, assim como Isaías falou, vocês também vão falar: “eu vi, eu ouvi a voz do Senhor [**Assembleia:** Amém! Aleluia!], Ele falou comigo e o Senhor que eu sirvo existe.”. E o Deus que você for

pregar lá fora, você vai falar assim: “eu estou te falando porque Ele falou e Ele agiu na minha vida.”. [**Assembleia:** Glória a Deus!]

Então que CADA UM de vocês venham estar buscando experiências com Deus [**Assembleia:** Oh!Glória!] porque a Bíblia fala: “Pedi, pedi e dar-se-vos-à”. O Senhor está aqui nesta noite e Ele quer te dar experiências tremendas com Ele a cada dia.

Agradeço a oportunidade no nome de Jesus.

Assembleia:

Amém!

Diacono:

Aleluia! O QUE TEM IMPEDIDO VOCÊ DE ATÉ AGORA BUSCAR AO SENHOR NESTA NOITE? EU QUERO TE FAZER UMA PERGUNTA NESTA NOITE: O QUE ESTÁ IMPEDINDO DE VOCÊ TER MAIS COMUNHÃO COM O SENHOR? Igreja, nós temos que armar o nosso templo, nós temos que armar o nosso coração diante de Deus. Não adianta a gente querer vir pra casa do Senhor de qualquer maneira, QUERENDO VER MILAGRE QUE DEUS NÃO VAI OPERAR EM TEMPLO QUE TÁ VAZIO, NÃO. VOCÊ DÁ LUGAR AO DIABO A SEMANA TODA, e depois NUM CULTO DE DOMINGO VOCÊ QUER SENTIR A PRESENÇA DE DEUS? [Fala em línguas] O Espírito Santo está sondando o teu coração nesta noite. [**Assembleia:** Aleluia!] [Fala em línguas] O QUE ADIANTA NA SUA ESCOLA VOCÊ NÃO TER COMPROMISSO COM DEUS? VOCÊ DIZ QUE É CRENTE, QUANDO VOCÊ FALA QUE É CRENTE, AS PESSOAS FALAM: “UÉ! VOCÊ É CRENTE?” Igual na faculdade que eu estudo. DEPOIS DE UM ANO QUE EU CONHECI UMA MENINA LÁ, AGORA QUE EU SEI QUE ELA É CRENTE DA ASSEMBLEIA DE DEUS. E o testemunho da menina É UM PÉSSIMO TESTEMUNHO

Então, COMO É QUE VOCÊ QUER VER A GLÓRIA DO SENHOR, SE VOCÊ NÃO BUSCA AO SENHOR, SE VOCÊ NÃO CLAMA PELO SENHOR, SE VOCÊ TÁ LÁ FORA IGUAL ÍMPIO? Nós temos que fazer a diferença! O Senhor falou: “Vós sois o sal da TERRA.”. O SAL, IRMÃO, ele é pra dar sabor. O SAL É COMIDA, ELE FAZ DIFERENÇA. UMA COMIDA SEM SAL ELA É SEM GRAÇA, NINGUÉM CONSEGUE COMER UMA COMIDA SEM SAL. Mas no momento em que você coloca aquele SAL TEMPERADO, naquele momento, aquele SAL IDEAL, ao paladar, fica gostoso. Eu até arrepio.

Então, nesta noite, igreja, venha louvar o Espírito Santo de Deus, [**Assembleia:** Amém!] ABRA SEU CORAÇÃO, ABRA SEU CORAÇÃO NESTA NOITE E FALA: SENHOR, EU TÔ PRECISANDO NESTA NOITE SABE O QUE QUE É? É JUNTAR AS PEDRAS E REFAZER O ALTAR DA MINHA VIDA NESTA NOITE [**Assembleia:** Aleluia!] PORQUE SEM SANTIDADE NINGUÉM VERÁ DEUS, não, igreja. [**Assembleia:** Aleluia!] Aleluia! [**Assembleia:** Aleluia! Glória a Deus!] Louvado seja o nome do Senhor!

Gostaria de estar chamando M pra tá louvando o Senhor nesta noite [**Assembleia:** Glória a Deus!] E VOCÊ COMEÇA A GLORIFICAR AO SENHOR E PEDIR PERDÃO A ELE. [**Assembleia:** Aleluia!] SE VOCÊ TEM ERRADO, SE VOCÊ TEM FEITO ALGUMA COISA QUE TEM ENTRISTECIDO O ESPÍRITO SANTO DE DEUS, COMEÇA AGORA AÍ A PEDIR PERDÃO A ELE PORQUE É MUITO FÁCIL EU CHEGAR E FALAR ASSIM: “AH! JESUS NÃO OPERA MAIS! JESUS NÃO FAZ MAIS MILAGRE! Oh, irmão, você que tem que sair de casa DISPOSTO A QUE DEUS VENHA A FAZER MILAGRE na sua vida. [**Assembleia:** Amém!] Aleluia! [**Assembleia:** Glória a Deus!]

M (jovem):

Cumprimento os irmãos com a paz do Senhor. Amém?

Assembleia:

Amém!

M (jovem):

A igreja está ouvindo sobre a Palavra de Deus, aqui, falando sobre o Cristo, aquele que foi crucificado ao nosso favor, em nosso lugar. O Cristo, Ele morreu, mas ressuscitou no terceiro dia. E eu louvo o nome do Senhor porque nós estamos estudando aqui em I Coríntios, capítulo 4, já o apóstolo começa a falar que ele esteve louco por amor do evangelho para que a igreja viesse a ser sábia e ele sofreu por amor ao evangelho, ele foi como um pobre para que a igreja viesse a reinar. Ele louva ao Senhor por isso. Porque enquanto pessoas pagam o preço,

nós estamos aqui exaltando o nome do Senhor. [**Assembleia:** Glória ao Senhor!] Mas é bom pagarmos o preço diante de Deus. [**Assembleia:** Amém!] Sabe por quê? Porque Cristo pagou o preço alto por nós na cruz no calvário. Esse louvor que diz como “um escravo de orelha furada que renunciou sua liberdade para servir somente ao seu senhor”. Nós um dia pecamos, caímos, mas a mão de Deus nos levantou, estamos aqui. [**Assembleia:** Amém, Senhor!] Vamos louvar ao Senhor. Aleluias! Glórias a Deus!

Cântico 8

Foi Ele quem criou o céu, a terra e o mar
Depois assentou no seu trono para descansar
Mas de repente Ele disse: “falta alguma coisa”
Então pegou o barro e fez o homem para o adorar [**Assembleia:** Aleluia!]
E quando Ele olhou para o homem sentiu tanto amor
E disse: esta é minha obra de maior valor
Pedaço de barro, lamisco de terra molhada [Vocês sabem o que Deus disse?]
Mas disse barro é essa herança do seu criador [Glória ao Deus!]

Mas o homem se esqueceu do amor do seu Deus
E acabou traindo-o
Ferindo a alma, o sentimento de quem tanto o amou
Mas esse Deus o perdoou e ao homem abraçou com seu amor infindo [Aleluia, Senhor!]
E outra vez lá no calvário o barro teve seu valor
Simplesmente barro, mas é desse barro que Ele faz o vaso
E esse vaso Ele usa como bem quiser usar [**Assembleia:** Aleluia, Jesus!]
Simplesmente homem, mas é desse homem que ele ainda mora
E esse homem é o filho que com Ele vai morar [Aleluia!]

Vaso que ainda presta
Um barro que ainda resta
Deus irá me transformar em vaso de valor [Aleluias!]

Ele apagou o teu passado
Elimina os teus pecados
De um vaso amassado faz um vaso de valor [Eu vejo Cristo morrendo na cruz no calvário em nosso lugar. Apenas um vaso amassado para sermos perdoados por esse homem. Louvado seja o nome do Senhor!] [Fala em línguas] [**Assembleia:** Aleluia!]

Mas o homem se esqueceu do amor ...

Quantos estão felizes nesta noite? [Assembleia estende o braço] Amém. [**Assembleia:** Aleluia!]

Diácono:

Vamos chamar G. Amém. [**Assembleia:** Glória a Deus!] Trabalha juntamente conosco, segunda líder da Mocidade. Ela também vai trazer aqui uma saudação.

Pra você que está sintonizado na rádio Melodia FM 87,9, nós estamos aqui num grande Culto de Mocidade. Amém?

G (jovem):

Quero saudar os irmãos com a paz do Senhor. Amém?

Assembleia:

Amém!

G (jovem):

Nesta noite, neste Culto de Mocidade, quero dizer aos irmãos que eu fiquei feliz com várias, várias Palavras que eu ouvi aqui nesta noite. Foram Palavras que me fizeram reconhecer, mais uma vez, né, que o Senhor é o nosso Deus, o nosso esconderijo e o nosso abrigo. Vários irmãos que me antecederam aqui falaram a respeito disso. Aí a gente cantou dois hinos e aí A

falou comigo assim: “Ah! Você vai dar uma saudação”. Aí eu falei: Bom! Então eu já sei que vou ler: Salmos 27. Abra comigo a sua Bíblia, por favor. Salmos 27. Eu quero ler o verso 1 e os versos 4 e 5. Para não perder muito tempo eu já vou lendo. Salmos 27, verso 1, depois o 4 e o 5.

Diz assim: “O SENHOR é a minha luz e a minha salvação; a quem temerei? O SENHOR é a força da minha vida; de quem recearei? Uma coisa peço ao SENHOR, e a buscarei: que eu possa morar na Casa do SENHOR todos os dias da minha vida, para contemplar a formosura do SENHOR e aprender no seu templo.

Porque, no dia da adversidade, ele me ocultará no seu pavilhão; no recôndito do seu tabernáculo, me acolherá; pôr-me-á sobre uma rocha.” [**Assembleia:** Amém.]

Eu quero deixar para os irmãos essa Palavra porque essa é uma Palavra que fala que nós não devemos temer, não devemos recear e também não devemos desanimar porque o Senhor é Aquele que nos guarda e que nos esconde no recôndito do seu tabernáculo. [**Assembleia:** Glória a Deus!]

Nós cantávamos um hino aqui junto com H e nesse hino falava exatamente isso: O Senhor é o meu abrigo, o Senhor é aquele que me esconde na sua fumaça, na fumaça da *shekinah* de Deus o Senhor nos esconde.

E eu quero glorificar a Deus, exaltar o Senhor. Esse ano foi um ano diferente na minha vida. É, só uma saudação, tem que ser rápido, né, irmãos? Mas eu quero agradecer a Deus porque o Senhor tem operado e o Senhor me deu uma grande vitória nesse mês. Eu precisava de algo da parte do Senhor e foi na quinta-feira nós oramos, é, lá na minha casa, nós oramos e, quando foi na sexta-feira, o Senhor respondeu. E o Senhor abriu exatamente a porta que eu precisava e eu quero agradecer a Deus porque eu sei que foi uma porta do Senhor. [**Assembleia:** Glória a Deus!]

Na quinta-feira, à noite, nós oramos, quando foi na sexta-feira, né, uma pessoa me telefonou e me ofereceu exatamente aquilo que eu necessitava. E aí o Senhor me abençoou e me deu esta vitória e eu sei que isso é o Senhor que tem nos guardado, nos abrigado debaixo das suas asas. [**Assembleia:** Amém.]

Eu agradeço a oportunidade no nome de Jesus. Amém.

Assembleia:

Amém!

Diácono:

Eu gostaria de chamar B. Enquanto isso a Mocidade pode se preparar aqui na frente. Amém? Apenas os irmãos que ensaiaram ontem, viu? Para estar louvando. Amém?

Você que está aí sintonizado na Melodia FM 87,9 CONTINUA AÍ OUVINDO PORQUE O SENHOR TEM UMA BÊNÇÃO PRA VOCÊ. [**Assembleia:** Glória a Deus! Amém!]

B (jovem):

Saúdo também a igreja e a todos os ouvintes também com a paz do Senhor. Amém?

Assembleia:

Amém!

B (jovem):

Eu quero aqui compartilhar com os irmãos em Provérbios, capítulo 16, apenas 3 versículos: “O coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do Senhor.

Todos os caminhos do homem são puros aos seus olhos, mas o SENHOR pesa o espírito.

Confia ao SENHOR as tuas obras, e os teus desígnios serão estabelecidos.”. Amém?

Assembleia:

Amém!

B (jovem):

Só quero deixar essa Palavra aqui de meditação. É uma Palavra que eu gosto de trazer aos corações, é, ao meu coração e ao coração também de toda a igreja, que nós possamos, é, porque nós jovens, nós temos muitos propósitos, nós temos muitos planos e, muitas das vezes, nós não temos tanta sabedoria pra lidar com tantos sonhos, com tantos projetos. Muitas vezes, nós somos meio que “inocentes” e tomamos, às vezes, decisões precipitadas, decisões que, às

vezes, não agradam o caminho do Senhor. Mas que nós possamos tá colocando a Palavra do Senhor em primeiro lugar na nossa vida porque a Palavra de Deus também fala no Salmos 119: “Como poderá o jovem guardar puro o seu caminho? Observando-o segundo a tua palavra.” Então que nós possamos estar confiando no Senhor os nossos sonhos, todos os nossos projetos. Eu sei que a gente tem muita coisa, a gente quer fazer muita coisa e, muitas das vezes, nós não perguntamos ao Senhor, se o Senhor tá nesse propósito, se o Senhor está nesse negócio, se o Senhor está na frente e que nós venhamos passar fazer isso em tudo que a gente vai fazer. Porque a gente sabe que, se a gente colocar o Senhor na frente, é Ele que vai nos guiar. Então que nós possamos colocar isso em nosso coração a cada dia para que nós não venhamos dar nem um sequer olhar fora dos caminhos do Senhor porque talvez um olhar pode ser fatal para nossas vidas. Então, que nós possamos estar bem fixos os nossos olhos no Senhor [**Assembleia:** Amém!], nesse grande caminho. Que nós possamos estar contando com o apoio dos irmãos, cada um de nós, que nós possamos, quando a gente vir ao culto e vê um irmão caído, que nós possamos ajudar uns aos outros e amar uns aos outros. Amém?

Assembleia:

Amém!

B (jovem):

Eu agradeço a oportunidade em nome de Jesus.

Assembleia:

Glória a Deus!

Diácono:

A Mocidade pode vindo aqui pra frente. “Eu navegarei no oceano do Espírito/ E a Ti adorarei/ Ao Deus do meu amor [Todos cantam juntos] Amém? A Mocidade vai louvar o nome do Senhor.

Você que está sintonizado na rádio, rendendo louvores ao Rei. O Senhor tem uma bênção pra você. NÓS ESTAMOS NO AR AINDA, HEIN? NÃO SAÍMOS, NÃO, hein? Amém? GLORIFIQUEM!!! [**Assembleia:** Amém! Aleluia!]

Cântico 9

(Coro 1^a vez homens, 2^a vez todos):

Santo é o teu nome, Senhor

Santo é o teu nome, Senhor

(2X)

Santo, Santo, Santo é o teu nome, Senhor

Homens:

Aquele que anda no meio dos sete castiçais de ouro

E sete estrela estão na sua mão direita

Aquele que era e que é e que há de ser pra sempre

E pode o livro abrir e desatar seus selos

Aquele que tem cabelos como a branca lã

Olhos como chama de fogo

Todos Seus pés são como o latão reluzente

No seu peito um cinto de ouro

Sua voz é como o som das águas

Sai da sua boca uma aguda espada

Todos Aquele que na sua coxa está escrito assim:

Rei dos Reis e Senhor dos senhores

A Ele adore

Homens Santo é o teu nome, Senhor

Todos Santo é o teu nome, Senhor (4X)

Santo, Santo, Santo é o teu nome, Senhor

Assembleia:

Aleluia! Glória a Deus!

Diácono:

Amém. [**Assembleia:** Glória a Deus!] Amém. Então vamos lá! Aleluia! Glória a Deus!

Cântico 10 – Redimidos

[**Diácono:** Aleluia! Estamos aqui para adorar seu santo nome. Em uma só voz, em um só coração, em adoração a Ti.]

Coro (todos):

Redimidos por Deus estamos aqui
Unidos para adorar Teu Santo nome (2X)
Em uma só voz, em um só coração
Em canções de adoração a Ti

E o louvor que sai dos corações
Manifesta toda gratidão, oh Pai!
E o desejo de te adorar
Pra sempre está em mim, Senhor!

Oh, tu és meu grande Deus e Rei
Meu refúgio, minha fortaleza
Meu socorro bem presente, enfim
És tudo pra mim

Coro 2X Solo instrumental

E o louvor que sai dos corações...
Oh, tu és meu grande Deus e Rei...

Coro 1X

Aleluia 2X

Aleluia 5X

Assembleia:

Glória a Deus!

Pastor:

Aleluia! Glória a Jesus! Quantos estão felizes, irmãos, [Assembleia estende o braço] [**Assembleia:** Glória a Deus!] por ESTAREM NA PRESENÇA DE DEUS? [**Assembleia:** Glória a Deus!] Então glorifica ao nome de Jesus!

Diácono:

E venha participar juntamente com a Mocidade, irmão, sábado que vem 5 horas e 30 da tarde Ciclo de Oração. Você que está ouvindo, se você quiser vir participar também do Ciclo de Oração, venha participar do Ciclo de Oração. E depois do nosso Ciclo de Oração, nós vamos estar iniciando nosso ensaio da Mocidade. Se você não cantou, você tem a oportunidade de estar cantando. Amém? Ensaioando juntamente conosco. Vamos ficar de pé nesse momento. Aleluia! Vamos ouvir agora a Palavra do Senhor. Nós já louvamos, já ouvimos a parte dos testemunhos, saudações. Agora vamos ouvir a poderosa Palavra de Deus. Amém? Você que está aí na sua casa, Deus tem uma bênção pra você. Se você precisa de uma libertação, o ESPÍRITO Santo de Deus vai aí na sua casa bater na porta do seu coração, amém? Vamos estar chamando aqui o pastor N pra estar entregando O nas mãos do Senhor, amém?

Pastor:

Aleluia! Vamos orar por este jovem que vai estar trazendo a Palavra nesta noite. O Culto da Mocidade, temos que aproveitar os jovens porque destes jovens sairão os pregadores, os pastores, os missionários, os obreiros e as obreiras para a igreja amanhã. Amém? [**Assembleia:** Amém!] Você crê nisso diga: Glória a Jesus! [**Assembleia:** Glória a Jesus!]

Oremos. Você que está em casa agora, nós queremos orar por você também. Senhor, nosso Deus, toma O nas tuas mãos, usa este jovem com poder e graça. Ó Deus, fala conosco, toca também esse amigo que está sintonizado conosco, Senhor, pelas ondas da rádio, fala ao seu coração, entra no seu lar, meu Senhor! Ó Deus, através das ondas desse rádio, Senhor, pela unção do teu Espírito, pelo poder da tua palavra, que seja abençoada esta família, Senhor! Ó Deus, seja resgatada vida nesta noite para glória eterna do teu santo nome te pedimos em nome de Jesus. Quantos podem dizer amém? [**Assembleia:** Amém!] Amém! Deus te abençoe! Podemos nos assentar.

Pregador (jovem):

Cumprimento os irmãos com a paz do Senhor, amém?

Assembleia:

Amém!

Pregador (jovem):

Gostaria de ler com os irmãos uma palavra que se encontra no livro de Gênesis. Gênesis no capítulo 32, a partir do verso 24. Gênesis, capítulo 32, do verso 24 em diante. Diz assim a Palavra do Senhor: “Jacó porém ficou só e lutou com ele o varão até que a alva subia. E vendo que não prevalecia contra ele, tocou-lhe na articulação da coxa e se deslocou a junta da coxa de Jacó, lutando com ele. E disse: deixe-me ir, porque já a alva subiu. Porém ele disse: Não te deixarei ir, se me não abençoares. E disse-lhe: Qual é o teu nome? Ele disse: Jacó. Então, disse: Não te chamarás mais o teu nome Jacó, mas Israel, pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens e prevaleceste. Tornou Jacó: Dize, rogo-te, como te chamas? Respondeu ele: Por que perguntas pelo meu nome? E o abençoou ali. Àquele lugar chamou Jacó Peniel, pois disse: Vi a Deus face a face, e a minha vida foi salva.

Nasceu-lhe o sol, quando ele atravessava Peniel; e manquejava de uma coxa.”

Irmãos, eu gostaria que os irmãos ficassem de pé novamente. Vou fazer aqui uma oração.

Irmãos, quantas vezes nós temos, é, BUSCADO A PRESENÇA DO SENHOR, CAMINHADO ATÉ O TEMPLO DO SENHOR, MAS, POR COSTUMES, POR ROTINA: “AH! HOJE É DOMINGO, TEM QUE IR À IGREJA.”. MAS ESTA NOITE, COMO A IRMÃ C AQUI DISSE, DEUS ELE QUER FAZER COM QUE CADA UM DE NÓS VENHAMOS TER UMA EXPERIÊNCIA COM ELE. IRMÃOS, NESTA NOITE, EU QUERO FALAR PARA OS IRMÃOS QUE NÃO SE CHEGA DIANTE DE DEUS DE QUALQUER MANEIRA. A GENTE TEM QUE CHEGAR DIANTE DE DEUS COM A VIDA NO ALTAR. PEÇAM ORAÇÃO, IRMÃOS! PEÇAM AO SENHOR QUE PERDOE AS TUAS FALHAS, QUE PERDOE OS TEUS PECADOS E TAMBÉM PEÇA NESSA ORAÇÃO QUE O SENHOR VENHA TE DAR ESSA EXPERIÊNCIA COM ELE HOJE PORQUE DEUS QUER FALAR AO TEU CORAÇÃO. MAS É NECESSÁRIO QUE NÓS NOS COLOQUEMOS NA POSIÇÃO QUE ELE QUER PARA QUE NÓS VENHAMOS RECEBER AQUILO QUE DEUS TEM PARA NOSSAS VIDAS. AMÉM? NESTA NOITE FALA COM O SENHOR AQUILO QUE TU QUERES RECEBER DELE. Amém?

AMADO DEUS, ETERNO PAI, NESTA NOITE, JEOVÁ, NÓS QUEREMOS CLAMAR A TI POR PERDÃO, SENHOR AMADO, PORQUE SOMOS HOMENS, SENHOR AMADO, NÓS SOMOS FALHOS, SENHOR E SEM TI NÓS NADA SOMOS, PAI AMADO [**Assembleia:** Aleluia!], DEUS SANTO, NÓS QUEREMOS TE PEDIR, SENHOR AMADO, QUE, NESTA NOITE, FAÇA A TUA OBRA EM NOSSO MEIO. [**Assembleia:** Aleluia!]

TOMA O CORAÇÃO AÍ DOS TEUS SERVOS, PAI AMADO, CADA UM QUE ESTÁ OUVINDO A TUA PALAVRA NESTA NOITE, VAI TOCANDO LÁ NO ÍNTIMO DA ALMA, SENHOR AMADO, E VAI MOSTRANDO QUAL É A OBRA QUE TU TENS PRA CADA VIDA. PAI AMADO, COLOCA-NOS, SENHOR, NA POSIÇÃO QUE TU QUERES NESTA NOITE PARA QUE PODEMOS PERCEBER A TUA PALAVRA E AS BÊNÇÃOS

QUE, O SENHOR AMADO, QUE TU TENS PARA NOSSAS VIDAS. É O QUE EU TE PEÇO E TE AGRADEÇO, EM NOME DE JESUS. Amém!

A igreja pode se assentar. Irmãos, aqui essa palavra fala sobre Jacó e, como nós já sabemos, que a história de Jacó ali quando ele foi nascer, ele nasceu ali grudado no calcanhar do irmão dele, com a mão no calcanhar do irmão dele. Irmãos, e desde aí, Jacó foi conhecido como um trapaceiro, como aquele que queria passar os outros para trás porque interpretavam que ele queria nascer na frente do irmão dele.

Irmãos, por muitas vezes nós temos recebidos apelidos, muitas vezes nós temos recebidos muitas características dos outros, que os outros têm colocados em nossas vidas, que não são aquelas que nós queríamos ser. Quem aqui que gostaria de ser chamado de trapaceiro, como aquele que quer deixar o irmão pra trás, como aquele que quer subir a custas dos outros? Ninguém quer, irmão.

Mas ali, desde esse momento, eu vejo em Jacó uma coisa que Deus aprecia naquele que quer, naqueles que querem buscar a Ele. Tem que buscar ao Senhor com luta e com perseverança. MUITAS VEZES NÓS ESTAMOS NA PRESENÇA DO SENHOR E NÃO TEMOS BUSCADO AO SENHOR COM FERVOR. TEMOS ESQUECIDOS DO NOSSO PRIMEIRO AMOR, DE COMO O BUSCÁVAMOS ANTES, QUANDO ÉRAMOS NOVOS CONVERTIDOS, AQUELE PRIMEIRO AMOR QUE NÓS TÍNHAMOS: “Ah! Hoje é dia de culto. Glória a Deus! Tenho que ir lá para buscar ao Senhor, para sentir a presença do Senhor”. QUANTAS VEZES NÓS TEMOS ESQUECIDOS QUE AQUI É UM LUGAR QUE NÓS SENTIMOS A PRESENÇA DO SENHOR E TEMOS VINDO MERAMENTE PARA O PASTOR VER NOSSO ROSTO OU ENTÃO PARA ACHAR QUE TEMOS ENGANADO A DEUS E FALAR: “OH, SENHOR, EU TENHO VINDO AO CULTO, OLHA A MINHA CARA AQUI”. Tem tentado dar ao Senhor sacrificio, tem tentado sacrificar ao Senhor um pouco do seu TEMPO PRA MOSTRAR QUE É FIEL A DEUS. IRMÃOS, A PALAVRA DO SENHOR FALA “DEUS NÃO SE AGRADA MAIS DE SACRIFÍCIO DO QUE SE AGRADA DE OBEDIÊNCIA”. [**Assembleia:** Glória a Deus!]

IRMÃOS, NESTA NOITE, DEUS TÁ QUERENDO FAZER ALGO TREMENDO EM NOSSAS VIDAS. ELE FEZ, ELE ME DEU ESSA PALAVRA QUANDO EU ESTAVA VINDO ALI NA COMBE, É, FIQUEI SABENDO QUE EU IA TRAZER A PALAVRA ERA HOJE SEIS HORAS DA TARDE. IRMÃOS, COMO É QUE ALGUÉM PREPARA UMA PALAVRA DE SEIS HORAS ATÉ AGORA, NÃO TEM COMO, É SÓ O ESPÍRITO DE DEUS PARA FALAR PARA NOSSAS VIDAS.

IRMÃOS, O QUE EU TÔ FALANDO AQUI NESTA NOITE NÃO É MERO EMOCIONALISMO. AQUI O QUE EU TÔ FALANDO AQUI NESTA NOITE NÃO É PARA TENTAR COMOVER O TEU CORAÇÃO, PRA TE TOCAR E PRA VOCÊ BATER NAS MINHAS COSTAS DEPOIS DO CULTO E FALAR: “Rapaz, você prega, hein?” AQUILO QUE EU TÔ FALANDO AQUI NESTA NOITE É UMA MENSAGEM QUE DEUS MANDOU ENTREGAR PRA VOCÊ NESTA NOITE. [**Assembleia:** Aleluia!]

DEUS TEM UMA BÊNÇÃO NA TUA VIDA, ELE TEM UMA OBRA PARA REALIZAR NA TUA VIDA, [**Assembleia:** Aleluia! Glória a Deus!] MAS NÓS PRECISAMOS NOS COLOCAR NA POSIÇÃO DELE, NÓS PRECISAMOS ENXERGAR QUE NÓS ESTAMOS INDO NA CASA DO SENHOR NÃO É SIMPLEMENTE PARA SENTARMOS AÍ, LOUVARMOS ALGUNS HINOS, OUVIRMOS A PALAVRA DO SENHOR E IR EMBORA DA MESMA MANEIRA QUE NÓS ENTRAMOS, MAS NÃO! AQUI É LUGAR DE MUDANÇA, AQUI É LUGAR DE TRANSFORMAÇÃO [**Assembleia:** Aleluia!]. A PALAVRA DO SENHOR FALA QUE ONDE DEUS ESTÁ ALGUMA COISA ACONTECE E QUE VOCÊ VENHA CRER NESTA NOITE QUE VOCÊ NÃO VAI SAIR DA MESMA FORMA QUE ENTROU SE VOCÊ SE COLOCAR NA POSIÇÃO DO SENHOR. PORQUE SE VOCÊ SE COLOCAR NA POSIÇÃO DO SENHOR, EU TENHO CERTEZA QUE ELE HÁ DE MUDAR O BARCO DA TUA VIDA. [**Assembleia:** Amém! Aleluia!]

“E lutou com ele um varão até que a alva subia e vendo que não prevalecia contra ele, deslocou-se a junta da coxa de Jacó, na luta com o homem.” Irmãos, Jacó para receber a bênção dele, foi necessário que o anjo do Senhor tocasse a coxa dele. E aqui no versículo 31 diz que,

quando saiu o sol, Jacó manquejava de sua coxa. Irmãos, para receber a bênção do Senhor, é necessário nós recebermos alguma marca. Irmãos, É NECESSÁRIO QUE DEUS NOS QUEBRE PRIMEIRO, TIRE NOSSO ORGULHO. MUITA GENTE NÃO RECONHECE A NECESSIDADE DE SE TER UM DEUS, MUITA GENTE NÃO RECONHECE A NECESSIDADE DE SERVIR AO SENHOR, ACHA QUE ELE É BOM, QUE ELE É SUFICIENTEMENTE bom, ELE PODE IR ONDE ELE QUISE, ELE PODE FAZER AQUILO QUE ELE QUER SEM PRECISAR DE DEUS. ELE CONSEGUE AQUILO QUE ELE QUER COM DINHEIRO, COM PALAVRAS PERSUASIVAS. MAS NÃO, IRMÃOS! Nós necessitamos de um Deus vivo e verdadeiro. Quer prova disso? UMA PESSOA QUE, HOJE, AGORA PODE ESTAR AÍ SENTADA, com uns dois segundos, pode sofrer um infarto. Ah, irmão, você não é bom, suficiente!? Por que você não se salvou do infarto? Por que você não se salvou de um derrame cerebral? Por que você não se salvou de TANTOS MALES que nos atingem, que nos agravam? É porque existe um Deus E ESSE DEUS ELE MOSTRA, MESMO QUE SEJA POR PALAVRAS DURAS, POR GESTOS DUROS EM NOSSAS VIDAS, ELE MOSTRA QUE NÓS DEPENDEMOS dele. **[Assembleia: Aleluia!]**

IRMÃOS, QUANDO O HOMEM RECONHECE QUE DEPENDE DE DEUS, DEUS MUDA, TRANSFORMA E FAZ A BÊNÇÃO na vida dele. **[Assembleia: Amém! Aleluia!]**

Jacó, irmãos, ele lutou com anjos a madrugada inteira, até que o sol estava nascendo. Irmãos, Deus quer ver perseverança em nossas vidas. A mulher do fluxo de sangue, havia doze anos que ela estava ali com aquela doença; O PARALÍTICO DO TANQUE DE BETESDA, HAVIA TRINTA E OITO ANOS QUE ELE ESTAVA ENFERMO. IRMÃOS, ALI NÃO FOI NINGUÉM QUE TOCOU ELE, ALI NO TANQUE, E O ANJO BALANÇOU A ÁGUA ALI E O PARALÍTICO FICOU CURADO, NÃO! JESUS PESSOALMENTE CHEGOU ATÉ AQUELE PARALÍTICO

[Assembleia: Aleluia!], TOCOU NELE E DISSE: “LEVANTA E ANDA”. **[Assembleia: Glória!]**

E NESTA NOITE VOCÊ TEM CONFIADO EM MUITAS COISAS COMO AQUI FOI FALADO. EM QUEM NÓS TEMOS POSTO A NOSSA CONFIANÇA? MUITOS TÊM CONFIADO EM MÉDICOS, MUITOS TÊM CONFIADO EM POLÍTICO, MAS NÓS CONFIAREMOS SÓ NO NOME DO SENHOR [fala em línguas] **[Assembleia: Glória a Deus! Aleluia!]**

Irmãos, você não tem servido A UM DEUS DE PRATA, VOCÊ NÃO TEM SERVIDO A UM DEUS DE BRONZE, A UM DEUS DE MADEIRA, UM DEUS QUE TEM OLHO, MAS NÃO VÊ, TEM OUVIDO, MAS NÃO OUVI, TEM BOCA, MAS NÃO FALA, TEM MÃOS, MAS NÃO APALPA. MAS O TEU DEUS ELE TEM OLHADO POR VOCÊ, ELE TEM VISTO A TUA SITUAÇÃO, ELE TEM CAMINHADO NA TUA DIREÇÃO, TEM ESTENDIDO AS MÃOS PRA VOCÊ, TEM TE PERGUNTADO: “FILHO, O QUE QUERES QUE EU TE FAÇA?” **[Assembleia: Aleluia! Glória a Deus!]** Responde ao Senhor, nesta noite, irmão, o que quer que Ele faça na tua vida. “Ah, Senhor, eu quero ser mudado, eu quero te seguir verdadeiramente, Senhor amado, eu QUERO VOLTAR A SENTIR AQUELA PRESENÇA QUE EU SENTIA NO MEU PRIMEIRO AMOR, EU QUERO TER AQUELA ALEGRIA DE VIR NA TUA CASA, TE CULTUAR, SABENDO QUE AQUI EU VOU SENTIR A TUA PRESENÇA. Ah, Pai amado!” Um coração contrito e quebrantado Deus não desprezará. CHEGA DIANTE DO SENHOR NESTA NOITE COM CORAÇÃO SINCERO. DEUS TEM UMA OBRA NA TUA VIDA, NEM QUE PARA ISSO VOCÊ TENHA QUE SAIR MARCADO, NEM QUE PARA ISSO VOCÊ TENHA QUE SAIR MANQUEJANDO COMO JACÓ. QUAL A ÁREA DA TUA VIDA QUE DEUS VAI TER QUE TOCAR PARA QUE VOCÊ RECONHEÇA QUE VOCÊ É DEPENDENTE DELE? **[Assembleia: Glória a Deus!]** “Ah, Deus! Oh! eu te ENTREGO MINHA VIDA, mas não toque aqui, não! Aqui, Senhor, aqui é meu xodó, a “menina dos meus olhos”, não toca aqui, não!”

Como um irmão falou, certa vez, tem sempre um quarto na casa que a gente guarda para jogar tralha. A gente arruma a casa inteira. Ah! Tem visita. Arruma a casa inteira, joga as coisas lá no quarto das tralhas, fecha, tranca a porta e os visitantes vêm, a gente apresenta a casa inteira. “Ah! Mas esse quartinho!” “Não, esse quartinho aí tá fechado!” É o quartinho das tralhas. Esse quartinho ninguém abre porque sabe que quando abrir ali vai ver bagunça, ali vai

ver poeira porque não se limpa. E, muitas vezes, nós temos preservado esse quartinho dentro de nossas vidas para que o Senhor não venha tocar: “Ah, Senhor, não olha aqui, não, a minha vida é SUJA, AQUI, SENHOR, TÁ UMA BAGUNÇA ISSO AQUI!” MAS É NA BAGUNÇA MESMO QUE O SENHOR QUER TOCAR! **[Assembleia: Glória a Deus! Aleluia!]**

Irmãos, sem a santificação ninguém verá a Deus! Para que sejamos santos, para que UMA CASA ESTEJA REALMENTE LIMPA, É NECESSÁRIO QUE TODOS OS QUARTOS ESTEJAM ARRUMADOS. Qual o quarto da sua vida, nesta noite, que não está arrumado? QUAL O QUARTO DA SUA VIDA, IRMÃO, VOCÊ TEM JOGADO TUDO LÁ DENTRO, TEM TRANCADO? Coisas ruins que a gente pode pegar e jogar fora, a gente vai lá e joga no quartinho: “Ah! Quem sabe eu preciso depois?!” E tranca no quartinho. Irmão, tem coisas que é preciso a gente abrir mão para Jesus nos abençoar. “Ah, irmão, aqui, eu tô precisando de roupa, irmão!” Mas aí você abre o guarda-roupa do irmão ESTÁ CHEIO DE ROUPA. “E estas roupas aqui, irmão?” “Não estão servindo mais em mim, não!” “E POR QUE VOCÊ ESTÁ GUARDANDO ESTAS ROUPAS NO GUARDA-ROUPA?” NÃO TEM NENHUMA VIDA AÍ FORA PRECISANDO DE ROUPA, NÃO? Não temos mais mendigos na rua? Não temos mais pessoas que não têm condições financeiras de comprar roupa, o qual você poderia dar aquilo ali? Não, mas a gente é muito apegado às coisas materiais e não quer abrir mão de certas coisas para que o Senhor venha abençoar. TEM RECLAMADO QUE TÁ FALTANDO ROUPA, mas tá com o GUARDA-ROUPA CHEIO. Irmão, TEM COISA NA SUA VIDA QUE VOCÊ ACHA UM MÁXIMO, QUE É DEMAIS, MAS É NECESSÁRIO QUE VOCÊ ABRA MÃO DISSO PARA QUE O SENHOR VENHA OPERAR VERDADEIRAMENTE NA SUA VIDA. **[Assembleia: Oh! Glória!]** “Não, Senhor, não mexe no quartinho, não, Senhor!”

IRMÃOS, DÓI, é doloroso abrir mão de certas coisas que a gente gosta por amor do evangelho. A Palavra do Senhor fala que aquele que não negar a si mesmo, não pode seguir a Ele. “Aquele que quiser vir após mim, negue a si mesmo, toma a sua cruz e siga-me”.

Irmãos, nós temos que renunciar, nós temos que renunciar a muitas coisas em nossas vidas que nós não temos aberto a mão por nada. “Eu não abro mão, Senhor, eu não abro mão, eu não sei conquistar.”. Mas você sabe que isso que você demorou conquistar é verdadeiramente do Senhor para a sua vida? Muitas vezes você tem pelejado e tem buscado conseguir algo que NÃO É DE DEUS PRA SUA VIDA. “Ah, irmão, não tô entendendo!” Mas Deus entende. É porque quando nós recebemos algumas coisas, nós passamos a desprezar as coisas pequenas, nós passamos a ter um tom de superioridade, um nariz mais empinado, um olhar mais altivo porque não era pra gente ter recebido aquilo ali, pelo menos não naquela hora.

Irmãos, tudo que o Senhor tem nas nossas vidas tem um tempo determinado. Ali na vida daquele homem DEMOROU TRINTA E OITO ANOS, MAS QUANDO A BÊNÇÃO VEIO, NÃO VEIO POR ANJO, NÃO VEIO POR ÁGUA, VEIO PELO PRÓPRIO SENHOR JESUS CRISTO. **[Assembleia: Aleluia! Glória a Deus!]**

Irmãos, Deus envia sim anjos pra te guardar, Ele envia, os anjos do Senhor estão assim acampados ao nosso redor como a Palavra dele fala em Salmos, mas Ele quer PESSOALMENTE TRATAR CONTIGO NESTA NOITE, ELE QUER LIMPAR TEU QUARTINHO SUJO E DEIXAR A TUA CASA COMPLETAMENTE LIMPA. **[Assembleia: Aleluia! Glória a Deus!]**

Irmãos, nesta noite, Deus quer mudar as nossas vidas, mesmo que nós tenhamos que sair marcados. É, irmãos, Jacó estava manquejando da sua coxa quando acabou aquela luta, mas em compensação tentaram profetizar maldições contra a vida dele. E aqui na Palavra do Senhor em Números, no capítulo 23, versículos 8 e 23: “Como posso amaldiçoar a quem Deus não amaldiçoou? Como posso denunciar a quem o SENHOR não denunciou?” Aqui no versículo 23 também: “Pois contra Jacó não vale encantamento, nem adivinhação contra Israel; agora, se poderá dizer de Jacó e de Israel: Que coisas tem feito Deus!”

Irmão, CONTRA TUA VIDA NÃO VALE ENCANTAMENTO, CONTRA TUA VIDA NÃO VALE OBRA DE FEITIÇARIA, **[Assembleia: Amém!]** NÃO VALE OBRA DE MACUMBARIA. **[Assembleia: Amém!]** PODE AMARRAR O TEU NOME NA BOCA DO SAPO, PODE ACENDER VELA NA ENCRUZILHADA, MAS NADA ATINGE O SERVO DO SENHOR. **[Assembleia: Amém!]** SABE POR QUÊ? PORQUE VOCÊ SE DEIXOU SER

LIMPO, porque você se deixou ser purificado, ser santificada. E agora você não é chamado mais servo, você é chamado de filho de Deus. [**Assembleia:** Glória a Deus!]

Nesta noite, irmão, pára de chegar diante do Senhor como servo: “Ah, Senhor amado, eu não sei nada da sua glória, eu não sei nada da sua vida. Me dá se você quiser.”. Irmão, chega perante o Senhor nesta noite como filho: “PAPAI, DÁ UM PRESENTE AQUI PRO TEU FILHO.”. IRMÃOS, QUAL O PAI QUE O FILHO PEDINDO PÃO DARÁ PEDRA? E QUAL O PAI QUE O FILHO PEDINDO UM ALIMENTO VAI DAR UMA SERPENTE? Nenhum. E por que Deus seria assim? A Bíblia fala que “pôs a mãe o filho que ainda mama, mesmo que essa o esquecesse, eu todavia não me esquecerei de ti. Eu tenho o teu nome gravado na palma da minha mão.”. TODA VEZ QUE VOCÊ PASSA POR UMA PROVA, TODA VEZ QUE VOCÊ PASSA POR UMA LUTA, TENHA CERTEZA QUE DEUS LÁ DO TRONO TEM OLHADO PARA A PALMA DA MÃO DELE E TEM ENXERGADO O TEU NOME ESCRITO NA PALMA DA MÃO DELE E TEM ENTRADO FORÇA E BÊNÇÃO EM TUA VIDA. [**Assembleia:** Glória a Deus!]

Para terminar, amigos, capítulo 23, versículo 19: “Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa. Porventura, tendo ele prometido, não o fará? Ou, tendo falado, não o cumprirá?”

Irmãos, quantos aqui tem promessa de Deus? Levante a sua mão para eu ver. [Assembleia estende a mão] [**Assembleia:** Amém!] E por que você não tem confiado que essa promessa vai se cumprir na tua vida? Foram trinta e oito anos para o paralítico do tanque de Betesda; foram doze anos para a mulher do fluxo de sangue. Eu não sei quanto tempo tem a tua promessa, eu não sei quanto tempo você já recebeu esta promessa na tua vida, mas eu quero falar para você que DEUS NÃO É HOMEM PARA QUE MINTA. AQUILO QUE ELE FALOU ERA VERDADE E VAI SE CUMPRIR, ACONTEÇA O QUE ACONTECER. ELA VAI SE CUMPRIR, VAI CHEGAR A HORA CERTA. [**Assembleia:** Aleluia! Glória!]

Agradeço a oportunidade no nome de Jesus.

Assembleia:

Amém!

Pastor:

(cantando) Serei fiel precioso Jesus (todos começam a cantar)

Serei fiel

Serei fiel precioso Jesus

Serei fiel

Há uma carreira para correr, uma vitória para alcançar

Em cada dia do meu viver, serei fiel

Assembleia:

Aleluia! Glória!

Pastor:

Aleluia! Deus mudou a vida de Jacó. [**Assembleia:** Glória a Deus!] Amém? Jacó, naquele confronto entre Jacó e Deus, louvado Jacó, chegou um momento daquele confronto em que Deus perguntou para Jacó: “Qual é o teu nome?” Será que Deus não sabe o nosso nome? Ele sabe o nosso nome. Ele sabia o nome dele. Mas Deus queria fazer uma obra na vida dele, como quer fazer uma obra nesta noite na tua vida. [**Assembleia:** Amém!] “Qual o teu nome?” Ele disse: “Meu nome é Jacó.”. [**Assembleia:** Aleluia!] Aleluia! Significa enganador, trapaceiro. Mas Deus disse: “Não te chamarás mais Jacó a partir de hoje, mas te chamarás agora Israel.”. Aleluia! “Porque tu lutaste com Deus e prevaleceste. Vou mudar a tua vida.”. Aleluia! Aleluia! E Deus mudou o nome dele para Israel – príncipe de Deus. Deus também quer mudar a história da tua vida! [**Assembleia:** Amém, Jesus!] Ah! Você que está em casa, quem sabe, alguém te chama de trapaceiro, quem sabe, alguém te chama só “Lá vai um ébrio, beberrão, cachaceiro”; quem sabe, alguém diga: “Vai ali uma mulher da vida, uma prostituta.”. Mas Jesus quer mudar a tua história [**Assembleia:** Amém!], quer mudar a tua vida [**Assembleia:** Glória a Deus!], se você deixar Ele entrar na tua vida, Ele vai mudar o teu coração, a sua vida, a sua personalidade, o teu caráter porque Ele é poderoso para fazer isso. Louvado seja o nome do Senhor!

E ATÉ O DIA DE HOJE, ATÉ O DIA DE HOJE, O DEUS VERDADEIRO É CONHECIDO NO MUNDO INTEIRO como Deus de Israel. [**Assembleia:** Glória a Deus! Aleluia!] Amém?

Assembleia:

Amém!

Pastor:

Glorificado seja o nome do Senhor! Onde tem uma pessoa aqui nesta noite, nesse templo, nesse lugar que deseja ter a sua vida mudada? Venha aqui a frente ou levanta a sua mão que nós vamos orar por você. Tem alguém nesta noite? [Uma pessoa levanta a mão] Vem, querida, nós vamos orar por você. Alguém acompanha essa senhora, aqui, por favor. Venha que nós vamos orar por ela. Onde tem uma segunda pessoa para Jesus? [Fala em línguas] Onde tem a segunda pessoa que quer ter uma vida mudada? Hoje a sua oportunidade! Você que está em casa, você não pode vir aqui agora, MAS AÍ ONDE VOCÊ ESTÁ NA SUA CASA, PELAS ONDAS DA RÁDIO FM 97,9, MELODIA, VOCÊ AGORA COLOCA, 87,9, VOCÊ COLOCA AGORA A SUA MÃO NO SEU CORAÇÃO E NÓS VAMOS ESTAR ORANDO POR VOCÊ neste momento. Mas onde tem uma segunda pessoa para Jesus? VENHA AQUI NESTA NOITE PARA QUE VOCÊ TENHA A SUA VIDA MUDADA. NÃO PERCA MAIS TEMPO: VOCÊ QUE É JOVEM, talvez você pensa que é jovem tem muitos anos pela frente. EU QUERO DIZER QUE MORRE JOVEM TAMBÉM. MORRE VELHO, MORRE JOVEM, MORRE CRIANÇA. E CUIDADO QUE SE VOCÊ FOR CHAMADO PARA A ETERNIDADE ESTANDO COMPLETAMENTE DESCONSERTADO DIANTE DE DEUS.

Você que vem pra casa de Deus só pra ficar rindo, brincando, conversando, É MELHOR NÃO VIR, NÃO, que você tá perdendo teu tempo.

Então, se conserte com Deus hoje e saia daqui. Você não é ignorante, não é separado de Deus. Então, você se conserte com Deus porque esse Deus não é de brincadeira. Pelo menos eu não sou palhaço para vir no culto. Eu tô pregando a Palavra de Deus e gostaria que você tivesse muita reverência sobre este lugar.

Vamos orar por esta senhora que aqui está e vamos ORAR PELOS AMIGOS QUE ESTÃO CONOSCO NA RÁDIO. MAS AINDA HÁ LUGAR AQUI PARA VOCÊ ACEITAR A JESUS COMO SALVADOR. Venha, venha, tenha sua vida mudada, transformada. SEJA UM SANTO DE DEUS, UMA SANTA DE DEUS. Ainda não enjoou do pecado, não? Não enjoou do mundo, não enjoou de ser enganada até agora? O mundo só tem engano, só tem porcaria lá fora. Agora é doença do porco, daqui a pouco é da vaca, daqui a pouco é do urubu. E só praga caindo na humanidade e o povo não entende que Deus está irado com esse povo, mesmo que se consertar, porque a vinda de Jesus está próxima.

Vamos estar orando por esta senhora agora e também vamos orar por você que está lá em casa nesse momento que desejar receber a oração, receber a libertação. Mas a oportunidade está aberta para você vir aqui na frente para adorar o Senhor. Oremos, então. Estica sua mão para cá, para abençoar esta moça.

Senhor nosso Deus, AQUI ESTAMOS, SENHOR, NA TUA PRESENÇA PARA TE SERVIR E PARA TE ADORAR NA BELEZA DA TUA SANTIDADE. TE AGRADECEMOS PELA TUA PALAVRA QUE TEM FALADO DE UMA MANEIRA TÃO ESPECIAL AO NOSSO CORAÇÃO. E AGORA ESSA VIDA QUE VEM CHEGADO AQUI A FRENTE, SENHOR, MEU DEUS, PERDOA OS TEUS PECADOS, ESCREVA AGORA O SEU NOME NO LIVRO DA VIDA. QUE ELA TENHA NESTA NOITE VERDADEIRAMENTE, JESUS, O ENCONTRO CONTIGO AQUI NESTE LUGAR. [**Assembleia:** Aleluia!] E QUE TU POSSAS ENTRAR NO SEU CORAÇÃO E MUDAR A HISTÓRIA DA SUA VIDA. [**Assembleia:** Amém!] E TAMBÉM ESTA PESSOA QUE ESTÁ SINTONIZADA CONOSCO, MEU DEUS, QUE TU POSSAS, JESUS, TAMBÉM AGORA ENTRAR NO CORAÇÃO DESSE OUVINTE, DESSA FAMÍLIA, SALVANDO, LIBERTANDO, CURANDO, LIBERTANDO DE TODO MAL, de todo vício, de todo pecado. SENHOR, OPERA MARAVILHAS nessas vidas, Senhor. E NÓS REPREENDEMOS TODO MAL AGORA, NA AUTORIDADE DO NOME DE JESUS, QUE SAIA TODO MAL, PELO PODER DO NOME DE JESUS CRISTO, filho de Deus. Senhor, nós pedimos estas BÊNÇÃOS por esta vida e por este ouvinte, Senhor. VENHA ABENÇOAR ESTAS VIDAS DE MANEIRA

poderosa, [**Assembleia:** Aleluia!] em nome de Jesus. Deus te abençoe! Anote o nome dela, tá? Deus te abençoe!

Nós também queremos agradecer a Deus a todos que nos visitam nessa noite. Haverá, amanhã, começa uma nova campanha aqui, campanha pelas famílias. Você que está sintonizado conosco venha amanhã aqui na campanha da família que vai iniciar às sete horas da noite na rua Dr. Brito, 348, centro, Viçosa. Você que está aqui conosco no templo venha fazer essa campanha pela sua família, pela família que você sabe que tá precisando de uma libertação, de uma cura, de um milagre. Quarta-feira, oração; sexta-feira, estudo da Palavra de Deus com doutrina; sábado começa lá em Porto Firme o reencontro das irmãs e também estaremos comemorando o 13º aniversário daquela congregação. Vamos estar saindo daqui de uma vã, da porta do templo às cinco horas e trinta da tarde, sábado, com destino a Porto Firme. Os irmãos que têm carro que quiserem ir lá em Porto Firme levando alguém da igreja para termos ali uma boa cooperação nas comemorações do aniversário daquela congregação. Aleluia!

Ensaio para as irmãs quarta-feira às sete horas, depois da oração. Sábado, às cinco horas e trinta, oração com a Mocidade e também ensaio com a Mocidade. Não é isso?

Vamos agradecer a Deus? AMÉM? [**Assembleia:** Amém!] Glória a Jesus? [**Assembleia:** Glória a Jesus!] Amanhã o trabalho de libertação será transmitido também pela rádio a partir das vinte horas.

Vamos estar agradecendo ao Senhor. Quero agradecer ali algumas visitantes ali que levantaram as mãos, que Deus possa abençoar vocês, em nome de Jesus.

A orando pelo término do trabalho.

A:

Grandioso Deus, eterno Pai, nós queremos te agradecer, ó Pai, [Assembleia ora junto] por esse culto tão maravilhoso a ponto de ter proporcionado neste dia. Ó Pai, nós queremos te agradecer também pelos ouvintes de hoje, ó Pai, QUE OUVIRAM A TUA PALAVRA SABENDO, Ó DEUS, QUE A TUA PALAVRA, ELA NÃO VOLTA VAZIA. Ó DEUS, QUE ESSA PALAVRA QUE FOI PLANTADA NESSES CORAÇÕES VENHA GERMINAR AINDA FRUTOS PARA A GRANDE OBRA DA TUA SANTA IGREJA. Ó PAI, NÓS QUEREMOS TE AGRADECER POR TUDO, LEVA O TEU POVO EM PAZ, EM SEGURANÇA, em nome de Jesus.

Pastor:

A GRAÇA DE NOSSO SENHOR E SALVADOR JESUS CRISTO, GRANDE AMOR DE DEUS, NOSSO ETERNO PAI, A COMUNHÃO E AS DOZE CONSOLAÇÕES DO ESPÍRITO SANTO ESTEJA COM TODA A IGREJA DO SENHOR E TODOS AQUELES QUE ESTÃO SINTONIZADOS CONOSCO E TODOS DIGAM [**Assembleia:** Amém!]. Deus abençoe a todos.

Há uma cantina funcionando na saída do templo. Deus abençoe a todos e fique na paz do Senhor Jesus. [A assembleia se cumprimenta]